

Universidade de Évora
Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º
Ciclo do Ensino Básico e Secundário



Relatório da *Prática de Ensino Supervisionada* realizado por *Eliezer David Marques Correia*, no Agrupamento de Escolas n.º 2 de Évora na Escola Básica Integrada André de Resende e na Escola Secundária Gabriel Pereira, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

Orientador: Prof. Doutor Leonardo Charréu

Mestrando: Eliezer David Marques Correia

2009/2010

Universidade de Évora
Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º
Ciclo do Ensino Básico e Secundário



Relatório da *Prática de Ensino Supervisionada* realizado por *Eliezer David Marques Correia*, no Agrupamento de Escolas n.º 2 de Évora na Escola Básica Integrada André de Resende e na Escola Secundária Gabriel Pereira, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário



177913

Orientador: Prof. Doutor Leonardo Charréu

Mestrando: Eliezer David Marques Correia

2009/2010

Resumo

O presente relatório elaborado no âmbito da disciplina da Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, é referente à Prática de Ensino Supervisionada no primeiro e segundos semestres do ano lectivo 2009/2010. Prática que se desenvolveu na Escola Básica Integrada André de Resende com a orientadora cooperante Professora Maria João Machado, e na Escola Secundária Gabriel Pereira com a orientadora cooperante professora Luísa Gancho. Ambas as acções foram supervisionadas sob a orientação do Professor Doutor Leonardo Charréu. Para além dos Professores Orientadores, o presente núcleo nº2 constituiu-se pelos mestrandos, Eliezer Correia e Cátia Casquinha.

O relatório da disciplina da Prática de Ensino Supervisionada divide-se em duas secções. A primeira secção que resulta da reflexão do que foi executado no primeiro semestre na Escola Básica Integrada André de Resende, e a segunda secção que corresponde ao segundo semestre na Escola Secundária Gabriel Pereira, ambas localizadas na cidade de Évora.

Palavras-chave: Ensino, Formação, Artes Visuais, Mestrado, Educação Visual, Design.

Abstract: Report of Supervised Practice Teaching

The present report was realized to cover the activities developed in the curricular unit Supervised Teaching Practice (“Prática de Ensino Supervisionada”), of the Master in Visual Arts Teaching, in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education. It is relative to the “Prática de Ensino Supervisionada” developed in the two semesters of the academic year 2009/2010 held at the “Escola Básica Integrada André de Resende”, cooperating with the advisor local teacher Maria João Machado, and at the “Escola Secundária Gabriel Pereira”, with the advisor local teacher Luísa Gancho. Both actions were supervised under the guidance and scientific supervision of Professor Leonardo Charréu. Beyond these advisor teachers, the group N.º.2 was formed by the master students, Eliezer Correia and Cátia Casquinha.

The report of the discipline of “Prática de Ensino Supervisionada” is divided into two sections. The first section that results from the reflection of the activity executed in the first semester at the “Escola Básica Integrada André de Resende”, and the second section correspond to the second semester at the “Escola Secundária Gabriel Pereira”, both located in the city of Évora.

Keywords: Education, Training, Visual Arts, Master, Visual Education, Design.

Índice

	pág.
1. Abreviaturas	7
2. Introdução.....	8

Secção 1 “Escola Básica Integrada André de Resende – Primeiro Semestre”

3. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica	11
3.1 Conhecimento do Currículo	11
3.2 Conhecimento dos Conteúdos	12
3.3 Conhecimento dos Alunos	13
4. Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens	15
4.1 Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino	15
4.2 Preparação das Aulas	16
4.3 Condução das Aulas	17
4.4 Avaliação das Aprendizagens dos Alunos	20
5. Análise da Prática de Ensino	21
6. Participação na Escola	23
7. Desenvolvimento Profissional	27

Secção 2 “Escola Secundária Gabriel Pereira – Segundo Semestre”

8. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica	30
8.1 Conhecimento do Currículo	30
8.2 Conhecimento dos Conteúdos	31
8.3 Conhecimento dos Alunos	33
9. Planificação, , Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens	35
9.1 Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino	35
9.2 Preparação das Aulas	36

9.3	Condução das Aulas	38
9.4	Avaliação das Aprendizagens dos Alunos	40
10.	Análise da Prática de Ensino	41
11.	Participação na Escola	43
12.	Desenvolvimento Profissional	44
13.	Conclusão.....	46
14.	Referências Bibliográficas.....	48
15.	Índice de Anexos.....	49

1. Lista de Abreviaturas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

EBI André de Resende – Escola Básica Integrada André de Resende

ESGP – Escola Secundária Gabriel Pereira

Design Int./Ext. – Design de Interiores/Exteriores

PCT – Projecto Curricular da Turma

2. Introdução

Um dos primeiros contactos que ocorreu para a preparação da PES com o orientador de estágio, os orientadores cooperantes e alunos estagiários, aconteceu numa reunião no dia 15 de Outubro de 2010, na Escola Secundária Gabriel Pereira. Aqui iniciámos os primeiros procedimentos para a concretização da PES. Nesta reunião foi solicitado por nós, estagiários, que a nossa presença nas duas escolas não acontecesse ao longo de todo o ano lectivo 2009/2010, mas que fosse dividido semestralmente. Assim, decidiu-se que no primeiro semestre estaríamos em acção pedagógica na EBI André de Resende e no segundo semestre na Escola Secundária Gabriel Pereira. Esta alteração possibilitou uma maior dedicação a cada uma das escolas e alunos onde exercemos funções. No desenrolar desta reunião, foi-nos dado a conhecer o horário das turmas pelas quais iríamos ficar responsáveis, e foi-nos traçado uma breve descrição, nomeadamente, o número de alunos que as integrava e o perfil geral das mesmas, tanto a nível dos conhecimentos específicos, como a nível cognitivo/comportamental de atitudes e valores.

No final, procedeu-se a uma visita pela EBI André de Resende onde ficámos a conhecer melhor as instalações de modo a, desde logo, nos ambientarmos com o espaço. Nesse momento fomos apresentados à professora Madalena Caçoilas, coordenadora do Grupo de Educação Especial que nos mostrou o Clube de Artes e nos desafiou a desenvolver actividades no âmbito das expressões artísticas com alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Na Escola Secundaria Gabriel Pereira exerci no segundo semestre responsabilidades na disciplina de Design de Interiores/ Exteriores na turma do 10ºO, turma que pertencia ao Curso Profissional de Técnico de Design de Interiores / Exteriores.

A acção pedagógica na prática de ensino supervisionada deu-me a possibilidade de aplicar diferentes meios de expressão, conhecimentos que obtive ao longo da licenciatura no curso em Artes Visuais – Multimédia, através de disciplinas como desenho, pintura, escultura e fotografia. Igualmente nas

disciplinas pedagógicas do Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, aprendi competências para a docência do ensino das artes, assim como para a compreensão da gestão e organização de uma escola, os processos de aprendizagem no indivíduo, a elaboração de projectos educativos e a sua aplicação e outras competências que me foram válidas durante a PES.

No final da PES, procedi à elaboração do relatório de estágio, onde irei explicar os métodos aplicados, os diversos conteúdos e temas tratados, e a construção e aplicação das planificações. Este relatório tem como base, o “Guião para a Elaboração do Relatório” que se divide em cinco grandes áreas:

A- Preparação científica, pedagógica e didáctica

- 1) - Conhecimento do currículo;
- 2) - Conhecimento do conteúdo;
- 3) - Conhecimento dos alunos.

B- Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens

- 1) - Perspectiva educativa e métodos de ensino;
- 2) - Preparação das aulas;
- 3) - Condução das aulas;
- 4) - Avaliação das aprendizagens dos alunos.

C- Análise da prática de ensino

D- Participação na escola

E- Desenvolvimento profissional

A organização deste relatório divide-se em duas secções correspondentes à realização da PES durante os dois semestres do ano lectivo 2009/2010 nas duas escolas. A primeira secção é referente à EBI André de Resende, que corresponde aos anexos apresentados por ordem numérica, e a segunda secção é relativa à Escola Secundária Gabriel Pereira em cujos anexos se apresentam por ordem alfabética.

A consulta e leitura dos anexos deste relatório são fulcrais à compreensão de toda a prática desenvolvida na PES, uma vez que os anexos em questão são constituídos por reflexões que ocorreram após interacções relevantes, fundamentam toda a prática lectiva leccionada e contém importantes registos visuais que contribuem para a compreensão do que se desenvolveu.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por *Eliezer David Marques Correia*, no Agrupamento de Escolas n.º 2 de Évora na Escola Básica Integrada André de Resende para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Artes Visuais do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

***“Escola Básica Integrada André de Resende –
Primeiro Semestre”***

3. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica

3.1. Conhecimento do currículo

Segundo Branco (1960, citado por Sousa, 2003: 61), *“Sem uma formação artística extensiva a praticamente toda a população, não pode uma nação dizer-se plena de vitalidade, possuidora dos bens todos a que tem direito, apta a completamente se conhecer a si própria e a outras nações, suficientemente preparada para modificar a seu favor o curso dos acontecimentos”*.

O ensino das artes, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico, *“é considerado indispensável ao normal desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural de cada aluno”*. Este referido documento, apresenta no essencial as competências artísticas que o aluno deve desenvolver ao longo do ensino básico. A escola, nas suas múltiplas áreas educativas, deve oferecer aos seus alunos o acesso ao património cultural e artístico através da experiência estética e artística, o que proporciona a criação e expressão. que contribui para o apuramento da sensibilidade e conseqüentemente para a formação pessoal em diversas dimensões, cognitiva, afectiva e comunicativa.

Para o desenrolar da educação artística no ensino básico, existem quatro disciplinas que vão de encontro às necessidades curriculares apresentadas. A disciplina de Educação Visual é uma das disciplinas que trabalha para o desenvolvimento harmonioso e completo de cada aluno, é especialmente dirigida para a educação global do cidadão, centrando-se nos domínios concretos da expressão plástica, uma das linguagens da educação artística.

Após a reflexão e análise do Currículo Nacional do Ensino Básico (Anexo 1 e Anexo 2) e do Programa de Educação Visual – 3º Ciclo, concluiu-se que a estruturação apresentada no Currículo Nacional para as Competências Essenciais da Educação Artística estava de acordo com as necessidades presentes dos alunos. Contudo, o programa de Educação Visual não procede a uma correcta aplicação das competências e ensino das diversas áreas das artes plásticas. De acordo com esta carência, seguimos as competências do Currículo Nacional e foi decidido abordar determinadas áreas das artes plásticas. Durante a realização da PES na turma do 7ºB, seguiu-se as

presentes orientações curriculares, centradas sobre determinados princípios e valores presentes no currículo nacional: “A construção e tomada de consciência da identidade pessoal e social”, “A valorização de diferentes formas de conhecimentos, comunicação e expressão”, “O desenvolvimento do sentido estético do mundo”. Tais princípios levaram ao alcance de determinadas competências gerais, presentes no currículo nacional, “Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano”, “cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns”, “Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida”.

3.2. Conhecimento do conteúdo

Após observado e analisado o Programa de Educação Visual com a orientadora cooperante da EBI André de Resende, a professora Maria João Machado, foi combinado o que poderia ser leccionado durante o período de PES neste estabelecimento escolar. Os conteúdos do programa deram origem à escolha dos métodos inerentes desta área científica: a fotografia, o desenho, a pintura e a representação tridimensional. Estes métodos vão não só de encontro às áreas de conteúdo, mas concretizaram um cruzamento com os conceitos traçados a serem leccionados através da unidade didáctica que foi leccionada, *Identidade Cultural e Identidade Pessoal*.

Visando o que seria desenvolvido na turma do 7ºB, durante o primeiro semestre da PES, foi elaborado uma fundamentação (anexo 3) para substanciar e precisar o que seria leccionado. Embora este documento tenha sofrido inúmeras alterações, ajudou-me na reformulação de ideias, e a situar-me no espaço didáctico em que se move a disciplina de educação visual.

Read (1942, citado por Sousa, 2003) contribuiu para a compreensão dos conceitos, educação e arte, examinando a sua união indissolúvel e a sua importância em todos os níveis de desenvolvimento do ser humano. O mesmo autor apresenta um essencial interesse pela educação, identificando nela o processo de formação humana integral, em cujo processo a arte executa um papel primordial, sob todas as suas formas expressivas, para a adequada

formação da personalidade. Assim Read (1942) sustenta que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, de reconciliação da singularidade individual com a unidade social.

Com a unidade didáctica: *Identidade Cultural e Identidade Individual* abordei, de uma forma geral, diversas culturas, algumas culturas e civilizações que nos deixaram os seus registos culturais e artísticos, e outras culturas que ainda hoje vivem no nosso mundo. Da compreensão resultante da diversidade cultural, abordei a identidade individual, que maioritariamente é resultante do meio social e cultural em que estamos inseridos. Do entendimento do mundo em que vivemos e da formação da identidade de cada indivíduo, podemos partir caminho para novas apreensões e crescimento a nível ético, social e moral.

3.3 Conhecimento dos alunos

O contacto com a turma do 7ºB e o conhecimento dos seus alunos, planeou-se com a orientadora cooperante professora Maria João, para começar com um período de observação inicial, contudo, na primeira secção lectiva, aula em que estive presente, prestei o meu apoio e auxílio aos alunos no desenvolvimento das tarefas programadas. De uma forma geral, os alunos já tinham sido avisados previamente da minha presença para esta aula e do futuro papel que eu iria desempenhar na disciplina. Neste primeiro contacto, senti que a minha presença não foi inibitória para os alunos, aos poucos fui incluído no grupo de trabalho.

A turma constituiu-se por vinte e sete alunos no total, sendo quinze do sexo feminino e doze do sexo masculino, a maior parte dos alunos iniciou o sétimo ano com doze anos de idade. Sete dos alunos desta turma integravam o Decreto-Lei 319/91, de integração no Regime Educativo Especial.

Para um maior entendimento destes alunos, estive presente numa das reuniões com todos os professores das diversas disciplinas. Pude perceber que esta não era uma turma problemática, que indicasse mau comportamento ou indisciplina, porém alguns alunos apresentavam dificuldades na aprendizagem.

Apesar de a grande maioria ter notas satisfatórias, era necessário continuar a trabalhar para alcançar com sucesso os objectivos traçados. Facto indubitável que não me ajudou na elaboração de uma completa e coerente compreensão dos perfis dos alunos do 7ºB, foi a falta do PCT no momento em que iniciei a PES, a entrega deste importante documento só me foi concedido no segundo semestre, momento em que já não me encontrava na presente escola. Para colmatar esta falta de informação procurei junto da orientadora cooperante e junto dos alunos perceber as capacidades e dificuldades de cada aluno. Uma das situações com que fui confrontado foi com o caso de um dos alunos que integrava o Decreto-Lei 319/9, um aluno com muitas dificuldades na realização dos exercícios propostos, contudo um aluno extraordinariamente humano e meigo. Ao não conseguir terminar de forma satisfatória os diferentes exercícios, este aluno desanimava e condenava-se por não ser tão capaz quanto os seus colegas, colocava-se numa posição inferior aos seus colegas. Assim, de acordo com as suas necessidades especiais, o aluno recebeu um plano individual diferente dos restantes colegas. Um método de trabalho que lhe possibilitou ter no final também um resultado satisfatório, o que contribuiu para a sua valorização e o potencializou para a concretização de novos exercícios plásticos e a superação de desafios na sua vida extra-escolar. De uma maneira geral, as principais dificuldades dos alunos prenderam-se com a rápida perda de motivação para a realização de exercícios que conferem o domínio de técnicas representativas em contexto didáctico. Foi necessário trabalhar o “eu não sou capaz” e o “eu não sei desenhar”. Mas, se por um lado, alguns alunos evidenciavam dificuldades nestas disciplinas, outros apresentavam demasiada confiança, o que também não lhes permitiam crescer e aplicar novas técnicas e atingir diferentes domínios.

4. Planificação e Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens

4.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino

O método de ensino aplicado visou o desenvolvimento do programa tendo em conta a especificidade etária e as implicações pedagógico-didáticas inerentes.

Tendo em conta as informações adquiridas dos alunos e o conhecimento prévio do programa, foi traçado um método de ensino que se dividiu em várias fases, onde foram abordadas as diferentes especificidades das artes visuais em conjunto com os diversos conteúdos. No desenvolvimento da unidade didáctica, cada uma das fases correspondeu à concretização de um exercício plástico. Em cada exercício, os alunos receberam orientações específicas para a tarefa que iriam concretizar neste processo de produção, receberam consecutivos incentivos e foram alvo de acompanhamento para que obtivessem aprendizagens significativas. O planeamento por fases permitiu-me identificar e proceder a alterações de situações que não tinham sido por mim colocadas em causa, como o facto de o tempo dado para a concretização dos exercícios ser ou não suficiente para a maioria dos alunos. Este método permitiu-me proceder a importantes mudanças necessárias.

A presente unidade didáctica "*Identidade Cultural e Identidade Individual*" que aqui tratamos, desenvolveu-se durante dez secções, iniciou no dia três de Novembro de dois mil e nove e terminou na aula do dia dois de Fevereiro de dois mil e dez. As aulas dividiram-se em blocos de noventa minutos às terças-feiras à tarde de cada semana.

As estratégias aplicadas passaram por trabalho individual, trabalho de grupo em pares, uma mostra audiovisual, realização de fichas, debate em sala de aula e apresentação de todo o trabalho desenvolvido. As estratégias seguidas permitiram não só aos alunos obter conhecimentos no manuseio e controlo sob os diversos materiais para a materialização do desenho da pintura, como realizar técnicas de representação tridimensional, a identificação de códigos visuais e estéticos, a aquisição de conhecimentos dos conteúdos

abordados e ganhar diversas competências, como capacidade para a cooperação em trabalhos colectivos; autonomia na realização de trabalhos individuais, defesa das suas ideias, responsabilidade e organização.

4.2. Preparação das Aulas

A preparação das aulas, elaborou-se como já foi referido anteriormente, com base no Programa de Educação Visual – 3º Ciclo e a partir da fundamentação da unidade didáctica: *Identidade Cultural e Identidade Individual* (anexo 3) que me deu uma base teórica sobre o tema tratado. Estes dois documentos, possibilitaram-me a composição da planificação a médio prazo (Anexo 4) que me permitiu organizar o trabalho, e de uma forma geral, reflectir sobre os conteúdos, fases de produção de exercícios plásticos, métodos de trabalho e os materiais mais adequados à aprendizagem. Após a realização da planificação a médio prazo (Anexo 4), planifiquei a curto prazo (Anexo 5), pensando nas acções que se iam concretizar de aula para aula. Nestas planificações tive de proceder a alguns ajustes, durante o desenrolar da unidade, pois tive de ter em atenção os procedimentos que tinham ocorrido em aulas passadas e proceder a ajustes, para que o tempo planificado fosse cumprido assim como a abordagem aos conteúdos. Um aspecto que foi tido em conta nas planificações a curto médio prazo (Anexo 4) e nas planificações a curto prazo (Anexo 5), foi o facto de ter de realizar duas aulas observadas pelo orientador da Universidade de Évora, o professor Leonardo Charréu. Como nos tinha sido informado à posterior, as aulas observadas deveriam ser, sobretudo teóricas e de explanação de conteúdos, como ocorreu. O relatório destas aulas está presente em anexo (Anexo 6 e Anexo 7).

A preparação das aulas teve em conta as sugestões dadas e discutidas com a orientadora cooperante, no que toca à escolha de materiais e procedimentos de trabalho em sala de aula. Para que o tempo em aula fosse aproveitado ao máximo pelos alunos para desenvolverem os seus projectos, tive de proceder à organização da sala de aula, em horário extra, antes dos alunos entrarem, pois para a realização dos seus projectos foi necessário a alteração da disposição das carteiras. A preparação teve em conta, diversos materiais que os alunos tiveram de trazer previamente e o uso de determinados

recursos facultados pela EBI André de Resende. Outros recursos utilizados e aplicados, foram concebidos por mim, de modo a que estes atingissem os objectivos curriculares que me propôs seguir.

Materiais	
Folhas de papel A3; Lápis; Borracha; Liga de Gesso; Lápis de Cor; Canetas de Feltro; Lápis de Cera; Molde de gesso do membro do corpo; Guache; Placa de MDF; Cola UHU; Cola prego líquido; Pincéis e Godés.	
Recursos	
Livro de Ponto; Fichas de trabalho; Fotografias dos membros do corpo; quadro; Máquina fotográfica; PC; Projector Multimédia, Tela de projectar; Secador de cabelo; Recipientes de plástico, Panos velhos; Creme Hidratante, Projectos dos alunos (Anexo 13), DVD “O Poder da Arte”; Peças de artesanato em cortiça; Copos; Didgeridoo; Embalagem de bem alimentar; Fotos pessoais; Modelo; Bíblia; Livro “A Constituição da República Portuguesa trocada por (para) miúdos”; DVD “Pollock”; Capa do traje académico; Garrafa de Água; Mochila; Dinheiro.	

A gestão do tempo foi considerada em função das competências da faixa etária em questão e o grau de desenvolvimento que se deve esperar de cada um destes alunos. Contudo, e como algumas das experiências plásticas foram feitas pela primeira vez, concedi tempo necessário para o término dos projectos dos alunos.

4.3. Condução das Aulas

A condução das aulas ocorreu de forma normal e natural. Nunca ocorreu nenhuma situação fora de comum, tendo em conta as que já são esperadas por alunos desta faixa etária. Para além dos alunos não serem muito desiguais, procurei traçar regras de funcionamento, estratégias e métodos de trabalho nos quais os alunos pudessem obter experiências plásticas agradáveis na interacção com os materiais e com os outros membros do grupo e com os

colegas. Enfim, procurei criar um ambiente onde todos puderam se sentir parte integrante num projecto colectivo de turma.

Posso concluir que a promoção de um ambiente saudável e criativo foi propício a que os alunos se envolvessem nos conteúdos de modo a que absorvessem os conhecimentos de uma forma mais prática.

Antes do início da PES na EBI André de Resende, as aulas da turma com o 7ºB já tinham sido iniciadas pela orientadora cooperante, na qual foram estipuladas algumas regras, das quais eu dei continuidade nas aulas que leccionei. As ditas regras estabelecidas serviram como papel regulador de funcionalidade na sala de aula, das várias situações que podem ocorrer. Atitudes como entrar desordenadamente na sala de aula, manter o telemóvel ligado, desrespeitar o professor, colegas ou funcionários e a não limpeza e arrumação do espaço e materiais após o seu uso, eram alvos de correcção.

Como é próprio do ensino da educação visual tive de ter em conta o espaço físico da sala de aula e se existiam os diversos recursos e materiais que me possibilitariam aplicar o planificado. No final do período da PES na EBI André de Resende, foi traçado por mim uma caracterização desta escola (Anexo 8), com a finalidade de dar a entender as condições físicas inerentes a este estabelecimento escolar e o ambiente que foi por mim vivenciado.

Para a execução dos moldes em liga de gesso, tivemos de transformar o espaço da sala em ateliê, um local onde os alunos se puderam mover com algum à-vontade, foram concebidos espaços de trabalho concretos. Neste desempenho foi importante ser rígido com o tempo de execução dos trabalhos, para que a aula terminasse no tempo estabelecido e a organização e higiene da sala ficasse da mesma forma em que foi encontrada.

No momento inicial da minha prestação na PES senti que teria dificuldades no relacionamento com os alunos, pois a minha falta de experiência com a necessidade de os alunos se sentirem bem orientados, e a entrada de um elemento novo na sala de aula, poderiam contribuir para que não fosse aceite por eles. Contudo, rapidamente fui aceite pelos alunos e reconhecido como professor, penso que contribuiu, o facto de inicialmente não me relacionar directamente com eles, aos poucos dei-me a conhecer e fui conhecendo cada um dos alunos. Para a compreensão dos alunos foram também tidos outros factores em conta, tais como, o modo como eu

comunicava com eles, se era compreensível e audível, e a forma e linguagem que utilizei para transmitir as aulas. Da parte dos alunos, posso concluir que a maioria participou nas aulas e nos exercícios realizados. Destaca-se apenas alguns elementos que sucessivamente esqueciam determinados materiais necessários ao seu envolvimento e desenvolvimento nas experiências educativas. Nesta circunstância, os colegas de carteira tratavam de partilhar com os seus colegas os referidos materiais.

Nas já referidas aulas observadas, sessões principalmente teóricas, posso relatar que igualmente obtive um bom comportamento de todos os alunos e a devida participação dos mesmos. A elaboração de uma aula atractiva, tanto pelos conteúdos abordados como a forma como foram expostos, recorrendo a apresentações em PowerPoint, e inclusive a participação do artesão Isidro Verdasca, resultou na participação total da turma e o seu envolvimento.

Na concretização dos exercícios plásticos, alguns dos alunos revelaram uma dificuldade acrescida em relação aos seus colegas. Assim procurei, junto desses exemplificar por partes os procedimentos das tarefas. Em alguns dos alunos pude observar que obtiveram progressos nas suas aprendizagens, como na realização dos desenhos das mãos e rosto, em alguns casos, os alunos passaram a representar de forma mais correcta os volumes através das sombras. Na experiência da extracção do molde da face ou braço dos alunos em liga de gesso, um exercício que foi desenvolvido em grupos de dois, ocorreu que os alunos que iam terminando, ficavam nesta zona da sala de aula para auxiliar e ensinar os seus colegas ainda sem experiência. Sem eu querer ou ter planificado, os alunos contribuíram de forma autónoma para a inserção de todos nos trabalhos colectivos.

Uma das reformulações que ocorreu no planificado inicialmente prende-se com o modo como foi colocado os diversos moldes pintados pelos alunos numa placa em MDF. Primariamente a disposição dos moldes era para ser livre, cada aluno colava num dado local da placa de MDF, após algumas trocas de ideias com a orientadora cooperante, professora Maria João, alterou-se este procedimento para a colocação dos moldes, de forma pensada e estruturada, o que a meu ver tornou este painel mais completo e com uma composição interessante. Outra reformulação que se procedeu e não tinha sido

considerada, prende-se com o momento final dos projectos dos alunos, nos quais cada aluno teve de apresentar à turma o que desenvolveu na unidade didáctica: *Identidade Cultural e Identidade Individual*. Todos os exercícios plásticos das diferentes fases, foram apresentados e defendidos junto de toda a turma e dos professores.

4.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos

A avaliação da unidade didáctica: *Identidade Cultural e Identidade Individual*, ocorreu de forma “não tradicional”, pois esta unidade foi constituída por vários exercícios plásticos e prolongou-se desde o primeiro ao segundo período. Devido à PES ter iniciado já a meio do primeiro período do ano lectivo 2009/2010 não procedi à avaliação diagnóstica, pois a mesma, já tinha sido feita pela orientadora cooperante no início do ano lectivo. Ainda assim, observei e retirei dados relativos à avaliação diagnóstica e ao trabalho desenvolvido pelos alunos. Estas informações contribuíram para compreender os níveis de conhecimentos dos alunos nesta área científica. Após analisados estes resultados, procedi à preparação das planificações e das estratégias de ensino a aplicar.

A avaliação contínua ocorrida na unidade didáctica: *Identidade Cultural e Identidade Individual* dividiu-se em duas partes: a do primeiro período, que integra as anteriores aprendizagens com a professora Maria João; e a avaliação do segundo período, que envolve todas as fases da unidade didáctica, sendo esta uma avaliação geral do desempenho dos alunos.

No que diz respeito ao primeiro período, de acordo com os objectivos a atingir em cada exercício plástico, foi elaborada uma avaliação sobre os desenhos das diferentes partes do corpo humano e dos auto-retratos de cada aluno.

Nos diversos momentos lectivos em sala de aula, através da observação e preenchimento de uma tabela, procedi a um levantamento das atitudes e competências de cada aluno. De modo a completar as avaliações gerais do primeiro período, cada aluno procedeu à resolução de uma ficha de auto-avaliação. É importante e necessário relembrar que, nas avaliações, foi tomado em conta os casos dos alunos que integravam o Decreto-Lei 319/01, de integração no Regime Educativo Especial. Nestes casos, a avaliação aplicou-

se dentro dos parâmetros nos quais os alunos se enquadravam. Numa avaliação final do primeiro período, agregando todos os indicadores de avaliação, conclui de forma geral que os resultados são francamente positivos. Contudo, foi necessário continuar a trabalhar durante o segundo período para que os valores negativos alcançassem a positiva.

Na avaliação formativa do segundo período, procedeu-se à avaliação das fichas de trabalho que englobou as fichas de trabalho para casa e uma ficha de trabalho aplicada em sala de aula. No desenvolvimento dos projectos individuais sobre a identidade de cada aluno, na ficha de actividade braço/face, e na pintura dos moldes de gesso foram tidos em conta as competências específicas a adquirir na aprendizagem, assim como o interesse, participação e comportamento de cada aluno. Outros dados de desenvolvimento de atitudes positivas como: “ouve com atenção os professores e os colegas”, “espera a sua vez para intervir na aula”, “ajuda os colegas quando necessário”, “arrumação final dos materiais”, foram tidos em conta na avaliação do comportamento. Estas informações observadas, basearam-se num processo de recolha de informações ao longo das aulas da unidade. Como ocorreu no fim do primeiro período, no final da unidade procedeu-se à aplicação de uma ficha de auto-avaliação. Podemos observar que na auto-avaliação os alunos foram mais ponderados nas avaliações pretendidas, isto em relação ao que tinha ocorrido no primeiro período, em que as notas requeridas eram mais díspares em relação à nota merecida em avaliação final. Nesta auto-avaliação as notas sugeridas pelos alunos foram semelhantes à da avaliação geral. O que revela que os alunos perceberam a matéria estudada nesta unidade, o domínio sobre técnicas de expressão plástica, manipulação de novos materiais plásticos e domínio de códigos visuais que contribui para o entendimento de valores culturais, a nossa Identidade e da nossa Cultura.

5. Análise da Prática de Ensino

A resolução das tarefas propostas em sala de aula aconteceu de forma natural num ambiente produtivo, onde todos foram agentes educativos. Na execução dos moldes em gesso, existiu uma cooperação, troca de experiências e partilha de materiais. Os alunos adquiriam cada um a sua própria liga de gesso e todos ficaram bastante interessados na manipulação deste material, empolgados pelo seu potencial na apreensão do molde do braço ou face.

No que trata à apreensão dos conteúdos, posso concluir que foi notório a percepção por parte dos alunos do entendimento da Identidade Cultural, não só de outros povos e outras culturas, mas da nossa sociedade em que estamos inseridos, e como esta exerce influência sobre a nossa Identidade Individual. Identidade Individual que, apesar de termos muitas similaridades entre uns e outros, também somos todos diferentes e temos gostos diferentes. Recordo que numa aula posterior à visualização de um vídeo sobre a vida e obra de Pablo Picasso, uma aluna relatou o poder que a arte exerce sobre o mundo em que vivemos, facto observado pela influência que a Guernica exerceu na conferência de imprensa do comunicado na declaração de guerra por parte dos Estados Unidos da América ao Iraque. Na sala de imprensa, presente uma tapeçaria da Guernica, foi nitidamente tapada para encobrir o horror que esta representa. Este tipo de intervenções por parte dos alunos deu-me a convicção certa, que os conhecimentos leccionados foram pensados, reflectidos e absorvidos. É verdade que nem todos os alunos tiveram uma boa performance, a estes tentei chegar até eles, estando mais disponível e próximo para os ajudar e fazer entender o que era pretendido de cada exercício e conteúdo leccionado, a verdade é que poucos são os casos de alunos, que realmente tinham dificuldades na aprendizagem, a maioria que não atingiu resultados satisfatório, não o conseguiu por comportamentos menos próprios em sala de aula e por falta de interesse.

Na execução da PES na EBI André de Resende, num momento inicial senti algum receio pela responsabilidade de transmitir a estes alunos os conteúdos do currículo, e pela confrontação de estar perante os mesmos e não

ser aceite, ou ter de me confrontar com situações às quais não tinha como dar resposta. Contudo, com o passar do tempo e a aproximação que fui conseguindo junto desta turma, criou-se um ambiente que foi propício ao desenrolar da minha prática pedagógica. Uma das situações com a qual me confrontei na planificação das aulas, e penso que foi resultado de ter sido a primeira vez que leccionei, foi o excesso de ideias e métodos que pensei aplicar, o que me causou uma certa desorientação. Consegui ganhar mais orientação e organização quando iniciei a leitura de alguma bibliografia referente ao tema que me propus tratar, identidade e cultura. Algumas das alterações procedidas durante as aulas, foram de encontro a necessidades, que ainda não tinham sido ponderadas. A apresentação e explicação dos projectos individuais que assentavam na identidade de cada aluno, foram positivas, no sentido de perceber, se os alunos tinham entendido o que era para ser concebido e realmente se o que fizeram lhes fazia sentido. Esta apresentação do projecto, serviu conjuntamente para os alunos se darem a conhecer, perceberem quem são e conhecer os seus próprios gostos, conteúdos inerentes em toda esta unidade. As escolhas da disposição dos moldes na placa em MDF, penso que foi a mais sensata, pois a casualidade poderia dar anomalias visuais e até provocar a sua degradação mais rapidamente, por exemplo, se todos tivessem amontoados num local desta superfície.

6. Participação na Escola

As diversas participações em projectos na EBI André de Resende, não se concretizam de forma individual, mas em conjunto com Cátia Casquinha, colega de núcleo de estágio. Como núcleo, de forma a enriquecer a nossa formação e nos integrarmos nesta comunidade escolar, participámos em diversos projectos e organizámos algumas actividades extra-curriculares. Num momento inicial neste estabelecimento escolar, sentimos que não havia espaço para nós enquanto núcleo de estágio e estagiários. Por vezes ocorre que as escolas estão tão organizadas, que não possibilitam a entrada a outras

peças. Com o desenrolar da PES neste estabelecimento escolar e a participação activa em diversas actividades, fomos sendo integrados. No final do semestre apercebi-me do quanto me liguei às pessoas, alunos, funcionários e outros professores.

Uma das primeiras responsabilidades que tomámos como núcleo, também de forma a cumprir o número de horas semanais exigido pelo Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada, foi aceitar colaborar com a nossa orientadora cooperante na sua direcção de turma na disciplina de educação visual. Este apoio e cooperação, resumiu-se a auxiliar os alunos na execução das suas tarefas propostas. No momento em que iniciámos a nossa prestação junto desta turma, participámos na visita de estudo ao Palácio D. Manuel, onde se estava a realizar a exposição “Arte Partilhada Millenium BCP”. Esta exposição itinerante integra várias obras de conceituados pintores portugueses, cerca de quarenta obras que vão desde 1884 a 1992, numa retrospectiva de vários movimentos artísticos. Com esta iniciativa, desenrolou-se o concurso “Á Descoberta da Colecção do Millenium BCP”, que consistia na produção de trabalhos com base numa das pinturas presentes na exposição. Iniciativa que decidimos concretizar em sala de aula, e na qual os nossos alunos participaram com afinco (Anexo 9). Numa lógica de seguimento, após a participação no concurso, procedemos à realização de um exercício de reinterpretação. Dada uma aula teórica de diversos artistas portugueses, procedemos a atribuição de um artista plástico a cada um dos alunos. Sobre cada um destes artistas, com base em pesquisa na Internet e não só, os alunos tiveram de produzir uma biografia do mesmo, e apresentar numa das aulas seguintes. Seguido desta pesquisa, os alunos escolheram uma obra de cada artista, e tiveram de conceber uma reinterpretação. Esta foi uma participação activa que o núcleo de estágio nº2 desempenhou, o que nos conferiu uma maior aptidão para o desempenho da acção pedagógica na nossa área de formação.

Na ocasião das festividades natalícias na EBI André de Resende, nós, o núcleo de estágio nº2, incentivámos vários alunos das turmas pelas quais ficámos responsáveis a participar nesta festividade através do canto de diversas músicas natalícias. Para a concretização desta acção, tivemos de realizar diversos ensaios num período pós-aulas. Felizmente, conseguimos o auxílio do

professor de música. A performance desta actuação correu de forma excepcional, tendo sido alvo de agradecimentos por parte dos professores presentes (Anexo 10).

Com as turmas pelas quais ficámos responsáveis, organizámos também uma visita de estudo a Elvas, com a finalidade de complementar as abordagens realizadas em sala de aula e para a valorização do património e cultura portuguesa por estes alunos. A viagem de estudo ocorreu no dia 4 de Fevereiro, que apesar do mau tempo que se fez sentir, existiu uma boa interactividade entre todos, a realização de uma boa programação prévia (Anexo 11) que contribuiu para o sucesso deste dia. Visitámos a cidade, o Museu de Arte Contemporânea e o Museu de Fotografia João Carpinteiro.

Para toda a organização desta actividade, a orientadora cooperante auxiliou na parte burocrática, procedimento no qual não tínhamos nenhuma experiência, um imprescindível contributo que resultou num dia muito activo e produtivo.

Em proveito da presença da actividade o “Contos do Caminho” que se estava a realizar na Biblioteca Publica de Évora, o núcleo de estágio participou com os seus alunos nesta iniciativa. O “Contos do Caminho” é uma actividade que consiste em fomentar entre o público infantil o conhecimento do Caminho de Santiago e as suas rotas num encontro com a cultura. A participação do núcleo de estágio nº2 efectuou-se com as três turmas pelas quais haviam ficado responsáveis (Anexo 12) Os trabalhos realizados pelos alunos consistiram na pintura em azulejo do seu auto-retrato. Estes trabalhos foram levados e expostos durante o período de Junho de 2010 em Santiago de Compostela.

Um dos projectos em que fomos mais activos e bem sucedidos prendeu-se com as Necessidades Educativas Especiais. O desenvolvimento de um clube de artes onde promovemos o projecto “O sentir dos Sentidos”, teve como principais objectivos “desenvolver a aprendizagem entre alunos, professores e auxiliares”, “desenvolver a responsabilidade individual e colectiva na construção de uma actividade para e com a comunidade escolar”, “desenvolver competências artísticas e expressivas”, entre outros objectivos apresentados na fundamentação. Este projecto foi monitorizado pela professora do ensino especial, Madalena Caçoilas, e desenvolvido na Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência). Uma das primeiras actividades prendeu-se com a Semana dos Direitos das Crianças (Anexo 13), para a qual foi concebida um

peça tridimensional sensorial, para a dinamização de uma actividade. Durante o desenrolar desta performance (Anexo 14) pretendeu-se que os alunos usufruíssem de um jogo lúdico na procura de diferentes objectos. Como os olhos de cada um destes alunos estiveram vendados, no final da presença de cada turma ocorreu um diálogo de sensibilização aos participantes para a existência de pessoas invisuais, remetendo para a construção de uma sociedade e de uma escola acessível a todos os alunos. Para a concretização desta actividade, inserida na Semana dos Direitos das Crianças, não só os nossos alunos, com o nosso auxílio construíram a peça escultórica, e prepararam a actividade e tudo o que esta envolveu. Seguidamente no nosso clube de artes, colocámos em execução a construção do nosso logótipo, através de recortes de revistas e a sua composição, concebemos diversos exemplares. No segundo período, pusemos em prática a realização de um conjunto de peças bidimensionais sensoriais. Estas peças foram igualmente concebidas para a realização de uma actividade lúdica na inauguração da exposição do Seminário: “Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola”. Para a elaboração destas peças bidimensionais, foram seleccionadas três obras de arte, alusivas a diferentes movimentos artísticos, sendo que os materiais utilizados e aplicados foram escolhidos e trazidos pelos alunos. Na continuidade do trabalho desenvolvido neste clube de artes, e de toda a investigação teórica para a concretização do mesmo, em núcleo de estágio desenvolvemos e organizamos o seminário: “Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola”. Neste seminário pretendeu-se expor um conjunto de perspectivas de diversos profissionais, no âmbito do acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho, por pessoas com deficiências ou incapacidades. A realização do seminário ocorreu no dia de 17 de Março de 2010 (Anexo 15), no Auditório da Direcção Regional de Educação do Alentejo de Évora. A par desta iniciativa, ocorreu uma exposição organizada pelo núcleo de estágio nº1 na recepção desta instituição (Anexo 16).

As responsabilidades assumidas em projectos educativos na EBI André de Resende passaram pela integração num intercâmbio cultural, através do Programa Comenius com a Doga Schools, em Istambul, na Turquia. Este projecto que se enquadrou nas festividades do dia da “Soberania Nacional” e do “Dia da Criança”, teve como base a troca de valores culturais. Durante este

acontecimento, os nossos alunos ficaram alojados em casas de famílias Turcas, com os seus amigos do intercâmbio. Em troca levamos também alguns elementos da nossa cultura e preparámos uma dança tradicional portuguesa e uma dança moderna (Anexo 17). Para que o nosso núcleo de estágio pudesse ter participado, obtivemos um patrocínio da nossa universidade, a Universidade de Évora.

A participação em todas estas actividades e projectos, não só contribuiu para a minha formação e para a aprendizagem de execução de actividades e projectos, mas principalmente, contribuiu para o enriquecimento curricular dos alunos em experiências culturais e técnico-expressivas. Também a concretização destas actividades obrigou-me contactar e trabalhar com diversos profissionais, tanto no contexto escolar como fora deste meio.

7. Desenvolvimento Profissional

No que diz respeito ao meu desempenho e desenvolvimento profissional, trabalhei sempre no sentido de executar todo o tipo de tarefas e responsabilidades que normalmente são atribuídas a um professor/educador. Desde o início das reuniões de organização da PES (Anexo 18, 19, 20 e 21) para a EBI André de Resende e para a Escola Secundária Gabriel Pereira, que procurei perceber o meu papel e responder às diferentes necessidades do contexto educativo em que me inseri. Em algumas situações, como núcleo de estágio, convocámos algumas reuniões com os respectivos orientadores para a resolução de dúvidas. Iguamente numa reunião inicial, propusemos que a nossa presença nas duas escolas não se deveria aplicar na totalidade do ano lectivo, deveria antes ser dividida pelos dois semestres. Assim durante o primeiro semestre estivemos na EBI André de Resende, e durante o segundo semestre, na Escola Secundária Gabriel Pereira.

Para a concretização das várias actividades extra-lectivas, mantive um diálogo e uma procura de encaminhamento pedagógico junto da orientadora cooperante professora Maria João conhecedora do meio em que exerci as minhas funções. A resolução das diversas actividades e projectos foram supervisionados e acompanhados orientador professor Leonardo Charréu.

Para a concretização da PES e tudo o que a envolveu, nós, como núcleo de estágio, tivemos de nos organizar de forma a não sobrepor actividades (Anexo 22). Nas diversas iniciativas tivemos contactos com vários profissionais de diferentes áreas, o que nos concebeu competências para a comunicação e realização de projectos multi-disciplinares.

Igualmente, na continuidade da resolução da PES, participei em acções que contribuíram para a minha actualização profissional. Estive presente na Conferencia Hong Kong Senior School Curriculum and Visual Art Curriculum, com a Dr^a Lam Bick Har, do Instituto de Educação em Hong Kong (Anexo 23), que nos explicou as mudanças que ocorreram com a nova reforma do sistema de ensino em Hong Kong.

Um importante contributo que recebi para me ter envolvido no clube de artes e ter trabalhado sobre os âmbitos da educação inclusiva ocorreu através do Seminário “Educação Inclusiva: Concepções e Práticas” (Anexo 24), um importante contributo para tornar a escola acessível a todos e de todos.

Na área da formação das artes visuais participei no Workshop de “Monotipia e Técnicas Aditivas” (Anexo 25), um processo com o qual ainda não tinha tido contacto. A aprendizagem deste técnica vai me possibilitar, quando possível, a sua aplicação em contexto educativo.

Posso concluir que a resolução da PES na EBI André de Resende me conferiu uma maior confiança e experiência para a prática da acção educativa no ensino das artes visuais. Algumas das dúvidas e medos que existiam inicialmente acabaram por se desvanecer no meio do trabalho e das relações com os alunos, professores, auxiliares e administração escolar. Posso referir que este não foi só um período de trabalho árduo e exaustivo, mas, no meio das diversas actividades e projectos em que participei, senti-me grato pelo que estava a fazer, não só uma marca na vida nos alunos, mas em mim próprio.

Durante este processo, aprendi a ser mais organizado e objectivo para a gestão e funcionamento de uma aula, assim como aprendi a transmitir ideias e conhecimentos, um processo que não é fácil, e necessita-se de uma boa preparação e ser fluente na linguagem oral. Acima de tudo, os conhecimentos têm de ser vividos pelo professor, para que não sejam meramente teóricos, mas que façam parte do mundo em que vivemos e tenham relevância no dia-a-dia de cada um de nós.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por *Eliezer David Marques Correia*, no Agrupamento de Escolas n.º 2 de Évora na Escola Básica Integrada André de Resende para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Artes Visuais do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

***“Escola Secundária Gabriel Pereira –
Segundo Semestre”***

8. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica

8.1. Conhecimento do currículo

Na prática de ensino supervisionada na Escola Secundária Gabriel Pereira, tendo como orientadora cooperante a professora Luísa Gancho, foi-me atribuída a responsabilidade de exercer acção educativa através da disciplina de Design de Interiores/Exteriores, à turma do 10ºO, do Curso Profissional de Técnico de Design de Interiores e Exteriores. Este curso é da responsabilidade pelo Departamento de Expressões, na Secção de Artes Visuais, na ESGP.

A actividade do técnico de Design de Interiores e Exteriores que este curso confere, conjectura duas componentes básicas – uma de carácter estética e outra de carácter técnico. Ambas se ligam numa interactividade dependente, começando por um puro exercício estilístico de concepção com base no desenho, correspondendo, apenas, a uma fase de um longo processo que se estende das primeiras ideias até à realização final do projecto.

Na presente disciplina, pretendeu-se que os alunos desenvolvessem capacidades de leitura e transformação do espaço, através de instrumentos disciplinares que incluem domínios concretos da arquitectura, assim como, os de design de equipamentos e mobiliário. Estas áreas disciplinares da arquitectura e design possibilitam ao aluno desenvolver aptidões muito próprias no que respeita a noção de *Habitat* como “espaço de viver”, “espaço do Homem”. A disciplina de Design de Int./Ext. pretende, assim, apontar uma via para recuperar o sentido mais profundo do habitar. Procura ainda intervir no domínio, não só das exigências físicas, mas também psicológicas, sensoriais, relacionais e de interacção homem/objecto; o conhecimento profundo do material e a sua capacidade de aplicação; o conhecimento do contexto histórico e social no qual o designer de interiores e exteriores actua; um sentido do espaço onde o carácter distributivo, os percursos visuais, a articulação volumétrica e espacial se tornam suporte das relações proxémicas do Homem no espaço, possibilitando formar um profissional capaz de trabalhar em equipas multidisciplinares, atento ao seu papel na sociedade, apto para interpretar as transformações sócio-culturais em actos e responder aos vários desafios não

só da sociedade pluralista, multiétnica e em constante mutação. Esta disciplina propõe aos seus alunos a assimilação de conhecimentos pela criação de simulações e experiências que contribuam para a experiência de todas as dificuldades e limites deste processo.

Sendo esta uma disciplina de desenvolvimento do projecto, e nuclear do curso, todos os conhecimentos adquiridos nas restantes áreas, principalmente técnicas, também se encontram aqui de forma a conferir corpo a este curso.

O curso de técnico de design de interiores/exteriores apresenta-se estruturado em diferentes módulos que correspondem a períodos de tempo de forma a serem abordados e transmitidos os conteúdos próprios desta área científica. A PES incidu sobre o módulo sete, tendo como temática a *Ecologia e Sustentabilidade*, o objectivo principal prendeu-se com a sensibilização do formando para a importância do domínio de conhecimentos de ecologia e para a relevância da função do designer na reciclagem, dado que deve participar activamente como cidadão melhorando a qualidade ambiental.

As metodologias aplicadas, de forma a alcançar as competências visadas neste módulo, procederam-se através da elaboração de um projecto individual. A avaliação considerou-se ser uma função essencial para compreender o processo de ensino aprendizagem. Em primeiro lugar, foram tomados em conta para a avaliação a responsabilidade do indivíduo, aspectos como assiduidade, a responsabilidade na execução das tarefas, a participação, o interesse e o desenvolvimento de valores e atitudes, assumindo um peso nos resultados qualitativos dos formandos. Em segundo lugar, foi colocada em prática a avaliação formativa que assegura a continuidade do processo de ensino e evidencia a assimilação dos conteúdos.

Por fim, e com o intuito de quantificar a aprendizagem deste módulo, procedeu-se à avaliação do produto final e do trabalho.

8.2. Conhecimento do conteúdo

Para uma compreensão dos conteúdos a leccionar foi-me facultado, pela orientadora cooperante professora Luísa Gancho, diversa bibliografia que vim a utilizar para a elaboração da fundamentação do módulo ecologia e sustentabilidade (Anexo A). Esta importante recolha de conhecimentos ajudou-

me na estruturação dos conteúdos a serem leccionados nas aulas teóricas deste módulo.

Hoje sabemos que o nosso ambiente e o equilíbrio ecológico do planeta têm vindo a deteriorar-se ao longo dos últimos tempos. Urge aprender a preservar e conservar os recursos da Terra, assim como também, mudar os nossos padrões básicos de consumo, fabrico e reciclagem, para tornar a terra um lugar melhor. Segundo Papenek (2007), *“existe uma dimensão ecológica e ambiental em todas as actividades humanas.”*

Em 1991, Dorothy Mackenzi no seu livro *Green Design: Design for the Environment*, aborda e examina vários exemplos de empresas de sucesso cujos processos se direccionaram, precisamente, para a evolução operativa de processos ecológicos de produção. A preocupação da ecologia e sustentabilidade aplicada ao Design é abordada por dois grandes conceitos, *EcoDesign* e *Design para a Sustentabilidade*. Alastair Fuad Luke (2002), citado por Castro Maria (2008), esclarece e define assim o ecodesign como *“um processo de design que considera os impactos ambientais associados a um produto na sua vida total, desde a aquisição das matérias-primas, passando pelo processo de produção/manufactura e utilização até ao fim da sua vida”*. Ao mesmo tempo que *“reduz os impactos ambientais, o ecodesign tenta aperfeiçoar os aspectos estéticos e funcionais do produto tendo em consideração necessidades sociais e éticas”*. Design para a Sustentabilidade é definido por Alastair como sendo *“uma filosofia e uma prática na qual os produtos contribuem para o bem-estar social e económico, tendo o mínimo de impactos no ambiente e podendo ser produzidos a partir de uma base de recursos sustentável”*. Desta forma podemos entender que o ecodesign considera os aspectos ambientais, éticos e sociais, enquanto o Design para a Sustentabilidade além de conter todas as nuances, pondera o aspecto económico numa perspectiva sustentável. Este é um dos problemas do ecodesign: o facto de nos seus processos de estudo de ciclo-de-vida do produto, ser dada primordial importância à relação lucro/ambiente. Segundo Papenek (1995), o ensino do design deve ser baseado em métodos e ideais ecológicos, devendo incluir tanto, estudos sobre o método científico, como sobre biologia, antropologia, geografia cultural e campos afins.

Nas aulas teóricas, preocupei-me em não só explicar alguns destes conceitos como, “ecodesign”, “Design para a Sustentabilidade”, “ciclo-de-vida” dos produtos, mas apresentar exemplos concretos de equipamentos e mobiliário, que reflectiram estas preocupações ambientais, assim como materiais, inclusive alguns da região em que nos localizamos.

8.3. Conhecimento dos alunos

O primeiro contacto com a turma do 10ºO procedeu-se numa das primeiras reuniões que ocorreram para a preparação da PES neste estabelecimento escolar. Uma reunião onde foi traçado uma breve descrição das turmas, no número de alunos que a integra e o perfil das mesmas, tanto a nível dos conhecimentos específicos, como a nível cognitivo/comportamental de atitudes e valores, as idades, número de reprovações e respectivo horário.

Ocorreu que do primeiro período, para o segundo período, aconteceram algumas alterações. O número de alunos que integrou esta turma no ano lectivo 2009/2010 foi um total de dezassete, resumindo-se a catorze quando iniciei a prática pedagógica, um aluno tinha desistido e duas alunas foram expulsas desta instituição. Numa das reuniões antecedentes à minha entrada nesta escola, apercebi-me que a motivação destes alunos tinha vindo a baixar, pela falta de interesse, responsabilidade e padrões de comportamento menos próprios em sala de aula, facto que me preocupou, pois para além de ter de enfrentar situações às quais ainda não estava preparado, poderia prejudicar a minha prestação na PES. Contudo, aqui a maior perda nem se iria concentrar em mim, mas sim nos alunos que perderiam uma oportunidade de adquirirem competências para a concretização de projectos na área do design, assim como tempo e recursos únicos na sua vida.

A minha presença em sala de aula, e a da minha colega de estágio, para um período inicial de observação, ocorreu de forma natural. Contudo, pude observar determinadas dificuldades na maior parte dos alunos desta turma, salvo uma excepção. A maioria parte da turma não tinha método de trabalho, revelava falta de interesse não só pelos exercícios que eram propostos como em tudo o que tinha a ver com esta área científica do design. Revelam falta de

conhecimentos básicos, salvo dois ou três alunos que não se enquadram nesta avaliação.

Pude ainda observar que estes alunos que eram uma excepção, por vezes também eram alvos de críticas e “chacota” por parte dos restantes colegas. Infelizmente, não estava no alvo da maioria ser um estudante empenhado.

No processo de aprendizagem, que incidiu sobre o módulo “Ecologia e Sustentabilidade”, alcancei junto dos alunos, um maior conhecimento dos mesmos, apercebi-me que alguns passavam necessidades económicas em suas casas. Pois para a resolução do exercício proposto neste módulo, era necessário alguns dos alunos trazerem sistemas eléctricos, e comprarem alguns materiais relativos aos seus projectos individuais. Colocada esta situação, junto da orientadora cooperante Luísa Gancho, e porque este é um curso profissional financiado, foi possível comprar os respectivos materiais para o desenvolvimento dos projectos.

Na realização das actividades de produção pelos alunos, obtive diferentes comportamentos que não eram habituais (Anexo B). Ou seja, por parte de um grande grupo aconteceu um bom envolvimento na concretização dos seus projectos. Penso que a maior motivação foi os alunos terem usado este exercício para a elaboração de algo que depois tivesse alguma utilidade no seu quarto, a maioria criou candeeiros. Com uma outra pequena parte da turma, que se isolou na parte de trás da sala, tive uma maior dificuldade de aproximação, principalmente porque de cada vez que tentava contribuir para a execução dos projectos, me era negada esta função. Na maior parte das vezes que fiz alguns comentários aos projectos deste grupo, o problema focava-se sempre na não correspondência aos objectivos do exercício em questão, estando a ocorrer que o papel dos alunos era mais de “decoradores” do que de designers.

Durante a resolução da actividade de produção procurei também incentivar alguns dos alunos com mais capacidades a apostarem e apresentarem ideias novas nos seus projectos, adequando as aprendizagens ao grau da capacidade de cada aluno.

9. Planificação e Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens

9.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino

Para a aplicação do método de ensino, durante um período inicial, observei os alunos no processo de aprendizagem num módulo anterior vigente, Ergonomia e Antropometria. Módulo no qual os alunos projectaram um café/bar/restaurante para um espaço muito próprio, um barco, o vagão de um comboio, autocarro ou avião. Pude observar que a maioria não teve um grande interesse pela actividade em si, e as competências visadas para atingir neste módulo não foram adquiridas nem compreendidas.

Muitos problemas para a concretização destes projectos não foram colocados em causa, só a sua concepção poderia indicar as omissões. Um arquitecto tem a experiência da concepção de um edifício, por isso no processo projectual pode antever as variáveis, e trabalhar sobre elas. Isto ocorre porque diversas competências foram adquiridas. Nos projectos dos alunos faltou a experiência da concepção dos seus projectos e ideias. Na verdade, podemos dizer que era impossível, devido aos objectivos deste exercício, como a concepção de um bar para uma carruagem de comboio. Contudo, poderia ter-se feito uma pequena maquete à escala, ou adaptar o exercício ao módulo, de forma a que os alunos não tomassem conhecimento destas questões só de forma teórica, mas que os conhecimentos tivessem sido adquiridos da prática para a teórica. Neste método seriam os próprios alunos a descobrir as nuances da “Ergonomia e da Antropometria”.

Factores como conhecimentos anteriores, e a faixa etária em questão têm de ser considerados fulcrais para o processo de aprendizagem destes indivíduos. No método que apliquei, procurei fornecer aos alunos um boa base teórica de informação em materiais ecológicos e reciclados, os quais poderiam aplicar aos seus projectos. Após estas informações dadas, em livros que facultei nas aulas, os alunos pesquisaram diversos equipamentos e mobiliário, com a finalidade de seleccionarem o elemento que iriam criar em materiais reciclados ou ecológicos. Este processo, não só passou pela projecção de um

projecto, pesquisa e elaboração de desenhos técnicos, mas a realização dos mesmos. A concretização dos projectos, ocorreu de forma a que os alunos, adquirissem experiência no processo de fabrico e montagem, e a resolução de novos problemas. Este exercício conferiu a estes futuros “designers”, competências para um dia exercerem esta actividade de forma a terem em conta todos os processos de um projecto.

As estratégias utilizadas passaram pela realização de aulas expositivas teóricas, por momentos de debate e discussão, visualização do vídeo “The story of stuff” que incidiu sobre a problemática do consumismo, pesquisa da parte dos alunos para a elaboração dos seus projectos, execução de projecto e materialização. As diferentes estratégias, visaram atingir as diversas competências do programa de Design de Int./Ext., “Reconhecer a importância da ecologia”, “Reconhecer a importância da reciclagem”, “Perceber e articular um discurso próprio sobre o desenvolvimento e consumo sustentável”, “Fazer a inter-relação entre produtos e meio-ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial”, “Definir Ecodesign e os princípios ecológicos: processos, materiais alternativos e tecnologias limpas de produção”, “Percepção do ciclo-de-vida dos produtos”, “Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis”.

9.2. Preparação das Aulas

De forma a ir de encontro às competências visadas no programa, procurei primeiro adquirir conhecimentos nesta área. Procedi à leitura de diversos livros, que abordavam de uma forma geral a problemática da “ecologia e sustentabilidade”, e posteriormente, de uma forma mais concreta, aplicada ao “design”. Procurei ainda junto de associações ambientalistas, como a “Quercus” e “A Rocha”, me informar de materiais que tivessem e me pudessem disponibilizar para ajudar na preparação das aulas. Da associação ambientalista “A Rocha”, recebi o link do vídeo “The story of stuff”, material didáctico utilizado por esta associação para a educação ambiental junto de algumas instituições escolares.

Após ter reunido diversas informações teóricas nesta área e materiais didáticos susceptíveis à aplicação de preparação das aulas, procedi à escrita da fundamentação que não só contém uma base teórica, mas define toda a actividade de produção (Anexo A). Desta fundamentação procedi à elaboração da planificação a médio prazo (Anexo C), onde, de uma forma geral, e resumida nos apresenta o que está nas planificações a curto prazo (Anexo D). Para a realização das planificações, tive em conta diversos factores, tais como, o programa Design de Interiores/Exteriores, as competências a atingir, o tempo destinado a este módulo, e os procedimentos para a concepção de equipamentos e mobiliário que tenha presente as preocupações ecológicas e de sustentabilidade. As planificações visaram os diversos momentos necessários ao desenrolar do módulo, como as aulas teóricas, de pesquisa e de desenvolvimento dos projectos individuais. A par das aulas teóricas, foram leccionadas as aulas observadas pelo orientador de estágio professor Leonardo Charréu, destas acções pedagógicas, e como já era normal ser pedido pelo orientador de estágio, elaborei as respectivas análises críticas (Anexo E, F).

Materiais	
<p>Bloco de Folha A3; lápis; Borracha; X-acto; alicate; Canetas de Feltro; Lápis de Cor; Cartão canelado; papel reciclado; canas; madeira; cortiça; copos de café; arame; serapilheira; rolos de papel de cozinha; rolos de papel casa de banho; papel reciclado; radiografias; Cd's; tubo de PVC; fio de nylon; garrafas de plástico; sistemas eléctricos.</p>	
Recursos	
<p>Livros utilizados em sala de aula, para a pesquisa dos alunos: Papanek, Victor. (1995). Arquitectura e Design. Ecologia e Ética. Lisboa: Edições 70; Fiel, Peter. (2000). Decorative Art 70s. London: Taschen; Rocha, Carlos Sousa. (200). Plasticidade do Papel e do Design. Lisboa: Plátano Editora; Baynes, Ken. (1969). Attitudes in Design Education. London: Lund</p>	

Humphries; Martins, João Paulo. (2001). DacianodacostaDesigner. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Brower. Mallory. Ohlman (2005). Diseño Eco-Experimental. Amadora: Editorial Gustavo Gili, SI; Itten, Johannes. (1963). Design and Form. London: Thames and Hudson;

Documentos:

Programa do Módulo; Ficha de Apoio Introdução; Ficha de Apoio Design; Ficha de Apoio Arquitectura Sustentável; Ficha de Apoio Memória Descritiva.

Documentos Visuais:

Documentário "The story of Stuff"

Para a execução do módulo "Ecologia e Sustentabilidade", pelo documento "Cronograma Profissional", estava designado cerca de doze secções que se iriam desenvolver em cinco semanas, consideração que foi tomada em conta para a elaboração das planificações.

Na primeira aula, onde iniciámos a compreensão dos conceitos ecologia e sustentabilidade, entreguei e expliquei o programa do módulo dividido nas suas diversas partes. Assim, em acordo consensual entre os alunos, e o tempo que era necessário para a resolução de cada aspecto, definimos as diversas datas de entrega. Para as aulas teóricas onde abordámos a temática em questão, procurei que as aulas fossem dinâmicas e os conhecimentos pudessem ser transmitidos de forma directa, e onde pudesse ocorrer debate e momentos de reflexão. Para que isto ocorresse, durante as aulas transmiti explicações e conteúdos, que iam sendo acompanhados pela visualização de uma apresentação em PowerPoint, e por fichas de apoio.

9.3. Condução das Aulas

A condução das aulas, procedeu-se de forma a contribuir para o fim dos objectivos traçados na planificação a curto prazo de cada secção lectiva.

Como já foi referido anteriormente, esta turma muito pouca homogénea tinha algumas dificuldades, tanto de aprendizagem como de concentração e motivação. Não foi fácil para mim, conduzir as aulas de forma a atingir o sucesso individual de cada um, pois se tinha alguns alunos com os quais podia entrevir de forma mais directa e ajudar de forma a contribuir para os seus

projectos, também enfrentei outros alunos, que eram muito inflexíveis nas suas escolhas, e não permitiam nem davam espaço para a mudança, ou aconselhamento por parte do professor.

Para ultrapassar algumas destas questões, tentei pontualmente aproximar-me destes alunos, com a finalidade de perceber os seus projectos e mesmo objectivos. Através da argumentação, tentei remover algumas das ideias dos alunos, que não correspondiam ao que estávamos a trabalhar e aquilo que corresponde ao trabalho de um designer. Na realidade, também muitas das más escolhas tomadas, são fruto da falta de método projectual por parte dos alunos. Por vezes a pesquisa elaborada também não tinha sido suficiente ou nem sequer feita, assim como a falta de esboços. Diversas lacunas que contribuíram para que alguns alunos não atingissem os objectivos deste módulo.

Nas aulas teóricas, procurei estar preparado com uma grande bagagem de conhecimentos, para que na interacção com os alunos, fosse possível criar ambientes de partilha de conhecimentos e de debate, de modo a que ocorresse um processo de auto-consciência e de construção conjunta de “conceitos” referentes ao tema. Numa das aulas teóricas que foi observada, o orientador de estágio chamou-me à atenção para uma das alunas, pois não era positivo nem justo para os restantes colegas, ser sempre ela a traçar comentários, pois a aula poderia ficar muito centralizada nesta aluna, sendo que os restantes colegas poderiam sentir-se excluídos desta acção que deveria ser conjunta. Nas restantes aulas, procurei administrar melhor a gestão do tempo de cada aluno, de modo a que todos pudessem participar de forma activa e sentirem-se incluídos.

Para a elaboração das maquetas dos projectos de cada aluno foi necessário traçar algumas normas de funcionamento, que ainda assim foi difícil da parte de todos os alunos as concretizar, como a arrumação da sala de aula e a sua limpeza, por parte de todos os alunos. Irrisoriamente, após o toque para intervalo, alguns dos alunos chegaram a deixar as suas maquetas e capas com os desenhos em sala de aula, situação à qual, acabei por guardar os seus pertences nas salas dos professores, e ter de chamar à atenção aos alunos na aula posterior pelo seu desleixe em relação às suas coisas.

Na concretização das maquetas, procurei junto de cada um dos alunos, contribuir com a experiência que tenho na montagem e execução de protótipos, através de diferentes processos de colagem ou união e na escolha dos materiais, neste caso sempre pensando em métodos e materiais ecológicos e sustentáveis. Para a materialização dos projectos, em cada secção lectiva, procedi a uma recolha de ferramentas junto de um dos auxiliares da Escola Gabriel Pereira, pois as salas de aula/ateliers, não estavam equipadas com estas ferramentas. Contudo, aspectos como luz natural e espaço amplos necessários eram aspectos inerentes na estrutura arquitectónica das salas de aula.

Da parte dos alunos, e como já foi dito anteriormente, obtive uma grande participação movida pela motivação de verem os seus projectos concretizados, e como a maioria elaborou um candeeiro, verem os seus projectos “a dar luz”. Uma das maiores dificuldades inerentes aos projectos individuais, prendeu-se com selecção dos materiais que tiveram de ser ecológicos ou sustentáveis, por vezes o maior problema não foi o da escolha do material, mas aceitar que até mesmo do “lixo”, podemos voltar a dar uso a determinados resíduos e aplicá-los a objectos do nosso dia-a-dia. Foi exactamente neste ponto, que o módulo visava que os alunos percebessem e entendessem a importância dos futuros designers reutilizarem determinados resíduos para a concepção de novos objectos, assim como na escolha de determinados materiais que procedem ao menor impacto ambiental possível no nosso ecossistema. Como a problemática nos nossos tempos é presente, e os alunos tiveram em conta estas susceptibilidades, penso que na maioria, os alunos atingiram as competências propostas pelo programa neste módulo.

Uma rectificação teve de ser feita durante a condução das aulas, ou seja, o alargamento das secções para cerca de catorze no total, procedimento que ocorreu para o término das maquetas e projectos dos alunos.

Para entender melhor o contexto da ESGP, no final da PES elaborei uma caracterização que visa todo o ambiente nesta escola vivido e as condições que a escola em si oferece para a prática de ensino-aprendizagem.

9.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos

Avaliar permite-nos obter dados, sobre os quais podemos proceder a um juízo de valor que facilite a tomada de decisões em relação à aquisição de conhecimentos no processo de aprendizagem em relação a cada indivíduo.

A avaliação dos alunos do 10ºO visou certificar os saberes adquiridos, assim como, estimular o sucesso educativo de cada um e contribuir para a qualidade do sistema educativo. É um momento essencial do processo de aprendizagem, e proporciona importantes informações ao professor, aluno e ao encarregado de Educação. Com a aplicação da avaliação certificamo-nos das competências e das capacidades que os alunos adquiriram. Na disciplina de Design de Int./Ext. foram tomadas em conta duas áreas para a avaliação final. Primeiramente, a área das competências específicas, que integra o trabalho prático desenvolvido nas suas diversas fases (recolha de dados, esboços do objecto, maquetas expeditas, desenho técnico, criação do protótipo, memória descritiva, portfólio e apresentação) o que correspondeu a 70% da nota final. E em segundo lugar, a área das Atitudes e Valores correspondeu a 30% da nota final. A junção da avaliação conjunta das duas áreas, resultou na avaliação geral, na compreensão total do que tinha sido alcançado pelos alunos, tanto no processo de aprendizagem como da concretização do produto final.

De uma forma geral, podemos concluir que a avaliação final que foi obtida pelos alunos foi francamente positiva para todos os alunos. Esta foi um resultado do desempenho quotidiano de cada aluno, e se existiram ainda assim que tiveram algumas dificuldades na concretização do projecto e objectivos que eram pedidos, existiu algum esforço dentro das competências de cada aluno para a execução deste projecto.

Em algumas situações, ouvi da parte dos alunos dizerem “que não valia a pena se esforçarem muito, pois nunca iriam alcançar uma avaliação satisfatória”, a este facto e estas pessoas procurei acompanhar mais de próximo o seus projectos e constantemente chamar à atenção para os critérios de avaliação e os objectivos do exercício ecologia e sustentabilidade.

10. Análise da Prática de Ensino

As tarefas propostas para a concretização dos trabalhos práticos no módulo ecologia e sustentabilidade foram desenvolvidos pelos alunos segundo a minha orientação. Contudo, alguns dos alunos mais experientes executaram os seus projectos de forma mais autónoma, processo que fui acompanhando sem prestar um maior apoio, dedicando a minha atenção a alunos com maiores dificuldades. Da parte de todos os alunos, existiu uma substancial motivação para a execução dos seus projectos e maquetas, penso que este projecto, por não ficar pelo desenho técnico, mas por ficar à escala real e “a funcionar”, procedeu como elemento principal de motivação. O domínio e aplicação de novos materiais ecológicos e sustentáveis foi uma descoberta para a maioria, pela compreensão do potencial de cada um destes materiais que ainda não são assim tão comuns.

Nas aulas práticas de execução das maquetas, sendo estas aulas em que os alunos necessitavam de estar mais à vontade para execução dos trabalhos, tentei procurar encaminhar os alunos, numa organização colectiva dentro da sala de aula, para que existisse um bom ambiente que fosse propício ao surgir de novas ideias e de concepção e realização das suas maquetas. Alguns dos aspectos que mais tive de corrigir os alunos, prendeu-se com a falta de limpeza e arrumação dos espaços, assim como durante as aulas, muitos dos alunos passavam mais tempo a conversar do que em trabalho. Nestas situações, os devidos alunos foram chamados à atenção, e registadas estas ocorrências para uma avaliação das atitudes e valores.

Posso avaliar que a prática lectiva realizada, foi francamente positiva para a maioria dos alunos, unicamente ocorreu a situação de duas das alunas que não ficaram satisfeitas com os projectos que desenvolveram. Facto que, ocorreu devido à teimosia das alunas em concretizar projectos que não se identificavam, nem com os procedimentos de um estudante de design, nem correspondiam ao pedido pelo presente módulo. Alguns dos projectos desenvolvidos pelos alunos, pela sua qualidade formal, foram integrados na exposição final de ano da Escola Secundária Gabriel Pereira. Acontecimento

que marcou pela positiva o trabalho desenvolvido por estes alunos, e o devido reconhecimento.

Para a comunicação das aulas teóricas, e transmissão dos conteúdos relativos aos objectivos do módulo, procurei perceber e conhecer todos os conhecimentos nesta área, para estar à vontade na leccionação das aulas, assim como contribuir para o enriquecimento dos alunos. Tentei no meu discurso ser claro e objectivo, e por vezes até mesmo com alguma “graça”, para cativar e prender a atenção dos ouvintes. Para reforço e memorização dos conteúdos estudados, para além de ter desafiado os alunos a tirarem apontamentos ao longo da aula, procedi à elaboração de fichas de apoio sobre as matérias que leccionei, material que teve uma aplicação ao módulo que estávamos a desenvolver, mas que também serve para um dia poderem consultar e tirar partido destes conteúdos.

11. Participação na Escola

O núcleo de estágio nº2, como já tinha ocorrido no primeiro semestre da PES, na EBI André de Resende, procurou estar activo e inserido nesta comunidade escolar. Inicialmente, elaborei uma caracterização da escola (Anexo G), a fim de perceber esta instituição e as suas particularidades, bem como as suas necessidades, e poder participar ou desenvolver alguma actividade.

Após o núcleo de estágio nº2 ter apresentado à orientadora cooperante professora Luísa Gancho, algumas ideias para projectos a desenvolver na Escola Secundária Gabriel Pereira através do departamento de Artes Visuais, levámos a reunião dos núcleos de estágio e orientadores cooperantes da ESGP (Anexo H), a sugestão de elaborar um workshop de animação como actividade extra-curricular, ideia que foi bem aceite por todos.

O presente núcleo de estágio procedeu, assim, à organização do projecto *ComunicArte Animando*, um workshop de comunicação e festival de Curtas-Metragens (Anexo I). Aplicou-se a cerca de vinte alunos do ensino

secundário, não só do ensino das artes mas aberto a outras áreas de ensino, desenvolvendo-se em seis secções.

Escolhemos elaborar um workshop de animação, pois, para além de este estar muito em voga, a realização da animação também pode facultar desenvolvimentos em diversas áreas, desde o desenho do story-board, a manipulação de técnicas de representação tridimensional, a construção de cenários e toda a parte de captura e edição de vídeo através da área da multimédia. A animação para além de necessitar de uma boa base artística, ao mesmo tempo requer muita paciência e trabalho árduo em equipa.

Este projecto, visou não só atribuir conhecimentos teórico-práticos nas técnicas de animação, mas conferir conteúdos que se centralizaram na temática deste workshop, a “Exclusão Social”. As diversas animações elaboradas pelos grupos no workshop tiveram que abordar as diversas formas de exclusão social.

Para a organização deste projecto, tivemos de entrar em contacto com algumas instituições e particulares, como com o Departamento de Artes Visuais da Universidade de Évora, com órgãos do conselho executivo da ESGP, com o artista José Miguel Ribeiro e com alguns técnicos de multimédia.

No desenrolar das secções do workshop, algumas anormalidades ocorreram, o que contribui para que o workshop não ocorresse da forma que tinha sido planificado (Anexo J). Apesar destas irregularidades, e da não concretização do festival de curtas-metragens ficou a experiência da manipulação desta nova técnica que alguns alunos aproveitaram como uma boa oportunidade de aprendizagem e prática.

12. Desenvolvimento Profissional

Na concretização da PES, na Escola Secundária Gabriel Pereira, obtive experiências e conhecimentos, aos quais ainda não tinha sido colocado em contacto na EBI André de Resende.

Ao ficar responsável pela turma do 10º O tive uma dificuldade acrescida, como já referi, pois a minha área de formação concreta, não correspondia à do

Design, perante este novo desafio, fiz um esforço acrescido, para me preparar convenientemente a fim de dar resposta a todas as situações inesperadas que me pudessem ocorrer. Consequentemente, na turma do 10º O, trabalhei no sentido de estar integrado entre os alunos, e ser aceite enquanto docente. Procedimento que não se revelou de todo fácil, pois perante uma turma desta natureza, tive de criar uma relação com os alunos em que existiram algumas linhas de separação, criar também certas regras tiveram de ser impostas, logo num período inicial, para que depois não viesse a perder a direcção da turma.

A juntar às boas experiências de organização do semestre transacto na escola EBI André de Resende, organizámos um calendário escolar (Anexo K). Apesar de neste semestre não termos sido um núcleo tão activo como ocorreu no semestre anterior, o trabalho organizado e estruturado, ajudou-me a estar preparado e equipado para a docência. Na PES da ESGP, obtive novas competências para a docência de um novo ciclo de ensino, o secundário, e a ter de lidar com novos desafios e diferentes alunos. Penso que o resultado dos conhecimentos obtidos foi francamente positivo, o acentuar do método de trabalho e o desenvolvimento da relação de professor/educador como profissional autónomo, ficou mais vincado com a experiência da qual já tinha sido alvo na EBI André de Resende.

13. Conclusão

É com satisfação que dou por terminado este período no meu percurso académico, através do término deste relatório que corresponde à PES do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário.

Numa fase final deste processo, que foi a PES e a elaboração do relatório de estágio, pude reflectir um pouco sobre as diferenças, em geral, entre as duas escolas em que estive, e aquilo que foi executado nos diferentes semestres. O tipo de trabalho desenvolvido nas diferentes escolas foi incomparável, não só pela diferença entre os ciclos de ensino, mas, essencialmente, pelo ambiente educativo que foi vivido nas duas escolas. Se na EBI André de Resende existiu uma maior proximidade entre alunos, comunidade docente e conselho executivo e uma escola mais aberta que me possibilitou o desenvolvimento de projectos, em contraste, na ESGP fui confrontado com um sistema mais rígido e fechado, consequência de toda a organização e estruturação desta escola. Por um lado, no ensino básico pude desenvolver muitos mais projectos e ser activo e participante em actividades extra-curriculares, assim como ser mais criativo e desenvolver-me enquanto professor de artes visuais. Por outro lado, no ensino secundário desenvolvi um método de ensino mais organizado, sob uma lógica mais estruturada, desenvolvendo-me enquanto um docente mais maduro. Esta ocorrência penso que não foi só resultado das diferenças de ensino e faixas etárias, mas do acesso que tive a material bibliográfico, e a preparação que obtive destes recursos, sendo que este foi notório principalmente na ESGP.

Outra diferença que observei entre o ensino básico e o secundário, está presente nos alunos em questão, nas suas faixas etárias e nas suas características próprias. Na EBI André de Resende os alunos eram mais novos, porém, apresentaram um maior interesse, criatividade e empenho em relação aos alunos da ESGP, que mesmo sendo mais velhos, demonstraram desleixo, desinteresse e indiferença. A meu ver, tal facto pode ser devido à fase de desenvolvimento em os alunos se enquadraram, duas faixas etárias distintas com

as suas particularidades, com as quais aprendi a lidar de um modo especializado.

Posso concluir, que na minha intervenção enquanto professor/educador, senti uma enorme evolução, tanto na maneira de lidar com os alunos como na minha preparação para a docência.

Apesar de todos os conhecimentos que adquiri durante a PES, necessito relembrar o importante contributo dos conhecimentos obtidos durante a Licenciatura de Artes Visuais – Multimédia, que me despertaram para maior sensibilidade estética e me muniram de competências para a execução de projectos artísticos.

É com muito agrado que vejo por terminada esta importante etapa na minha vida académica. Não sinto que tenha alcançado ainda o objectivo, mas continuo na busca do crescimento e aperfeiçoamento. A formação nos tempos que correm, é importante, se não fundamental, para estar em consonância com a velocidade a que hoje o mundo vive. Para a prática de docente à que estar atento ao mundo à nossa volta e reflectir de forma consciente sobre a forma como exercemos a nossa função e para o que estamos a trabalhar, o futuro da humanidade.

Em suma, posso dizer que a Prática de Ensino Supervisionada, não só me atribuiu competências para leccionar conteúdos e a experiência necessária para um eficiente processo de ensino-aprendizagem, mas fez-me aperceber das pessoas que estão à minha volta e de seres que estão em crescimento e precisam ainda de se encontrar. Cabe a cada um de nós não indicar o caminho mas caminhar ao seu lado, para que percebam que a vida tem sempre algo mais para lhes ensinar.

14. Referências Bibliográficas

Alpern, Mathew; Lawrence, Merle; Wolsk, David (1971). Processos Sensoriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Ayala, Adoración Sánchez (2003). Dibujo y Síndrome de Down. Un medio creativo de desarrollo. Madrid: Escuela Libre Editorial.

Bairão, Joaquim (Cd.) (1998). Os Alunos com Necessidades Educativas Especiais. Subsídios para o Sistema de Educação. Edição do Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação.

Baynes, Ken. (1969). Attitudes in Design Education. London: Lund Humphries.

Bautista, Rafael (Cd.) (1997). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro.

Brower. Mallory. Ohlman (2005). Diseño Eco-Experimental. Amadora: Editorial Gustavo Gili, Sl.

Canário, Rui; Alves, Natália; Rolo, Clara (2001). Escola e exclusão social. Para uma análise crítica da política Teip. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: Imprensa de Coimbra, Lda.

Candeias, Adelinda (Cd.) "Educação Inclusiva: Concepções e Práticas". Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia – Universidade de Évora.

Carvalho, Maria João (2003). Direitos da Criança. Rio de Mouro: Everest Editora, Lda.

Carvalho, Francisco José Rodrigues de (2007). Escola Para todos? A Educação de Crianças com Deficiência na Perspectiva da Ecologia Humana.

Castro, Maria. (2008). Design para o futuro. O indivíduo entre o artifício e a natureza. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Correia, Luís de Miranda (1997). Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora, Lda.

Correia, Luís de Miranda (2003). Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores. Porto: Porto Editora; Lda.

Costa, Alfredo Bruto da (1998). Exclusões Sociais. Coleção Fundação Mário Soares. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.

Cruz, Vítor; Fonseca, Vítor (2002). Educação Cognitiva e Aprendizagem. Porto: Porto Editora.

Fusari, Maria F. de Rezende e; Ferraz, Maria Heloisa C. de T. (1991) Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez Editora.

Faria, Hamilton. & Garcia, Pedro. (2001). Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. São Paulo: Instituto Pólis.

Fiel, Peter. (2000). Decorative Art 70s. London: Taschen.

Fiel, Peter. & Charlotte. (2006). Decorative Art 60s. London: Taschen.

Fortuna, Carlos. (1999). Identidade, Percursos, Paisagens Culturais. Oeiras: Celta Editor

Gallardo, J.R.; Gallego, J.L. (1993). Manual de logopedia escolar. Un enfoque practico. Aljibe: Archidina (Málaga).

Gauzin-Muller, Dominique (2005). 25 Casas Ecológicas. Amadora: Editorial Gustavo Gili, Sl.

INSO, Jaime. (1999). A China. Livros do Oriente.

Itten, Johannes. (1963). Design and Form. London: Thames and Hudson.

Júnior, Alberto Lucena (2005). Arte da Animação Técnica e Estética através da História. São Paulo: Editora Senac.

Klanten, Robert. & Ehmann, Sven. & Meyer, Birga. (2009). PAPER-CRAFT: Design and Art Whit Paper. Berlin: Gestalten.

Lage, Alexandre. & Dias, Suzana (2006). Desígnio – Parte 2: Teoria do Design 11º/12º anos. Porto: Porto Editora.

Leitão, Francisco (2006). Aprendizagem Cooperativa e Inclusão. Lisboa: Ramos Leitão.

López Molero, M. (1988). Integración y organización escolar: Modelos de intervención en el aula. Ponencia. Jornadas de Integración: Marbella.

Martins, João Paulo. (2001). DacianodacostaDesigner. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mueller, Conrad G. (1966). Psicologia Sensorial. Coleção Curso de Psicologia Moderna. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Muybridge. Eadweard (1955). THE HUMAN FIGURE IN MOTION. New York: Dover Publication.

Navarro, Francesc. (2006). História da Arte: Grécia. Barcelona: Editorial Salvat.

Nielsen, Lee Brattland. (1991). Necessidades Educativas Especiais na Sala de aula: Um guia para Professores. Porto: Porto Editora.

Novaes, Maria Helena (1972). *Psicologia da Criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, Lda.

Papanek, Victor. (1995). *Arquitetura e Design. Ecologia e Ética*. Lisboa: Edições 70.

Paulino, Francisco Faria (org.). (1992). *África: Nas Vésperas do Mundo moderno*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Polster, E. (1973). *Funcionamento Sensorial em Psicoterapia*. In Fagan, J & Shepherd, I. (org.). *Gestalt-Terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Rhyne, J. (1973). *A experiência de Arte-Gestalt*. In Fagan, J & Shepherd, I. (org.). *Gestalt-Terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Rief, Sandra F.; Heimburge, Julie A. (2000). *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva, II volume*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora, Lda.

Rocha, Carlos Sousa. (200). *Plasticidade do Papel e do Design*. Lisboa: Plátano Editora.

Rodrigues, David (Org.) (2001). *Educação e Diferença. Valores e Práticas para Uma Educação Inclusiva*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora, Lda.

Rodrigues, David (Org.) (2003). *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora, Lda

Santos, Arquimedes (1989). *Mediações artístico-pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Saraiva, António José. (1993). *O que é a Cultura?*. Lisboa: Difusão Cultural.

Sawaia, Bader (Org.) (1999). *Ar Artimanhas da Exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.

Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. Lisboa: Vigaprintes, Lda.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Stória Editores, lda.

Tiedemann, Simões (1985). *Psicologia da Percepção II*. In Rappaport, Clara Regina (Coord.) *Colecção Temas Básicos de Psicologia*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

Thompson, George F. & Steiner, Frederick R. (1980). *Ecological Design and Planning*. Kansas: National Endowment for the Arts.

Thomas, Derek. (2002). *Architecture and the Urban Environment: A Vision for the New Age*. Oxford: Architectural Press.

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na área das Necessidades Educativas Especiais*. Edição do Instituto de Inovação Educacional, distribuído no nº 1 do vol. 7 da revista *Inovação*.

Xiberras, Martine (1993). *As Teorias da Exclusão. Para Uma Construção do Imaginário do Desvio*. Colecção *Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Neograf – Artes Gráficas, Lda.

Wiedemann. Julius (2007). *Animation Now!*. Rio de Janeiro: Taschen.

Documentos Consultados na Secção 1 “Escola Básica Integrada André de Resende – Primeiro Semestre”:

- Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada
- Guião para a Elaboração do Relatório de Estágio
- Plano Curricular da Turma B do 7º ano
- Plano Curricular da Turma C do 7º ano
- Regulamento Concurso “Á Descoberta da Exposição Millenium BCP”
- Os Contos do Caminho

Documentos Consultados na Secção 2 “Escola Secundária Gabriel Pereira – Segundo Semestre”:

- Projecto Educativo
- Regulamento Interno Escola Secundária Gabriel Pereira
- Programa de Design Interiores / Exteriores
- Divisão Modular do Ciclo de Formação / Curso Profissional Técnico de Design
- Cronograma Profissional – Curso de Técnico de Design

15. Índice de Anexos

Anexos referentes à Secção 1

“Escola Básica Integrada André de Resende – Primeiro Semestre”

	pág.
Anexo 1 – Planificação Currículo Nacional	57
Anexo 2 – Planificação Currículo Nacional – Educação Artística	59
Anexo 3 – Fundamentação da Unidade Didáctica: <i>Identidade Cultural e Identidade Pessoal</i>	62
Anexo 4 – Planificação a Médio Prazo	85
Anexo 5 – Planificação a Curto Prazo	89
Anexo 6 – Análise Crítica da 1ª Aula Observada	109
Anexo 7 – Análise Crítica da 2ª Aula Observada	111
Anexo 8 – Caracterização do Agrupamento nº2 de Évora EBI André de Resende	113
Anexo 9 – Análise Crítica: Arte Partilhada Millenium BCP	115
Anexo 10 – Análise Crítica: Festa de Natal	117
Anexo 11 – Análise Crítica: Visita de Estudo a Elvas	119
Anexo 12 – Análise Crítica: Os Contos do Caminho	123
Anexo 13 – Projecto: <i>O Sentir dos Sentidos</i>	125
Anexo 14 – Análise Crítica: Actividade <i>O Sentir dos Sentidos</i>	136
Anexo 15 – Projecto do Seminário: <i>Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola</i>	138
Anexo 16 – Análise Crítica: Seminário <i>Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola</i>	146

Anexo 17 – Análise Crítica: Intercâmbio Cultural com a Doga Schools	155
Anexo 18 – Relatório nº1 da Reunião de Estágio do núcleo nº 2	164
Anexo 19 – Relatório nº2 da Reunião de Estágio do núcleo nº 2	166
Anexo 20 – Relatório nº3 da Reunião de Estágio do núcleo nº 2	168
Anexo 21 – Relatório nº4 da Reunião de Estágio do núcleo nº 2	170
Anexo 22 – Calendário Escolar	172
Anexo 23 – Análise Crítica: <i>Hong Kong Senior School Curriculum and Visual Art Curriculum</i>	174
Anexo 24 – Análise Crítica: <i>Seminário Educação Inclusiva: Concepções e Práticas</i>	175
Anexo 25 – Análise Crítica: Workshop Monotipia e Técnicas Aditivas	176

Anexos referentes à Secção 2
“Escola Secundária Gabriel Pereira – Segundo Semestre”

	pág.
Anexo A – Fundamentação do Módulo: Ecologia e Sustentabilidade.....	179
Anexo B – Caracterização da Turma.....	205
Anexo C – Planificação a Médio Prazo.....	206
Anexo D – Planificação a Curto Prazo.....	210
Anexo E – Análise Crítica da 1ª Aula Observada.....	238
Anexo F – Análise Crítica da 2ª Aula Observada.....	240
Anexo G – Caracterização da Escola.....	242
Anexo H – Relatório Reuniões Semanais nº1.....	243
Anexo I – Projecto: ComunicArte Animando.....	245
Anexo J – Análise Crítica: Projecto ComunicArte Animando.....	254
Anexo K – Calendarização.....	259

Anexos
referentes à Secção 1
“Escola Básica Integrada André
de Resende – Primeiro
Semestre”



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010



Educação Visual – 7º Ano

CURRÍCULO NACIONAL DO ENSINO BÁSICO

PRINCIPIOS E VALORES

- A construção e a tomada de consciência da Identidade pessoal e social;
- A participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica;
- O respeito e valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções.
- A valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão;
- O desenvolvimento do sentido de apreciação estética do mundo;

COMPETÊNCIAS GERAIS

- Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;
- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio.
- Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;

- O desenvolvimento da curiosidade intelectual, do gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo;

-A construção de uma consciência ecológica conducente à valorização e preservação do património natural e cultural;

- A valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

- Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;

- Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;

- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;

- Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;

- Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns.

- Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010



Educação Visual – 7º Ano

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	EDUCAÇÃO VISUAL
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes</p> <ul style="list-style-type: none">- Adquirir conceitos;- Identificar conceitos em obras artísticas;- Aplicar os conhecimentos a novas situações;- Descodificar diferentes linguagens e códigos das artes;- Identificar técnicas em instrumentos e ser capaz de os aplicar com correcção e oportunidade;- Compreender o fenómeno artístico numa perspectiva científica;- Mobilizar todos os sentidos na percepção do mundo envolvente;- Aplicar adequadamente vocabulário específico. <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação</p>	<p>Fruição -contemplação:</p> <ul style="list-style-type: none">- Reconhecer a importância das Artes Visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano;- Reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado;- Conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico;- Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional;- Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.

- Aplicar as linguagens e código de comunicação de ontem e de hoje;
- Ser capaz de interagir com os outros sem perder a individualidade e a autenticidade;
- Ser capaz de se pronunciar criticamente em relação à sua produção e à dos outros;
- Relacionar-se emotivamente com a obra de arte manifestando preferências para além dos aspectos técnicos e conceptuais.
- Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas;
- Utilizar as tecnologias de informação e comunicação na prática artística;
- Intervir em iniciativas para a defesa do ambiente, do património cultural e do consumidor no sentido da melhoria da qualidade de vida;
- Participar activamente no processo de produção artística;
- Compreender os estereótipos como elemento facilitador, mas também empobrecedores da comunicação;
- Ter em conta a opinião dos outros, quando justificada numa atitude de construção de consensos como forma de aprendizagem em comum;
- Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho de grupo, gerir materiais e equipamentos colectivos, partilhar espaços de trabalho e ser capaz de avaliar esses procedimentos.

Desenvolvimento da Criatividade

- Valorizar a expressão espontânea
- Procurar soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas;
- Seleccionar a informação em função do problema;
- Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva;
- Inventar símbolos/códigos para representar o material artístico;
- Participar em momentos de improvisação no processo de criação artístico.

Compreensão das artes no contexto

- Identificar características da arte portuguesa;
- Identificar características da arte de diferentes povos, culturas e épocas;
- Comparar diferentes formas de expressão artística;
- Valorizar o património artístico;
- Desenvolver projectos de pesquisa em artes.

Produção – criação:

- Utilizar diferentes meios expressivos de representação;
- Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem;
- Realizar produções plásticas usando elementos da comunicação e da forma visual;
- Usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica;
- Interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes à sua criação;

Reflexão – interpretação:

- Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;
- Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e experiências no âmbito das Artes Visuais;
- Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos;
- Analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais;
- Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.

Por uma questão metodológica estes três eixos operacionalizam-se e articulam-se em dois domínios das competências específicas:

- Comunicação Visual;
- Elementos da Forma.

Comunicação Visual:

- Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais;
- Descrever acontecimentos aplicando metodologias do desenho de ilustração, da banda desenhada ou do guionismo visual;
- Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento;
- Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem;
- Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da

- Perceber a evolução das artes em consequência do avanço tecnológico;
- Perceber o valor das artes nas várias culturas e sociedades e no dia-a-dia das pessoas;
- Vivenciar acontecimentos artísticos em contacto directo (espectáculos, exposições ...);
- Conhecer ambientes de trabalho relacionados com actividades artísticas (oficinas de artistas, artesãos, estúdios de gravação, oficinas de construção de instrumentos, salas de ensaio...) e suas problemáticas/especificidades (valores, atitudes, vocabulário específico).

- composição;
- Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa de formas;
- Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada.

Elementos da Forma:

- Representar expressivamente a figura humana compreendendo relações básicas de estrutura e proporção;
- Compreender a geometria plana e a geometria no espaço como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas;
- Compreender as relações do Homem com o espaço: proporção, escala, movimento, ergonomia e antropometria;
- Entender visualmente a perspectiva central ou cónica recorrendo à representação, através do desenho de observação;
- Conceber projectos e organizar com funcionalidade e equilíbrio os espaços bidimensionais e tridimensionais;
- Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume;
- Compreender a estrutura das formas naturais e dos objectos artísticos, relacionando-os com os seus contextos;
- Perceber os mecanismos perceptivos da luz/cor, síntese aditiva e subtractiva, contraste e harmonia e suas implicações funcionais;
- Aplicar os valores cromáticos nas suas experimentações plásticas;
- Criar composições a partir de observações directas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios de expressão visual.

Unidade: Identidade Cultural e Identidade Pessoal

Agrupamento nº2 de Évora
E.B.I. André de Resende
2009/2010

Universidade de Évora
Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais
Prática de Ensino Supervisionada
Núcleo de Estágio nº 2 – Eliezer Correia

Fundamentação:

Ao longo de toda a vida, a nossa identidade vai-se alterando para o universal. Contudo, sempre existe uma base um princípio, a influência do meio cultural que nos envolve e exerce sobre todos nós a criação de uma identidade pessoal e também própria. A identidade cultural é, um processo de representações das relações entre indivíduos e grupos, uma acção que envolve a partilha comum de determinados patrimónios como a língua, religião, artes, politica, trabalho, desporto, entre outros. Para António Saraiva (1993) cultura é “todo o conjunto de actividades lúdicas ou utilitárias afectivas e intelectuais que caracterizam, especificamente, um determinado povo”.

Durante muito tempo, a ideia de identidade cultural não foi alvo de estudo ou preocupação por parte da área das ciências humanas.

Assim, hoje assistimos a uma cultura à escala global, esta, tem vindo-se a apresentar como um acontecimento irreversível e cada vez mais sólido.

Para o sociólogo Beck, o termo globalização é identificado e associado a processos que têm por efeito a subjugação e a ligação transversal dos estados nacionais e a sua soberania através de actores transnacionais, as suas oportunidades de mercado, orientações, identidades e redes. Mas, qual o impacto da globalização sobre a identidade cultural? Giddens citado por Faria (2001:23), afirma que “à medida em que as regiões diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social alcançam virtualmente toda a superfície da terra”. Esta direcção de homogeneização cultural, vinculada por um mercado global que usa os média, cria um imaginário colectivo por meio de um “consumo” que alcança quase toda a “aldeia global”.

Para Mercer, citado por Faria (2001:23), “a identidade se transforma numa questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é movido pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Esta globalização tem crescido por todo o mundo e descaracterizado muitos países culturalmente, mercantilizado relações que antes estavam concentradas na vida comunitária, na partilha de bens e trocas afectivas e simbólicas. No entanto, a protecção da identidade cultural não deve impedir a interculturalidade nem a defesa cega das tradições. Determinadas culturas, ao mesmo tempo que vivem determinadas narrativas e mitos, desrespeitam os direitos humanos, e isto é inaceitável. Também a defesa da identidade não está em negar o processo de globalização, ou seja, o encontro de várias culturas no mundo, mas em defender tradições e rupturas com os hábitos de vida. É nela que os seres humanos criam a partir das suas heranças culturais e modos de vida sustentáveis.

Neste cenário Faria (2001), cresce a importância, da questão das identidades culturais de países e regiões frente ao avassalador processo liderado pelo cognominado “pensamento único”. Os povos situados fora do eixo europa-américa suportam ainda mais, pois, detentores de uma “cultura de raiz”, são pressionados por dinâmicas externas com forte impacto no seu desenvolvimento cultural. Este tipo de avaliação, em que a cultura do “outro” é vista como espectáculo ou mercadoria exótica, não defende a “pureza” das manifestações

culturais, pois sabemos que a vitalidade destas culturas está na dinâmica das suas actualizações. A identidade é plural, e está em constante desenvolvimento, o que não pode suceder é, a sobreposição de culturas ditadas pelas normas dos mais fortes, tornando as mais "fracas" pitorescas e deslocadas da sua verdadeira origem. Contudo, existem casos em que os processos de transculturação potencializaram e enriqueceram as identidades locais, como aconteceu com os indígenas, que fizeram um amplo circuito de apoio ao reconhecimento da sua identidade. A transculturação deve contribuir para o enriquecimento humano das culturas e das trocas culturais, jamais a redução da vida a uma linguagem e estilos universais. Não se pretende uma "má" globalização, ou seja, uma que tenha como objectivo nos uniformizar e nos tornar em consumidores, eliminando a diversidade e o reconhecimento do outro, mas uma "boa" globalização, ou seja, aquela que aproxima povos, proporcionando troca de saberes. E a arte cumpre um papel neste sentido. A arte nos proporciona a possibilidade de vivenciar a diversidade cultural, possibilitando nos conhecermos melhor a nós próprios, neste processo criativo. Colocando de parte o etnocentrismo que nos leva a acções estereotipadas, incorporamos pela arte, a nossa pluralidade, com as suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo.

A arte inseparável da realidade social, económica, política e cultural dos diversos países, tem um papel fundamental na agregação da sociedade, na reorganização do tecido social desfeito pelo mercantilismo das relações. Particularmente entre os jovens, a arte torna-se a única linguagem possível de compreensão, de comunicação entre gerações.

Torna-se fundamental, não só lutar junto dos nossos governos por qualidade de vida, desenvolvimento económico, o fim da pobreza extrema, a melhoria das condições de vida, a preservação do meio ambiente, a renovação da política, mas também o direito à cultura e cidadania cultural. Pois os processos de modernização e globalização, tendem a criar uma cultura de mercado que nega os excelentes processos culturais dos diversos países.

Através desta aula, pretende-se que os alunos obtenham conhecimentos que incidam sobre diversas culturas, para o entendimento da diversidade cultural, e no modo como influencia a comportamento dos seus cidadãos, nas suas escolhas do dia-a-dia, nos padrões axiológicos e produções artísticas. Estes conhecimentos para além de contribuírem para, estes adquirirem novos saberes, irão estimular os alunos para aceitarem e compreenderem a diversidade cultural, onde pode e deve existir espaço de diálogo.

Objectivos:

- Compreender a concepção de Identidade Cultural
- Entendimento da cultura pós-moderna.
- Reconhecimento e valorização da diversidade cultural.
- Construção da identidade num mundo plural, com influências de diversos meios educativos (internet, televisão).
- Construção do "Eu" identidade.

- Dominar processos de desenho e representação do corpo, assim como processos tridimensionais.

Tempo:

- Esta unidade será desenvolvida em 10 aulas, durante 10 semanas com uma aula semanal de 90 minutos.

Materiais:

- Bloco de folhas A3; lápis de diferentes gramagens; lápis de cor, canetas de feltro; lápis de cera; fotografias impressas das diferentes partes do corpo; liga de gesso; água; recipientes; borracha; tintas acrílicas; pincéis; panos velhos; recipientes; creme hidratante; placa de MDF.

Recursos Artísticos:



Figura 1 - Pintura Rupestre
Vale do Côa



Figura 2 - Vénus de Willendorf
Áustria



Figura 3 - Cromleque dos
Almendres – Évora



Figura 4 - Stonehenge - C. 2000 a. C. Diâm. do
círculo 29,5 m, alt. 4,11m - Grã-Bretanha



Figura 5 - Miquerinos e a Rainha, de Gizé - c. 2470 a. C. Xisto



Figura 6 - Tutankhamon na Caça



Figura 7 - Máscara mortuária do faraó-menino, Tutancamôn.



Figura 8 - Esfinge de Gizé



Figura 9 - Vaso de Heracles Matando o Leão de Nemeia - Brescia



Figura 10 - Nike de Samotràcia – 200-190 a.C. Mármore.



Figura 11 - Parthenon de Antenas dedicado à deusa Atena



Figura 12 - Vaso Prunay (400-350 a.C.)



Figura 13 - Capacete de Bronze - British



Figura 14 - Capacete de Bronze - British



Figura 15 - Pintura de Casca Fina, madeira



Figura 16 - Santuário Aborígene



Figura 16 - Escultura em tronco de árvore



Figura 17 - Pinturas Aborígenes numa caverna em Kakadu Parque Nacional



Figura 18 - Vaso Cerâmico Maia



Figura 20 - A Pirâmide Maia em Chichen



Figura 21 - Pintura de Krishna



Figura 22 - Taj Mahal



Figura 23 - China Antiga



Figura 24 - Jarra antiga; época Kang-hi (1622-1728) - British Museum



Figura 25 - Saleiro. Marfim esculpido. Serra Leoa – Museum of Mankind.



Figura 26 - Placa de Latão representando um soldado português. Séc. XVI/XVII – Museu of Mankind.



Figura 27 - Lança, Ferro, África equatorial – Museum of Mankind.



Figura 28 - Cabeça de Homem, Terra cota séc. XII-XV – Museum of I fe Antiquities



Figura 29 - Erased Van Gogh, 2007, acrílico s/ tela, 170x130cm - Leonel Moura



Figura 30 - Erased Frida Kahlo, 2007, acrílico s/ tela, 160x130cm



Figura 31 - Sapateiro; Artesão Isidro Verdasca.

Vocabulário:

Identidade: características individuais, através da qual uma coisa ou pessoa é reconhecida ou entendida.

Cultura: descreve o que as pessoas desenvolvem, para poderem adaptar-se ao seu mundo, como a linguagem, os gestos, as ferramentas que lhes permitam sobreviver e prosperar, costumes e tradições que definem valores e organizam as interações sociais, crenças e rituais religiosos, vestuário, arte, a música e para fazer expressões simbólicas e estéticas.

Desenho: O desenho é um suporte artístico ligado à produção de obras bidimensionais, mas que difere da pintura ou da gravura. O desenho refere-se ao processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral um lápis, caneta ou pincel) movendo-a, de forma a surgirem pontos, linhas, e formas planas.

Modelo: Geralmente nas artes visuais apelidamos desenho de um corpo humano, ao desenho de Modelo. O Modelo é o corpo humano, que se irá situar num determinado espaço e relacionar com diferentes objectos na finalidade de ser representado, em diferentes posições.

Pré-histórico: O homem procurava o seu abrigo sobre cavernas e abrigos rochosos e vivia sobretudo da caça e dos alimentos que recolhia. Algumas das obras mais impressionantes são representações de animais, pintados ou esculpidos nas superfícies internas das cavernas, como o maravilhoso "Bisão ferido de Altamira". Em Portugal podemos encontrar alguns exemplares de pintura no Vale do Côa, recentemente descoberto, data de 1989, vindo em 1998 a tornar-se Património Mundial da Unesco.

Arte Rupestre: Pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, é o nome que se dá às mais antigas representações pictóricas conhecidas, as mais antigas datadas do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.) gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente datando de épocas pré-históricas

Egipto: O Egipto é considerado um dos antepassados mais grandiosos de todos os povos da terra. Esta foi uma civilização bastante complexa na sua organização social e riqueza cultural. Quem dominava era o faraó, soberano "O Todo Poderoso" filho dos deuses na terra. A arte egípcia retrata toda a sua sociedade. É a crença de vida após a morte que leva a quase toda a produção artística. Para tal, eram construídos templos funerários e túmulos monumentais. A pintura reflecte os movimentos dos

corpos, e mostra preocupação com a delicadeza das formas. A escultura Egípcia é marcada pela sua grande monumentalidade associada à arquitetura, mas também ao busto e estatuária de pequenas dimensões dos deuses e faraós e ao baixo e alto-relevo que aparece nas paredes de alguns dos seus edifícios.

Grécia: O povo grego surge entre os mares Egeu, Jónico e Mediterrâneo, por volta de 2000 a.C. É na Grécia onde surgem os jogos olímpicos em honra aos deuses. A sua filosofia vem a ser em toda a história da humanidade uma forte influência no mundo ocidental. A cultura grega era tão forte, que acabou por influenciar os romanos quando invadiram a Grécia. Os artistas gregos, representam situações do dia-a-dia, acontecimentos históricos, temas religiosos e mitológicos. A pintura aparece presente nas paredes, principalmente de templos e palácios, assim como nos vasos geralmente de cor preta. Inicialmente a escultura é bastante arcaica, evolui no sentido de se libertar das formas rígidas e ser mais original.

Celtas: Os Celtas foram um conjunto de pessoas que se espalharam pela zona oeste da Europa em várias tribos, que vieram a ser conquistados pelos Romanos. Os grupos Celtas da Irlanda e no Reino Unido existiram até ao séc. XVII. Foi com os Celtas que se iniciou a idade do ferro. Segundo alguns estudiosos as tribos que deixavam de falar celta, deixavam de ser considerados celtas. A organização social dos Celtas era o Clã, famílias que partilham as mesmas terras agrícolas. A organização política era dividida em cerca de três classes, o Rei e a nobreza; homens livres e escravos, sobre os quais não existiam qualquer tipo de direitos. Os Celtas decoravam objectos de uso comum, armas, armaduras, canecas e jarras. Trabalhavam principalmente com bronze e ouro onde aplicavam sofisticadas técnicas de incrustação. Os principais motivos eram fortes desenhos geométricos e espirais, que muitas vezes eram combinados com formas de animais estilizados em elementos abstractos.

Aborígenes Australianos: São conhecidos por representarem provavelmente a cultura mais antiga do mundo. Nunca chegaram a desenvolver a "Idade do Ferro" ou a "Idade do Bronze". As suas tecnologias são ferramentas em pedra e ossos, que remetem para o seu uso à cerca de 60.000 anos. O estilo de vida destes aborígenes vem sofrer alterações a partir de 1788, devido à Colonização Europeia. Estas comunidades vivem em grandes grupos familiares, as chamadas hordas, aqui todos têm tarefas domésticas, uns caçam, outros plantam e outros cozinham. As suas habitações caracterizam-se por serem abrigos simples, estruturas de galhos sobrepostas com folhas. A religião, tão importante para a vida dos Aborígenes, é a principal fonte de inspiração na sua arte. Nas cerimónias religiosas decoram todo o espaço envolvente da caverna e pintam os seus corpos. A sua arte pode ser definida em dois grandes estilos: naturalista/figurativa ou não naturalista/ não figurativa.

Maias: Provavelmente os Maias foram uma das primeiras civilizações da América Central, estabeleceram-se durante o período pré-clássico 2000 a.C.. São conhecidos por terem atingido um alto grau de conhecimento, sobre a matemática e a astronomia, que estava ao nível da cultura europeia. Os grande centros tornaram-se grandes cidades-estado, centros do poder religioso, comercial e político. O principal monumento é as Pirâmides, onde por vezes no seu topo, se alojam templos religiosos, sendo este o local mais próximo do céu. Os Maias criaram uma concepção do mundo, no qual a contagem cíclica do tempo se tornara essencial. A rotação dos astros influencia toda vida na terra, o que pode trazer grandes catástrofes. Realizam-se grandes rituais nos quais são oferecidos sacrifícios humanos e de animais, com a finalidade de se reconciliar com os deuses. A arte Maia é considerada como a mais sofisticada e bela do novo mundo antigo. A escultura está subordinada à arquitectura, através do uso da pedra e da madeira, decoram estes grandes edifícios. A pintura, mesmo sendo poucos os artefactos que têm chegado até nós, é caracterizada pela produção de grandes murais coloridos, realizados com a técnica do fresco. Os temas são principalmente religiosos.

Índia: A civilização Índia teve o seu início à 3300 anos a.C.. A cultura Indiana tem sido alvo de grande atenção, a diversidade de línguas, hábitos e modos de viver criam uma forte e interessante cultura. O sistema social predominante, são as castas, uma das bases da religião Hindu. Um cidadão comum que se situe numa casta inferior, nunca poderá realizar determinado tipo de tarefas. As castas determinam a condição de um indivíduo perante a vida. Mas não é apenas a religião Hindu que está presente na Índia, é também o Islamismo e o Budismo que teve como berço esta mesma região. A vida de um cidadão na Índia é dividida em quatro fases: a infância; a juventude, que é absolutamente voltada para os estudos; o tempo de se constituir família, que pela tradição arranjada pelos pais; e na velhice a vida é dedicada à realização espiritual. Este modo de viver, apresenta a grande importância que se dá ao conhecimento. A religião é o factor que mais determina as expressões artísticas deste povo. As pinturas são sobretudo pinturas do panteão hindu (conjunto de deuses), também são retratados eventos especiais, casamentos e cenas de tribunal, assim como paisagens. Estas pinturas são realizadas predominantemente por mulheres, que antes de fazerem as suas preces as realizam em devoção.

China: A localização geográfica da China é no extremo oriente da Ásia. Tiveram a sua origem no Vale Huang He junto ao Rio Amarelo, onde muito cedo demonstram ser uma sociedade organizada, mesmo tendo uma identidade bastante complexa. Através de acções e campanhas contra o rei, que aconteceram várias vezes na História da China, outras dinastias tomaram o poder. A cultura chinesa deriva dos valores tradicionais do confucionismo e taoísmo, as principais religiões da China,

influenciando as artes como a literatura, pintura, escultura. A arte chinesa vem influenciar diversos países na Ásia, e também no Oriente, fascinando os orientais pela sua cerâmica e tecelagem. A pintura está ligada à caligrafia pela arte e engenho que os caracteres necessitam para ser executados, os principais suportes são seda ou papel de aquarela. Os principais temas abordados estão ligados a cenas do quotidiano, paisagens e batalhas históricas. A Escultura é concebida por meio do bronze, pedra e madeira, a qual por vezes é revestida com laca. A porcelana é um original das artes da China, sendo que, mil anos depois, apareceu também na Europa.

África: O continente africano é considerado o “berço da humanidade”, visto que foi aqui onde surgiram os primeiros fósseis de homínídeos. Este é um continente de contrastes nas paisagens, nos povos e etnias, nos diferentes idiomas ou dialectos, nas múltiplas crenças religiosas e organizações sociais, é portanto um continente bastante rico. Ao longo da história o continente africano tem vindo a ser alvo de diversas colonizações, mas é com os descobrimentos que vão acontecer as mais drásticas mudanças sobre este continente: ocupação, exploração económica e domínio político. As consequências foram irreparáveis, milhares de mortes e pessoas foram oprimidas e escravizadas. Este acto é provavelmente um dos maiores ataques, que já foi feito à cultura e modo de vida de um povo na história da humanidade, tendo-se alterado as principais características de um continente e de um povo. A sociedade tradicional africana organiza-se em diferentes formas e governos, baseando-se em ordens genealógicas, nos clãs, nas linhagens e na idade, dentro das numerosas famílias e tribos. Cada uma destas tribos ou sociedades tem o seu sistema cultural próprio, o que proporciona ao continente africano relevância perante a Humanidade. Artefactos artísticos quer sejam esculpidos, fundidos, modelados, pintados ou tecidos, demonstram a diversidade cultural africana. Os materiais e técnicas usadas na produção podem revelar muito sobre o estilo, assim como sobre o meio ambiente em que determinadas sociedades vivem. É importante citar que a maior parte dos exemplos, de objectos estéticos africanos foram concebidos para uma finalidade funcional e não para serem admirados.

Actividade de Produção:

1ª Aula: Esta aula inicial será de introdução à temática e exercício plástico “Identidade Cultural e Identidade Pessoal”. Uma breve abordagem será feita do que se irá passar nas restantes aulas desta unidade didáctica. Assim como solicitar quais os materiais que são necessários e a roupa que os alunos devem trazer, já que vão trabalhar com liga de gesso. Iremos também em forma de diálogo, discutir o que é “cultura” e “identidade”, com a finalidade de diagnosticar os conhecimentos que estes alunos têm sobre esta temática. Com o resultado do diagnóstico de

conhecimentos, poderemos preparar as abordagens nas aulas para que em determinada medida possam corresponder a todas as necessidades. Seguidamente, será realizada uma secção fotográfica com os alunos, a determinadas partes do seu corpo, braço/mão, perna/pé e face. Aqui devem ser ensaiadas diferentes posições destes membros, visando a compreensão anatómica do corpo. Estas fotografias serão um importante recurso de trabalho, para as seguintes secções.

2ª Aula: Nesta segunda aula, iniciaremos com uma breve descrição do que iremos fazer durante esta aula, e como nos vamos organizar, será elaborado três grupos de trabalho. Cada um dos alunos irá receber as fotografias em A4, que tirou na aula passada. Começaremos com o desenho das imagens dos membros do corpo, cada aluno ao longo desta unidade deve no mínimo proceder a dois desenhos, um da imagem do braço/mão e o outro da face. As fotografias que foram entregues no início da aula em formato A4, devem desenhar sobre elas uma grelha, com o objectivo de ajudar no desenho e ampliação para um desenho A3. Sobre esta folha A3 deve ser realizada uma grelha à escala para facilitar a representação. Este exercício pretende que os alunos compreendam e apliquem determinados procedimentos do desenho representativo, representação da forma, volume e sombra, expressão, técnica, estrutura e proporção.

Enquanto dois grupos desta turma procedem a realização dos desenhos na sua carteira, o outro grupo numa zona à parte da mesma sala irá proceder à extracção através de liga de gesso dos moldes do braço/mão ou face. Os alunos irão trabalhar em grupos de pares onde se podem apoiar uns aos outros nesta actividade, no levantamento através de liga de gesso, um novo material de trabalho com potencialidade e qualidades plásticas únicas. Este exercício vai desenvolver nestes alunos determinadas competências, como método de trabalho em equipa e responsabilidade, pois quem irá executar todos os procedimentos para a extracção do molde, será o colega par de cada um dos alunos modelo, após o procedimento ter terminado estes devem trocar das posições. Após terem retirado os moldes, estes devem ser identificados e colocados a secar num local seco. Por fim a bancada e mesa de trabalho deve ser limpa pelos alunos, assim como todos os outros materiais necessários, limpos e arrumados.

3ª Aula: Esta será uma aula onde continuaremos a executar o que iniciamos na aula anterior. Contudo, as actividades dos grupos irão mudar consoante o término da experiência do molde em liga de gesso. Os restantes grupos procederão à continuidade do desenho dos dois exemplares, alguns dos alunos que entretanto terminam o seu trabalho, voltam a fazer um registo da mesma imagem através de outros materiais como tinta-da-china. Os professores presentes em aula, continuarão a dar suporte e apoio na resolução de todas estas actividades, de forma que os alunos, obtenham entendimento e autonomia dos processos artísticos que estão a desenvolver.

- 4ª Aula: Esta será uma aula muito idêntica em comparação com as duas aulas anteriores. Os alunos continuarão com a extracção dos restantes moldes em liga de gesso, e os outros com os desenhos das imagens fotográficas dos seus membros. Contudo, esta será a última aula efectuada para o término destes exercícios propostos. Os alunos deverão assim dar por encerrado tudo o que tinha sido planificado e apresentado aos mesmos.
- 5ª Aula: Esta será a última aula do primeiro período. Através de um diálogo reflexivo com os alunos, será abordado diversos pontos importantes da avaliação, como o comportamento, interesse e participação nas actividades realizadas. Este diálogo incidirá essencialmente no último exercício que têm vindo a resolver. A unidade temática "Identidade Cultural e Identidade Pessoal". Seguidamente os alunos irão resolver uma ficha de auto-avaliação, onde se avaliarão em diferentes parâmetros.
- 6ª Aula: Esta será a primeira aula do segundo período. Iremos visualizar um documentário da vida e obra de Pablo Picasso. O vídeo incidirá sobre o contexto social, político e cultural da época. Através deste vídeo, iremos reflectir sobre a influência que a cultura recebe dos mais diferentes meios que é composta a sociedade, e como esta é depois reflectida na produção artística. Uma das questões centrais deste documentário, centra-se na questão do "Poder da Arte?". No final do visionamento do documentário, iremos ter algum tempo para debate e resolução de dúvidas que possam existir.
- 7ª Aula: Esta será uma importante aula teórica, onde iremos incidir no estudo do tema central desta unidade, a compreensão da identidade cultural, e a sua presença em diferentes sociedades.
- Esta secção iniciará com a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior.
- Seguidamente, em diálogo aberto com os alunos, iremos analisar os conceitos "identidade" e "cultura", onde cada um dos alunos pode dar a sua opinião para estes conceitos. No final, será dado uma definição segundo um autor que estude estas áreas, para todos termos uma noção base, a partir da qual iremos trabalhar e desenvolver outros aspectos. Para a compreensão de "identidade" e "cultura", serão também dados alguns exemplos práticos, para que estes possam ser mais facilmente compreendidos.
- No desenvolvimento desta aula, será mostrado um PowerPoint que irá abordar determinadas e diferentes culturas ao longo da história da humanidade. Durante o contacto com estas culturas, iremos ler nos diapositivos algumas informações sucintas mas consistentes sobre estas culturas, como estas vão ser vivenciadas e representadas pela arte, mostrando também algumas imagens de artefactos artísticos representativos da mesma. Neste momento serão também elaboradas

algumas questões aos alunos, pois algumas destas culturas e épocas da história da humanidade, já foram abordadas na disciplina de história.

Seguidamente, iremos abordar um artista plástico da nossa cultura contemporânea, o artista português Leonel Moura. Será apresentado no que incide o seu trabalho artístico, assim como algumas das suas obras mais recentes. Para ajudar à compreensão, iremos visualizar um pequeno documentário que incide no seu recente trabalho "Tara" o robô pintor.

Para finalizar, será entregue uma ficha de trabalho aos alunos que reflecte nas questões abordadas nesta aula. A sua realização irá contribuir para a memorização dos conhecimentos apreendidos, como também para uma futura avaliação. Seguidamente, faremos uma retrospectiva dos conteúdos abordados, para a elaboração em conjunto do sumário.

8ª Aula: Esta segunda aula, iniciará com uma breve revisão do que foi estudado na aula anterior a "Identidade Cultural". Dando continuidade ao estudo da arte e cultura portuguesa, teremos a visita do Sr. Isidro Paiva, artesão na cidade de Évora. Com a sua visita é, pretendido que os alunos tenham um contacto a cultura tradicional portuguesa, com a história de Portugal nos últimos anos e as suas recentes transformações. É também ambicionado que os alunos tenham um contacto com o artesanato e a sua produção, através das peças em cortiça do Sr. Isidro.

Na continuidade desta aula, iniciaremos o estudo sobre determinados aspectos da própria identidade pessoal. Recorrendo a um foco exploratório, uma mochila com diversos objectos, os alunos irão retirar um de cada vez. Sobre este objecto será elaborada uma reflexão, com uma aplicação à identidade de cada aluno, ao seu "Eu". A cada um destes objectos existe uma questão, com estas respostas será feito um organograma, pretende-se que o aluno fique ciente da sua identidade pessoal, com os resultados desta conjuntos desta análise, para que possa aplicar determinadas características ao projecto da pintura do seu molde em liga de gesso. Com este exercício, pretende-se que os alunos não só façam uma análise da sua identidade, reflectindo "Quem sou eu?", mas também que depois apliquem as conclusões a um exercício plástico. Todos estes moldes depois de pintados, serão aplicados numa composição em placa em MDF. Este trabalho será exposto no pavilhão da escola.

Na continuidade do que foi abordado, os alunos realizarão uma ficha que incide sobre os aspectos da identidade pessoal. Com base nas respostas desta ficha e do organograma realizado, os alunos iniciarão um esboço em papel cavalinho A3, do que irão pintar no molde em liga de gesso.

Para terminar esta aula, faremos uma breve revisão do que foi tratado nesta aula, também para elaborarmos o sumário conjuntamente.

9ª Aula: Esta nona aula iniciará, com uma pequena revisão do que tem sido feito nas aulas anteriores, concluindo no ponto da situação em que ficamos. Seguidamente os

alunos continuarão a desenvolver o esboço do projecto que irão executar no molde de gesso. Este esboço deve ser fruto de uma reflexão da identidade pessoal de cada um dos alunos, contendo em si as diversas características de cada um dos alunos. Após o término do esboço do projecto, os alunos deverão iniciar o projecto da pintura sobre o molde. Com a pintura do molde e a elaboração do esboço, os alunos, irão adquirir competências na área da comunicação e da cultura estética, assim como domínio e manipulação dos diversos materiais plásticos que são necessários à sua realização. Antes da aula terminar, os alunos devem proceder à limpeza e arrumação de todos os materiais e espaços utilizados.

10ª Aula: Esta última aula será para terminar a pintura dos moldes em liga de gesso e para a elaboração do painel com todas as peças.

No final da pintura dos moldes, cada aluno deve fazer uma breve apresentação descritiva e reflexiva do trabalho que realizaram, desde a extracção dos moldes, ao desenho das fotografias, a reflexão sobre a sua identidade, elaboração do esboço e pintura do molde em gesso. No final das apresentações, em conjunto com todos os alunos iremos elaborar na placa de MDF, uma composição coerente onde os diversos moldes devem também estar interligados. Esta relação entre ambos os moldes, representa as diversas identidades pessoais interligadas na nossa própria cultura e sociedade.

Avaliação:

Critérios de Avaliação

Competências específicas e transversais	Instrumentos de avaliação	Coef. de ponderação
<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de percepção dos espaços e das formas visuais; - Capacidade de visualização mental e representação gráfica de formas reais ou imaginadas; - Capacidade de interpretação de representações descritivas de formas; - Capacidade criativa; - Sensibilidade estética; - Capacidade de expressão; - Capacidade de utilizar meios de expressão visual; 	<p>Trabalhos realizados na aula</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho de pesquisa e investigação; - Desenvolvimento de temas de trabalho; 	70%

<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia no desenvolvimento de actividades individuais; - Cooperação em trabalhos colectivos; - Planificação, organização e método de estudo e de desenvolvimento do trabalho; - Promover a realização pessoal mediante o desenvolvimento de atitudes de autonomia solidariedade e cooperação; - Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adoptando atitudes comportamentais construtivas, solidárias, tolerantes e de respeito; 	<p>Participação (grelhas de observação):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidade - Respeito/solidariedade - Interesse/empenhamento - Autonomia - Comportamento disciplinar 	<p>30%</p>
---	--	-------------------

1. Será que os alunos entendem e sabem identificar o que é cultura?
2. Será que os alunos compreendem e entendem o conceito identidade?
3. Será que os alunos serão capazes de entender e reconhecer a importância da diversidade cultural?
4. Será que os alunos têm percepção da sua identidade e singularidade pessoal?
5. Será que os alunos dominam os processos de desenho e representação do corpo?
6. Será que os alunos dominam técnicas de representação plástica tridimensional?

Actividades Relacionadas:

1. Ir a uma galeria de arte ou museu, proceder ao desenho de modelo à vista, através de diferentes poses.
2. Terem uma experiência de modelação em barro, onde iriam tirar o molde negativo em gesso.
3. Visita de estudo ao Museu de Artesanato de Évora.

Referências Bibliográficas:

INSO, Jaime. (1999). A China. Livros do Oriente.

PAULINO, Francisco Faria (org.). (1992). África: Nas Vésperas do Mundo moderno. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

FORTUNA, Carlos. (1999). Identidade, Percursos, Paisagens Culturais. Oeiras: Celta Editor

NAVARRO, Francesc. (2006). História da Arte: Grécia. Barcelona: Editorial Salvat.

Saraiva, António José. (1993). O que é a Cultura?. Lisboa: Difusão Cultural.

Faria, Hamilton. & Garcia, Pedro. (2001). Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. São Paulo: Instituto Pólis.



3 de Novembro a 2 de Fevereiro de 2009

Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Espaço; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se pode representar a partir de uma fotografia, um membro do corpo humano? - Pode o corpo humano ser um meio para conceber uma obra de arte? - Qual é a melhor forma de trabalhar colectivamente e ordenadamente? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas; - Registrar as proporções e em esquema, os movimentos; - Compreender as relações do Homem com o Espaço: proporção, 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - Relação Homem – Espaço - ESTRUTURA/FORMA/FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de diversos elementos (Representação da forma; Volume/Sombra; Expressão; Técnica; Estrutura/Proporção) para a elaboração de um desenho representativo; - Contacto com um novo material, a liga de gesso, e compreender a sua potencialidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Despertar o interesse dos alunos sobre as diversas identidades culturais. - Compreensão da identidade pessoal de cada aluno. - Exercício compositivo tridimensional, com base em moldes de liga de gesso extraídos de 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - PC; - Máquina Fotográfica; - Folhas de Papel A3 - Lápis; - Borracha - Fotografias impressas dos membros do corpo; - Gesso; - Secador; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; 	<ul style="list-style-type: none"> - 10 semanas.

<ul style="list-style-type: none"> - Quem é o artista plástico Pablo Picasso? - Será que a obra artística de Pablo Picasso, é influenciada pelo mundo em que vive? -Terá hoje a arte algum poder sobre o nosso mundo? - Definição dos conceitos "Identidade" e "Cultura"? - O que é "Identidade Cultural"? - Entender a cultura numa sociedade e como esta influência a arte? 	<ul style="list-style-type: none"> escala, antropometria; - Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem. - Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo); 			<ul style="list-style-type: none"> numa actividade artística. - Perceber como o corpo humano pode ser um meio para conceber um produto artístico; - Cooperação dos elementos no trabalho de grupo; - Compreender aspectos biográficos importantes da vida e obra de Pablo Picasso, e do contexto social em que este desenvolveu o seu trabalho; -Perceber o poder da arte no nosso contexto actual; - Entendimento e definição dos conceitos "Cultura" e "Identidade"; - A importância do desenvolvimento social para o desenvolvimento das sociedades e produções 	<ul style="list-style-type: none"> determinados membros do corpo, face e braço/mão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recipientes de Plástico; - Panos velhos; - Creme hidratante; - DVD "O Poder da Arte"; - Peças de artesanato em cortiça; - Lápis de Cor; - Canetas de Feltro; - Lápis de Cera. - Molde em gesso do membro do corpo (braço, face) - - Guaches; - Copos; - Placa de MDF - Cola Prego Liquido. - Pincéis e godés; 	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de Observação de Assiduidade. 	
<ul style="list-style-type: none"> - De que modo a cultura actual, influencia a obra de um artista? - Será o artesanato importante para a 						<ul style="list-style-type: none"> Objectos Pessoais: 		

	<p>preservação do património cultural Português?</p> <p>- O artesanato é uma actividade de realização fácil?</p> <p>- O que é o conceito "Identidade"?</p> <p>- Os objectos pessoais podem demonstrar a identidade, de uma determinada pessoa?</p> <p>- É possível construir uma concepção de Identidade, a partir de uma reflexão das características individuais? E representar esta concepção de identidade recorrendo à expressividade plástica?</p> <p>- Construção de uma composição de</p>			<p>artísticas;</p> <p>- Aprendizagem sobre culturas, civilizações e representações artísticas;</p> <p>- Reconhecimento da influência cultural actual, sobre a arte contemporânea.</p> <p>- Entender a definição do conceito de "Identidade";</p> <p>- Compreender a actividade do artesanato;</p> <p>- Reconhecer a importância do artesanato, como valor patrimonial;</p> <p>- Aprender sobre a concepção da identidade pessoal e característica que a definem;</p> <p>- Compreender a identidade de um indivíduo a partir dos seus objectos e gostos pessoais;</p> <p>- Aprender a</p>		<p>- Didgeridoo;</p> <p>- Embalagem de bem alimentar;</p> <p>- Fotos;</p> <p>- Modelo;</p> <p>- Bíblia;</p> <p>- Livro "A Constituição da República Portuguesa trocada por (para) miúdos";</p> <p>- Filme; "Pollock"</p> <p>- Capa do traje;</p> <p>- Garrafa de Água;</p> <p>- Mochila;</p> <p>- Dinheiro;</p>		
--	---	--	--	--	--	---	--	--

	<p>representações plásticas referentes à Identidade Pessoal de um indivíduo?</p> <p>- Quais as diferenças entre elaborar um exercício plástico numa superfície bidimensional e numa forma tridimensional?</p> <p>- É possível explicar algumas das características individuais, a partir de um exercício plástico reflexivo sobre a identidade?</p> <p>- Como elaborar uma composição de peças tridimensionais plásticas para uma percepção eficaz?</p>			<p>conjugar formas, cores e palavras, para uma representação plástica da Identidade Pessoal.</p> <p>- Compreender as diferenças de uma maquete elaborada sobre suporte bidimensional, e passagem da mesma para uma forma tridimensional, desafios e limitações.</p> <p>- Reconhecer como diversos moldes de gesso dispostos de diferentes formas, criam uma composição visual estética.</p>				
--	---	--	--	---	--	--	--	--



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010

Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

3 de Novembro de 2009



Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 1

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Espaço. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a nova unidade didáctica? - É possível aos diversos membros do corpo humano apresentarem-se de diferentes e diversas formas? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas; - Registrar as proporções e em esquema, os movimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - RELAÇÃO HOMEM - ESPAÇO. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão da unidade didáctica e exercício plástico "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"; - Reconhecimento da diversidade de posições obtidas através dos diversos membros do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Introdução à unidade didáctica "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"; - Diálogo sobre o conceito e exercício plástico de "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - PC; - Máquina Fotográfica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 min.

					<ul style="list-style-type: none">- Sessão fotográfica aos alunos, dos membros do corpo (rosto, braço e mão, perna e pé);- Retrospectiva da aula e sumário elaborado pelos alunos.		<ul style="list-style-type: none">- Grelha de Observação de Assiduidade.	
--	--	--	--	--	---	--	--	--



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010

Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

10 de Novembro de 2009



Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 2

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Espaço; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se pode representar a partir de uma fotografia, um membro do corpo humano? - Pode o corpo humano ser um meio para conceber uma obra de arte? - Qual é a melhor forma de trabalhar colectivamente e 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas; - Registrar as proporções e em esquema, os movimentos; - Compreender as relações do 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - Relação Homem – Espaço - ESTRUTURA/ FORMA/ FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de diversos elementos (Representação da forma; Volume/Sombra; Expressão; Técnica; Estrutura/Proporção) para a elaboração de um desenho representativo. - Contacto com um novo material, a liga 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Extracção dos moldes em gesso, dos membros do corpo, tarefa elaborada em grupos de pares; - Realização de desenhos dos membros do corpo humano, a partir do registo fotográfico 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - Folhas de - Papel A3 - Lápis; - Borracha - Fotografias impressas dos membros do corpo; - Gesso; - Secador; - 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 min.

	ordenadamente?	<p>Homem com o Espaço: proporção, escala, antropometria;</p> <p>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p> <p>- Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo);</p>		<p>de gesso, e compreender a sua potencialidade numa actividade artística.</p> <p>- Perceber como o corpo humano pode ser um meio para conceber um produto artístico.</p> <p>- Cooperação dos elementos no trabalho de grupo.</p>	<p>elaborado na aula anterior.</p>	<p>Recipientes de Plástico;</p> <p>- Panos velhos;</p> <p>- Creme hidratante.</p>	<p>Observação de Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação de Assiduidade ;</p> <p>- Grelha de Observação dos Trabalhos Práticos.</p>	
--	----------------	---	--	---	------------------------------------	---	--	--



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010

Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo
17 de Novembro de 2009



Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 3

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Espaço; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se pode representar a partir de uma fotografia, um membro do corpo humano? - Pode o corpo humano ser um meio para conceber uma obra de arte? - Qual é a melhor forma de trabalhar 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas; - Registrar as proporções e em esquema, os movimentos; - Compreender 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - Relação Homem – Espaço - ESTRUTURA/ FORMA/ FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de diversos elementos (Representação da forma; Volume/Sombra; Expressão; Técnica; - Estrutura/Proporção) para a elaboração de um desenho representativo. - Contacto com um novo 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Extração dos moldes em gesso, dos membros do corpo, tarefa elaborada em grupos de pares; - Realização de desenhos dos membros do corpo humano, 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - Folhas de - Papel A3 - Lápis; - Borracha - Fotografias impressas dos membros do corpo; - Gesso; - Secador; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 min.

	<p>colectivamente e ordenadamente?</p>	<p>as relações do Homem com o Espaço: proporção, escala, antropometria;</p> <p>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p> <p>- Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo);</p>		<p>material, a liga de gesso, e compreender a sua potencialidade numa actividade artística.</p> <p>- Perceber como o corpo humano pode ser um meio para conceber um produto artístico.</p> <p>- Cooperação dos elementos no trabalho de grupo.</p>	<p>a partir do registo fotográfico.</p>	<p>- Recipientes de Plástico;</p> <p>- Panos velhos;</p> <p>- Creme hidratante.</p>	<p>de Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação de Assiduidade;</p> <p>- Grelha de Observação dos Trabalhos Práticos.</p>	



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010

Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

24 de Novembro de 2010



Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 4

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Espaço; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como se pode representar a partir de uma fotografia, um membro do corpo humano? - Pode o corpo humano ser um meio para conceber uma obra de arte? - Qual é a melhor forma de trabalhar colectivamente e 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas; - Registrar as proporções e em esquema, os movimentos; - Compreender as relações do 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - Relação Homem – Espaço - ESTRUTURA/FORMA/FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de diversos elementos (Representação da forma; Volume/Sombra; Expressão; Técnica; Estrutura/Proporção) para a elaboração de um desenho representativo. - Contacto com um novo material, a liga de gesso, e 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Extracção dos moldes em gesso, dos membros do corpo, tarefa elaborada em grupos de pares; - Realização de desenhos dos membros do corpo humano, a partir do registo fotográfico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - Folhas de Papel A3 - Lápis; - Borracha - Fotografias impressas dos membros do corpo; - Gesso; - Secador; - 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de 	- 90 min.

	ordenadamente?	<p>Homem com o Espaço: proporção, escala, antropometria;</p> <p>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p> <p>- Compreender que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo);</p>		<p>compreender a sua potencialidade numa actividade artística.</p> <p>- Perceber como o corpo humano pode ser um meio para conceber um produto artístico.</p> <p>- Cooperação dos elementos no trabalho de grupo.</p>		<p>Recipientes de Plástico;</p> <p>- Panos velhos;</p> <p>- Creme hidratante.</p>	<p>Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação de Assiduidade;</p> <p>- Grelha de Observação dos Trabalhos Práticos.</p>	
--	----------------	---	--	---	--	---	---	--



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010

Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo
15 de Dezembro de 2010



Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 5

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
				- Reflexão sobre o comportamento, interesse e participação, nas actividades realizadas durante o semestre;	- Realização da chamada; - Elaboração de uma Ficha de Auto-Avaliação - Diálogo vertical, sobre as avaliações e apreciações relativas a cada aluno.	- Livro de Ponto; - Giz; - Quadro. - Ficha Auto-Avaliação.	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse;	- 90 min.
				- Consideração sobre as aprendizagens obtidas.			- Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação	

								de Comportame nto; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Auto- Avaliação.	
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

5 de Janeiro de 2010

Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 6

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Comunicação.	- Quem é o artista plástico Pablo Picasso? - Será que a obra artística de Pablo Picasso, é influenciada pelo mundo em que vive? -Terá hoje a arte algum poder sobre o nosso mundo?	- Reconhecer a importância das imagens (publicidade comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.	- Papel da Imagem na Comunicação.	- Compreender aspectos biográficos importantes da vida e obra de Pablo Picasso, e do contexto social em que este desenvolveu o seu trabalho; -Perceber o poder da arte no nosso contexto actual.	- Realização da chamada; -Visualização de um vídeo da vida e obra de Picasso; - Diálogo com os alunos, sobre a vida de Picasso e relevância da Guernica nos tempos actuais;	- Sala TIC - Livro de Ponto; - PC; - Projector de Multimédia; - Tela de projecção; -Sistema de Som; - DVD "O Poder da Arte".	- Observação directa em aula de todo o processo de trabalho; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de	- 90 min.

						- Sumário realizado conjuntamente.	Observação de Comportamento; - Grelha de Observação da Participação da Aula.	
--	--	--	--	--	--	------------------------------------	---	--



Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

12 de Janeiro de 2010

Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 7

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Comunicação.	- Definição dos conceitos "Identidade" e "Cultura"? - O que é "Identidade Cultural"?	- Reconhecimento da importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas.	- Papel da Imagem na Comunicação.	- Entendimento e definição dos conceitos "Cultura" e "Identidade"; - A importância do desenvolvimento social para o desenvolvimento das sociedades e produções artísticas;	- Realização da chamada; - Recapitulação da matéria leccionada anteriormente pelo Professor/Orientador - Diálogo sobre o conceito e definição "Identidade" e "cultura"	- Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - PC; - Projector de Multimédia; - Tela de projecção; - Sistema de Som - PowerPoint;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação	- 90 min.
	- Entender a cultura numa sociedade e como esta influencia a arte? - De que modo a			- Aprendizagem				



	cultura actual, influência a obra de um artista?			<p>sobre culturas, civilizações e representações artísticas;</p> <p>- Reconhecimento da influência cultural actual, sobre a arte contemporânea.</p>	<p>- Apresentação de um PowerPoint sobre a Identidade Cultural de diversos povos e civilizações, com diálogo interactivo;</p> <p>- Apresentação de um vídeo, sobre o artista da cultura contemporânea Leonel Moura:</p> <p>- Realização de uma ficha de trabalho para reforçar os conhecimentos apreendidos;</p> <p>- Retrospectiva da aula e sumário elaborado pelos alunos.</p>	<p>- Papel;</p> <p>- Lápis;</p> <p>- Borracha;</p> <p>- Esferográfica;</p> <p>- Ficha de Trabalho;</p> <p>- Ficha de Trabalho para casa.</p>	<p>de Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação da Participação da Aula;</p> <p>- Avaliação da Ficha de Trabalho.</p>	



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

19 de Janeiro de 2010

Unidade Didáctica: “Identidade Cultural e Identidade Pessoal”

Aula nº 8

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Será o artesanato importante para a preservação do património cultural Português? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento da importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação: Papel da Imagem na Comunicação; - Forma: Factores que determinam a forma dos Objectos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender a definição do conceito de “Identidade”; - Compreender a actividade do artesanato; 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Recapitulação da matéria leccionada anteriormente pelo Professor/Orientador; - Apresentação e Conversa com o Sr. Isidro Verdasca, 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - PC; - Projector de Multimédia; - Tela de projecção; - PowerPoint de apresentação do Sr. Isidro Verdasca, atelier e obras; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação de 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 min.
	<ul style="list-style-type: none"> - O artesanato é uma actividade de realização fácil? - O que é o conceito “Identidade”? 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a diferença entre produções artesanais e industriais. 		<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância do artesanato, como valor patrimonial; - Aprender sobre 				

	<p>- Os objectos pessoais podem demonstrar a identidade, de uma determinada pessoa?</p> <p>- É possível construir uma concepção de Identidade, a partir de uma reflexão das características individuais? E representar esta concepção de identidade recorrendo à expressividade plástica?</p>			<p>a concepção da identidade pessoal e característica que a definem;</p>	<p>artesão de Évora;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reflexão sobre determinados aspectos que influenciam a construção da identidade pessoal, através de foco exploratório. - Realização de uma ficha sobre aspectos identitários; - Entrega de Ficha de Trabalho Prático, para elaborar o esboço da identidade pessoal; - Retrospectiva da aula e sumário elaborado em conjunto com os alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Peças de artesanato em cortiça; <p>Objectos Pessoais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Didgeridoo; - Embalagem de bem alimentar; - Fotos; - Modelo; - Bíblia; - Livro "A Constituição da República Portuguesa trocada por (para) miúdos"; - Filme; "Pollock" - Capa do traje; - Garrafa de Água; - Mochila; - Dinheiro; - Lápis; - Borracha; - Esferográfica. - Folha A4 - Ficha de Trabalho. 	<p>Comportamento;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Avaliação do Trabalho de Casa - Avaliação da Ficha de Trabalho.
--	---	--	--	--	--	---	---



Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo
26 de Janeiro de 2010

Unidade Didáctica: "Identidade Cultural e Identidade Pessoal"

Aula nº 9

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO (ÕES) PROBLEMA (S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os objectos pessoais e gostos podem demonstrar a Identidade Pessoal de uma determinada pessoa? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento da importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - ESTRUTURA/FORMA/FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a identidade de um indivíduo a partir dos seus objectos e gostos pessoais; - Aprender a conjugar formas, cores e palavras, para uma representação plástica da Identidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Recapitulação da matéria leccionada anteriormente pelo Professor/Orientador; - Apresentação do exercício para a elaboração da maquete; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - Folha A3 de maquete (face/braço); - Lápis de Cor; - Canetas de Feltro; - Lápis de Cera. - Lápis; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa em aula de todo o processo de trabalho; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de 	- 90 min.

	<p>analíticos), que incidem sobre a personalidade de um indivíduo é possível analisar a Identidade Pessoal de uma pessoa?</p> <p>- É possível construir a concepção de Identidade Pessoal, a partir de uma reflexão das características individuais? E representar esta concepção de identidade, recorrendo à expressividade plástica?</p> <p>- Construção de uma composição de representações plásticas referentes à Identidade Pessoal de um indivíduo?</p>	<p>linhas, da textura, do volume da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo);</p> <p>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p>		Pessoal.	<p>- Reflexão introspectiva, com base nas fichas de apoio realizadas nas aulas anteriores;</p> <p>- Resolução da Ficha de Actividade (braço/face), da maquete;</p> <p>- Retrospectiva da aula e sumário elaborado em conjunto com os alunos.</p>	- Borracha.	<p>Observação de Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação da Participação da Aula;</p> <p>- Avaliação da maquete.</p>	



Educação Visual – 7º B
Planificação a Curto Prazo

2 de Fevereiro de 2010

Unidade Didáctica: “Identidade Cultural e Identidade Pessoal”

Aula nº 10

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO (ÕES) PROBLEMA (S)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CADA ÁREA	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Estrutura; - Forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as diferenças entre elaborar um exercício plástico numa superfície bidimensional e numa forma tridimensional? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento da importância das imagens (publicidade comercial, social, etc.) no comportamento das pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel da Imagem na Comunicação; - ESTRUTURA/FORMA/FUNÇÃO; - PERCEPÇÃO VISUAL DA FORMA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender as diferenças de uma maquete elaborada sobre suporte bidimensional, e passagem da mesma para uma forma tridimensional, desafios e limitações. - Reconhecer como diversos 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da chamada; - Recapitulação da matéria leccionada anteriormente pelo Professor/Orientador; - Elaboração da actividade plástica no molde de gesso, com base na 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Giz e Quadro; - Molde em gesso do membro do corpo (braço, face) - Guaches; - Copos; - Placa de MDF - Cola Prego Líquido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa em aula de todo o processo de trabalho; - Grelha de Observação de Assiduidade; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 min.

	<p>reflexivo sobre a identidade?</p> <p>- Como elaborar uma composição de peças tridimensionais plásticas para uma percepção eficaz?</p>	<p>linhas, da textura, do volume da superfície, etc. (aprofundamento do 2º Ciclo);</p> <p>- Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem.</p>		<p>moldes de gesso dispostos de diferentes formas, criam uma composição visual estética.</p>	<p>Ficha de Actividade (braço/face).</p> <p>- Apresentação/Explicação do resultado plástico elaborado, definindo alguns aspectos relacionados com a personalidade individual.</p> <p>- Construção de uma composição com os diversos moldes de gesso, sobre placa de MDF.</p> <p>- Retrospectiva da aula e sumário elaborado em conjunto com os alunos.</p>	<p>- Pincéis e godés; - Trapos velhos; - Lápis; - Borracha; - Ficha de Auto-avaliação.</p>	<p>Observação de Comportamento;</p> <p>- Grelha de Observação da Participação da Aula;</p> <p>- Avaliação do projecto;</p> <p>- Avaliação da apresentação do trabalho desenvolvido sobre a "Identidade Pessoal"</p> <p>- Grelha de Auto-Avaliação.</p>	

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Análise Crítica – Identidade Cultural

2º Período – 12 de Janeiro

Quando pensei abordar a temática “Identidade Cultural” foi no sentido de levar os alunos a reflectirem sobre o conceito de “sociedade”, e como as particulares próprias desta, influenciam a maneira de viver dos seus cidadãos e conseqüentemente o seu entendimento sobre a arte.

Assim, no primeiro momento desta aula tentei desconstruir a ideia de “Identidade” e “Cultura”, percebendo o que os alunos já conheciam ou pensavam referente aos conceitos e aproveitar para potencializar os seus conhecimentos, através de uma aprendizagem cooperativa, em que o professor é o mediador entre os conhecimentos dos alunos. Contudo, não pude deixar de dar uma definição sobre os mesmos, para que todos os alunos tivessem acesso a um significado geral.

A arte além de ser um meio de expressão, onde tudo é válido, é também resultado de um contexto social, que a valida e a entende como arte. Perceber como os valores, religiões, tradições, influências geográficas e outros aspectos, sustentam e constroem uma determinada sociedade, civilização ou povo, obriga-nos a reflectir sobre a nossa própria sociedade e nas suas características. Para tal, foram estudadas algumas sociedades que considero importante e que se destacam na História da Arte (Paleolítico, Grécia, Egipto, Aborígenes Australianos, Celtas, Maias, Índia, China, África), sociedades com tecidos sociais bastantes complexos, em que o estado da arte é um agente que ilustra os altos níveis técnicos e eruditos, isto através da visualização de um PowerPoint. Na continuidade desta temática foi analisado um artista plástico da cultura contemporânea, Leonel Moura. Os seus trabalhos despertaram, em todos os alunos, uma particular atenção para as suas obras e para o seu método de trabalho, que mesmo sendo já bastante explorado, para estes alunos foram uma novidade e curiosidade.

Na preparação dos conteúdos a leccionar nesta unidade didáctica efectuei uma boa pesquisa na biblioteca da universidade e em alguns outros materiais que tenho de outros anos lectivos. Contudo, senti que em determinados momentos me afastava para outras temáticas, portanto considero ser fundamental termos os objectivos bem definidos daquilo que se pretende leccionar em consonância com o “Programa de Educação Visual”.

Durante o desenrolar desta aula, senti que o comportamento e participação por parte dos alunos foi bastante positiva, na medida em que houveram boas intervenções por parte dos alunos. Recordo que num caso concreto, a influência da arte num contexto social, um aluno recordou o abordado na aula anterior, um exemplo real. Na conferência de imprensa da Casa

Branca, em que foi comunicado que os Estados Unidos iriam “invadir” o Iraque, uma tapeçaria da “Guernica” que estava presente na sala de imprensa onde este ocorreu, foi mandada retirar para não trazer à memória certos infortúnios do passado.

Penso que o facto de esta ter sido uma aula observada, contribuiu para um bom comportamento e participação por parte dos alunos, mesmo esta sendo uma turma em que até é bastante fácil trabalhar. Durante a acção pedagógica, também devido ao facto de estar a ser avaliado, penso que também inicialmente fiquei um pouco mais tenso, o que me levou a falar mais rápido, e a ser sucinto em tudo o que abordei. Contudo, penso que fui claro e consegui comunicar os conteúdos, como resultado, e é de salientar, terminei a aula cerca de uns 5 a 10 minutos mais cedo que o previsto, o que também considero não ser preocupante, mas sim positivo, no sentido em que consegui alcançar todos os objectivos propostos para a aula e de uma forma cativante para os alunos.

Da ficha de trabalho desenvolvida durante a aula e do trabalho de casa, foi interessante perceber os que tinham compreendido e identificado o que é a “Identidade Cultural” e como esta se pode observar. Estes recursos são importantes não só para o professor observar e fazer uma possível avaliação, mas principalmente para o aluno consolidar os conhecimentos. De uma forma geral, e sendo esta a minha primeira aula observada, parece-me que foi bastante positiva. Tentei ser bastante simples e objectivo, tirando vantagem dos conhecimentos que estes tinham em relação às sociedades que estavam a ser estudadas, deixando-os motivados para esta experiência de aprendizagem.

“Os bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, os professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas o seu objectivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação” (Cury, 2003).

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010

Educação Visual 7ºB

Análise Crítica – Identidade Pessoal

2º Período – 19 de Janeiro



A segunda aula observada de Prática de Ensino Supervisionada, num primeiro momento, deu continuidade ao que vinha a ser desenvolvido na aula anterior, na incidência do estudo e reflexão da "Identidade Cultural". Este facto deve-se, à situação do Sr. Isidro Verdasca, artesão eborense, na data da aula anterior não ter tido disponibilidade, sendo assim, deu início a esta prática pedagógica, onde nos apresentou e falou do trabalho que desenvolve. Para tal, trouxe algumas das suas peças de artesanato feitas em cortiça, factor que suscitou entre os mesmos, um grande interesse pelo seu trabalho. Na conversa com o Sr. Isidro, tentei seguir um pequeno roteiro de questões, para que não pudesse acontecer um desvio ao tema, por outro lado, dei liberdade para que nos pudesse contar algumas das situações que lhe têm ocorrido ao longo da vida, histórias que em muito nos enriqueceram, e nos levaram à compreensão da cultura tradicional portuguesa que se manifesta nas artes tradicionais, o artesanato. Durante o diálogo com o Sr. Isidro Verdasca, uma pequena apresentação em PowerPoint com diversas imagens do seu trabalho esteve em projecção. Já num momento final, alguns dos alunos fizeram algumas perguntas pertinentes, que se prenderam com o método de trabalho utilizado, com as temáticas, e como o Sr. Isidro começou a realizar estes trabalhos. No final ficou o convite, para os alunos passarem um dia pela sua oficina de trabalho.

Seguidamente foram recolhidos os trabalhos de casa referentes à aula anterior, e realizou-se a chamada.

No seguimento do estudado sobre a temática "Identidade Cultural", pretendeu-se nesta aula atingir a compreensão da "Identidade Pessoal", e como a concepção desta, é também formada pelo meio cultural no qual estamos envolvidos. Para tal reflexão e estudo, tentei trazer alguns elementos do nosso quotidiano, objectos em que os alunos se pudessem rever e aplicar à sua realidade, isto de uma forma dinâmica e activa.

Através de um "Foco Exploratório", uma mochila com diversos objectos lá dentro, os alunos eram convidados a retirar um de cada vez, onde para cada um destes, era realizada uma reflexão sobre a temática que estava associada, com uma aplicação à individualidade de cada um dos alunos, e onde existia sempre uma pequena questão directa a ser respondida, isto numa folha de apontamentos com recurso a um esquema. A mochila era constituída pelos seguintes elementos: **didgeridoo**; embalagem de bem alimentar; fotos pessoais; modelo; Bíblia; Livro "Constituição da Republica Portuguesa trocado por (para) miúdos"; Filme "Pollock"; Capa do Traje; Garrafa de Água; Mochila; Dinheiro.

No final, foi distribuído uma ficha de trabalho, onde ficou para trabalho de casa, nesta eram concluídos alguns dos elementos artísticos, pelo qual os alunos tinham mais afinidade. Com estes elementos artísticos, e as informações obtidas referentes à identidade do aluno, pretendia-se que cada um, obtivesse uma pequena noção da sua identidade. Com esta noção de identidade, pretendia-se poder criar um projecto expressivo, que tinha a finalidade de depois o projecto ser aplicado ao molde de gesso. O objectivo é, não só criar um exercício plástico interessante onde são aplicados diferentes métodos e técnicas, mas também levar à reflexão da identidade pessoal, e como esta também recebe influências da identidade cultural na qual estamos envolvidos.

Nesta aula, ocorreu que o que tinha sido planificado apesar de não ter sido cumprido na totalidade, isto porque, numa situação de ensino por vezes é difícil, perceber os caminhos que esta aula irá tomar, caminhos que nem sempre temos de parar ou voltar para trás. Embora não tenha cumprido toda a planificação da aula, penso que foi uma aula intensa, em experiências e conhecimentos novos, onde existiu uma relação interpessoal de professor-aluno na partilha de conhecimentos e experiências pessoais, que enriquecem a nossa vida e reflexão sobre a mesma.

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Caracterização da EBI André de Resende
Agrupamento nº2 de Évora



A Escola Básica Integrada André de Resende, fica localizada na Avenida Gago Coutinho no Bairro da Sr.^a da Saúde, em Évora.

A EBI André de Resende, é a escola sede de agrupamento nº2, do qual fazem parte Jardins de Infância (St.^o António, Bairro de Santo António, Garcia de Resende, Bairro Garcia de Resende e Vendinha) e escolas básicas do 1.^o Ciclo (Rossio, Chafariz d'el Rei, Câmara, Avenida Heróis do Ultramar, Comenda, Vendinha).

Esta escola conta com diversos recursos para o seu eficaz funcionamento, Recepção, Portaria, Papelaria, Reprografia, Refeitório, Bufete, Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos (BE/CRE), Laboratórios de Ciências, Rádio, Pavilhão Desportivo, Balneários, Posto de Socorro, Sala de Associação de Pais, Sala Polivalente, Sala de Pessoal Não Docente, Gabinete de Atendimento a Alunos, Sala de E.V./E.V.T., Gabinete de Psicologia, Sala de Trabalho de Professores e Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência).

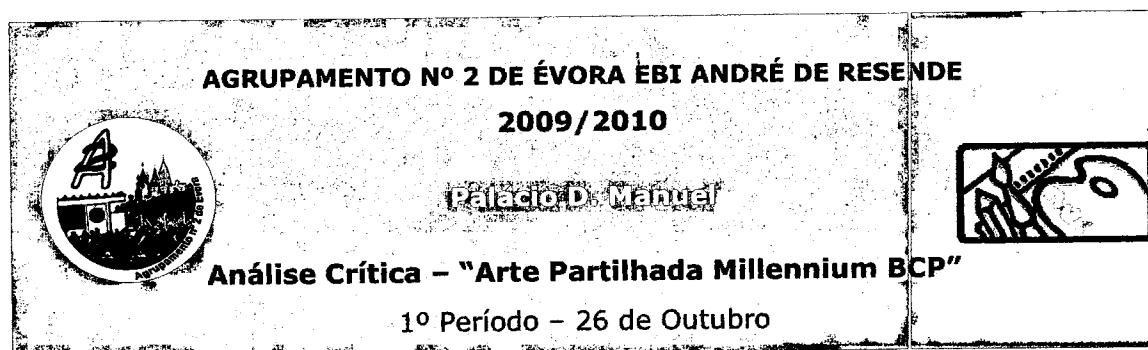
Os pavilhões encontram-se em bom estado, apenas a lamentar que algumas paredes exteriores destes edifícios por não terem as necessárias requalificações, aparentam abandono dando mesmo mau aspecto. Contudo, os interiores estão em bom estado de conservação, e têm boa iluminação. As áreas exteriores são bastante espaçosas, possibilitando aos alunos um bom espaço para convívio.

Durante o período da PES (Prática de Ensino Supervisionada) na EBI. André de Resende, trabalhamos com bastante à vontade com toda a comunidade de docentes, conselho executivo e auxiliares educativos. No início por não nos conhecerem, por vezes fomos ignorados. Mas a nossa presença diária na BE/CRE para trabalho com a nossa professora/orientadora Maria João, e as diversas actividades em que estivemos presentes e dinamizamos, contribui para que de uma forma excepcional fossemos reconhecidos e incluídos nesta comunidade, tendo mesmo sido convidados para integrar um projecto de intercâmbio internacional com a Doga College em Istambul na Turquia.

Em conjunto com a Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multifeficiência) e a professora Madalena Caçoilas e os alunos do 7^ªC, colocamos em prática alguns conhecimentos que para nós eram apenas académicos. A realização de um projecto inclusivo no Clube de Artes, com alguns alunos da Sala das Cores e do 7^ªC.

No que trata ao ensino da disciplina de Educação Visual, pode-se enunciar que as salas reúnem algumas das condições necessárias à prática do ensino. A escola também

disponibilizou alguns dos materiais necessários para executar o que tinha sido planejado às turmas em que desenvolvi PES. As salas têm o espaço necessário com boa iluminação, pena não existirem uns cavaletes ou expositores, assim como estas salas de aula serem utilizadas para aulas teóricas, o que impossibilita a realização de determinados exercícios.



No dia 26 de Outubro de 2009 ocorreu uma visita de estudo ao Palácio D. Manuel em Évora, local onde se encontrava a exposição “Arte Partilhada Millennium BCP”. Uma mostra de pintura itinerante com trabalhos de conceituados artistas portugueses. Nesta exposição estiveram presentes cerca de 40 pinturas que vão desde os anos de 1884 a 1992, abrangendo diversos movimentos como o naturalismo, modernismo, surrealismo e a arte contemporânea.

Vários artistas estiveram representados pelas suas obras, nomeadamente, Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, José Malhoa, Júlio Pomar, Nadir Afonso e Paula Rego entre muitos outros. Destes destaca-se ainda um conjunto de artistas como, Álvaro Lapa, António Palolo, António Charrua, Costa Pinheiro e Dórdio Gomes, relacionados à cidade de Évora, lugar onde nasceram.

A turma do 7ºC da E.B.I. André de Resende participou, assim, na visita de estudo a esta exposição. Saímos da escola ao início da tarde com direcção ao Palácio D. Manuel, alunos, alunos/estagiários e a Professora Maria João Machado.

Após chegarmos ao local da exposição, não pode entrar toda a turma devido à organização da exposição não ter capacidade para receber todos ao mesmo tempo, assim, esta foi dividida em dois grupos. O primeiro grupo foi acompanhado pela professora Maria João, e o segundo grupo pelos alunos/estagiários. Enquanto o primeiro grupo participou na exposição o outro esperou no jardim público com os alunos/estagiários. Por coincidência ou não, para o núcleo de estágio nº2 a desenvolver PES nesta escola, este foi o primeiro momento de contacto com alunos, na visita de estudo à exposição “Arte Partilhada Millennium BCP”.

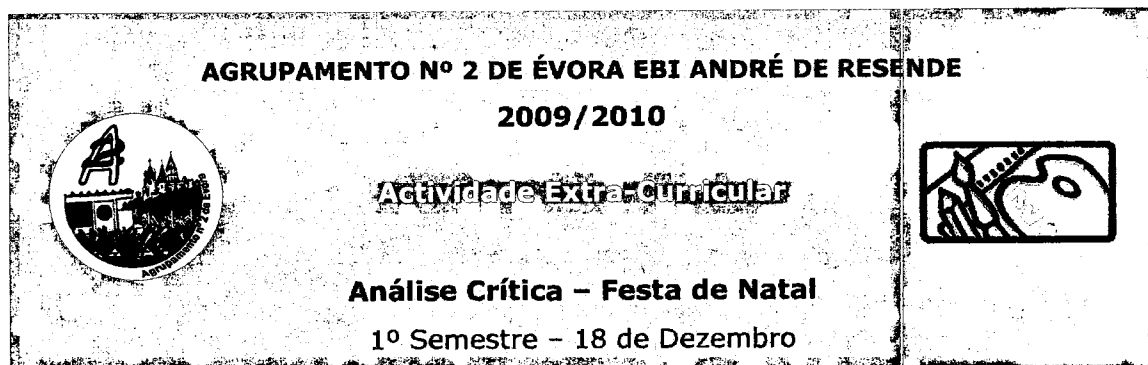
Lembro-me de tentar manter contacto com alguns alunos desta turma durante o momento de espera no jardim, foi um pouco complicado para mim, através da minha máquina fotográfica tentei uma aproximação. A pouco e pouco fomos-nos dando a conhecer, bem como os alunos os alunos. Penso que apesar de tudo, este foi um bom começo, fora do contexto formal da sala de aula.

A visita ao museu proporcionou aos alunos, uma experiência única, pois num só local estiveram representados diversos estilos artísticos, o que agradou às diferentes sensibilidades artísticas. Se uns ficaram fascinados pela pintura representativa e pelo seu detalhe, outros, ficaram fascinados com a pintura de menos representatividade. Contudo, no início da exposição existia, por parte destes alunos, um grande interesse e curiosidade, mas a sua motivação ao longo da mesma foi diminuindo. Ainda assim, em determinadas obras de

arte isso não se reflectiu, havendo uma crescente curiosidade por aquilo que iam presenciando e conhecendo. Ao longo da exposição algumas dúvidas surgiram, questões às quais a guia que nos acompanhou deu esclarecimento, isto para além de ter dado inicialmente uma pequena explicação sobre a mesma.

A visualização e estudo das matérias escolares num museu contribuíram para um maior envolvimento por parte dos alunos, o que resulta, assim, em conhecimentos mais práticos, vividos e que provocam uma maior diferença no adquirir do conhecimento e no processo de reflexão sobre a arte. No final desta visita foi oferecido a cada aluno o catálogo da exposição "À Descoberta de... uma colecção de pintura". Este catálogo de carácter lúdico que se direccionava ao público mais jovem, tem como principal objectivo, potencializar os conhecimentos obtidos durante a exposição e aprofundamento na obra e vida do artista, facto que enriqueceu, sem dúvida, o conhecimento artístico dos alunos. Também neste momento final, mais uma vez a guia que nos acompanhou incentivou a participar no concurso "À Descoberta da colecção do Millennium BCP", iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Évora em conjunto com o Millennium BCP. Dando por terminada a visita, voltamos para a escola.

Já no contexto de sala de aula e dando continuidade ao que nos foi solicitado, a participação no concurso da exposição "Arte Partilhada Millennium BCP", iniciativa que os alunos aceitaram com bastante interesse, dividimos a turma em quatro grupos de trabalho, nos quais tiveram de, democraticamente, escolher a obra a tratar. Este concurso visava a reinterpretação de uma das obras presentes na exposição, por estes alunos. Assim, após decidido qual a obra a reinterpretar, foram sugeridas diferentes formas de o fazer, situação à qual a professora Maria João Machado deu acompanhamento em conjunto, comigo e com a minha colega, alunos/estagiários. Esta foi para nós a primeira vez de contacto com a turma, agora no papel de "docentes". Não considerei a experiencia muito complicada, pelo contrário, fomos muito bem aceites pela turma e ainda, o presente exercício plástico que estavam a desenvolver era motivante para ambas as partes. Deste exercício resultaram trabalhos bastante interessantes, lamentável foi que não ganhámos nenhum prémio nem menção honrosa, pois as obras que realizamos não correspondiam a determinados aspectos que foram pedidos no regulamento do concurso, e isto porque o regulamento que nos chegou às mãos estava incompleto, faltando algumas páginas, o que foi suficiente para tal ocorrência. Contudo, este acontecimento não invalida os interessantes produtos finais que foram realizados, o que para a maioria dos alunos ficaram satisfeitos pelo que tinham criado, e isso sim, era o grande objectivo.

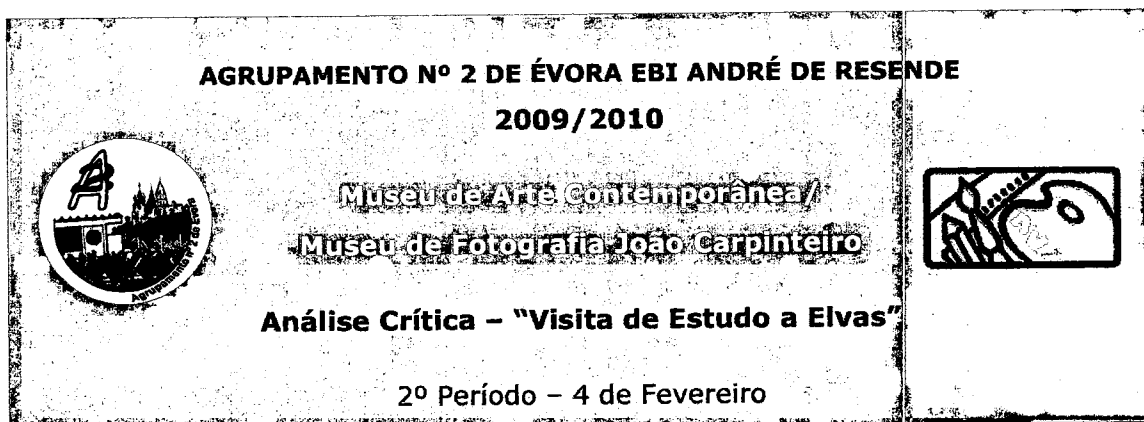


A convite e incentivo da nossa professora/orientadora Maria João, nós, o núcleo de estágio nº2, participámos nas festividades Natalícias da E.B.I. André de Resende no dia 18 de Dezembro. Numa das aulas de Educação Visual com a turma do 7ºC, incentivamos os alunos a participarem connosco na Festa de Natal, na altura apenas alguns se mostraram interessados, pois outros tinham alguma vergonha em se terem de expor em público.

Para a realização desta participação, tivemos apenas cerca de três ensaios, contudo este não foi motivo para termos uma má prestação. Em diálogo aberto com os alunos, analisámos a possibilidade de cantar diversas músicas de cariz natalício, depois fomos anulando as músicas que fossem pouco conhecidas, mais difíceis de interpretar, seleccionando uma que agradava à maioria e, todos estávamos à vontade para poder cantar. Ao grupo de alunos que tínhamos, foram se juntando outros amigos, fazendo no final um total de 18 participantes, contando com o professor de música, que nos deu uma ajuda imprescindível. Após o ensaio das músicas seleccionadas "Last Christmas" de George Michael e "Eu sei" de Sara Tavares, percebemos que iríamos precisar de música instrumental a acompanhar, para nos dar harmonia e ritmo. Fizemos na internet uma procura de um playback, que nos pudesse ajudar, mas não encontramos algo com as particularidades que precisávamos. Neste momento, e por sugestão dos alunos fomos falar com o professor de música, que não só nos acompanhou com a sua guitarra, como colocou metade dos alunos a tocar instrumentos rítmicos. Nesta loucura de ensaios e correria, um dos alunos, o David, lembrou que poderia tocar violino, não tendo tempo para ensaiar estas novas músicas e não ficando assim tão bem neste estilo musical um violino, surgiu uma nova participação "Noite Feliz", na qual tocaram três alunos da escola violino e professor tocou, violoncelo, para esta participação apenas aconteceu um ensaio, mas também estes alunos, são estudantes de música pelo conservatório, e estavam familiarizados com esta tradicional interpretação.

No dia da Festa de Natal, ainda num momento da manhã que antecedia o espectáculo, tivemos uma revisão das músicas e delineação das participações. A festa de natal, iniciou com algumas outras participações de professores e alunos, durante a sua realização e como é normal, existiu imenso barulho por parte dos alunos, situação à qual a professora que apresentava a festa, a única coisa que fazia era ainda falar mais alto num estado emocional muito alterado, impingindo silêncio e colocando em causa a continuidade desta festa, motivo que dava ainda mais galhofa por parte dos alunos. Chegando à nossa participação, com

todos nós um pouco nervosos, iniciamos a montagem dos instrumentos, enquanto isso acontecia e para que não houvessem tempo mortos, procedi à execução de algumas dinâmicas com todos os alunos que estavam a assistir, situação na qual conseguimos não só manter a ordem mas cativar o que estava a ser feito em palco, estas dinâmicas mantiveram-se ao longo das nossas participações. A nossa primeira participação iniciou com o “Last Christmas”, uma música animada, onde toda a plateia bateu palmas connosco e cantou. Neste momento, quem foi o centro da festa foram os nossos alunos, que trabalharam e tiveram de ultrapassar o receio de se exporem, não só porque muitos estiveram a tocar, mas também porque estiveram a cantar. Seguidamente, duas das nossas alunas cantaram, “Eu sei” de Sara Tavares, seguido de um instrumental tradicional da época natalícia, “Noite Feliz”, neste momento toda o público parou para ouvir a sonoridade e musicalidade destes instrumentos. Para estes alunos foi muito gratificante, verem o seu esforço reconhecido pelo número de horas que passam todos os dias a praticar no seu instrumento. Estes ensaios e apresentação com tudo o que eles implicaram, contribuíram para uma aproximação entre professores e alunos, um momento de crescimento comum e também de diversão.



A visita de estudo a Elvas, ao Museu de Arte Contemporânea e ao Museu de Fotografia João Carpinteiro, destinou-se às turmas do 7ºA, 7ºB e 7ºC. A sua organização deve-se ao núcleo de estágio nº2 e à professora/orientadora Maria João Machado.

A finalidade desta visita de estudo deve-se ao facto de esta complementar as matérias estudadas nas presentes unidades de trabalho das turmas participantes, em conjunto com uma valorização do património artístico português. A escolha do local a visitar, Elvas, prende-se ao facto desta cidade cumprir os objectivos proposto da visita de estudo. Segundo os nossos conhecimentos, este museu de arte contemporânea é um dos que mais se destaca no interior de Portugal pelo seu excelente espólio, o que até não é comum acontecer num museu do interior. Assim, contribuímos para a formação e enriquecimento cultural dos alunos sobre a história e cultura Portuguesa, uma vez que o museu que visitamos é unicamente constituído por obras de artistas portugueses.

Assim sob a orientação da professora Maria João Machado, iniciámos todos os procedimentos para a sua realização, junto da escola, directores de turma, conselho executivo, seguro escolar, orçamentos nas rodoviárias locais, e contactos com as instituições a visitar em Elvas, Turismo de Elvas e Museus.

Durante a organização desta visita de estudo ganhámos alguma experiência na organização e comunicação entre os diferentes órgãos numa escola e da sociedade em geral, competências que já vínhamos colocando em prática na organização e realização do seminário "Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola". Contudo, nem sempre as coisas acontecem como planeadas, e uma semana antes de a visita acontecer foi-nos informado pela directora de turma do 7º A, que a sua direcção de turma não iria à visita de estudo, mesmo estes já tendo pago a devida inscrição. O facto de tal ocorrência deveu-se ao comportamento menos correcto que esta turma vinha a demonstrar nos últimos tempos nas várias disciplinas. Esta situação gerou uma grande alteração, naquilo que anteriormente tínhamos programado, foi necessário falar com os museus que já estavam preparados para nos receber, e renegociar o transporte, assim como reajustar o orçamento base da visita. Com algum sucesso, tudo ficou novamente programado para cumprir os objectivos propostos. Nesta viagem de estudo participaram outros professores, além daqueles que

pertencem à organização, a Professora Zézinha de Educação Moral e Religiosa Católica e a Professora Ernestina de Educação Visual e Tecnológica.

Assim no dia 4 de Fevereiro tal como tínhamos programado às 8h15, dê-mos saída da E.B.I. André de Resende junto à "Ritinha", como os alunos lhe gostam de chamar, com direcção a Elvas. Infelizmente o dia não iniciou muito sorridente, alguma chuva nos acompanhou durante a viagem, mas com alguma vontade e equipados com o farnel, partimos com interesse em descobrir o que o dia nos reservava. Chegámos a Elvas um pouco mais cedo do que tínhamos pensado, e como tal decidimos aproveitar para tomar um pequeno-almoço, de forma a que os alunos não ficassem com fome durante a manhã. Ao sair do autocarro, visto estar a chover, não sabíamos onde nos podíamos refugiar para comer alguma coisa, fomos até um café próximo onde pedimos para nos emprestar o espaço, contudo fomos informados, que nas traseiras desta mesma rua existia um amplo espaço num centro de dia, onde provavelmente podíamos comer o que havíamos trazido. Assim, dirigimo-nos até esse local onde fomos bastante bem recebidos, pelas pessoas que ali estavam, foi engraçado verem de repente tanta gente entrar por ali a dentro e tanta agitação. Com a chuva que não parava de cair e a necessidade de também termos um local onde tomar o almoço, já que o que tinha sido planeado era impossível, nomeadamente, no jardim público, solicitámos, junto dos responsáveis, se era possível também aqui comermos o almoço, o que nos foi aconselhado a irmos até um outro local o Centro Recreativo, que ficava junto da Sé de Elvas, também ali bem próximo.

Preparados para uma manhã activa, fomos em direcção ao Museu de Arte Contemporânea, descobrindo Elvas por entre as suas ruas, chegamos ao local.

Junto à entrada do Museu, a turma do 7ºB à responsabilidade da professora Zézinha e dos estagiários Eliezer Correia e Cátia Casquinha foram em direcção ao Museu de Fotografia, enquanto a turma do 7ºC à responsabilidade da professora Maria João Machado e da professora Ernestina, ficaram no Museu da Arte Contemporânea.

À chegada do Museu de Fotografia João Carpinteiro, tínhamos o próprio João Carpinteiro a receber-nos juntamente com sua esposa, e que nos acompanhou com a guia pelo seu acervo de máquinas fotográficas. Inicialmente todos tivemos uma breve explicação da origem deste museu, onde nos foi dito que este é o único museu de fotografia em Portugal. Foi-nos também mostrado, algumas câmaras de pinhole e fotografias tiradas pelas mesmas. Este museu oferece em determinados dias da semana um workshop na técnica fotográfica de Pinhole, onde podemos ter contacto com esta técnica fotográfica e com a revelação em estúdio. Local que também nos foi mostrado, de particular interesse aos alunos que nunca tinham estado num estúdio profissional de fotografia. Aqui nos foi explicado o processo de revelação, o que deixou a todos um grande interesse em experimentar. Seguidamente, fomos guiados às seguintes salas, onde tinha diversas máquinas fotográficas e componentes necessárias às mesmas, podemos ver antigas máquinas fotográficas de estúdio e também as tradicionais máquinas de retratistas de rua, muito comuns em Portugal há alguns anos, assim como diversas máquinas fotográficas de mão.

Terminada a visita a esta exposição, João Carpinteiro e sua esposa quiseram tirar uma fotografia com todos nós, e agradeceram a nossa presença, com desejo que possamos

voltar, quem sabe para experimentar o processo da Pinhole, o que deixou a todos os alunos, satisfeitos e interessados.

Concluída a visita fomos em direcção ao Museu de Arte Contemporânea ter com a turma do 7ºC e respectivas professoras, nos dirigindo seguidamente ao Centro Recreativo, local que nos tinham aconselhado. Quando lá chegamos tivemos mais uma vez, a sorte de não haver problema em lá almoçar, sendo-nos emprestado um grande espaço onde pudemos estar à vontade. Um momento de descanso e convívio enquanto retomámos as energias, acompanhados por uma bela paisagem que a localização deste edifício nos ofereceu. Vista sobre uma grande parte da cidade de Elvas, zona amuralhada e arredores, podendo ainda ver-se ao longe, um pouco de Badajoz.

Com a pausa para almoço terminada, e com bastante tempo de sobra até ao próximo ponto do programa, decidimos antecipar o último momento do programa, a visita à Sé e ao Castelo de Elvas. Contudo, tanto a Sé como o Castelo que ficava um pouco mais distante do local em que nos encontrávamos estavam fechados, aproveitamos assim para dar um passeio junto ao castelo, local onde se encontram as muralhas que envolvem toda a parte histórica de Elvas.

Com este passeio terminado, e ainda com algum tempo suficiente começamos a descer em direcção ao nosso destino, agora, a turma do 7º B em direcção ao Museu de Arte Contemporânea e a turma do 7ºC em direcção ao Museu de Fotografia.

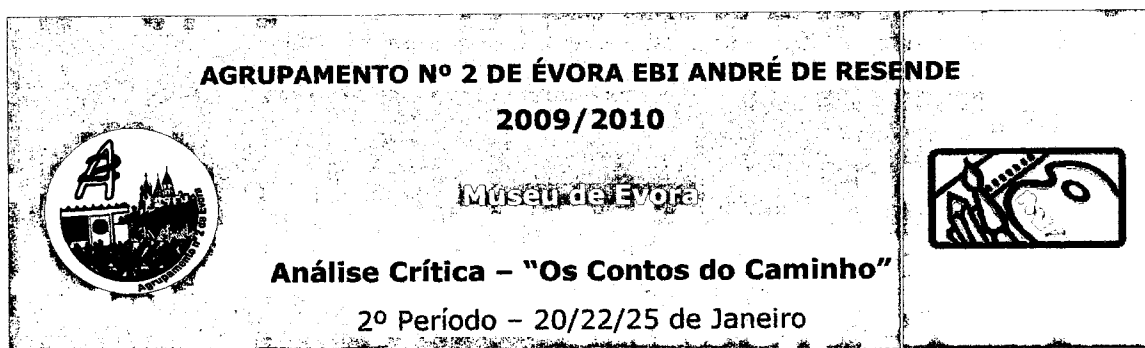
Com a nossa chegada ao Museu de Arte Contemporânea fomos direccionados a uma sala, onde uma assistente nos propôs a seguinte actividade. Em primeiro lugar foram definidos grupos de trabalho com três membros, a estes grupos foram solicitados que escolhessem uma temática que abordasse uma problemática actual. Seguidamente foram distribuídos a cada grupo um envelope com um objecto (pião, linha, prego, rolha, relógio, missangas, lâmpadas, etc.). A actividade consistia assim em encontrar ligações entre a problemática e o objecto com uma das obras de arte, para tal tornava-se agora necessária ir à procura da obra de arte que melhor poderia estar relacionado com esta problemática e com este objecto. Assim, em conjunto com a assistente do museu partimos à descoberta da exposição, sendo que a assistente tratou de dar em cada obra uma introdução ao artista e à compreensão da obra de arte. É de salientar que alguns dos artistas com as suas obras aqui presentes já tinham sido tratados na turma do 7ºC, facto ao qual os alunos não ficaram indiferentes.

Ao longo da visita à exposição, a actividade proporcionou aos alunos uma maior concentração na busca e compreensão da mesma, pois todos tinham o objectivo de encontrar uma obra de arte que estivesse relacionado a problemática e ao objecto. Com a visita terminada e a obra de arte seleccionada pelos alunos, voltámos à sala inicial. Aqui, os grupos escreveram um pequeno texto onde deram uma breve explicação da ligação que existia entre estes três elementos (obra de arte, temática e objecto). Com o texto terminado, cada grupo explicou a razão pela qual tinha escolhido determinada obra de arte, e sua ligação com o objecto e a problemática. Neste momento algumas dificuldades existiram, não só pelo facto da relação que devia existir entre estes elementos envolver um

certo raciocínio e compreensão, mas também pela seriedade que muitas destas problemáticas levantam, e algumas possivelmente bem próximas a estes alunos.

Penso que para estes alunos a visita à exposição do Museu de Arte Contemporânea foi melhor conseguida, do que a visita ao Museu de Fotografia. Inclusive alguns dos alunos da turma que acompanhámos tiveram um péssimo comportamento no Museu de Fotografia, para muitos deles, todas aquelas máquinas fotográficas não têm interesse para si actualmente na sua fase de desenvolvimento (adolescência), por isso ignoram ou colocam de parte, e dizem que é "aborrecido", nem se esforçam para perceber se aqui não existirá também algo interessante a aprender, penso que também o facto de este museu ter umas salas pequenas originou uma conduta menos incorrecta, ainda assim um grande grupo principalmente constituído maioritariamente por raparigas, prestou atenção à visita guiada. Já no Museu de Arte Contemporânea a totalidade da turma mostrou um grande interesse e mesmo admiração por grande parte das obras que aqui se encontravam, penso que o jogo de escalas, materiais e temáticas presentes, influenciaram positivamente este público jovem a aderir e se envolver na exposição.

Com o fim do dia a chegar e ainda com algum tempo de sobra, as respectivas turmas e professores, nos dirigimos ainda até à Sé de Évora, onde para a visitarmos, nós próprios tivemos de organizar grupos de 4 alunos, para que em grandes grupos estas turmas não pudessem arranjar alguma situação, ou segundo os padrões da mesma, desrespeitar o espaço. Assim, com a visita à Sé concluída mas ainda a chover, acabámos por lanchar mesmo nas escadas da Sé, local resguardado da chuva. Com a hora marcada para o regresso a chegar, nos dirigimos até ao ponto de encontro com o motorista, junto à antiga Rodoviária de Elvas, para dar partida ao nosso regresso a Évora. Durante a viagem, e como ainda é tradicional se fazer, cantamos algumas músicas no autocarro e alguns alunos cantaram a solo, assim, como alguns contaram algumas anedotas no microfone do autocarro, enquanto isso acontecia, eram também feitas algumas questões a estes alunos, relativamente à visita de estudo. A viagem passou a correr, e todos chegámos bem-dispostos a Évora, apesar de todos estarmos também bastante cansados, mas isso, porque tivemos um dia repleto emoções e novos conhecimentos.



O Museu de Évora e a Biblioteca Pública de Évora, em conjunto com a XACOBEO GALICIA 2010 realizaram o workshop "Os Contos do Caminho".

Nesta iniciativa participaram várias turmas da E.B.I. André de Resende, em particular 3 turmas do 7ºano que foram acompanhadas pelos alunos/estagiários do núcleo de estágio nº2 sob a supervisão da professora/orientadora Maria João Machado. A realização desta iniciativa teve lugar no Museu de Évora, local até onde se dirigiram as turmas do 7ºA no dia 20 de Janeiro de 2010, o 7ºB no dia 22 de Janeiro e a turma do 7ºC no dia 25.

Em cada dinamização que se desenvolveu, existiu uma pequena definição da mesma. Esta iniciativa, "Os Contos do Caminho", é uma actividade que consiste em fomentar entre o público infantil, famílias e comunidade docente, o conhecimento do Caminho de Santiago e as suas várias rotas como um itinerário cultural de encontro e intercâmbio entre diferentes culturas.

Esta acção realizou-se em cerca de cinco cidades europeias por onde passa O Caminho de Santiago. Nestas cidades aconteceram diferentes actividades artísticas dentro desta mesma temática, concretamente, que visa diversos objectivos comuns, entre eles a realização de uma exposição dos trabalhos em Junho de 2010, ano Jubilar.

Num momento inicial, a ilustradora e artista Galega Itziar Ezquieta mostrou aos alunos diversas obras de arte dos Museus por onde passa o Caminho de Santiago, inclusive do nosso museu local. Obras estas que tinham algo em comum, nomeadamente, o auto-retrato de diversos artistas que se expressavam de diferentes formas. Assim, a dinamizadora deste workshop, propunha aos alunos que fizessem a sua representação inicialmente numa folha de esboço para em seguida pudessem passa-lo para uma pintura em azulejo. A escolha da técnica de azulejo por esta artista deve-se, principalmente, ao facto de, Portugal ser um dos países com maior espólio nesta área, técnica que nos define culturalmente. Assim para além de termos a representação destes alunos nestas obras de arte, temos uma técnica artística representativa da cultura Portuguesa.

Uma grande parte dos alunos iniciou esta actividade sem nenhuma dificuldade. Contudo, outros demonstraram algumas dificuldades, para ultrapassar o facto, iam sendo projectados alguns exemplos de auto-retratos presentes nos museus, e tanto professores como dinamizadores prestaram apoio ao grupo no desenvolvimento desta acção.

Na continuidade deste workshop algumas mudanças tomaram lugar. Quando os alunos passaram o esboço para o azulejo, em geral o desenho que tinham projectado sofreu

alterações. O domínio desta técnica não era para a maioria, um domínio comum, apenas alguns tinham tido já alguma experiência neste âmbito, sendo esta para a maioria a primeira vez que experimentaram esta técnica, e, a meu ver, este facto é de elogiar. Assim, surgiram trabalhos muito mais soltos e de maior potencial criativo, do que inicialmente tinham sido pensados. O pincel tendo sido trocado pelo lápis, criou nos alunos uma capacidade de resolução do problema do traço/linha e manipulação das cores, fazendo surgir sobre o azulejo novos produtos finais inesperados.

O local de realização deste workshop aconteceu numa sala de pequenas dimensões do Museu de Évora, o que penso que foi limitativo. Os alunos tinham falta de espaço de trabalho, o que se veio a reflectir sobre o comportamento da maioria. Para além do facto de duas das mesas de trabalho serem demasiado baixas, o que trazia um certo desconforto aos alunos, contudo, estas eram grandes, e até estavam equipadas com todo o material necessário (lápis, lápis de cor, canetas de feltro, pincéis, tintas, borracha e panos velho, etc.), o que era razoável. Penso que este método de trabalho com três grandes grupos resultou, pois pudemos perceber que os alunos trabalharam muito uns com os outros. Era constante a estimulação e troca de ideias entre eles e também por isso, a resolução desta actividade deu-se num curto espaço de tempo. Assim, pode-se concluir que estas actividades criativas fomentam uma interacção grupal entre a turma, e ainda um sentimento de coesão, em que a partilha de ideias de uns pode ajudar nas dificuldades de outros, ou ainda inspirar alguns mais retraídos. No final deste workshop a maioria dos alunos ficou satisfeita com os seus trabalhos realizados e com a experiência da pintura em azulejo, voltamos assim todos para a Escola, com uma nova perspectiva de trabalho.

O Sentir dos Sentidos

Necessidades Educativas Especiais

2009/2010

*"Eu gosto muito desta escola porque não rejeita
nenhuma criança diferente.
Eu acho certíssimo e muito justo!
Eu apoio a escola nesta atitude."*

Leitão, citando um Aluno

1. Fundamentação

Cooperação e Inclusão

A aprendizagem cooperativa é uma estratégia de ensino centrada no aluno e no trabalho colaborativo em pequenos grupos. Grupos que se organizam na base das diferenças dos seus membros e que recorre a uma diversidade de actividades, formas e contextos sociais de aprendizagem, para ajudar os alunos a, activa e solidamente, critica e reflexivamente, construir e aprofundarem a sua própria compreensão do mundo em que vivem. Neste sentido, todo este processo educativo tem como enfoque e preocupação - a inclusão -, de forma, a contribuir para uma actividade de construção do indivíduo no contexto em que se insere, desenvolvendo, ainda, competências e conhecimentos que lhe permitam compreender o papel que o mesmo tem na sociedade e de forma a melhor depreender a construção da sua identidade.

Considerando a população escolar que cresce cada vez mais de forma heterogénea e tendo em conta o aumento significativo de estudos realizados no âmbito da aprendizagem cooperativa, é surpreendente o número de professores que nos dias de hoje continuam a utilizar práticas de ensino ultrapassadas de carácter individualista e competitivo, continuando as nossas escolas, conseqüentemente, a ser dominadas por esta cultura essencialmente competitiva e individualista.

Colocar alunos em contextos separados de aprendizagem, na base do apoio assegurado somente por professores de educação especial, é quase como que negar a esses alunos a oportunidade de poderem interagir com os colegas e nesse contexto desenvolverem competências pedagógicas e sociais que só estes momentos proporcionam.

Esta marginalização e afastamento dos alunos, justificada pelas suas incapacidades, limitações ou menores competências, acentua o cariz de dualidade dentro do sistema educativo, que distancia evidentemente, o *sistema de educação regular* do *sistema de educação especial*.

Desta forma, torna-se urgente reduzir as discrepâncias e contradições, entre as práticas e políticas organizacionais de carácter individual e competitivo, que muito dificilmente respondem com sucesso e qualidade às exigências de uma escola para todos, enfatizando e criando formas de organização escolar onde predomine a cooperação entre professores e alunos (do sistema de educação regular e de educação especial), prevalecendo o espírito de reciprocidade das relações de ajuda e apoio, que assegurem uma participação activa de todos os alunos na construção dos seus próprios saberes.

A inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais na escola regular, seja qual for a razão dessas necessidades, é um processo altamente complexo. Múltiplas barreiras se podem colocar à aprendizagem e participação destes alunos. A construção de um clima afectivo positivo nas interações entre alunos, face à crescente heterogeneidade da população escolar, exige cuidados e condições próprias, uma atenção especial à ocorrência de mecanismos de rejeição e discriminação, de preconceitos sociais e culturais, que de

alguma forma, limitem uma mais plena participação dos alunos nas actividades escolares, e uma forma de combater todos estes aspectos fundamenta-se na aprendizagem cooperativa. Segundo, Leitão (2006), investigadores como D. e R. Johnson, Slavin, Kagan e muitos outros, concluíram que a aprendizagem cooperativa promove o desempenho académico e a integração social dos alunos com deficiência. Assim sendo, os mesmos consideram que a aprendizagem cooperativa é uma estratégia que promove e facilita a inclusão de alunos com deficiência.

Arte na Educação Escolar

Existem diferentes teorias de que a arte pode contribuir para o desenvolvimento estético e crítico dos alunos, nomeadamente, no que diz respeito aos seus processos de produção e apreciação artísticas. São teorias que incorporam o relacionamento com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte, mas sem a exigência de se atingir uma verdade única. O próprio conceito de arte tem sido alvo de variadíssimas interpretações ao longo da história: "arte como técnica, materiais artísticos, lazer, processo intuitivo, libertação de impulsos reprimidos, expressão, linguagem, comunicação..."

Para Fusari e Ferraz (1991) a concepção de arte que pode auxiliar na fundamentação de uma proposta de ensino e aprendizagem artística e estética, é a que aponta para *uma "articulação do fazer, do representar e do exprimir"*.

Para Cassirer, citado por Novaes (1972), "a arte deve ser percebida não como mera reprodução de uma realidade acabada, mas como o encontro da realidade descoberta, que é comunicada de uma forma simbólica. A arte tornou-se numa maneira de o homem se relacionar com o mundo, de descobrir novas formas de expressão, de criar linguagens adequadas ao próprio sentido da comunicação que pretende atingir, de satisfazer o potencial que tem de criar, obtendo a sua actualização como pessoa e contribuindo para a transformação da realidade".

Isto é, a arte tornou-se imprescindível na representação do mundo cultural e seu respectivo significado, é fruto da imaginação e da interpretação, é ainda, expressão de sentimentos e de energia interna, em suma, é conhecimento do mundo.

Desta forma, pode afirmar-se que a arte possui uma função indispensável na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos factores essenciais à humanização. A arte constitui, portanto, uma manifestação da actividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhece-lo.

Arquimedes Santos (1989), afirma existirem várias respostas para a fundamentação e aplicação das artes no ensino, nomeadamente, "o desenvolvimento harmonioso do ser humano, que procura criar um equilíbrio entre as funções vitais e psíquicas no que respeita ao desenvolvimento da personalidade; no apuramento da sensibilidade e da afectividade, sabendo-se que as actividades artísticas e expressivas têm a primazia neste campo específico; no aproveitamento em outras disciplinas escolares, permitindo a intensificação e o alargamento do cognitivo; no equipamento experimental para uma vivência artística, que

tem como propósito o despertar do potencial artístico de cada um e o enriquecimento expressivo na formação artística, salientando a benéfico nas vivências das expressões artísticas na escola, para um maior enriquecimento pessoal como artista”.

Deste modo, tal como Francine Besth, citado por Ferraz e Fusari (1991), referiu “...mais do que qualquer outra actividade de despertar, a educação artística faz intervir a totalidade da pessoa: inteligência, sensibilidade, afectividade, são integradas no acto de criação ou no acto de contemplação”.

Rematando, todos estes elementos mobilizadores da arte devem manter-se constantemente presentes como um saber a ser apreendido pelos estudantes ao longo do processo escolar.

Actividades Artísticas e os Alunos com NEE

No que diz respeito a indivíduos com NEE, Ayala (2003) afirma que a arte ou a prática de actividades artísticas permitem-lhes não só exprimir os seus sentimentos, como comunicar com os demais, propiciando, ainda, momentos em que se dão conta das suas capacidades, adquirindo uma maior confiança em si mesmos e desenvolvendo as suas personalidades.

Além do que já foi referido, as actividades artísticas são também, um suporte ou um modo de sensibilizar a opinião pública, uma forma de transmitir uma imagem positiva destas crianças com limitações. Por exemplo, ver uma exposição de pintura, assistir a uma peça de teatro realizada por estes alunos, é uma forma de demonstrar as suas capacidades.

Favorecer a criatividade através das actividades artísticas, significa fomentar o desenvolvimento humano. Não podemos reprimir pessoas com incapacidades ou com algumas limitações de desfrutarem da nossa cultura, da literatura, da música e da arte.

“A discapacidade está nos outros, que não sabem valorizar a verdadeira capacidade”, Ayala (2003). Então, cabe a nós, professores/educadores proporcionar a esses alunos situações necessárias para este desenvolvimento humano, não podemos ser profissionais fechados a esta condição.

Kellog (citada por Ayala, 2003) destaca que o professor/educador deve dar prioridade a actividades criativas que desenvolvam a criatividade em detrimento da execução técnica. Para a autora, o professor/educador deve potenciar a própria sensibilidade para captar os valores que este envolvimento pode oferecer, tais como, a harmonia, beleza, bondade, etc. Deve igualmente, criar um ambiente de empatia, deve colocar-se na situação em que estes alunos se encontram e deve desenvolver a sua capacidade de compreensão e conhecimento das necessidades dos seus alunos, assim como, o nível das experiências que estes possuem. Concluindo, não existem respostas para todas as perguntas, mas sim soluções que se devem usar e aplicar para um maior desenvolvimento dos alunos e das suas capacidades criadoras.

Os Cinco Sentidos

Observamos o mundo através dos nossos múltiplos sentidos, ou modalidades de sensação. Segundo Mueller (1966) por vezes aludimos aos nossos sentidos como as nossas “avenidas para o mundo”, pois o único processo de que dispomos para responder ao mundo exterior, é através da base da informação recebida e manobrada pelos nossos sistemas sensoriais. Este facto colocou a Psicologia Sensorial num lugar único da história da ciência, pois a partir deste momento, o homem iniciou a formulação de leis sobre os eventos físicos que ele podia observar, surgiu a preocupação e o estudo do que acontece no nosso mundo.

Imaginemos uma artista cantando: se fecharmos os olhos, a canção continua mas já não podemos dizer se a cantora é loura ou morena; se a visão era mais agradável do que a audição, podendo reabrir os olhos e tapar os ouvidos com os dedos. Na maioria dos casos, é fácil separar os canais sensoriais da visão e da audição, ainda assim, alguns dos outros sentidos não são assim tão fáceis de separar. Por exemplo, o paladar e o olfacto estão intimamente ligados, pelo que, obstruir as narinas ou estar constipado resulta em perdas de paladar.

Para cada um dos sentidos, possuímos órgãos sensoriais especializados que processam a actividade fisiológica, graças a uma classe de energia física ou estímulo. Esta acção resultante ou reacção, permite detectar ou discriminar a presença ou ausência dessa energia física que produz a correspondente experiência. Assim, embora possamos dizer que o Sol está bastante intenso pela forma como bate na pele dos nossos ombros, graças ao calor que sentimos, o olho é imensamente mais sensível à presença ou ausência da energia luminosa do que qualquer parte do corpo, e só a reacção do olho produz a experiência de luminosidade ou escuridão. Porém, podemos dizer muito mais do nosso mundo para além de se encontrar iluminado ou escuro, ruidoso ou silencioso.

Dentro de cada sentido existe um conjunto de órgãos sensoriais que podem fazer inúmeras observações diferentes. Por exemplo, as diferenças entre qualidade e quantidade parecem repetir-se em várias combinações nos objectos que observamos à nossa volta – qualidades como “azul”, “vermelho”, “frio”, “duro”, etc. Perceber que a energia luminosa é o estímulo físico para a observação de “luz” contra o “escuro”, e que o olho é o órgão sensorial receptivo, é importante para a compreensão da função de cada órgão sensorial, ainda assim, é fácil a sua compreensão. Mas descobrir os estímulos físicos e o equipamento anatómico responsáveis pelas diversas observações que podemos fazer dentro de cada modalidade de sensação, é algo que apresenta problemas muito mais provocantes e fundamentais.

Visão

O olho humano é uma das inúmeras estruturas mais complexas de todo o corpo humano. As camadas neurais do olho humano, são um prolongamento do cérebro, estas possuem uma complexa estrutura que irá transmitir até às diversas partes do cérebro.

A luz entra no olho pela *córnea*, atravessa uma matéria viscosa denominada *humor aquoso*, depois cruza a *pupila*, uma abertura formada pelas estruturas musculares chamadas *íris*. A luz prossegue do *crystalino* para o chamado *humor vítreo*, e finalmente atinge diversas

camadas de tecido, colectivamente designadas a *retina*. Estas camadas retinianas contêm células sensoriais para a visão e um elaborado sistema de tecido nervoso que inclui as *células ganglionares*, cujos *axónicos* compõem as fibras do *nervo óptico* e da faixa óptica.

Audição

O sistema auditivo é dividido em três partes: o ouvido externo, o ouvido médio e o ouvido interno. A membrana do tímpano (ou tambor) separa o ouvido externo do médio, a janela oval na base do estribo separa o ouvido médio do interno. Os tipos de estímulos que associamos com o ouvido incluem sons tais como a fala, as notas musicais e os ruídos. Esses sons produzem alterações relativamente rápidas na pressão de ar e muitas das mudanças de pressão que ouvimos, quando analisadas em detalhe, têm um carácter oscilatório. Estas mudanças de pressão, resultam de quando articulamos um som de vogal, como *a* ou *i*, ou quando tocamos um dó num clarinete ou num violino, são cíclicas. A intensidade de tais sons resulta da natureza oscilatória ou repetente das mudanças de pressão. Estamos assim aptos a identificar que um dó no clarinete ou no violino tem a mesma intensidade sonora, porém, que provém de diferentes instrumentos musicais. O estudo do desenvolvimento da nossa percepção auditiva permanece relativamente desfalcado de informações, quando comparado ao conhecimento adquirido a respeito do desenvolvimento da percepção visual.

Um pesquisador ao apresentar um som, ora do lado direito, ora do lado esquerdo, a um recém-nascido, observou para que lado este voltava a cabeça, concluindo, então, que nunca se voltou para o lado "errado", orientando-se para a fonte sonora com bastante exactidão.

Paladar

Para a Psicologia Sensorial uma das suas maiores preocupações, continua a ser descobrir uma apropriada linguagem descritiva. E em parte alguma, esse problema parece ser mais evidente do que no paladar e no olfacto. Para estes sentidos, os estímulos são moléculas complexas, e o estudo deste processo em que as moléculas afectam as células sensoriais nos leva para áreas da Química, Física e Biologia. Infelizmente, aquilo a que nos referimos como o paladar no nosso quotidiano, é de verdade um misto de várias modalidades. Quando falamos do gosto do café ou da banana, estamos realmente incluindo o cheiro e o tacto, além do paladar. Inúmeras substâncias que consideramos como tendo gostos caracterizadamente distintos, como café e limão, seriam difíceis de discriminar sem os seus aromas associados. Em virtude dessa interacção bastante comum, é importante, no trabalho experimental sobre cada uma das modalidades, controlar as possibilidades de confusão.

A primeira fase do nosso sistema sensorial para o paladar, consiste num conjunto de células denominadas *papilos gustativas*. Cada *papilo* é um cacho de duas a doze células separadas, constituído por diversas fibras sensoriais que transmitem informações ao cérebro.

Olfacto

A região sensível à recepção dos estímulos é uma área de várias centenas de milímetros quadrados situada nas superfícies superiores da cavidade nasal. Esta área contém células

sensoriais densamente agrupadas, num número aproximado de 100.000 por milímetro quadrado. Como a superfície cobre várias centenas de milímetros quadrados, o número total de células olfactivas no homem é, talvez, da ordem dos dez milhões de células. Foi calculado que o coelho conta, aproximadamente, 100 milhões de células sensoriais olfactivas.

Uma das características dos estímulos olfactivos, são as substâncias voláteis que surgem no estado gasoso. Quando um material odoroso, como um perfume, é aplicado directamente no seu estado líquido, nas áreas sensíveis do nariz, o odor é difícil de ser detectado. Foi calculado que somos sensíveis a milhares de materiais vaporosos, sendo muitos deles complexos compostos orgânicos. O desenvolvimento da percepção olfactiva e gustativa é pouco conhecido. Sabe-se que recém-nascidos têm a capacidade de localizar a fonte de odores agradáveis e desagradáveis, uma vez que se voltam para os primeiros e tentam desviar-se dos segundos. Isto demonstra que ao nascer, o bebé já vem equipado com capacidades perceptivas relativamente bem desenvolvidas e que, certamente, desempenham um papel importante na sua sobrevivência.

Tacto

Quando um objecto faz pressão contra a pele com intensidade suficiente, dizemos que o sentimos, e esta experiência é bastante diferente dos demais sentidos. As categorias de estímulos a que a pele reage são inúmeras, as coisas podem parecer ásperas ou macias, quentes ou frias, vibratória ou estáveis.

Segundo Alpern (1920), um sistema importante que fornece informações a respeito da orientação e dos movimentos do corpo é o tacto e a cinestesia. Os estímulos tácteis são aqueles que deformam a pele ou movem os fios de cabelo que ela contém. Estímulos cinestésicos deslocam ou deformam o tecido subjacente à pele: o tecido conjuntivo, ossos, tendões, e as cápsulas das juntas. O termo *cinestesia*, deriva de um termo grego que significa movimento, indica o relacionamento deste sistema sensorial com mudanças no comprimento dos músculos. Consideramos o tacto e a cinestesia ao mesmo tempo, pois muitas vezes a relação deles com o comportamento é muito semelhante, e os impulsos nervosos vindos de ambos os conjuntos de receptores seguem caminhos aproximadamente iguais.

Mesmo nos tempos que decorrem, são poucos os conhecimentos dos efeitos na privação de estimulação táctil, Tiedemann (1985). De entre os vários trabalhos dedicados ao assunto, um estudo relata que um chimpanzé, que durante dois anos e meio não teve estimulação táctil normal, não aprendeu a discriminar um toque da mão direita, de um toque da mão esquerda.

Um animal sem estas restrições executaria tal tarefa facilmente. Sabe-se no entanto que, nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, quase todas as crianças com menos de um ano de vida, encaminhadas para orfanatos morriam, de uma doença conhecida como "marasmo", que tem como causa a falta de manipulação, de estimulação táctil, como carícias e contacto físico, e estimulação cinestésica, resultante do embalo e do carregar no colo. A carência deste tipo de estimulação produz modificações consideráveis nas células nervosas, glândulas e músculos.

A Arte e os Cinco Sentidos

Segundo Polster (1973), a psicoterapia pode ajudar a preencher a lacuna entre as experiências sensoriais básicas da pessoa e as experiências superiores derivadas das sensações. Actualmente a identificação dessas sensações básicas tornou-se cada vez mais difícil devido às complexidades da nossa sociedade.

Rhyné (1973) nas suas sessões de psicoterapia conduzia “experiências terapêuticamente orientadas”, em que os pacientes trabalhavam com materiais artísticos para criar formas de arte “como um meio de se tornarem conscientes de si próprios” e daquilo que os envolvia.

Aplicar os sentidos na arte, é trabalhar para a realização do máximo de oportunidades para a criação e apreciação da arte, assim como, tornar a arte e a cultura acessível a todos os cidadãos. “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.” (Declaração Universal dos Direitos do Homem - Artigo 27).

2. Definição do Projecto – Clube de Artes

Na primeira reunião com a professora de educação especial, Madalena Caçoilas, sobre a realização do Clube de Artes, foi-nos dado a conhecer diversos projectos anteriormente desenvolvidos. No meio de tantos, surgiu um que nos despertou algum interesse, nomeadamente, o projecto Escola Alerta – acessibilidades a todos!, que vai de encontro a alguns aspectos que consideramos importantes a desenvolver. “Informar e sensibilizar a opinião pública a favor da não discriminação das pessoas com deficiência ou incapacidade, bem como combater as barreiras arquitectónicas e comportamentais que criam obstáculos à sua integração e participação”, são alguns deles.

Criámos, assim, um pequeno projecto de inclusão, através da utilização da aprendizagem cooperativa, revelando espírito de reciprocidade das relações de ajuda e apoio e onde todos contribuimos para a construção de uma educação pela Arte – professores, alunos, auxiliares da Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência) e do ensino regular.

Pretendemos com este projecto, além de uma construção de identidade e de saberes, sensibilizar a opinião pública, através da participação activa na comunidade escolar, de forma a que os alunos compreendam o papel que exercem dentro da sociedade. Para que tal acontecesse, foram construídas no âmbito do Clube de Artes, peças sensoriais, isto é, peças que tinham como objectivo estimular os sentidos através da utilização de diversos materiais que despertassem os mesmos. Tudo isto, não esquecendo o lado criativo e artístico como fio condutor de sucesso para os objectivos propostos. Estas peças construídas no contexto do Clube, além, de terem como propósito a dinamização de uma actividade na comunidade escolar – “O Sentir dos Sentidos”, serão ainda, expostas na extensão do seminário “Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola”, que se realizará no dia 17 de Março, na Direcção Regional de Educação do Alentejo de Évora.

3. Objectivos e Aprendizagens relevantes

- Desenvolver a aprendizagem cooperativa entre alunos, professores e auxiliares;
- Desenvolver do espírito de inter-ajuda, solidariedade e partilha de conhecimentos;
 - Entender os cinco sentidos e consciencializar para a ausência dos mesmos;
 - Desenvolver a responsabilidade individual e colectiva na construção de uma actividade para e com a comunidade escolar;
 - Desenvolver uma mentalidade crítica em relação à sociedade que reprime e oprime pessoas consideradas limitadas a favor da inclusão das mesmas;
 - Desenvolver competências artísticas e expressivas;
 - Desenvolver a percepção sensorial.

4. Definição das actividades plásticas

Peça tridimensional sensorial: Esta peça foi desenvolvida durante três sessões de 90 minutos, com o objectivo da mesma ser utilizada na dinamização de uma actividade durante a semana dos “Direitos da Criança”, especificamente no dia 19 de Novembro, no polivalente da escola. Esta actividade teve como objectivo primordial, contribuir para as boas práticas da Educação Inclusiva. Durante o desenrolar de toda a performance pretendeu-se que os alunos usufríssem de um jogo lúdico, através da percepção táctil de diferentes texturas e materiais, isto, na procura de diferentes objectos, a fim de que sejam facultados momentos de reflexão sobre o que é ser cego, e consequentemente, o que são as barreiras ultrapassadas por estas pessoas no dia-a-dia.

Esta peça foi construída a partir da reutilização de uma escultura em ferro, que nos foi oferecida por um colega de curso, para este propósito. Esta foi revestida com diversos materiais, de forma a obtermos diversas texturas, alguns propostos e recolhidos pelos alunos.

Propostas de logótipo: Esta actividade foi realizada durante três sessões de 90 minutos. Pretendeu-se a elaboração de várias propostas de logótipo para este pequeno projecto inclusivo “O Sentir dos Sentidos”, nome sugerido por uma das alunas durante uma conversa sobre o mesmo.

Para tal foram recolhidas imagens dos cinco sentidos, retiradas de revistas e jornais, com a finalidade de se construírem composições através da colagem. Durante a edição das imagens em suporte digital, realizadas posteriormente pela professora/orientadora Maria João Machado, que esteve sempre a apoiar-nos no Clube de Artes, surgiu a ideia de estas composições serem todas elas utilizadas, mas agora com outro fim. Ou seja, adaptámos estas composições para a realização de pin’s, que serão vendidos durante o seminário “Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola”, de forma a angariar fundos para materiais necessários à Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à multideficiência).

Cartões de Natal: Os cartões de natal foram feitos numa sessão de 90 minutos, através da técnica do marmoreado. O resultado desta técnica foi depois revestido a cartolina, com janelas em forma de elementos natalícios. Estes cartões foram distribuídos pelos alunos aos

vários elementos da comunidade escolar (secretaria, bar, refeitório, telefonista, biblioteca, etc.), contendo uma frase alusiva à época.

Conjunto de peças bidimensionais sensoriais: Este conjunto de peças foi realizado durante cinco sessões de 90 minutos. Para esta actividade foram seleccionadas três obras de arte, referentes a diferentes movimentos artísticos: Pop Art (Marilyn Monroe – Andy Warhol), Expressionismo (O Grito – Edvard Munch) e finalmente, o Abstraccionismo (Composition with red, yellow, blue and black – Piet Mondrian). Estas peças foram concebidas com materiais também, sugeridos pelos alunos, e foram utilizadas numa outra actividade lúdica, durante a inauguração da exposição do seminário “Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola”.

Durante o desenrolar de toda a dinâmica solicitou-se aos participantes que fruissem de um jogo de memorização, através da percepção táctil e comparativa, isto é, ambicionou-se o descobrir, num conjunto de quatro obras de arte referentes a cada movimento artístico, a obra de arte correcta.

5. Materiais e Recursos

Algodão, lã, tecidos, rede esponjosa, esponja, linha, agulha, corda, esfregões, serapilheira, ferro, arame, fita plástica, caricas, sacos de plástico, madeira, placas de mdf, massas comestíveis, cola, tinta esmalte aquoso, tinta tempera, tinta guache, pincéis, areia, grãos de café, pasta de papel, papel sifon, tesoura, x-acto, lápis, borracha, giz, projector de multimédia, diversos recipientes, panos, varinha mágica, PC, aventais.

6. Tempo

O Clube de Artes realizou-se uma vez por semana, nomeadamente, às sextas-feiras, ao fim do dia, das 15h30 às 17h00. Este desenvolveu-se num total de doze sessões semanais e uma actividade extra-curricular na semana dos “Direitos das Crianças”, no dia 19 de Novembro.

7. Referências bibliográficas

- Alpern, Mathew; Lawrence, Merle; Wolsk, David (1971). Processos Sensoriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Ayala, Adoración Sánchez (2003). Dibujo y Síndrome de Down. Un medio creativo de desarrollo. Madrid: Escuela Libre Editorial.
- Fusari, Maria F. de Rezende e; Ferraz, Maria Heloisa C. de T. (1991) Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez Editora.
- Leitão, Francisco (2006). Aprendizagem Cooperativa e Inclusão. Lisboa: Ramos Leitão.
- Mueller, Conrad G. (1966). Psicologia Sensorial. Coleção Curso de Psicologia Moderna. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Novaes, Maria Helena (1972). *Psicologia da Criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, Lda.
- Polster, E. (1973). *Funcionamento Sensorial em Psicoterapia*. In Fagan, J & Shepherd, I. (org.). *Gestal-Terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Rhyne, J. (1973). *A experiência de Arte-Gestalt*. In Fagan, J & Shepherd, I. (org.). *Gestal-Terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Rief, Sandra F.; Heimburge, Julie A. (2000). *Como Ensinar Todos os Alunos na Sala de Aula Inclusiva, II volume*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora, Lda.
- Santos, Arquimedes (1989). *Mediações artístico-pedagógicas*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Tiedemann, Simões (1985). *Psicologia da Percepção II*. In Rappaport, Clara Regina (Cd.) Coleção Temas Básicos de Psicologia. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010

Clube de Artes



Análise Crítica – Actividade “O Sentir dos Sentidos”

1º Período – 19 de Novembro

O “Sentir dos Sentidos” foi uma dinâmica realizada no âmbito do Clube de Artes, com os alunos das Necessidades Educativas Especiais e, simultaneamente, com alunos do Ensino Regular.

Dentro deste pequeno projecto inclusivo “O Sentir dos Sentidos” foi elaborada uma peça tridimensional sensorial, com o objectivo de ser utilizada na dinamização de uma actividade durante a semana dos “Direitos da Criança”, concretamente no dia 19 de Novembro, no polivalente da escola. Esta peça foi elaborada com a ajuda dos alunos do Clube de Artes, que sugeriram e trouxeram os materiais para a sua concepção.

Anteriormente à realização desta actividade foi definido e dado a conhecer um conjunto de tarefas aos alunos, as quais estes deveriam desempenhar durante a actividade. Estas responsabilidades eram rotativas de modo a que todos os alunos desempenham-se diferentes papéis de responsabilidade. Assim, toda a actividade foi desenvolvida pelos alunos com alguma ajuda dos professores na organização. Como público-alvo, nesta iniciativa, tivemos, principalmente, as turmas dos alunos com NEE, e em geral, ao diverso público escolar que também quis participar.

A actividade “O Sentir dos Sentidos” partiu de um conjunto de jogos sensoriais no qual os participantes, com os olhos vendados, individualmente ou em grupos, eram desafiados através da exploração táctil a procurarem determinados objectos “regador, molas, sapatinha, etc.". O local destes objectos era alterado após a participação dos intervenientes. Os participantes desta acção eram também incentivados a encontrarem os objectos no menor tempo possível, de modo a que esta actividade fosse competitiva e participativa.

No final, ao melhor grupo era entregue uma recompensa, um chocolate, aos restantes participantes foi entregue um certificado de participação, durante este momento final, algumas questões eram colocadas relativamente à actividade, tais como “Qual a maior dificuldade nesta actividade?”, “Foi difícil não utilizar os olhos?”, “Já imaginaste-te como seria na tua escola, se tivesses sempre os olhos vendados?”, assim como “Quais pensas que serão as maiores dificuldades para um cego que viva na nossa cidade?”. Com estas questões pretendeu-se levar os alunos à reflexão sobre o que é ser cego, e conseqüentemente, o que são as barreiras ultrapassadas por estas pessoas no dia-a-dia.

A realização desta actividade, contribui para o cumprimento de um dos objectivos do nosso pequeno projecto inclusivo, “informar e sensibilizar a opinião pública a favor da não

discriminação das pessoas com deficiência ou incapacidade, bem como combater as barreiras arquitectónicas e comportamentais que criam obstáculos à sua integração e participação”.

Este foi um dia bastante activo e participativo, onde todos os alunos do Clube de Artes puderam trabalhar para um objectivo comum, dinamizar esta actividade para os seus colegas de turma e da escola. Assim constituiu algo que lhes proporcionou um certo reconhecimento no meio escolar, penso que para os alunos da Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência) foi importante, pois estiveram activos numa iniciativa, sentiram-se úteis e competentes, fotografaram, filmaram, cronometraram o tempo, apontaram os dados, organizavam a entrada dos grupos, espalhavam os objectos na peça, e entregavam os certificados entre outras actividades necessárias.

Durante a realização desta actividade gerou-se um bom ambiente no meio escolar, onde, por iniciativa própria, um professor colocou música ambiente, vários professores mostraram interesse, e nos intervalos muitos alunos se juntaram a nós.

Foi um dia bem passado onde todos podemos nos divertir e reflectir sobre as necessidades que muitas crianças enfrentam, não só barreiras arquitectónicas como também comportamentais discriminatórias. Aqui ficou provado, que todos juntos podemos construir uma escola melhor para termos um mundo muito melhor.

Seminário

Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola

Necessidades Educativas Especiais

2009/2010

A Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas afirma:

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

Artigo 1º

1. Fundamentação

Um novo conceito de Educação Especial: As Necessidades Educativas Especiais

O termo Educação Especial tem sido tradicionalmente utilizado para designar um tipo de educação diferente da praticada no ensino regular, e que se desenrolaria paralelamente a esta, sendo a criança a quem era diagnosticada uma deficiência, incapacidade ou diminuição, segregada para uma turma ou centro específico.

Como está amplamente constatado, a educação é um direito fundamental à própria existência, que remonta aos tempos mais longínquos. Contudo, a história demonstra-nos que para alguns nem sempre foi assim, só porque eram diferentes.

O princípio da igualdade implica que as necessidades de cada indivíduo tenham igual importância, devendo o tratamento igualitário constituir a base do planeamento das sociedades, e que todos os recursos sejam aplicados de modo a garantir a todos igual oportunidade de participação.

O próprio conceito de dificuldades de aprendizagem foi reformulado, pois, outrora considerava-se que a causa das dificuldades de um aluno, estava somente dentro dele, e actualmente pondera-se que a própria escola e não só, tem também, grande parte da responsabilidade, na medida em que muitas vezes, não se adapta às necessidades de determinada criança.

A partir deste conhecimento surge o novo e recente modelo de Educação Especial e surge com o mesmo, o conceito de Necessidades Educativas Especiais.

O conceito NEE vem, assim, responder ao princípio da progressiva democratização das sociedades, reflectindo o postulado na filosofia da integração e proporcionando uma igualdade de direitos, nomeadamente, no que diz respeito à não discriminação por razões de raça, religião, opinião, características intelectuais e físicas, a toda a criança e adolescente em idade escolar.

Considera-se, portanto, que uma criança necessita de educação especial, se apresentar alguma dificuldade de aprendizagem que exija, conseqüentemente, uma medida educativa especial. No entanto, este conceito de dificuldade de aprendizagem é relativo, pois desperta quando um aluno manifesta uma dificuldade de aprendizagem significativamente maior do que a maioria dos alunos da sua idade, ou então, quando sofre de uma incapacidade que o impede de utilizar ou lhe dificulta o uso das instalações educativas, geralmente utilizadas pelos seus companheiros. Resumindo, o conceito de Necessidades Educativas Especiais está relacionado com as ajudas pedagógicas específicas ou serviços educativos que determinados alunos possam precisar ao longo da sua escolarização, para conseguir o máximo de crescimento pessoal e social. Todos os alunos com atraso escolar pelas mais diversas causas e razões, deverão receber o apoio adequado para superar as dificuldades.

Esta ideia encontra-se mais ou menos generalizada em todas as partes do mundo, conduzindo a uma redefinição do papel da Educação Especial, tradicionalmente circunscrita ao universo institucional das escolas especiais, tendo como alicerce a promoção da

integração, da participação e o combate à exclusão nas escolas regulares, tendência que a política social tem vindo a advogar, nas duas últimas décadas.

Educação Inclusiva

Na sociedade democrática em que vivemos, a escola é factor de desenvolvimento e coesão social na medida em que garante condições de acesso, participação e sucesso, à diversidade e à heterogeneidade de todos os que a frequentam.

A Educação Inclusiva exige, assim, à Escola, resposta a todas as necessidades individuais no processo aprendizagem de cada aluno, ou que pelo menos, trabalhe no sentido de minimizar as barreiras causadas por condições físicas, sociais, linguísticas entre outras. A educação inclusiva entende as diferenças como um valor, pedindo desta forma, às escolas que se adaptem no sentido de respeitar os diversos estilos e ritmos de aprendizagem. É sobre estes factores que se estabelece o funcionamento dos alunos, mais ou menos autonomamente, no contexto educativo.

Em 1994, a *Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais* originou a formulação do documento de Salamanca, que trata essencialmente da premissa da igualdade de oportunidades, numa perspectiva totalmente inclusiva.

"As escolas regulares com uma orientação inclusiva são o meio mais eficaz de combate às atitudes discriminatórias, criando comunidades de acolhimento, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação eficaz para a maioria das crianças e melhoram a eficácia e, por último, a relação custo-eficácia de todo o sistema educativo." (UNESCO, 1994, IX)

Uma escola inclusiva, segundo Pugh (1995), "é para todas as crianças do mesmo bairro, também para todas as crianças que são excluídas ainda antes de se terem convertido em alunos excluídos" (cit. por Correia, 2003:60). Pretende-se com a inclusão, o fim da rotulação da "educação especial", ou das "classes especiais", contudo, os apoios e serviços necessários devem continuar a ser facultados, fomentando o devido desenvolvimento até uma total inclusão, promovendo uma educação de qualidade a todos os alunos.

A educação inclusiva trabalha, então, no sentido de elaborar a reforma da instituição escolar, através de uma nova organização ao nível das aprendizagens académicas e sociais, provocando mudanças como a descentralização e a autonomia, capacidade de liderança, iniciativa dos professores, no que diz respeito à inter-ajuda, trabalho em cooperação e formação.

Autores como Susan Stainback e William Stainback (1992) (cit. por Luís de Miranda Correia, 2003:63) defendem que "as escolas inclusivas caracterizam-se por desenvolver escolas comunitárias de apoio que favorecem a participação de todos os alunos sem qualquer distinção, acima de qualquer intenção de estabelecimento de categorias." Para que tal ocorra, é inevitável a todo o corpo docente a organização de um desenho comum de actividades correspondentes ao currículo geral, para que sejam aproveitadas na totalidade as

potencialidades de cada aluno. Este processo é árduo e trabalhoso, tornando-se imprescindível uma boa formação académica e sensibilidade social para com o corpo discente. A elaboração de uma escola democrática irá conduzir-nos à criação de uma escola para todos.

Barreiras sociais e comportamentais /urbanísticas e arquitectónicas

Todas as pessoas, entre as quais, as que possuem algum tipo de deficiência, têm direito ao acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho. Essas áreas contribuem para a inserção social, desenvolvimento de uma vida saudável e de uma sociedade inclusiva.

Tem sido apresentada como uma das prioridades em matéria de política de reabilitação, a promoção da participação plena de todos os cidadãos nas mais diversas esferas da vida política, económica e social, através da criação de mecanismos para impedir que qualquer pessoa seja limitada no exercício dos seus direitos e deveres de cidadania, por motivos relacionados com as deficiências ou incapacidade.

Atendendo a que na maioria das vezes, a falta de participação das pessoas com diminuição de funções de ordem física, psicológica, sensorial ou intelectual na sociedade, resulta da relação destas com o meio ambiente, cabe a nós cidadãos, reflectir sobre a criação de condições acessíveis a estas pessoas. Condição fundamental para que estas vejam os seus direitos fundamentais reconhecidos e garantidos.

Nesta concordância, é elementar informar e sensibilizar a opinião pública a favor da não discriminação das pessoas com deficiências ou incapacidade, bem como combater as barreiras sociais e comportamentais, as barreiras de informação e comunicação, e por último, e não menos importante, as barreiras urbanísticas e arquitectónicas, que criam obstáculos à sua integração e participação, ou seja, que dificultam ou impedem a acessibilidade e pleno gozo da cidadania, em detrimento da fomentação da construção de uma sociedade mais igualitária e solidária.

Em suma, é sempre positiva a promoção da acção no sentido de alertar a população para as dificuldades com que se deparam as pessoas com deficiências ou incapacidades, e ficam restringidas, com o facto de existirem barreiras discriminatórias. Esta reflexão deve ser colectiva e a preocupação deve estar presente em cada um de nós, para que seja possível alcançar uma solução eficaz e real. Todos os cidadãos devem beneficiar das condições necessárias à realização de actividades inerentes à vida e condição humana, facto que só obterá resultados significativos, se toda a população estiver sensível e apta para o auxílio de uma integração destas mesmas pessoas.

Arte-terapia

No decorrer do século passado, desenvolveram-se algumas alternativas de abordagem terapêutica com crianças e adolescentes com perturbações no comportamento social, tendo como alternativa as terapias artístico-expressivas.

As artes são reconhecidas na função da expressão do “próprio Eu”, tanto como na função cultural e educativa (gosto, sentido estético, etc.).

A pessoa com dificuldade no comportamento e comunicação, necessita de canais, nos quais se possa expressar e libertar as suas tensões. A Expressão Plástica é uma das expressões que melhor permite expressar e despojar as diversas pressões, proporcionando, assim, segurança e estabilidade, isto é, canalizando energias de forma produtiva e criativa. A arte-terapia utiliza as capacidades da arte, no sentido mediador do processo terapêutico, não só como objecto de expressão, mas como parte integrante da terapia.

“A arte converte-se num elemento facilitador ao acesso do universo imaginário e simbólico, permitindo o desenvolvimento de potencialidades latentes ou rituais, bem como o conhecimento de si mesmo. Ao trabalhar com materiais plásticos o indivíduo tem a possibilidade de criar uma nova forma a partir de uma forma original. Materiais como argila, lápis, tinta, papel, etc., realizam por um lado a execução prática de uma ideia (fantasia, sentimento, conflito, etc.) como exercitam a inteligência ao dar uma nova configuração a um modo particular de ser.” (Urrutigaray, 2004:28)

As terapias artístico-expressivas são um método terapêutico que se desenvolvem através de modalidades expressivas diversas, nomeadamente, arteterapia, dançoterapia, dramoterapia, musicoterapia, entre outras, permitindo ao participante exprimir os seus conflitos e afectos interiores, através de símbolos.

A função social destas terapias tem como finalidade, dar a perceber o entendimento da realidade, podendo a pessoa com dificuldade no comportamento e comunicação, recriá-la, renovando o seu entendimento e interpretação de valores. Já a função psicológica, privilegia a organização das percepções, sentimentos e sensações.

As investigações realizadas nestas áreas provam que a arte-terapia, facilita ao terapeuta, a aproximação aos indivíduos com necessidades educativas especiais, consequentemente, tornando mais fácil a interacção. Acontecimento que se irá reflectir numa melhoria da comunicação e expressão, factor que desenvolve um maior controlo das suas emoções e reacções, ganhando outra sensibilidade e melhorando os seus afectos (Tilley, 1991).

Infelizmente, apenas uma minoria tem sido alvo de investigação e divulgação em revistas científicas, nos vários projectos terapêuticos que se têm realizado. No entanto, é importante referir que o seu impacto e aceitação são crescentes, e em alguns países mais desenvolvidos, existem diversos projectos universitários de extensão comunitária que são subsidiados e apoiados por organismo oficiais ligados ao estado.

Num estudo a nível nacional nos E.U.A. (Grantmakers in Health Resource Center, 2003, citado por Santos 2006:215) sobre os programas de arte e arte-terapia para jovens em risco, observou-se a promoção de diversas áreas, sobretudo o:

- Desenvolvimento de competências interpessoais, tais como um aumento de habilitações para expressar a zanga adequadamente, para comunicar efectivamente com adultos e com os seus pares e para cooperar;
- Desenvolvimento de atitudes e comportamentos incluindo melhor atitude em relação à escola, elevados níveis de auto-estima e auto-eficácia e um decréscimo de comportamentos delinquentes.

- Aumento da capacidade de trabalhar em tarefas do princípio ao fim.

2. Definição da Intervenção

Pretende-se nesta intervenção, através da elaboração de um seminário, intitulado “*Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola*”, a realizar no Auditório da Direcção Regional de Educação do Alentejo de Évora, expor um conjunto de perspectivas de diversos profissionais, no âmbito do acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho, por pessoas com deficiências ou incapacidade.

Pressupõe-se o contributo de diferentes áreas do conhecimento, para a sensibilização da comunidade, de uma forma generalizada, mas ainda, assim, tendo como foco primordial, a Escola e todos os seus elementos envolventes, tudo isto, a partir da abordagem das seguintes temáticas:

- Necessidades Educativas Especiais / Educação Inclusiva
- Barreiras urbanísticas e arquitectónicas
- Barreiras sociais e comportamentais
- Terapias Expressivas (Arte-terapia)

As necessidades educativas especiais dizem respeito a um conjunto de factores, de risco ou de ordem intelectual, emocional e física, que podem afectar a capacidade de um aluno em atingir o seu potencial máximo no que concerne à aprendizagem, académica e sócio-emocional.

Pretende-se construir uma educação inclusiva, uma educação adequada e de alta qualidade, preparada para alunos com qualquer necessidade na escola regular, abrangente a todos os tipos e graus de dificuldades que sejam identificados no seguimento do currículo escolar. A Escola Inclusiva educa todos os alunos dentro de um único sistema, sendo este um motor de construção e de desenvolvimento da comunidade escolar, entre, pais, professores, alunos e restante comunidade escolar, que em conjunto, elaboram o programa educativo adequado às capacidades, tanto de professores como de alunos.

Num estado democrático, todas as pessoas, designadamente, aquelas que apresentam algum tipo de deficiência ou incapacidade, têm direito ao acesso à educação, à saúde, ao lazer e ao trabalho, factores que promovem uma inserção social, de forma a facultar o desenvolvimento de uma vida saudável e de uma sociedade inclusiva. Cabe a nós cidadãos, reflectir sobre a criação de condições acessíveis a estas pessoas. Condição fundamental para que estas vejam os seus direitos fundamentais reconhecidos e garantidos.

Actualmente, é muito habitual ouvirmos falar da importância das actividades de expressão artística para o desenvolvimento harmonioso do ser humano. A arte-terapia serve-se, então, da Arte, para alcançar objectivos ou campos, onde outras terapias não chegam, no sentido mediador do processo terapêutico, não só como objecto de expressão, mas como parte integrante da terapia. Tal como Jacob Bronowski afirma: “as artes são um importante veículo de conhecimento, e, especialmente, porque extraímos delas uma compreensão de experiência humana e, através delas, dos valores humanos”.

Este projecto tende, então, a sensibilizar, alertar e mobilizar a população para o conceito de Necessidades Educativas Especiais; para a construção de uma Escola Inclusiva; para as dificuldades com que se deparam as pessoas com deficiências ou incapacidade ficando limitadas com o facto de existirem barreiras discriminatórias (urbanísticas e arquitectónicas, sociais e comportamentais) e por último, para a compreensão da concepção da arte-terapia. Toda a reflexão relativamente a estes aspectos que envolvem pessoas com deficiências ou incapacidade deve ser colectiva, e a preocupação deve estar presente em cada um de nós para que seja possível alcançar uma solução eficaz e real no sentido de construir uma sociedade acessível a todos e por todos.

3. Objectivos

- Sensibilizar e mobilizar a comunidade para a participação na superação da discriminação de que são alvo as pessoas no geral, e em particular as pessoas com deficiências ou incapacidade, através da eliminação das barreiras sociais e comportamentais, da informação e comunicação, urbanísticas e arquitectónicas, as quais dificultam ou impedem a sua acessibilidade, o pleno gozo dos direitos humanos e de cidadania e, conseqüentemente, o exercício efectivo dos seus direitos.
- Sensibilizar e mobilizar a comunidade para a igualdade de oportunidades e para os direitos humanos, em particular os direitos das pessoas com deficiências ou incapacidade.
- Promover a participação da comunidade na construção de uma sociedade para todos.
- Promover a participação das escolas na construção de uma escola para todos.
- Fomentar a utilização das Artes como meio de expressão e de comunicação na Educação (Arte-terapia), nomeadamente, em pessoas com deficiências ou incapacidade.

4. Informações necessárias

Local: Auditório da Direcção Regional de Educação do Alentejo Évora

Data: 17 de Março de 2010

Hora: 18 horas

Público-alvo: Geral (professores, alunos universitários... etc.)

Tempo: cerca de 20 minutos para cada orador

5. Natureza do Projecto

O seminário "*Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola*", tem sido amplificado no âmbito académico da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada, orientada pelo Professor Leonardo Charréu, do Curso de Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Este projecto organizado pelo Núcleo Nº2, nomeadamente, pelos alunos/estagiários Cátia Casquinha e Eliezer Correia, presentemente, na Escola EBI André de Resende, tendo

orientação da Professora Maria João Machado, teve origem na realização de um pequeno projecto inclusivo, intitulado "*O Sentir dos Sentidos*", aplicado e realizado no Clube de Artes com alunos com Necessidades Educativas Especiais, simultaneamente, com alunos do Ensino Regular.

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010



E.B.I. André de Resende / DREA Évora



**Análise Crítica – Seminário “Caminhos a Percorrer...
no Sentir de uma Escola”**

2º Período – 17 de Março de 2010

A ideia inicial de desenvolvermos um seminário em PES, surgiu numa das reuniões realizadas na Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência) pelo dia 22 de Outubro, sendo que esta reunião está relatada no Relatório nº4.

A realização deste seminário foi uma proposta à qual o núcleo de estágio nº2 desde o início da reunião aceitou e trabalhou para a sua aprovação, dando ideias e sugestões, esta proposta foi aceite com algumas expectativas pela maioria dos participantes. Contudo, ainda não sabendo como este seria desenvolvido, já tínhamos uma base bastante importante a desenvolver, “Informar e sensibilizar a opinião pública a favor da não discriminação das pessoas com deficiência ou incapacidade, bem como combater as barreiras arquitectónicas e comportamentais que criam obstáculos à sua integração e participação”. Este foi também um dos princípios adoptados pelo núcleo de estágio nº2 no seu projecto “O Sentir dos Sentidos” a desenvolver no Clube de Artes. Este pequeno projecto de inclusão, pretendia através da utilização da aprendizagem cooperativa, revelando espírito de reciprocidade das relações de ajuda e apoio, contribuir para a construção de uma educação pela Arte entre professores, alunos e auxiliares da Sala das Cores/UAM (Unidade de Apoio à Multideficiência), e alunos do ensino regular. Ainda sobre o desenvolvimento deste seminário, surgiu a ideia, de se desenvolver em paralelo ao seminário no local em que este iria acontecer a realização de uma exposição de trabalhos realizados por alunos com NEE, não só dos trabalhos que ambos os núcleos estavam a realizar no âmbito do Clube das Artes, mas alargar a iniciativa a escolas da cidade. Assim os núcleos de estágio nº 1 e nº 2 ficaram responsáveis de fazer a fundamentação e descrição de todo este projecto do seminário, sendo lido e revisto pela professora Madalena Caçoila e pela nossa professora/orientadora Maria João Machado, para posteriormente vir a ser aprovado pelo Conselho Executivo da E.B.I. André de Resende, e também para poder acompanhar o convite aos oradores do seminário.

Dando continuidade ao que tinha sido definido durante a reunião, os dois núcleos de estágio combinaram se reunir na semana seguinte, a fim de reunirem ideias e definirem responsabilidades. Indubitavelmente, o método de trabalho que se tinha definido não resultou, alguns dos encontros entre os dois núcleos de estágio não produziram resultados finais satisfatórios. A indisponibilidade de alguns membros em se encontrarem, com alguma incerteza na realização concreta deste seminário, levou o núcleo de estágio nº 2 a propor à professora Maria João Machado e à professora Madalena Caçoilas a divisão de

responsabilidades. Assim, o núcleo de estágio nº2 ficou responsável de toda a organização do seminário e o núcleo de estágio nº1 ficou responsável pela organização da exposição que acompanharia o seminário.

Com os cargos definidos o núcleo de estágio nº 2 procedeu ao início da pesquisa de recursos teóricos nas áreas em que o seminário incidiria para a concretização da fundamentação do mesmo.

A elaboração deste projecto foi objecto de diversas revisões e alterações por parte dos profissionais que nos orientaram, pela professora/orientadora Maria João Machado, a professora Madalena Caçoilas e pelo professor da disciplina de PES, Leonardo Charréu. Foi num destes momentos de revisão com a professora Maria João Machado, que surgiu uma denominação para dar ao projecto, Seminário "Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola", título que estava intimamente relacionado com a base da mensagem que queríamos transmitir, e também relacionado ao projecto que vínhamos a desenvolver no Clube de Artes, "O Sentir dos Sentidos".

Com o projecto definido e terminado, no dia 16 de Março os núcleos de estágio nº1 e nº2 foram apresentar o mesmo na reunião do Departamento de Expressões da E.B.I. André de Resende, reunião onde nos colocaram algumas dúvidas em relação ao projecto, mas onde todos se mostraram favoráveis e satisfatórios com a sua realização. Após este ter sido apresentado, foi entregue junto da Presidente do Conselho Executivo, Dr. Rita Aranha que o levou a aprovar na direcção desta mesma escola, projecto este que foi aprovado.

Com a sua aprovação e a proximidade das férias do Natal, quisemos ainda durante o primeiro período requisitar o espaço, assim elaborámos uma carta à Direcção Regional do Alentejo de Évora com o projecto e o pedido da cedência do auditório para o dia 17 de Março de 2010, assim como, o pedido para o espaço da recepção deste edifício, local onde iria acontecer a exposição que acompanharia o seminário.

Com o desenvolvimento desta iniciativa, e sendo o núcleo de estágio nº2 composto por alunos do Curso de Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, procurámos apoio para esta realização junto do director, Dr. António Borralho, projecto assim que foi apoiado na sua realização e facilitação do acesso a todo o expediente de envios que fossem necessários. Desta forma, para além de este ser um projecto validado pela E.B.I. André de Resende, tornou-se agora numa iniciativa de âmbito académico.

Inicialmente tínhamos pensado num conjunto de profissionais de diferentes áreas que gostaríamos de ver a sua participação neste seminário. Contudo, e muito devido à elaboração da fundamentação, algumas alterações sucederam, ficando melhor definido as áreas a abordar e conseqüentemente os seus respectivos profissionais. É assim notório, a relevância de produzir uma boa base teórica a fim de clarificar algumas dúvidas que possam existir, por este facto, se torna tão necessária a sua realização. Uma das conclusões que atingimos em relação aos oradores foi que estes deveriam ser não só professores académicos que nos enriqueceriam pelos seus conhecimentos, mas também profissionais de instituições locais que trabalhassem com NEE. Desta base alguns nomes foram surgindo, ou pelos professores que nos orientavam, ou por nossa própria procura na universidade de

professores relacionados com as áreas em questão. O contacto e convite aos oradores foram feitos pessoalmente, situação na qual era entregue uma carta-convite e a fundamentação do seminário. Ao convidarmos diversos profissionais a participarem tivemos que desenvolver uma certa capacidade de síntese, não olvidando a essência do projecto e o contributo que cada orador iria transmitir. Esta experiência foi, em tudo, positiva e relevante, pois desenvolveu em nós capacidades de comunicação e argumentação com diferentes profissionais nas suas áreas. Inclusive por várias vezes tivemos de lidar com o facto de nem todos terem a disponibilidade ou interesse de participar neste seminário, o que nos levou a iniciar a procurar de novos intervenientes.

Com o recrutamento dos oradores em andamento e a espera pela cedência do auditório da DREA, tivemos de iniciar o processo noutra área, nomeadamente, na busca de patrocínios de diversas entidades para a divulgação e concretização desta acção. Assim criámos uma declaração modelo para possíveis entidades que nos pudessem ajudar, lembrado que o seu patrocínio não só iria contribuir para a divulgação da própria entidade, assim como, iria contribuir no despertar de uma consciência cívica no que diz respeito aos cidadãos portadores de deficiências e respectivas barreiras sociais, comportamentais e arquitectónicas. Iniciámos a nossa procura inicialmente junto de locais, aos quais recorreremos para a concretização de diversos trabalhos académicos, papelarias, livrarias e casas de fotocópias, entidade nas quais conseguimos obter apoio da *POKOPI* na impressão de 50 convites para enviar a escolas locais, e da *PERSPECTIVA* na impressão de 100 cartazes A3 para divulgação em espaços académicos, escolas do concelho e outros locais públicos. Na procura dos patrocínios, algumas situações de relevo aconteceram. Durante a apresentação deste projecto ao gerente da *POKOPY*, um cliente que estava no local o Sr. Paulo Nunes representante da *Liberty Seguros* ouviu esta iniciativa, na qual se propôs a colaborar na sua realização, com o contributo de 160 pastas necessárias ao seminário.

Ainda sem resposta da DREA ao nosso pedido, resolvemos passar pela instituição e falar com a pessoa responsável a quem fomos apresentados, Dr.^a Deolinda. Esta informou que o nosso pedido já tinha sido aprovado, e a resposta tinha seguido para a secretaria da escola à acerca de duas semanas, acontecimento este que achámos estranho ainda não nos terem informado. Aproveitando a ocasião de estarmos no local com a pessoa responsável, algumas dúvidas que existiam foram apresentadas em relação à realização do seminário neste local, o apoio necessário de um técnico de som, no acesso a todos os recursos que a sala dispunha para as apresentações dos oradores, a utilização de mesas e cadeiras para a montagem de um pequeno secretariado e recepção, se teríamos de ser nós a trazer um ramo de flores para a mesa de trabalho do seminário, garrafas de água para os oradores, a necessidade da existência de uma sala de apoio para os alunos do Clube de Artes que iriam estar connosco e a capacidade do auditório, perguntas estas que vimos serem tratadas sem qualquer dificuldade e de uma forma bastante prática. Este foi um momento muito importante para nós, pois foi quando percebemos que o seminário estava a ganhar forma. Agora já tínhamos alguns oradores confirmados e também um local credível para a realização deste seminário. Se, por um lado, ficámos contentes por tudo estar a caminhar no sentido de uma realização com sucesso, por outro, cada vez a responsabilidade de tudo correr bem aumentava a cada

dia, ou seja, o seminário começou a exigir cada vez um maior envolvimento da nossa parte e um grande sentido de organização entre as diversas áreas.

Com todo o projecto a seguir em bom caminho demos início à realização do programa e cartaz. Como já vinha a ser pensado desde o início, durante o seminário iríamos passar o vídeo "Direitos da Criança" da professora Vera da Sala das Cores, vídeo que foi apresentado no polivalente da nossa escola, durante a "Semana dos Direitos da Criança", iniciativa que também participámos com o nosso projecto e actividade "O Sentir dos Sentidos". A projecção deste vídeo seria numa parte final, momento que pretendíamos que fosse reflexivo, visando uma aplicação de tudo o que tínhamos sido confrontados ao longo do seminário. Também integrando o programa, surgiu a ideia em diálogo com as professoras que nos vinham a orientar, de se realizar a leitura de um pequeno poema ou história por parte dos alunos do Clube de Artes, um momento em que alunos da escola regular e alunos com NEE teriam a sua participação, já que a ideia e toda a realização deste seminário se prendia com este grupo de trabalho e com a inclusão. Depois de alguns poemas e outras ideias surgirem, definiu-se que o poema "Meninos de Todas as Cores" da autora Luísa Ducla Soares, seria o mais certo de ensaiar e apresentar, devido à sua ligação às artes, à inclusão, às diferenças que existem entre todos nós, e por este ter pequenas quadras e a sua decoração ser mais fácil, o que também depois originou uma caracterização das crianças relativamente ao papel que desempenharam. Além de nós, o núcleo de estágio nº2, termos ensaiados com as crianças, muito estamos agradecidos à Professora Maria João Machado e professora Madalena Caçoila e à técnica da Sala das Cores D. Elsa Pelicado, por terem passado bastante tempo a ensaiar, para que no final pudéssemos ter um bom resultado, e mesmo os próprios pais que estiveram no seminário se sentirem orgulhosos dos seus filhos. Com a apresentação do vídeo e da leitura deste poema, em conjunto com as comunicações de cada orador, tivemos que pensar na organização do programa, para que tudo tivesse uma sequência linear. A fim de dar início à divulgação, surgiu agora a necessidade de ter um cartaz que fosse "a cara" do seminário, que pudesse conjugar correctamente a palavra à imagem. Assim, com a preciosa ajuda da professora Maria João Machado e da minha colega Cátia Casquinha, com base em alguns recortes foi produzido um cartaz, que penso que ficou na memória daqueles que o viram, aliada à simplicidade, à estética e à comunicação.

Na continuidade da procura de outros patrocínios, convidámos o *Banco Espírito Santo*, entidade à qual nós estudantes universitários estamos ligados, com a qual a nossa universidade trabalha. Instituição de quem recebemos uma resposta positiva com a participação de cem blocos de apontamento A5, cem canetas que iriam acompanhar as pastas e duas resmas de papel necessárias para todo o secretariado que a organização deste seminário exigiu. Uma outra instituição, a *Fundação Luís de Molina*, nos prestou o seu apoio através da impressão de 160 certificados, a entregar aos participantes durante a realização do mesmo. Apoio que teve de ir a aprovar ao seu director Dr. Rui Pingo. Desta forma, no momento da apresentação do projecto não só solicitámos ajuda neste seminário, mas também aproveitámos a ocasião para solicitar apoio numa outra iniciativa, no *Projecto Comenius Istanbul*, projecto que visa a troca de valores culturais, indo assim até Istanbul representar a nossa cultura e país.

Com a necessidade de outros apoios na área da divulgação, solicitámos apoio para a divulgação do seminário, à *UeLine* (jornal online da Universidade de Évora), ao *Diário do Sul* e *Rádio Telefonia* que nos divulgaram o evento mais a nível local e regional. Por consequência, um outro espaço que nos publicitou foi no site DREA, o que levou a notícia da realização do seminário "Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola" a todos os sites e blogs das Escolas da Região do Alentejo, o que contribuiu para uma excelente divulgação junto das instituições educacionais. Um outro meio onde aconteceu a sua divulgação foi no site da E.B.I. André de Resende e no blog da sua *Biblioteca e Centro de Recursos Educacionais* (BECRE). Toda a divulgação do seminário junto dos meios ocorreu através de um pequeno texto de apresentação desta iniciativa, em conjunto com o cartaz e programa.

Neste seminário onde se iria falar sobre inclusão, pretendia-se ainda que fosse inclusivo, assim, fizemos também a sua divulgação junto da comunidade de surdos nesta cidade, representados na *Associação de Surdos* de Évora. Associação na qual fomos apresentar o projecto e pedimos apoio de uma intérprete de língua gestual, para a interpretação do conteúdo do seminário junto deste público. A associação ficou satisfeita com o nosso projecto e deu-nos o contacto da intérprete Elsa Martins, profissional que exerce funções na Escola Secundária Gabriel Pereira. Feito o contacto com a intérprete Elsa Martins e apresentado o projecto, esta mostrou-se interessada e disponível em participar numa acção como esta com objectivo de um bem comum. Solicitou apenas que pudesse participar em colaboração com uma outra intérprete, pois este é um trabalho exaustivo no qual são necessárias diversas interrupções para descanso. Assim, com o apoio de outra intérprete poderiam trabalhar em colaboração.

Visando a procura de outras entidades para o patrocínio do seminário, outras instituições foram solicitadas a participar. Contudo, ou porque os seus princípios institucionais não o permitiam, ou porque não aprovaram o apoio da mesma no tempo estabelecido e necessário, ou ainda porque não tinham interesse, a Fundação Eugénio de Almeida, a Câmara Municipal de Évora, a Direcção Regional da Cultura do Alentejo, os CTT e muitas outras gráficas e casas de fotocópias da região, não aceitaram o convite, ficando apenas a informação da realização do seminário nesta área.

Com a falta de um orador que incidisse sobre a área da arte-terapia, ou sobre o contributo da arte sobre estes cidadãos portadores de deficiência, solicitamos ajuda junto do professor António Borralho, que nos aconselhou a falar e apresentar o projecto do seminário à professora Adelinda Candeias do CIEP (Centro de Investigação de Educação e Psicologia), esta devido à sua indisponibilidade de poder participar neste iniciativa, encarregou a sua Doutoranda Mónica Rebocho de a representar sobre a temática "*Arte, como mediadora do desenvolvimento e da criatividade*", oradora que mantivemos contacto constante tal como fizemos em relação aos outros oradores, dando a mostrar o trabalho que vínhamos a desenvolver em relação a este seminário, como solicitando os Currículo Vitae, nome das comunicações e apresentações caso fossem utilizar este recurso de apoio às suas comunicações.

É relevante lembrar que enquanto todos estes processos de resolução para o seminário iam acontecendo, o núcleo de estágio continuou envolvido e activo, no restante trabalho de PES,

dar aulas às turmas pelas quais tínhamos sido responsáveis, dinamizar o Clube de Artes e estar presente nas diversas reuniões pontuais que ocorriam, este foi um período muito activo e trabalhoso. Contudo, hoje quando olho para trás, fico satisfeito com tudo o que viemos a desenvolver e com tudo aquilo que temos vindo a aprender. Durante este período no Clube de Artes, continuámos a realizar as pinturas sensoriais com o intuito de participarem na exposição integrada no seminário, factor que em conjunto com os ensaios do poema, motivava a todos os alunos.

Com a proximidade da data à realização do seminário, durante as férias de carnaval a faltar cerca de um mês iniciámos a divulgação, através do envio de emails a todos os que nos tinham facultado acesso à divulgação, email que tinha em anexo toda a informação referente à realização do mesmo, para além de um pequeno texto explicativo desta acção. Também com a necessidade de afixar os cartazes, e enviar os mesmos com um convite para algumas escolas e instituições da região de Évora, fomos até à *PRESPPECTIVA*, patrocínio que nos tinha apoiado com a impressão de cem cartazes. Para nossa surpresa, a impressão destes cartazes foi feita num modo de rascunho pelo editor, com a justificação de poupar alguma tinta, infelizmente para nós o trabalho que tinha sido feito, era péssimo e muito pouco profissional, o que não estimava o seminário que estava a ser desenvolvido. A esta situação, a solução que encontramos foi o financiamento ter sido feito por nós próprios, a impressão de 30 cartazes para envio no próprio dia, a partir do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora. Contudo, faltavam os cartazes a afixar nos espaços académicos e públicos em Évora, financiamento ao qual era impossível ser suportado na totalidade por nós. Assim, na continuidade da procura de patrocinadores, surgiu uma outra empresa a *Family Frost*, que nos apoiou com o financiamento de cem cartazes e impressão de 400 flyers, empresa na qual também tivemos de apresentar o projecto e esperar a sua aprovação em direcção nacional. Com os restantes cartazes impressos e em nossa mão, procedemos à sua afixação em locais que atingissem o nosso público-alvo: estudantes de Psicologia, Educação, Artes Visuais, Arquitectura, Professores, Técnicos e Profissionais que desenvolvem trabalho com NEE.

Com o material dos patrocínios e as impressões que iriam acompanhar as pastas, procedemos à sua organização, processo para qual tivemos o apoio de uma colega, que também solicitámos a sua ajuda para o apoio no secretariado/recepção durante o seminário. Uma das situações gratificantes que ocorreu durante a divulgação do seminário, foi a ocorrência de um email que andou a circular entre estudantes universitários na divulgação deste seminário, email que não tínhamos sido nós os autores ou de alguém que nos era próximo. Também termos recebido o telefonema de uma escola a solicitar informações referentes ao seminário, deu-nos a sensação que tudo já estava a processar-se de uma forma automática, de um lado e de outro começámos a saber de pessoas que tinham interesse em estar presentes, pois tinham interesse nas matérias que lá iam ser apresentadas e debatidas.

Outra situação a destacar foi quando dei conta de alguém ter lançado o cartaz do seminário numa rede social, mais propriamente no *Facebook*. Com a intencionalidade de facilitar o acesso à informação, e também para responder a dúvidas existentes, criei um evento nesta

mesma rede social, evento que divulguei a algumas pessoas próximas, que depois convidaram outras, no final foram feitos cerca de 314 convites, dos quais 44 confirmaram a sua presença. Penso que o recurso a este tipo de meios para divulgação cada vez mais será uma realidade, devido a um tão grande número crescente de adeptos que esta rede tem suscitado.

Sobre esta área, a internet, penso que foi onde poderíamos ter utilizado de forma a vermos supridas algumas necessidades, uma delas prende-se com a inscrição a este evento, inscrição que poderia ter sido realizada online, facilitando assim os acessos ao evento no local, e o trabalho no secretariado. Ainda tentei obter algumas informações nesta área, mas devido à proximidade do evento já não foi possível colocar em prática. Penso também que a elaboração de um blog, ou se tivéssemos alojado todas as informações referentes a este, num sítio onde facilmente tivéssemos acesso, teria facilitado toda a divulgação. Contudo, penso que mesmo assim toda a divulgação e resolução do evento no local, ocorreu com sucesso.

Já na semana da ocorrência, no dia 15 de Março, começaram os pequenos preparos, mas em tudo fundamentais à realização do seminário. Com a participação gratuita dos oradores, queríamos oferecer-lhes uma pequena recordação como agradecimento à sua participação. A esta necessidade o Clube de Azulejo, dinamizado pela professora Patrícia, ofereceu-nos alguns azulejos pintados pelos meninos, que foram oferecidos no final do seminário. No final deste dia por volta das 19 horas, antecedendo o dia da montagem da exposição, eu e a minha colega Cátia Casquinha, ainda na E.B.I. André de Resende, a verificar e rever os nomes dos lugares a reservar para o seminário, recebemos o telefonema da Dr. Deolinda, da DREA, a pedir se era possível ainda no próprio dia entregar alguns dos trabalhos a serem expostos neste local, uma vez que no próximo dia estaria presente a Ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, a fim de atribuir alguns prémios a alunos que se destacaram no período transacto, e era importante existir neste espaço, e como é habitual, alguns trabalhos em exposição. A esta solicitação, ligámos a informar as nossas colegas do núcleo de estágio nº2, responsáveis pela organização da exposição. Nós, em conjunto com a nossa colega Sofia, tratamos de, no próprio dia, levar algum material, que já estava pronto, para expor. No dia seguinte levámos o restante, a nossa peça tridimensional, "O Sentir do Sentidos", na qual tivemos de reconstruir algumas partes, pois devido ao seu uso durante uma actividade na "Semana dos Direitos da Criança" na E.B.I. André de Resende, estava um pouco danificada, seguidamente prestámos apoio às nossas colegas na montagem da exposição. É importante referir que no dia 16 e 17 de Março tivemos dispensa de PES na Escola Secundária Gabriel Pereira para dar seguimento a tudo o que estava planeado, para estes dias.

Neste dia que antecipava o seminário fui informado pela minha colega Cátia, já próximo do fim da tarde, da desistência de dois dos oradores, facto ao qual me senti impotente e com uma grande angustia, não parecendo algo real. Em certa parte considerei ser uma grande falta de respeito e de profissionalismo por parte dos desistentes. Penso que nunca se informa de uma desistência em cima do acontecimento, compreendo a situação da doença inesperada de uma das intervenientes, mas o outro caso considero mais paradigmático. A

minha colega Cátia tendo ela recebido estas informações, tratou de avisar as professoras que nos vinham desde o início a prestar orientação, das quais recebemos todo o apoio e motivação para continuar. Com alguns telefonemas feitos nesta mesma noite, conseguimos os contactos de profissionais que exercem trabalho nesta área de intervenção com recurso às artes. Assim, na manhã do dia 17 ainda inconformados com a situação, dirigimo-nos até ao Colégio Pedro da Fonseca, para dar a informação ao nosso professor orientador Leonardo Charréu da desistência de dois dos oradores e solicitar o seu contributo através dos seus conhecimentos nesta iniciativa, solicitação que foi aceite e desenvolvida sobre a temática "A importância das Artes na Educação". Com os contactos da noite anterior, decidimos convidar a professora Lucília Valente, docente da Universidade de Évora com experiência em dramaterapia, que apesar de todas as condicionantes, o de estar em Lisboa e o convite ter sido feito no próprio dia, mesmo assim decidiu aceitar. O facto de esta situação ter-se resolvido, foi para nós um grande alívio, não só por todo o trabalho que já tínhamos feito para a realização deste seminário, mas também porque não seriam abordados determinados conteúdos que queríamos ver serem discutidos neste seminário.

Ainda na parte da manhã do dia 17 deslocámo-nos à E.B.I. André de Resende para realizar os últimos preparativos, onde também apanhámos algum material necessário para o secretariado/recepção. Durante a ocorrência do seminário para o funcionamento do secretariado contámos a colaboração de algumas pessoas próximas. Após algumas horas para a sua realização levámos os alunos que frequentaram o Clube de Artes para as instalações da DREA, de forma a ambientarem-se ao espaço e terem um ensaio da sua performance. Com a chegada de alguns convidados e oradores, eu e a minha colega, em conjunto com a professora Maria João Machado e Madalena Caçoilas, iniciámos a recepção de boas-vindas, convidando estes a estarem presentes num pequeno coffe-break, numa sala à parte, onde também esta serviu de apoio aos alunos da Sala das Cores. Os participantes aos poucos e poucos foram chegando e fazendo a sua inscrição, acção que com a ajuda das nossas colegas correu fluentemente e sem problemas, nestas inscrições ficaram registados diversos dados referentes aos participantes, para nós termos a noção do público presente assim como foi entregue uma pasta com os materiais necessários ao seminário. Também neste momento inicial, recebi algumas das apresentações das comunicações dos oradores, que deviam ser projectadas durante a resolução dos trabalhos, em colaboração com o técnico audiovisuais da DREA o Sr. Francisco, toda esta parte foi assegurada, assim como a facilitação do áudio no final do seminário. Na antecedência ao início do seminário, o Dr. José Verdasca (Director Regional de Educação), o qual foi convidado para a Secção de Abertura deste seminário em conjunto com o Dr. Leonardo Charréu, quis falar um pouco connosco para ficar informado sobre a natureza deste seminário. Circunstância na qual apresentamos o projecto "O Sentir dos sentidos" e mostramos as peças de arte presentes na exposição, elaborados pelos alunos do Clube de Artes. Nesta situação, o Dr. José Verdasca mostrou interesse em comprar-nos a peça tridimensional sensorial, intitulada "O Sentir dos Sentidos", circunstância que não era, de todo, esperada por nós. Contudo, não perdemos a oportunidade que nos foi oferecida, o de deixar nesta casa um registo cultural marcado pelas

preocupações inclusivas, na educação para a construção de uma sociedade acessível a todos e por todos.

O seminário iniciou um pouco atrasado ao que tinha sido programado com uma pequena Secção de Abertura, prosseguindo com a Declamação de um poema "Meninos de Todas as Cores" pelos meninos do Clube de Artes, momento que no programa estava programado para um momento final, mas com o facto que para estas crianças podia ser complicado estarem presentes durante todo o seminário e mesmo alguns irem embora, tivemos de antecipar. Esta representação pelos alunos do Clube de Artes, foi extremamente recompensador, pois sentiram-se fazer parte de algo que é direccionado para os adultos, penso que também para as famílias destas crianças foi importante verem os seus filhos participarem neste projecto inclusivo e agora procederem a leitura deste poema moralizante para toda a plateia. Assim, se sucedeu o painel que foi dirigido pela professora Madalena Caçoilas, que deu as ordens de trabalho aos diversos oradores e suas comunicações. Os vários oradores focaram-se na temática sobre a qual este seminário incidiu, dando também o seu contributo de conhecimentos pessoais e formação académica base. Foi bastante positivo ouvir as opiniões de diversos profissionais da área, sobre as barreiras com que se deparam os NEE, e como estas podem ser ultrapassadas na nossa sociedade e no dia-a-dia, contribuindo para a inclusão destes cidadãos. Importa destacar que durante as comunicações tivemos o apoio de duas intérpretes de linguagem gestual, que serviram o público com estas necessidades. Ainda para nossa surpresa, tivemos presente o João da Sala das Cores, que exerceu a responsabilidade de foto-repórter a cargo do Diário do Sul, uma das entidades que nos apoiou na divulgação. Facto interessante e relevante que originou este seminário na vida do João, foi o convite do Dr. José Verdasca para o acompanhar em algumas viagens que irá realizar a escolas no Alentejo, onde irá exercer o seu papel de foto-repórter. Terminados os trabalhos do painel, apresentou-se ao público ainda presente uma "boa prática inclusiva" pela professora Madalena Caçoilas, o projecto "O Sentir dos Sentidos", projecto do qual nasceu este seminário e foi desenvolvido o nosso pequeno projecto inclusivo. Para finalizar, agradecimentos foram feitos à excelente contribuição dos vários oradores e foi oferecido uma pequena lembrança. Também durante a comunicação dos oradores, alguns elogios e agradecimentos nos foram feitos, situação que nos deixa bastante satisfeitos, pois a organização deste seminário envolveu muitas horas de trabalho, e-mails, cartas, telefonemas, dinheiro, reuniões, tempo que passamos em pesquisa e aulas no Clube de Artes com estes alunos. Organização que não foi fácil, mas que também em muito contamos com a ajuda essencial da nossa professora/orientadora Maria João Machado, da professora Madalena Caçoilas e do nosso professor/orientador da Universidade de Évora, Leonardo Charréu, também não queremos deixar de agradecer e lembrar alguns dos nossos amigos que nos apoiaram.

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE

2009/2010



Programa Comenius (2007-2013)



Análise Crítica – Intercâmbio Cultural Doga Schools

2º Período

O presente relato de um intercâmbio cultural, desenvolveu-se dentro do Programa Comenius entre a E.B.I. André de Resende em Évora, Portugal, e a Doga Schools em Istambul na Turquia, que com a participação do núcleo de estágio nº2 do Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, envolveu não só o referido curso, mas assim também a Universidade de Évora.

O motivo do convite à participação do núcleo de estágio nº2, Cátia Casquinha e Eliezer Correia, deve-se ao seu envolvimento nas festividades associadas à época natalícia com a turma do 7ºC, direcção de turma da professora Maria João, orientadora de estágio deste núcleo. A participação na festa de natal da E.B.I. André de Resende, foi reconhecida pela comunidade de docentes e órgãos administrativos como sendo de qualidade e bastante profissionalismo.

A esta apreciação do nosso contributo, fomos assim convidados pela professora/coordenadora Isabel Carreira, a participar no intercâmbio cultural com a Doga Schools de Bostanci. Projecto que nos entusiasmou, não só por irmos a um país que ainda não tínhamos visitado, mas também por participar num projecto onde poderíamos crescer, aprender e principalmente fomentar nos nossos alunos a identidade europeia, valorização pela nossa cultura e experiências que irão ficar para toda a vida. Também a nossa participação neste projecto, teve o abalo do Prof. Leonardo Charréu, nosso professor na disciplina de Prática de Ensino Supervisionada.

A primeira reunião com todos os professores envolvidos, ocorreu no dia 21 de Janeiro. Aqui foram apresentados todos os detalhes relativos a este projecto. Este intercâmbio cultural, iria fazer parte das festividades do dia 23, dia da "Soberania Nacional" da Turquia e do "Dia da Criança", o número máximo deveriam ser 10 alunos, sendo estes acompanhados por dois professores titulares. Os alunos deveriam executar danças tradicionais do seu país, para participarem nas suas festividades, levarem cartazes com informações referentes à sua escola e região, assim como levar uma "caixa cultural" com elementos característicos da sua identidade cultural. Os alunos da nossa escola iriam ficar acolhidos em casa de famílias de outros alunos daquela escola, fomentando assim laços de amizade, entre estes alunos. Na continuidade desta reunião, foram distribuídas as diversas tarefas pelos professores, eu e a minha colega Cátia ficámos de obter alguns materiais para a caixa cultural, elaborar com os alunos os cartazes e prestar apoio à professora Manuela Góis nos ensaios das danças representativas da cultura portuguesa. Foram também definidos nesta reunião, os critérios de selecção dos alunos que iriam participar neste projecto, os alunos deveriam ter à vontade

com o inglês, pois esta seria a língua em que nos iríamos comunicar, deveriam ter conhecimento da sua cultura e terem à vontade para dançar. As datas dos ensaios relativamente aos ensaios foram marcados para todas as quartas-feiras à tarde, assim como aulas de Turco com o prof. Ibrahim, professor do projecto coménius, que está a desenvolver o clube de Turco nesta escola. A nossa participação no Clube de Turco, contribuiu para a preparação da nossa ida à Turquia, tendo contacto com a língua, assim como, com alguns aspectos culturais, históricos e religiosos.

Às diversas considerações deste projecto, eu e a minha colega de estágio, deduzimos que apenas poderíamos prestar ajuda na organização, pois a escola da Turquia, apenas iria pagar as despesas de alojamento e alimentação a dois professores, assim as nossas despesas referentes a viagem, alimentação e alojamento teriam de ficar por nossa conta, caso fosse possível mesmo assim a nossa ida no grupo, pois nós apenas desenvolvemos prática de ensino supervisionada nesta escola, não fazemos parte da equipa de docentes. Ainda assim, perante a possibilidade de não irmos, decidimos continuar ligados a esta equipa de trabalho, pois este era um projecto interessante e onde poderíamos ter uma boa experiência de trabalho de grupo com os diversos órgãos escolares.

Nas direcções de turma foi apresentado o projecto de intercâmbio cultural com a Doga School, onde foram também expostos os diversos critérios de selecção. Aos alunos foi pedido, que caso se achassem que enquadravam os critérios necessários para participarem neste intercâmbio, se deveriam auto-propor, sendo depois tirado a sorte pelos próprios os nomes dos alunos que iriam ingressar no projecto. Penso que esta foi a forma mais justa de selecção, em relação a todos os outros restantes colegas de turma, e uma forma de seleccionar apenas aqueles que têm condições para ir. Viver uma semana longe da casa dos pais, com uma família tão diferente, pode causar em determinados alunos imensas dificuldades com quais não iriam depois saber lidar, tanto a nível de língua e comunicação como a nível psicológico.

Para iniciar os ensaios com a maior brevidade possível, foi marcada uma reunião com os encarregados de educação dos alunos seleccionados para o dia 28 de Janeiro. Nesta reunião, foi apresentado todo o projecto de intercâmbio cultural, e como esta seria uma experiência fantástica para os seus filhos, o contacto com uma nova cultura e a oportunidade de representar Portugal internacionalmente. A maioria dos pais foi condescendente com a participação dos seus filhos, pois entenderam a dimensão do envolvimento dos seus educandos numa acção como esta.

Os ensaios e preparação com os alunos iniciaram no dia 3 de Fevereiro, onde não podendo a professora Manuela Góis estar presente, o núcleo de estágio nº2 com o grupo de alunos, iniciou a elaboração dos cartazes da nossa escola em inglês, que será a língua usada no nosso intercâmbio para comunicação.

Para a elaboração da "Caixa Cultural", e estando nós, o núcleo de estágio nº2, envolvidos na organização do seminário: "Caminhos a Percorrer no Sentir de uma Escola", aproveitamos muitos dos nossos contactos e idas a determinadas instituições, para apresentar este projecto e recolher materiais para a Caixa Cultural. Recebemos diversos itens representativos da nossa cultura portuguesa de instituições como a Câmara Municipal de

Évora, Direcção Regional da Cultura, Turismo de Portugal, Turismo de Évora, Turismo do Algarve e Turismo do Norte e Porto de Portugal. Para transportar todo este material e também ficar reunido na escola, decidimos comprar um baú pintado à mão, um dos nossos elementos do artesanato da região do Alentejo.

No meio de todos estes pedidos de apoio para a “Caixa Cultural” e organização do seminário, num dia que fomos aos Serviços Académicos, lembramo-nos de pedir informações sobre o apoio e financiamento que a Universidade de Évora oferece aos seus alunos, para projectos como este que estávamos a integrar. Foi-nos informado, que para este tipo de projectos deveríamos procurar esclarecimentos junto do Dr. António Ramalinho, o administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Évora. Depois de termos marcado uma reunião com o próprio, apresentamos o projecto e referimos a importância deste projecto para a nossa formação e consequentemente para a universidade de Évora, solicitação à qual o dr. Ramalinho se mostrou interessado, contudo referiu que através dos serviços sociais não poderíamos ter nenhum apoio, pois as verbas que este órgão tem são limitadas aos seus serviços, contudo, informou-nos que um outro órgão da universidade nos poderia ajudar, órgão do qual ele também faz parte e no qual teríamos o seu apoio, o do conselho de gestão da universidade. Para tal patrocínio, marcamos uma reunião na vice-reitoria com o Dr. Rui Pingo, onde mais uma vez apresentamos o projecto de intercâmbio, e apelamos para a importância da universidade de Évora apostar em todos os aspectos da formação dos seus estudantes e como nós iríamos em representação da cultura portuguesa e consequentemente da Universidade de Évora, o Dr. Rui Pingo informou-nos da existência de uns fundos para este tipo de projectos “Curtas-Mobilidades”, apenas teríamos de apresentar o convite da Doga Schools que nos foi feito, e todo o projecto por escrito. Passado algumas semanas após a entrega destes documentos, vimos apoiado financeiramente o nosso projecto de ida e participação de intercâmbio com a Doga Schools Bostanci.

Com os ensaios a acontecerem todas as quartas-feiras, e a aproximação da data marcada para a viagem, iniciamos uma outra secção extra, aos sábados de 15 em 15 dias. Durante os períodos de ensaio para as danças tradicionais, tivemos algumas dificuldades que facilmente foram superadas, pois do grupo havia sempre alguém em falta, o que era superado com a minha presença ou a da Cátia no lugar dos alunos em falta. Na coreografia que decidimos levar para Istambul, quisemos não só levar as danças tradicionais portuguesas, mas também levar algo novo que representasse um Portugal, desenvolvido e contemporâneo, que não despreza a sua cultura tradicional, mas a honra. Assim, decidimos fazer uma dança contemporânea para a primeira interpretação com a música “Canção do mar” de Dulce Pontes, representando Portugal e a importância que o mar e os Descobrimientos têm para nós, seguido da apresentação de um fado interpretado pela Cátia Casquinha, invocando Amália Rodrigues com “Perfeito Coração” e por último apresentaríamos uma das danças tradicionais portuguesas “ O Regadinho”. Para estas três apresentações, tivemos de trabalhar tanto as coreografias e interpretações como, arranjar todos os adereços necessários. Para a interpretação da “Canção do Mar”, nós com a professora Manuela Góis, fizemos um levantamento de orçamentos, para a compra de tecido para a elaboração das roupas. Significativamente mais baixo, fomos comprar o tecido a Lisboa, que depois a D.

Rosa, funcionária da escola com conhecimentos de costura, concebeu as roupas e as faixas necessárias. Para a interpretação do fado, "Perfeito Coração" pensámos inicialmente, sermos nós, os estagiários a termos esta participação, para que no espectáculo na Turquia, os nossos alunos tivessem tempo de trocar de roupas entre a primeira e segunda apresentação. Assim, depois de termos feito alguns contactos, a minha colega Cátia, conseguiu dois guitarristas, para gravarmos em estúdio o playback desta música. Também para que esta interpretação fosse o mais real possível, conseguimos junto do professor Bruno, professor de música desta escola, o empréstimo de uma guitarra portuguesa para levarmos para Istambul, papel de guitarrista que eu assumi durante o espectáculo. Para a última apresentação, junto dos pais das crianças e no grupo de Cantares de Évora, conseguimos obter as roupas tradicionais, para que esta coreografia, fosse também representativa do vestuário tradicional português. Em todo este processo de ensaios e desenvolvimento do projecto, podemos contar com a colaboração dos alunos escolhidos e suas famílias, assim como de alguns professores, também as aulas de turco nos possibilitaram uma aproximação à cultura turca, e aprendizagem de algumas palavras simples, para podermos comunicar na mesma língua com os nossos parceiros. Este foi um período de muitos contactos, em que nem sempre conseguimos à primeira atingir os nossos fins, foi necessário persistência e sabermos comunicar com eficiência tudo o que este projecto envolveu.

Com a aproximação à data marcada do nosso intercâmbio, dia 22 com retorno no dia 30 de Abril, começamos a planear a viagem, a maioria de nós professores e alunos tivemos de tirar o passaporte, conseqüentemente, iniciamos alguns contactos com agências de viagem, para obtermos bons preços nas viagens. Foi também produzida uma t-shirt, identificativa da nossa escola e país, para podermos usar em determinadas situações, que estivessem presentes um grande número de outras crianças, para que assim, pudéssemos ter um maior controlo sobre os nossos alunos. Também para precaver alguma situação anormal, foi elaborado um cartão de identificação para todos os alunos e professores, com uma fotografia e dados pessoais, cartão esteve sempre presente, com cada um dos elementos, fixo numa fita de pescoço. Para uma maior aproximação entre as famílias dos nossos alunos e mesmo entre os pais e os professores, foi realizado um jantar convívio no dia 26 de Março, onde perspectivamos a semana que iríamos viver, famílias e alunos reforçaram os laços que já existiam.

Entre diversas reuniões com os pais e contactos, realizou-se o último ensaio geral no dia 14 de Maio, na parte da tarde, onde todos os pais e professores, puderam antever o que iríamos fazer no dia da "Soberania Nacional" em Istambul, a todos os pais agradou o que tivemos a preparar e a ensaiar em cerca de três meses. No dia anterior à nossa partida dia 15 de Abril, aconteceu uma das últimas reuniões com pais, onde foram esclarecidas todas dúvidas que ainda existiam, foram entregues os bilhetes, e combinamos a hora de partida para o aeroporto de Lisboa, às 2h00 do dia 16 de Abril, assim como combinadas as boleias que alguns pais iriam dar a outros alunos e professores.

Como combinado à hora marcada, partimos em direcção ao aeroporto de Lisboa, com uma trágica notícia, que os aeroportos de grande parte da Europa estavam encerrados, devido ao vulcão Fimmvorduhals na Islândia ter entrado em erupção, e nós possivelmente não

teríamos condições para viajar, pois iríamos fazer escala em Munique na Alemanha. Ao chegarmos ao aeroporto, tivemos a triste notícia que a todos nos entristeceu, principalmente às crianças, que tanto tinham trabalhado e lutado, a viagem tinha sido cancelada. Contudo, a professora Manuela Góis, continuou junto do balcão da nossa companhia de voo, desde as 5h00 da manhã, hora do nosso check-in até retomarmos para nossas casas, sempre na tentativa de obtermos uma outra ligação para Istambul, foi então que próximo do meio-dia, pais e alunos já cansados de esperar, decidimos voltar para Évora. Neste momento quase todos os alunos, pois tinham criado grandes expectativas, começaram a chorar e sentiram um sentimento de arrependimento por se terem envolvido neste projecto, pois tal como eles disseram “era demasiado bom para ser verdade”. Retornando a Évora, a professora Manuela Góis continuou contactando os escritórios da nossa companhia de voo, a Lufthansa, na tentativa de obter algumas novas informações. Contactos e procedimentos, que nos levaram a obter um novo voo no dia 22 de Abril com volta prevista para o dia 30 de Abril, depois de contactados os pais e a Doga School, avançamos com a confirmação dos bilhetes, pois os dias mais importantes, o do dia da “Soberania Nacional” poderíamos estar presentes com as nossas participações, resolução que muito agradou à escola que nos iria receber, pois também os seus alunos estavam ansiosos para conhecer os seus novos amigos, assim a escola que nos recebeu, organizou um novo programa para esta semana, em que iríamos estar presentes.

A nossa viagem iniciou com todos os alunos felizes e motivados, por irem representar Portugal até este novo país, onde iríamos conhecer uma escola diferente e uma nova cultura, assim como fazer novos amigos.

Sáimos de Lisboa às 6h45 da manhã em direcção a Munique, para fazermos escala com o nosso destino, Istambul, com chegada às 15h00. Para a maioria dos alunos, esta foi a primeira vez que andaram de avião, o que foi extraordinariamente bom, para o início de uma jornada tão cheia de novas experiências. No momento em que andámos nos aeroportos com os alunos, para fazer check-in, passarmos nos vários sistemas de controlo e segurança e andarmos no meio de multidões, os alunos tiveram de se tornar mais responsáveis, em relação a não se afastarem do grupo e também com os seus bens pessoais, malas de mão, telemóveis, livros, playstation portable, etc. Nestes momentos de viagem todos os alunos estavam muito expectativos, de como este intercâmbio iria correr, e como seria ter de viver com os seus novos amigos. Chegados ao aeroporto de Istambul, fomos recebidos calorosamente pelos professores organizadores e anfitriões do intercâmbio, o professor Hasan Turan, a professora Burcu Turkmen e a professora Gulsah Kaya. Do aeroporto fomos levados para a escola em Bostanci, onde fomos recebidos pelas famílias que iriam ficar com os nossos alunos. Este encontro dos nossos alunos com os novos amigos e com as famílias Turcas, a todos os alunos deixou um pouco receosos, na dúvida se iriam adaptar e ser bem recebidos. As famílias turcas presentes, mostraram muito interesse e preocupação com cada um deles, situação que nos deixou a nós, professores mais descansados. Com a ida dos alunos para a casa das famílias, antes de sermos levados para o Hotel Rithim, tivemos tempo de fazer uma pequena visita a esta escola. Um prédio construído de raiz, onde estava instalada esta instituição escolar, cada piso era dedicado a um ano lectivo e existiam áreas

que eram comuns a todos os alunos. Neste momento inicial, deu para perceber que esta é uma escola acima da média, pois aqui todas as necessidades eram supridas, e sempre com a qualidade necessária para o bom funcionamento de uma instituição educativa. Partimos em direcção ao hotel, que tal como a escola de Bostanci, fica localizado na zona asiática de Istambul. Este hotel tem uma localização privilegiada, pois fica junto ao cais marítimo do rio Bósforo e está próximo a uma gare de autocarros e de comboios, o que permite nos deslocarmos facilmente.

No dia 23 saímos do hotel por volta das dez horas, a carrinha da escola foi nos buscar mais os professores que nos acompanharam, quem lá estava que não contávamos, eram os nossos alunos. Que todos empolgados nos contaram como foi a recepção com as famílias Turcas e como eram os seus novos amigos, a maioria mostrou-se satisfeita e muito entusiasmada. Fomos directos para o estádio Anadolu Hisari, onde estava a ocorrer a cerimónia do Dia da Soberania Nacional da Turquia, onde estavam representadas diversas autoridades locais. Os nossos estudantes neste acontecimento, representaram uma dança tradicional portuguesa "O Regadinho", onde em conjunto com a representação de estudantes de outros países, podemos mostrar um pouco da nossa cultura. As cerimónias continuaram, com a participação de escolas locais na representação e valorização da cultura tradicional da Turquia. Depois de um pequeno lanche e uma pausa para descanso, deslocamo-nos até o Shopping Cevahir Alisveris Merberi que estava localizado na parte europeia da Turquia. Durante este percurso, podemos conhecer mais um pouco desta cidade e desta cultura, podemos perceber o quão importante era este dia para os turcos, pois quase todos os prédios e casas tinham nas suas janelas enormes bandeiras deste país. Neste shopping, estava a ocorrer uma divulgação da Doga Collegi para a promoção de inscrições para novos alunos. Antes da nossa actuação, podemos ter algum tempo livre para passeio neste mesmo shopping, podemos concluir que o estilo de vida da maior parte destas pessoas não é assim tão diferente como o nosso ocidental, os gostos musicais, o fast food e a moda são idênticos. Seguidamente, preparamo-nos para a nossa apresentação, como ainda os nossos alunos tinham vestidas as roupas tradicionais portuguesas. Estipulamos que a primeira apresentação seria "O regadinho", seguido da interpretação "Perfeito Coração" de Amália Rodrigues pelos estagiários, o que daria tempo para os nossos alunos trocarem de roupa, e então executarem a coreografia "Canção do Mar" de Dulce Pontes. Antes das nossas performances, outras escolas participaram com determinadas danças tradicionais dos seus países. Durante estas apresentações, todas as pessoas que estavam no Shopping pararam para assistir, durante a nossa performance penso que tivemos cerca de umas quinhentas pessoas a assistir, a maioria das pessoas ficou bastante satisfeitas não só porque levámos uma dança tradicional mas também porque tínhamos uma dança contemporânea. Onde me parece que a maior parte das pessoas não percebeu o que foi executado, penso que foi mesmo na interpretação do "Perfeito Coração". A mim parece-me que isso se deve ao desconhecimento deste estilo musical, e por não entenderem este sentimento aliado à cultura portuguesa. Terminado este momento pela nossa parte, fomos para o Campus da Doga, local onde ficam localizados os escritórios administrativos deste colégio, e onde se situa também uma escola. Todos nós, professores e alunos ficamos fascinados com esta

escola, era simplesmente fantástica. Uma enorme área de mata existia em volta deste local, onde se situava um pequeno zoo, e podemos descobrir diversos animais num passeio que demos. Também nesta escola tinham cerca de duas piscinas e um hipódromo, onde os nossos alunos, e eu inclusive, montei a cavalo pela primeira vez. Para nós professores e alunos, este foi um momento muito especial, podemos aprofundar laços e estar em contacto directo com a natureza. Mas a razão pela qual nos trouxeram até este local, foi para a cerimónia de encerramento do Dia da Soberania Nacional. Neste evento estiveram presentes todas as escolas que vieram até à Turquia para representar a sua cultura e o seu país, recebemos ainda no final alunos e professores os diplomas de participação neste Intercâmbio cultural. Quem também esteve presente neste momento, foram os alunos e as famílias que receberam os nossos alunos, também aqui podemos conhecer estas famílias e trocar algumas conversas na medida em que estas famílias dominavam o inglês. Neste momento uma das famílias convidou-nos, a passarmos o sábado à tarde com eles, pois queriam nos mostrar como é viver na Turquia. No final os nossos alunos foram para casa dos seus novos amigos, e nós fomos descansar para o hotel, depois de um dia muito produtivo mas também muito cansativo.

No dia 24, sendo um sábado e não tendo nada combinado na parte da manhã com a escola nem com os professores nem com os nossos alunos, fomos dar um passeio nas ruas de comércio próximas ao nosso hotel, onde podemos para além de comprar algumas recordações experimentar a comida tradicional. Na parte da tarde tal como combinado, fomos dar um passeio com esta família turca, que de uma forma tão especial nos acolheu. Levaram-nos a um parque de diversões, seguido de um passeio num shopping local onde podemos lanchar e fomos até à sua casa, num condomínio fechado com prédios de quarenta andares, aqui podemos experimentar a hospitalidade das pessoas da Turquia, para além de termos tido muitas conversas sobre este país e a sua cultura, estas pessoas demonstraram-nos alguma da gastronomia, serviram-nos chá e bolos tradicionais. Depois de um dia bem passado e repleto de novas vivências fomos para o hotel por volta das 22h30.

No domingo dia 25, também não tendo nada combinado com os professores da Doga Collegi, e sabendo que os nossos alunos estavam bem, e que também andavam a passear por esta cidade. Decidimos ir até à zona turística no lado europeu, pedimos algumas informações junto da recepção do nosso hotel, e apanhamos um barco para o outro lado da cidade. Tivemos na Mesquita Azul e na AyaSofia, foi um dia em que andamos muito a pé, mas valeu a pena todo o esforço pois os edifícios onde tivemos mostraram-se ser grandes marcos da arquitectura neste país, para além de todo o significado religioso e comercial que estes têm.

Na segunda-feira dia 26, foram-nos buscar ao hotel e fomos assistir ao ensaio final de um festival de dança que este colégio realiza todos os anos. Como este colégio tem várias escolas espalhadas por Istambul, organizam um festival local onde cada escola leva para esta exibição uma dança folk e uma dança contemporânea. Depois deste momento fomos até à escola de Bostanci, onde tivemos com os nossos alunos, depois de um fim-de-semana, foi bom e muito importante estarmos juntos e percebermos o que cada um tinha aprendido e aos locais em que tinham ido. Foi bastante gratificante perceber que todas as famílias estavam a esforçar-se, para que os nossos alunos se tivessem a sentir bem e lhes estavam a

proporcionar novas experiências culturais. Tanto para os nossos alunos como para estas famílias a comunicação continuava a ser uma das maiores dificuldades mas mesmo assim superada pela simpatia e compreensão de ambas as partes. Depois de almoçarmos com eles na cantina da escola, fomos dar um passeio na carrinha da escola até Camlika, um jardim que ficava localizado numa montanha de onde se podia avistar tanto a área europeia como a asiática, mas ainda assim nem toda a cidade, pois esta é uma grande metrópole, cerca de sete milhões de habitantes na cidade e perto de 13 milhões com as áreas vizinhas. De tudo o que tínhamos visto nesta cidade tudo nos agradou, contudo, percebo que por esta ser uma cidade tão grande diversos problemas sociais ocorrem, e mesmo a situação da maior parte da população é a pobreza extrema. Depois deste belo passeio, fomos até à escola levar os nossos alunos para junto dos seus colegas que foram para as suas casas, nós, voltamos para os nossos aposentos.

No dia 27 na parte da manhã, tivemos uma importante experiência pedagógica, pois em conjunto com os nossos alunos e os seus colegas, fomos assistir a algumas aulas e conhecer melhor esta escola no seu dia-a-dia. As aulas assistidas foram duas de inglês na mesma turma, a primeira aula foi dada por uma professora Turca, e a segunda foi leccionada por uma professora de nacionalidade britânica, o que contribuía para a aprendizagem desta língua entre estes estudantes. Durante esta parte da manhã, podemos nos aperceber mais uma vez, do quanto esta escola é profissional e investe nos seus alunos. Mas mais uma vez importa reforçar, que esta não é uma escola habitual de ver pela Turquia, é um colégio privado onde estão os filhos das pessoas mais ilustres da vida social desta cidade e país. Exemplo disso, foi o Festival de Dança que ocorreu na noite deste mesmo dia, evento que aconteceu num dos melhores auditórios da cidade, e para toda a produção e organização devem ter sido gastos muitos recursos financeiros. O júri deste festival foi constituído por directores de associações de folk e directores de escolas de dança moderna. Todo este espectáculo foi desenvolvido com um excelente profissionalismo, tanto por parte de toda a organização, tanto pelos alunos que tiveram a dançar com uma excelente performance e desempenho. Durante a parte da tarde fomos com os professores que nos acompanhavam a uma das ruas mais importantes desta cidade, a rua Istiklal Caddesi (Beyoglu), onde podemos visitar a igreja ortodoxa de Santo António.

Na quarta-feira dia 28, para nós foi dia livre, na parte da manhã ficamos a descansar mais um pouco, e na parte da tarde fomos ao Grande Bazar, local de comércio onde todos os turistas vão para regatear os preços, no dia seguinte voltamos a ir com os nossos alunos. Durante este dia os nossos alunos continuaram cada um com os seus amigos, nas aulas e actividades que estes estavam inscritos, todos estes tempos serviram para os nossos alunos aprofundarem amizades com os seus colegas e conhecerem diferentes realidades culturais e vivências de ambientes escolares.

No dia 29 na quinta-feira, a carrinha com os nossos alunos portugueses, passou pelo nosso hotel a apanhar-nos por volta das 10h00, onde fomos directamente para a zona turística europeia. Com os nossos alunos podemos visitar a AyaSofia e a Mesquita Azul, local onde nós e alguns dos alunos já tinha-mos ido, mas outros alunos ainda não. Mesmo assim, para todos os nossos alunos depois de alguns dias sem estarmos todos juntos, foi bom este

reencontro e passeio, podemos partilhar algumas das novas experiências que tivemos nestes últimos dias, mesmo estando tudo a correr bem, todos nós já tinha-mos algumas saudades do nosso país e da nossa família, na parte da tarde fomos ao Grande Bazar, onde os nossos alunos puderam comprar algumas lembranças para os que cá ficaram. Depois de um tempo bem passado, voltamos para a escola de Bostanci, onde os nossos alunos voltaram às famílias para se despedirem delas, pois nesta madrugada iríamos apanhar o avião de volta para Portugal com direcção a Lisboa. Nós como tínhamos já feito o check-out na parte da manhã no hotel, fomos passar parte desta noite a um shopping próximo da escola, onde podemos jantar alguma coisa e seguidamente fomos para a casa da Burcu fazer tempo até à hora combinada. Às 2h00 da manhã, tal como combinado, encontramos-nos todos junto à escola, algumas das famílias que acolheram os nossos alunos durante estes dias mostraram-se muito tristes com a partida, o que demonstra que realmente este projecto cumpriu aquilo que era pretendido, a criação de laços com pessoas de uma outra cultura e de um outro país. Depois de algumas horas de voo, e de termos feito escala em Frankfurt, chegamos a Lisboa às 11h20 da manhã, onde fomos recebidos calorosamente pelas nossas famílias.

Relatório de Reunião do Núcleo de Estágio nº2

Reunião nº 1

15 de Outubro de 2009

	Cargo	Nomes
Núcleo N°1	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Paulo Matias Dr. Carlos Guerra
	Aluno(s)	Ana Sofia Henriques
	Estagiário(s)	Maria Cristina Malta
Núcleo N° 2	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Maria João Machado Dr. Luísa Gancho
	Aluno(s)	Cátia Casquinha
	Estagiário(s)	Eliezer Correia

No dia 15 de Outubro de 2009, reuniram-se na Escola Secundária Gabriel Pereira, pelas 10h, ambos os núcleos de estágio sob a presença dos vários professores orientadores.

Os assuntos debatidos na reunião foram:

1. Discussão sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES).
2. Redistribuição dos alunos estagiários pelos núcleos.
3. Visita à Escola Básica Integrada André de Resende.
4. Outros assuntos.

Desencadeou-se uma discussão sobre toda a envolvimento da Prática de Ensino Supervisionada, o que suscitou como necessidade primordial, a distribuição dos alunos estagiários de forma equilibrada por ambos os núcleos, visto haver um desfasamento no núcleo nº1. Desta forma, o núcleo nº1 ficou representado pelas alunas estagiárias Ana Sofia Henriques e Maria Cristina Malta, enquanto que o núcleo nº2 ficou caracterizado igualmente pelos alunos estagiários Cátia Casquinha e Eliezer Correia.

Continuamente, foram aferidos e analisados os horários respectivamente a cada núcleo de trabalho, e foi ainda, traçada uma breve descrição das turmas, nomeadamente, o número de alunos que as integra e o perfil geral das mesmas, tanto a nível dos conhecimentos específicos, como a nível cognitivo/comportamental de atitudes e valores, por parte dos professores/orientadores Paulo Matias e Maria João Machado.

Posteriormente, foi-nos solicitada uma apresentação, pelo professor/orientador Carlos Guerra, que evidenciasse as nossas competências académicas e pessoais, com o objectivo de testemunhar os nossos conhecimentos pedagógicos e artísticos. Esta exibição ficou desde já agendada para o dia 22 de Outubro de 2009, na Escola Secundária Gabriel Pereira, pelas 10h.

Por fim, e dada por concluída a reunião, procedeu-se a uma visita guiada pelos professores/orientadores Paulo Matias e Maria João Machado, à Escola Básica Integrada André de Resende, com o intuito de conhecermos as instalações e o Clube de Artes, onde nos foi proposto pela professora Madalena Caçoilas, coordenadora do Grupo de Educação Especial, o desenvolvimento de actividades no âmbito das expressões artísticas, com alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), a qual aceitámos. Seguidamente, foi realizada a distribuição de horários para ambos os núcleos, de forma considerada, por haver carência de professores, assim sendo, o núcleo nº1 ficou responsável pelas actividades do Clube à segunda-feira, enquanto que o núcleo nº2 à sexta-feira, ambos no último tempo da tarde.

Ficou, então, calendarizada uma próxima reunião para o dia 16 de Outubro de 2009, pelas 15h30, no Clube das Artes, hora que ficou predestinada para o núcleo nº2.

Nada mais havendo a tratar, deu-se terminada a reunião.

Relatório de Reunião do Núcleo de Estágio nº2

Reunião nº 2

16 de Outubro de 2009

	Cargo	Nomes
Núcleo N°2	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Maria João Machado
	Aluno(s)	Cátia Casquinha
	Estagiário(s)	Eliezer Correia

Pelas 15h30, do dia 16 de Outubro de 2009, reuniu-se o núcleo de estágio nº2, no Clube de Artes, na Escola Básica Integrada André de Resende, sob a comparência da professora orientadora Maria João Machado e a professora Madalena Caçoilas, coordenadora do Grupo de Educação Especial.

Os assuntos desenvolvidos nesta reunião foram:

1. Facultamento dos processos dos alunos com NEE.
2. Acesso ao Projecto "Concurso Escola Alerta! 2009/2010: Acessibilidade a Todos".
3. Informação sobre projectos e actividades a desenvolver no âmbito da "Semana dos Direitos da Criança".
4. Interacção com uma das alunas com NEE.
5. Outros assuntos.

Foram-nos facultados os processos dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, facto que promoveu uma conversação com a professora Madalena Caçoilas, nomeadamente, sobre todos os problemas que afectam estes alunos, não só a nível psico-motor, mas também, a nível familiar.

Foi-nos dado a conhecer o Projecto "Concurso Escola Alerta! 2009/2010: Acessibilidade a Todos", e conseqüentemente, proposto a participação com os alunos NEE, actividade que acabou por ser posta de parte devido à incompatibilidade de horários e disponibilidade.

Seguidamente, a professora Madalena Caçoilas, fez uma breve exibição de alguns projectos de antigos alunos estagiários, e ainda, fomentou alguma informação sobre os Direitos da Criança, e respectiva semana de comemoração desses mesmo direitos, temática que considerámos de extrema relevância abordar dentro da nossa prática de Clube de Artes.

Rematando, e ainda neste espaço de tempo, tivemos o primeiro contacto com uma das alunas NEE, particularmente, com a aluna Ana Espada, de 11 anos, que apresenta um défice cognitivo acentuado.

Nada mais relevante a tratar, deu-se encerrada a reunião, ficando por agendar uma próxima, com a finalidade de expor as ideias de projectos a aprovar pela professora/coordenadora da Educação Especial,

Relatório de Reunião do Núcleo de Estágio nº2
3º Ciclo / Ensino Secundário

Reunião nº 3

22 de Outubro de 2009

	Cargo	Nomes
Núcleo Nº1	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Paulo Matias Dr. Carlos Guerra
	Aluno(s)	Ana Sofia Henriques
	Estagiário(s)	Maria Cristina Malta
Núcleo Nº 2	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Maria João Machado Dr. Luísa Gancho
	Aluno(s)	Cátia Casquinha
	Estagiário(s)	Eliezer Correia

No dia 22 de Outubro de 2009 pelas 10h, reuniram-se na Escola Secundária Gabriel Pereira, os núcleos de estágio sob a presença dos seus vários professores orientadores.

Os assuntos debatidos na reunião foram:

1. Exposição da apresentação proposta na reunião anterior de trabalhos realizados e projectos.
2. Calendarização da nova reunião dos núcleos de estágio.
3. Outros assuntos.

Esta foi uma reunião planeada com o intuito de os alunos/estagiários demonstrarem as suas competências e formação académica adquiridas, tanto na área pedagógica como artística, isto de carácter informal e de modo a existir uma partilha de experiências e conhecimento.

As apresentações deram início pelo segundo núcleo de estágio, onde os alunos/estagiários Cátia Casquinha e Eliezer Correia, elaboraram a apresentação conjunta ao nível dos trabalhos científicos realizados na área da educação, contudo os trabalhos de vertente artista, tanto os teóricos como os práticos, foram apresentados pelos mesmos, mas individualmente, focando cada vertente artística de formação.

A apresentação de um trabalho pedagógico efectuado na disciplina de Desenvolvimento Curricular com a professora Marília Favinha na Universidade de Évora, criou algum debate à volta do tema das Planificações, trabalho este que consistiu na elaboração de um plano de actividades para o 8º ano, baseada na Unidade da Cor. Esta unidade foi organizada segundo Planificações em grelha a Médio e a Curto Prazo.

O primeiro núcleo de estágio deu, então, início à sua apresentação, pela Maria Cristina Malta seguido da Ana Sofia Henriques.

Os professores/orientadores evidenciaram algum interesse ao que foi apresentado e colocaram algumas questões e considerações.

Seguidamente foi calendarizado duas próximas reuniões. Uma para o dia 22 de Outubro na Escola André de Resende, com os alunos/estagiários e os professores/orientadores Dr. Paulo Matias e a Dr. Maria João Machado, esta reunião tem como objectivo traçar as planificações das unidades didácticas, que irão ser alvo de estudo através de diversos exercícios plásticos, para o respectivo semestre a decorrer. Uma segunda reunião foi agendada com os dois núcleos de estágio e os professores/orientadores a ser realizada no dia 3 de Dezembro na Escola Gabriel Pereira pelas 10h, terá como motivo principal dar-se ao início do planeamento para o segundo semestre que irá decorrer na Escola Gabriel Pereira.

Sem mais assuntos a tratar, deu-se por terminado.

Relatório de Reunião do Núcleo de Estágio nº2

Reunião nº 4

22 de Outubro de 2009

	Cargo	Nomes
Núcleo Nº1	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Paulo Matias
	Aluno(s)	Ana Sofia Henriques
	Estagiário(s)	
Núcleo Nº 2	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Maria João Machado
	Aluno(s)	Cátia Casquinha
	Estagiário(s)	Eliezer Correia

No dia 22 de Outubro de 2009 pelas 14:30, reuniram-se na Escola Básica Integrada André de Resende, ambos os núcleos de estágio sob a presença dos vários professores/orientadores.

Os assuntos debatidos na reunião foram:

1. Planeamento para o projecto das “Necessidades Educativas Especiais”.
2. Elaboração da Planificação das unidades didácticas.
3. Outros assuntos.

À reunião iniciou com a presença dos dois núcleos de estágio e com os professores/orientadores da Escola André de Resende. Deu-se continuidade ao que já vinha a ser falado informalmente com a Professora Madalena Caçoilas, na elaboração de um Projecto a desenvolver com os alunos das Necessidades Educativas Especiais (NEE). Posteriormente, já nos tinham sido apresentados, alguns projectos educativos existentes os quais poderiam ser integrados, “Escola Alerta” e “Semana de Promoção dos Direitos da Criança”. Ao ouvirmos os vários elementos e examinarmos os vários projectos, optou-se por se construir um projecto paralelo, promovido pelos alunos/estagiários a ingressar na “Semana de Promoção dos Direitos da Criança”, assim como, na possibilidade de organizar um seminário relativo às “barreiras arquitectónicas, sociais e comportamentais”, nas quais os cidadãos carentes de necessidades especiais se deparam.

Devido ao facto dos alunos/estagiários ingressarem o seu “estágio pedagógico” no início do mês de Outubro, e as aulas do ensino básico terem dado início no mês de Setembro, surgiu um desafio. Pois aos alunos estagiários que em parte lhes cabia a tarefa de planificar todo um conjunto de aulas para o primeiro semestre, ou planificar uma unidade didáctica de trabalho, tiveram a contrariedade de dar continuidade à unidade de estudo vinha a ser desenvolvida. A acção dos alunos/estagiários sobre a prática educativa, irá ser desenvolvida na continuidade e inovação, do planificado pelo professor/orientador. Compete aos alunos/estagiários seguir as linhas ideológicas desenvolvidas, mas podendo intervir sobre as linhas teóricas, conceptuais e produções artísticas, desenvolvidas ao longo do primeiro e segundo período.

Tendo em conta tudo o que foi tratado e sem nada mais relevante a tratar, deu-se encerrada a reunião.



AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Calendário Escolar

Outubro de 2009 – Março de 2010

Dias da Semana	ANO DE 2009					ANO DE 2010						
	DIAS DO MÊS											
	OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO		JANEIRO		FEVEREIRO		MARÇO	
Sábado												
Domingo			F									
2ª Feira			2						1			1
3ª Feira			3		F				2			2
4ª Feira			4		2				3			3
5ªa Feira	1		5		3				4			4
6ª Feira	2		6		4		F		5			5
Sábado	3		7		5		2		6			6
Domingo	4		8		6		3		7			7
2ª Feira	F		9		7		4		8			8
3ª Feira	6		10		F		5		9			9
4ª Feira	7		11		9		6		10			10
5ªa Feira	8		12		10		7		11			11
6ª Feira	9		13		11		8		12			12
Sábado	10		14		12		9		13			13
Domingo	11		15		13		10		14			14
2ª Feira	12		16		14		11		15	Férias		15
3ª Feira	13		17		15		12		16	Carnaval		16

4ª Feira	14		18		16			13			17		17
5ªa Feira	15		19		17			14			18		18
6ª Feira	16		20		18			15			19		19
Sábado	17		21		19			16			20		20
Domingo	18		22		20			17			21		21
2ª Feira	19		23		21			18			22		22
3ª Feira	20		24		22			19			23		23
4ª Feira	21		25		23			20			24		24
5ªa Feira	22		26		24			21			25		25
6ª Feira	23		27		N			22			26		26
Sábado	24		28		26			23			27		27
Domingo	25		29		27			24			28		28
2ª Feira	26		30		28			25					29
3ª Feira	27				29			26					30
4ª Feira	28				30			27					31
5ªa Feira	29				31			28					
6ª Feira	30							29					
Sábado	31							30					
Domingo								31					

	- Turma 7º A		- Clube de Artes		- Actividades Extra Curriculares
	- Turma 7º B		- Reuniões		- Seminário "Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola
	- Turma 7º C		- Formação Pedagógica		- Projecto Comenius/Istambul

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Conselho Nacional de Educação Artística



Análise Crítica –

Hong Kong Senior School Curriculum and Visual Art Curriculum

1º Semestre – 14 de Dezembro

No passado dia 14 de Dezembro, ocorreu uma conferência no Colégio Pedro da Fonseca com a Dr. Lam Bick Har do Instituto de Educação em Hong Kong. Esta secção incidiu sobre a explicação do funcionamento do Sistema de Ensino em Hong Kong, e as principais alterações que aconteceram com a reforma do ensino em 2004.

O antigo curriculum muito centrado nas competências, deu lugar a outras preocupações, que reflectem os aspectos e necessidades das nossas sociedades pós-modernas. A educação deve preparar as pessoas para os novos desafios, as pessoas devem estar preparadas para saberem lidar com as mudanças e desenvolvimento contínuo, de forma inovadora e criativa, contribuindo assim para o desenvolvimento económico de um determinado meio. A reforma do ensino em Hong Kong, fez-se com a preocupação do desenvolvimento do cidadão comum baseado em três grandes aspectos, criativo, activo e comunicativo. Este modelo exigiu uma reorganização das escolas aos novos conteúdos de ensino e à nova prática pedagógica. O slogan deste novo currículo é "aprender a aprender", os alunos competentes são agora estimulados a serem autónomos nas suas investigações.

Em Hong Kong, o sistema de ensino é dividido em quatro ciclos, o Primário de seis anos, o Júnior de três anos, o Secundário de três anos e o Ensino Universitário de quatro anos.

O conteúdo da Educação artística neste novo currículo, foi alargado para integrar todas as artes, tais como música, o teatro e a dança. O ensino das artes visuais passou a ter a Cultura Visual e a Crítica da Estética de base para o seu novo currículo. O estudo das artes no ensino Junior, tem quatro grandes fins a atingir no aluno, o Desenvolvimento da Criatividade e da Imaginação, o Desenvolvimento de competências e processos, Entendimento dos contextos artísticos e a promoção de respostas críticas.

Para nós futuros docentes de artes visuais, esta conferência foi uma oportunidade de percebermos o que se está a passar no ensino das artes visuais a nível global, e como se estão a formular diversas respostas às necessidades da sociedade contemporânea em que vivemos. É também de proveito e esclarecedor, percebermos o tipo de actividades que estão a ser realizadas e como estas servem não só para desenvolver capacidades críticas estéticas e aprendizagens de métodos de trabalho, assim como, estes são meio para trabalharmos determinados conteúdos e valores universais, cidadania, sociedade de consumo e inclusão entre tantos outros.

**AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010**



Universidade da Évora
Curso de



**Análise Crítica – Seminário Educação Inclusiva:
Concepções e Práticas**

1º Semestre – 14 de Dezembro

O Departamento de Pedagogia e Educação da UÉ em conjunto com o CIEP, promoveram no passado dia 25 de Novembro na Direcção Regional de Educação do Alentejo o Seminário Educação Inclusiva: Concepções e Práticas. Este seminário visou responder às presentes necessidades de formação de professores e auxiliares educativos sobre as boas práticas inclusivas.

A inclusão valoriza a diversidade, participação, igualdade para todos os alunos e o potencial individual de cada um. A promoção de uma escola inclusiva, assenta na formação dos seus professores e auxiliares numa formação contínua e especializada. Para a obtenção de determinadas competências: método de trabalho, de avaliação e de intervenção pedagógica. A formação dos professores deve ser a determinados níveis: reflexivo (competências reflexivas), comportamento e atitudes, conhecimentos teóricos e conhecimentos especializados.

Na promoção da inclusão no contexto de sala de aula, pretende-se que exista um bom ambiente onde prevaleça o sentimento de segurança e de pertença, através de uma participação colectiva. Para que isto seja uma realidade, o professor sendo o elo mais forte na sala de aula, deve promover estratégias e práticas inclusivas na sala de aula, assim como planos educativos individuais e adaptações curriculares.

Dentro do ensino inclusivo, foi apresentado durante este seminário um caso de sucesso que ocorreu numa determinada escola. Um dado aluno tinha graves problemas comportamentais e dificuldades de aprendizagem ligadas à desmotivação. O modo de intervenção sobre este aluno fez-se através de um plano de intervenção individual, partindo dos seus interesses específicos, melhorando o seu comportamento e desenvolvimento em diversas áreas. Durante o processo percebeu-se que o aluno tinha um enorme interesse por pombos, este interesse fez com que todas as disciplinas cruzassem as suas matérias com este interesse do aluno, o que trouxe motivação ao aluno e conseqüentemente mais participação na sala de aula e melhores notas.

A promoção de um ensino inclusivo nas nossas escolas, penso que pode promover a humanização entre os alunos, na realidade, não nos importa só que os alunos sejam detentores de conhecimentos académicos, mas também que sejam humanos e experimentem e vivam a solidariedade, o amor que promove a paixão pela vida.

AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Universidade de Évora
Departamento de Artes Visuais



Análise Crítica –
Workshop Monotipia e Técnicas Aditivas
2º Período – 10 a 12 de Março

Nos dias 10 a 12 de Março, ocorreu no departamento de Artes Visuais da Universidade de Évora, o workshop de Monotipia e Técnicas Aditivas pela docente Manuela Cristóvão, no qual o núcleo de estágio nº 2, Cátia Casquinha e Eliezer Correia participaram.

A técnica da Monotipia, consiste na reprodução de um desenho ou mancha de cor, numa prova que é única. A prova que se obtém, não é um duplicado fiel do desenho ou mancha original. Na passagem para o papel (impressão), as tintas misturam-se fazendo surgir efeitos imprevistos, num processo que é experimental. Contudo, a impressão sobre uma superfície lisa é uma técnica que também tem um resultado que é previsível, tendo-se em conta, que todos os elementos colocados na matriz sairão impressos ao contrário, visto que da impressão resulta um positivo de um negativo que é a base, permitindo, apesar de nunca semelhantemente, tirar mais uma ou duas provas da matriz, sendo estas progressivamente mais claras.

O primeiro dia de formação, incidiu sobre a apresentação do conceito de impressão e, como esta abrange uma tão grande diversidade de técnicas, as monotipias, os decalques e as impressões, a reciclagem de matrizes, a mestiçagem de técnicas e procedimentos, o recurso à impressão manual e mecânica através da prensa, a diversificação dos suportes de impressão e de ferramentas mediadoras. O conhecimento sobre os materiais e como estes funcionam e se aplicam, são fundamentais para uma boa resolução do trabalho, os materiais tradicionais utilizados, consistem em rolos, pincéis e trinchas, a prensa, folhas de diversas gramagens, as placas de impressão que podem ser de vidro, metal, acrílico ou de madeira, estas devem ser o mais planas possíveis e com os cantos arredondados.

Para mim, este não foi o primeiro contacto com as técnicas de impressão, pois durante os anos que estudei Artes Visuais na Universidade de Évora, acompanhei alguns trabalhos dos meus colegas e, ocasionalmente participei como visitante em algumas exposições onde estavam expostos trabalhos desta natureza, contudo foi a primeira vez que desenvolvi trabalho recorrendo a esta técnica. Aprender a executar trabalhos artísticos através deste novo meio, foi o que me estimulou a participar neste workshop, pois, para além de aprender a lidar com uma nova técnica, considero que a formação contínua é fundamental enquanto futuro docente e artista, para o meu enriquecimento e crescimento. Ainda neste dia na parte da manhã, estudamos alguns dos artistas que desenvolveram trabalho artístico através das técnicas de impressão.

Durante estes três dias desenvolvemos conhecimentos artísticos e técnicos, através de alguns exercícios que nos foram propostos, assemblagens, decalques, combinações monocromáticas e reciclagem de matrizes, assim como no último dia a realização de um projecto individual.

Ao longo deste tempo de formação, podemos todos aprender uns com os outros, tal como eu existiam outros estudantes que nunca tinham produzido nada a partir desta técnica, ao longo dos exercícios, podemos trocar ideias e partilhar conhecimentos, o que se repercutiu num bom resultado final dos trabalhos artísticos que realizamos. Para mim, que incidi os meus estudos durante a licenciatura de Artes Visuais em escultura, sinto falta determinadas bases para poder leccionar com mais confiança e à vontade, penso que só assim estou apto a ser um bom profissional na minha área. Este tipo de formações são essenciais a todos os professores, por vezes pode acontecer ficarmos tão absorvidos pelo tradicional sistema da escola, que fazemos sempre o mesmo tipo de exercícios e técnicas, nos esquecendo de apostar em nós próprios e nos alunos por consequência que irão beneficiar pelos nossos conhecimentos e desenvolvimento pessoal e artístico.

Anexos
referentes à Secção 2
“Escola Secundária Gabriel
Pereira – Segundo Semestre”

Módulo: Ecologia e Sustentabilidade

**Curso Profissional de Técnico de Design
de Interiores e Exteriores**

2009/2010

Escola Secundária Gabriel Pereira – Évora
Universidade de Évora
Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais
Núcleo de Estágio nº 2 – Eliezer Correia

Introdução:

A definição e desenvolvimento do presente módulo: Ecologia e Sustentabilidade, insere-se na disciplina de Design de Interiores e Exteriores do Curso Profissional de Técnico de Design de Interiores e Exteriores, a ser aplicado na Escola Secundária Gabriel Pereira em Évora, pelo Departamento de Expressões, Secção de Artes Visuais. Este módulo será leccionado pelo aluno/estagiário Eliezer Correia do núcleo nº2 de estágio da Disciplina de Prática de Ensino Supervisionada, do Curso de Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, na Universidade de Évora.

Visão Geral do Programa

A actividade do Designer de Interiores e Exteriores pressupõe duas componentes básicas – uma de índole estética e outra de carácter técnico. Ambas se conjugam numa interactividade dependente, começando por um puro exercício estilístico de concepção com base no desenho correspondendo, apenas, a uma fase de um longo processo que se estende das primeiras ideias até à realização final do projecto (metodologia projectual).

O processo projectual surge, então, como uma sucessão de ideias e conceitos aplicados numa lógica suportada pela diversidade das experiências individuais e colectivas as quais serão racionalizadas e caracterizadas mediante questões de índole estética e técnica.

Os alunos irão desenvolver nesta disciplina capacidades de leitura e transformação do espaço, através de instrumentos disciplinares que incluem tanto os campos próprios da arquitectura, assim como os de design de equipamentos e mobiliário. A condição de fronteira entre a arquitectura e design permite ao aluno desenvolver uma sensibilidade muito própria no que diz respeito à noção de Habitat como espaço de viver, espaço do Homem. O objectivo da disciplina de Design de Interiores e Exteriores é o de indicar uma via para recuperar o sentido mais profundo do habitar. Assim, o Design de Interiores procura intervir no domínio não só das exigências físicas, mas também psicológicas, sensoriais, relacionais e de interacção homem/objecto; o conhecimento profundo do material e a sua capacidade de aplicação; o conhecimento do contexto histórico e social no qual o designer de interiores e exteriores opera; um sentido do espaço onde o carácter distributivo, os percursos visuais, a articulação volumétrica e espacial se tornam suporte das relações proxémicas do Homem no espaço, permitem formar um profissional capaz de trabalhar em equipas multidisciplinares, consciente do seu papel na sociedade, capaz de interpretar as transformações sócio-culturais em actos e responder aos múltiplos desafios de uma sociedade pluralista, multiétnica e em constante mutação. Deve ser então privilegiada a assimilação de conhecimentos pela criação de simulações e experiências que façam o formando sentir todas as dificuldades e limites do processo.

Tratando-se de uma disciplina de desenvolvimento do projecto, e nuclear do curso, todos os conhecimentos adquiridos nas restantes áreas, principalmente técnicas, cruzam-se aqui tornando coerente o corpo do curso, poderá mesmo dizer-se que a disciplina Design de

Fundamentação:

Existem hoje poucas dúvidas que o ambiente e o equilíbrio ecológico do planeta se tornaram insustentáveis. É hoje urgente aprender a preservar e conservar os recursos da Terra, assim como, mudar os nossos padrões básicos de consumo, fabrico e reciclagem, para construir um melhor futuro. Segundo Papanek (2007) “ Existe uma dimensão ecológica e ambiental em todas as actividades humanas. Qualquer que seja a disciplina leccionada, um professor pode dar o seu contributo pessoal reduzindo o imenso desperdício de papel, usando os computadores para armazenar dados e diminuindo a quantidade de fotocópias para as aulas.” As próprias mudanças de actos simples podem fortalecer o indivíduo, proporcionando uma sensação de estar a fazer algo para ajudar.

Gestores, políticos e advogados encontram-se em posições de poder, devem apurar a sua compreensão do exacto equilíbrio entre ecologia e economia, uma relação que por regra, é falsamente apontada como de confrontação, quando estudos recentes demonstram que a consciência ecológica pode ter consequências económicas positivas.

Contudo, a Humanidade já antes passou por crises ecológicas, ambientais e energéticas. A primeira grande crise energética ocorreu muito antes da crise petrolífera de 1973. Há doze mil anos, a agricultura iniciou-se no Levante sul sob a simultânea pressão da seca, temperaturas elevadas, sobrepovoamento e exploração excessiva dos recursos naturais. Esta destruição forçada na genética botânica provocou grandes alterações nos padrões da nutrição, do comércio e da colonização.

A pequena era glacial da Europa ocidental durou mais ou menos de 1550 a 1700, em consequência contribuiu para criar novos modos de vida, agricultura e por efeito na expressão cultural. Longos períodos de tempo passados em casa, levaram ao florescimento de artefactos para tornar a vida mais confortável, como o fabrico de colchas, a tecelagem de mantas e carpetes e artigos de cerâmica. Segundo Papanek (2007), este modo de vida centrado no lar alimentou todos os estilos de expressão artística, especialmente na música e na literatura, que substitui a tradição oral das histórias e poesia.

A nossa actual preocupação com a biosfera é o resultado de uma série de catástrofes recentes. Uma das primeiras indicações dos potenciais perigos para a existência humana que a industrialização provoca, aconteceu no Japão em 1932 e durou até final dos anos 50. Nos esgotos foram bombeados excedentes de mercúrio na baía de Minamata, intoxicando milhares de pescadores locais e suas famílias na região de Chizo, no Japão. Somente em 1953 foi comprovado segundo provas científicas, de que tal acção continua a causar grandes danos genéticos levando ao nascimento de muitas crianças com deficiências profundas. Segundo Papanek “Tivemos, em média, cada dois dias, durante os últimos dezoito anos, um grande derramamento oceânico de petróleo”. O petroleiro Exxon Valdez, que em 1990 efectuou um derrame da sua carga no Alasca, afectou a vida selvagem e os bancos de pesca,

e assim continuará a acontecer durante o próximo século, pondo em perigo a vida cultural e a própria existência dos povos nativos do Alasca, que vivem da caça e da pesca. A Exxon Corporation vem a ser considerada culpada de negligência criminal pelos tribunais, sendo obrigada a pagar cinco milhões de dólares aos povos e pescadores nativos do Alasca, além de quase dois mil milhões de dólares por danos directos.

Infelizmente acontece sistematicamente, que as pessoas parecem demasiado alheias aos seus governos em matéria de preocupação com a ecologia. A segunda maior tragédia ecológica provocada pelo homem no séc. XX foi o incêndio de mais de quinhentos poços de petróleo no Kuwait, no fim da Guerra do Golfo. Infelizmente, também alguns dos pulmões verdes naturais da Terra foram já eliminados nos últimos anos, como toda a floresta tropical do Norte de Bornéu. A floresta Amazónica e outras florestas tropicais estão ainda connosco, além da sua importância para a atmosfera terrestre, contêm milhões de espécies, muitas ainda desconhecidas, correndo o risco de serem eliminadas definitivamente. Ocorrem hoje mudanças no nosso ecossistema, que aparentemente até parecem normais, mas quando analisadas em concreto são uma consequência dos nossos actos não reflectivos, como o aumento das moscas tsé-tsé e dos mosquitos portadores da malária. Hoje existem aproximadamente três milhões de pneus de automóveis e camiões, só nas lixeiras dos Estados Unidos, estes pneus conservam água estagnada que constitui um habitat perfeito para estes insectos.

Tais acontecimentos provocados, cada vez em maior número, fazem com que seja vital para a sobrevivência do mundo, que os designers industriais, os designers gráficos e os arquitectos, possam contribuir com os conhecimentos das suas áreas específicas, na procura de soluções ambientais.

Estes tempos perigosos para o planeta Terra requerem não só paixão, inteligência e trabalho árduo, mas sobretudo um sentido de optimismo disposto a agir sem dados adquiridos, mas com fé no efeito de pequenos actos individuais sobre o cenário global. Exemplo disso é a pequena cidade de Irvine, na California, em 1989 onde foi aprovada uma legislação que restringia a venda e uso de aerossóis dentro dos limites da cidade. Os melhoramentos na atmosfera foram poucos consideráveis, contudo, serve de exemplo para as gerações futuras. Esta situação prende-se a nível mundial, no entanto só cede com uma intervenção descentralizada, local e à escala humana. "Em parte, devido ao facto de ainda não conseguirmos avaliar o impacto do que fazemos como designers e como consumidores, as nossas acções devem ser de pequena escala para que as hipóteses de cometer grandes erros de cálculo sejam tranquilizadamente remotas." Papanek (2006).

Em 1991, Dorothy Mackenzie no seu livro *Green Design: Design for the Environment*, aborda e examina vários exemplos de iniciativas empresariais de sucesso cujos processos se direccionam, precisamente, para a evolução operativa de processos ecológicos de produção. O EcoDesign ou o Design para a Sustentabilidade passam a integrar parte das novas filosofias de gestão de design, isto ocorre não apenas nas estruturas produtivas, mas sobretudo, no âmbito académico dos cursos de Design Industrial, Engenharia do Design ou Engenharia do Ambiente.

O Conselho Europeu em 1996, lança a Directiva de Prevenção e Controlo Integrados da Poluição, norma que criou importantes mudanças em toda a Europa. Na Holanda foi criado e comercializado um software de análise do ciclo-de-vida do produto. A "avaliação do ciclo de vida do produto" abarca as suas diversas fases, desde a aquisição original das matérias-primas, passando pelo processo de transformação e montagem, a compra do produto acabado, o uso, a recolha do produto após o uso e, finalmente, a reutilização ou reciclagem e tratamento final. Este projecto desenvolveu-se sob os pressupostos, do Desenvolvimento Sustentável, contribuindo assim no presente, para soluções de gestão que irão garantir o futuro das próximas gerações.

Mais tarde Alastair Fuad Luke (2002) citado por Castro Maria (2008), vem esclarecer e definir no seu livro *Eco-Design handbook*, as diferenças entre os conceitos Ecodesign e Design para a Sustentabilidade. Desta forma, ecodesign refere-se a "um processo de design que considera os impactos ambientais associados a um produto na sua vida total, desde a aquisição das matérias-primas, passando pelo processo de produção/manufactura e utilização até ao fim da sua vida. Ao mesmo tempo que reduz os impactos ambientais, o ecodesign tenta aperfeiçoar os aspectos estéticos e funcionais do produto tendo em consideração necessidades sociais e éticas". De outra forma, Alastair define Design para a Sustentabilidade como "uma filosofia e uma prática na qual os produtos contribuem para o bem-estar social e económico, tendo o mínimo de impactos no ambiente e podendo ser produzidos a partir de uma base de recursos sustentável. O Design para a Sustentabilidade enforma a prática do ecodesign, com a atenção devida aos factores ambientais, éticos e sociais, mas também inclui considerações e avaliações, de cariz económico, da disponibilidade de recursos em relação à produção sustentável". Por pressuposto, o ecodesign tem em consideração aspectos ambientais, éticos e sociais, enquanto o Design para a Sustentabilidade além de conter todas estas nuances, considera o aspecto económico numa perspectiva sustentável. E este é um dos problemas que tem vindo a ser apontado ao ecodesign, é o facto de, nos seus processos de estudo de ciclo-de-vida do produto, ser dada primordial importância à relação lucro/ambiente.

Baseado em todos estes pressupostos do Ecodesign, o futuro do ensino de design deve ser baseado em métodos e ideais ecológicos, segundo Papenek devem incluir tanto estudos sobre o método científico como sobre biologia, antropologia, geografia cultural e campos afins. O futuro do design encontra-se associado ao papel fulcral da *síntese* entre as várias disciplinas que constituem a matriz sócio-económico-política dentro da qual o design funciona, a estes novos desafios, Papenek (2006) apresenta alguns exemplos de como uma perspectiva ecológica pode enriquecer o design.

- Deve haver uma maior ênfase na qualidade, durabilidade e perfeição dos produtos criados, à medida que pessoas como os designers compreendem que a obsolescência ou o mau acabamento desperdiçam recursos naturais que não podem ser substituídos, e contribuem para a escassez à escala global. O estilo do futuro será baseado em produtos que envelheçam graciosamente, e serão mais intemporais do que as novidades, as tendências e as modas, que mudam rapidamente nos finais do séc. XX.

- Designers e fabricantes terão de questionar as consequências finais de um novo produto que seja introduzido. Não é suficiente as questões do lucro equilibrado e das quotas de produção.

- É necessário trabalhar para que novas gamas de produtos, especialmente em áreas como os conversores catalíticos, pós-combustores, filtros para gases fabris, monitores da qualidade do ar, da água e do solo.

- Compreende-se que nenhum design está isolado: todo o design tem consequências sociais, ecológicas e ambientais que precisam de ser avaliadas e discutidas num fórum comum.

- Tem de haver uma maior preocupação em compreender a natureza, e uma grande vontade de preservar e tratar o ambiente.

Objectivos:

- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas;
- Reconhecer a importância do design ecológico;
- Entender a necessidade e a importância da reciclagem;
- Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento Sustentável;
- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;
- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.

Tempo:

Este módulo será desenvolvido em 12 aulas, durante quatro semanas com três secções semanais, cada secção de 90 minutos.

Materiais:

- Bloco de Folha A3, lápis, Borracha, X-acto, alicate, Canetas de Feltro, Lápis de Cor, Cartão canelado, papel reciclado, canas, madeira, cortiça, copos de café, arame, serapilheira, rolos de papel de cozinha, rolos de papel casa de banho, garrafas de plástico, sistemas eléctricos.

Recursos Artísticos:



Figura 1 - Da esquerda para a direita: candeeiro *Lather*, lanterna *Divested Design*, telefone *Plaine* e relógio *Off-the-Shelf*; Stuart Walker.



Figura 2 - A escassez de materiais em muitos países do Terceiro Mundo tornou a reciclagem uma necessidade e uma forma de vida. Os velhos pneus são adaptados para o transporte de água na Nigéria.

Figura 3 - Aspirador Electrolux *ECO*, E.U.A. (concebido a partir do modelo da marca *Z2571*, foi redesenhado e produzido com materiais reutilizáveis e recicláveis);



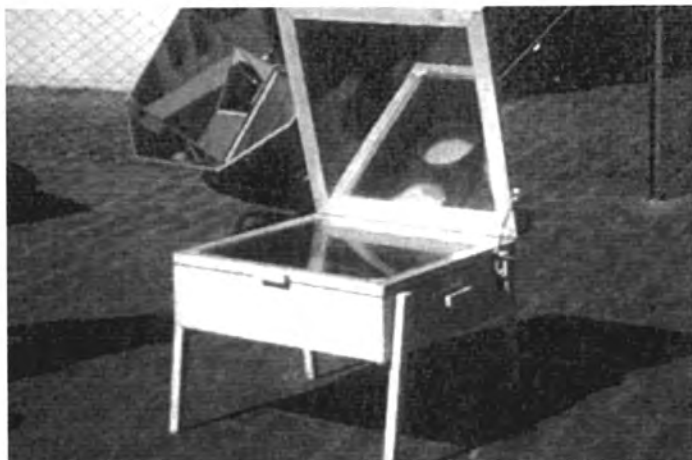


Figura 4 – Fogão a energia solar desenvolvido com o apoio da UNESCO, para a Índia e para o Paquistão, onde hoje se utilizam milhões diariamente.

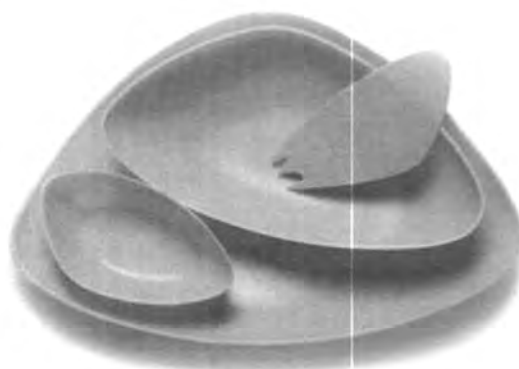


Figura 5 – Serviço de mesa completo, Trigo e ácido láctico.



Figura 6 – Copos para Café, Fibra plástica de Bambu



Figura 7 - Caixa de Tulipas, 100% resíduos bioindustriais, excremento seco de vaca e palha.



Figura 8 - Cadeira de Cartão, papel reciclado.



Figura 9 - Silla Fresh Fat, plástico reciclado

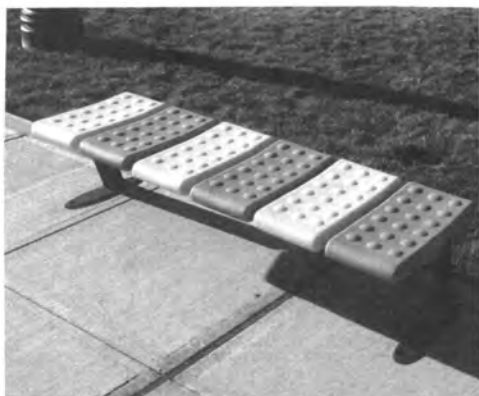


Figura 10 - Banco de jardim, plástico reciclado.



Figura 11 - Organizador Mural, Filtro Reutilizado.

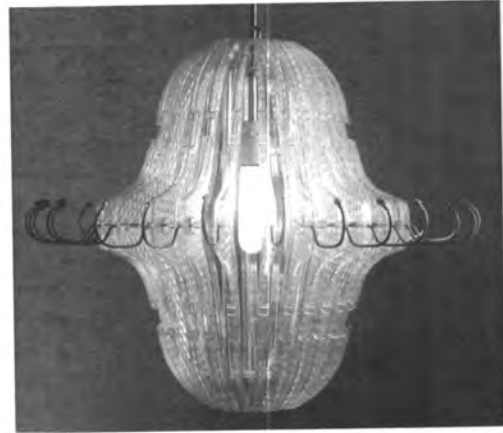


Figura 12 - Candeeiro, cruzetas.



Figura 13 - Banco de Madeira, Tronco de árvore e telas recuperadas.



Figura 14 - Pacemaker, nylon 66.



Figura 15 - Muro em garraões de plástico



Figura 16 – Garrafa de Coca Cola, termoplásticos.



Figura 17 – Sacos de plástico biodesintegráveis com plantas



Figura 18 - Talheres em poliidroxicanoato, fécula de batata.



Figura 19 - Liga plástica, Plástico Bioativador



Figura 20 – Vista exterior Mini House

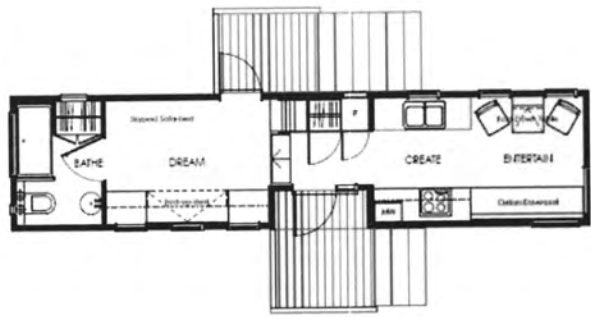


Figura 21 – Planta MiniHouse.



Figura 22 – Vista Interior MiniHouse



Figura 23 - Burkina Faso, Mesquita de Mjulasob, Terra empilhada, 1890



Figura 24 - Terra Escavada na vertical, Tunísia



Figura 25 - Terra modelada, Burkina Faso, África.

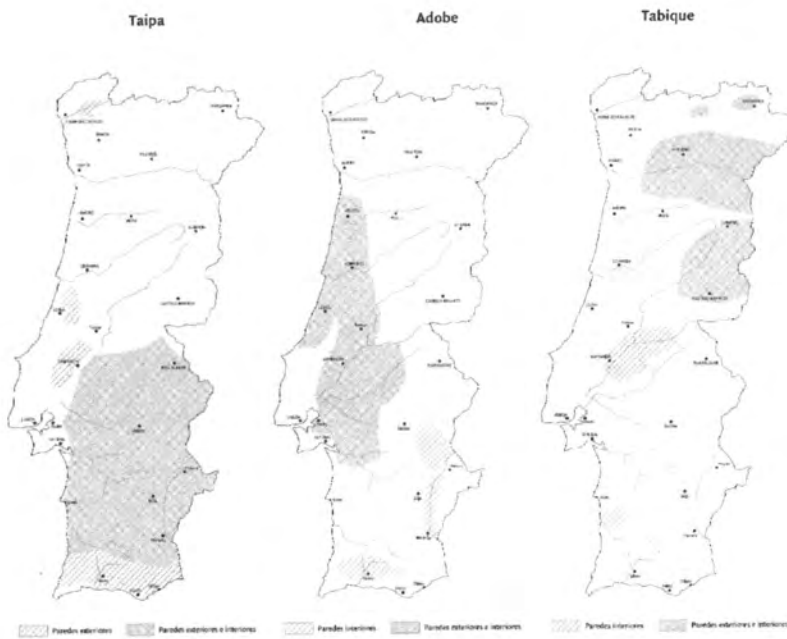


Figura 26 - Distribuição geográfica das principais técnicas tradicionais de construção em terra.



Figura 27 - Quatro técnicas de construção em terra, da esquerda para a direita, Taipa, Adobe, Tabique e Blocos de Terra Compactada



Figura 28 - Habitação unifamiliar, Vila nova de Mil fontes.



Figura 29 - Muralha da China, (VII - III AC - XV - XVII DC)



Figura 30 - Arcos em tijolo de adobe



Figura 31 - Poço, Águeda.



Figura 32 - Parede em Tabique, Fundão.



Figura 33 - Habitação, Arq. Teresa Beirão e Alexandre Basto

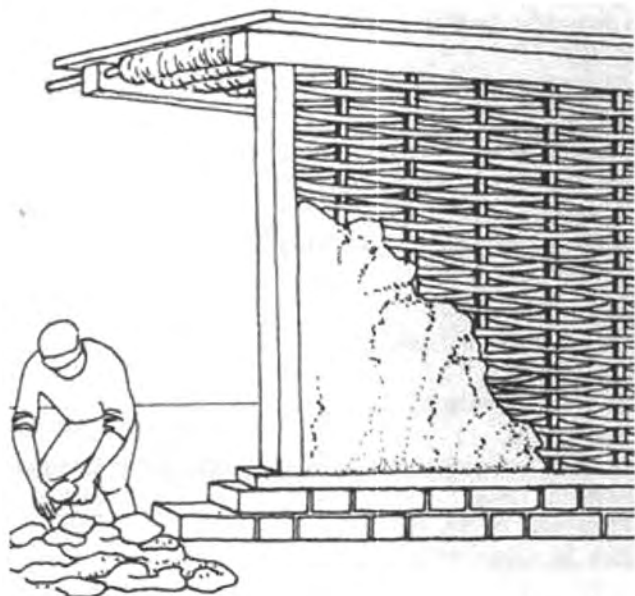


Figura 34 - Construção em Tabique

Vocabulário:

Ecologia: “É o estudo das interacções dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. A palavra Ecologia tem origem no grego “oikos”, que significa casa, e “logos”, estudo, reflexão” Haeckel, Ernst (1869).

“Relação dos seres vivos com o habitat ou meio ambiente natural. Num ambiente urbano, criado e modificado pelo ser humano com o uso de máquinas e alta tecnologia, não se pode falar em relação directa com a Natureza, mas com um habitat formado, pela mão humana. É inadequado, e em se tratando de obras neste ambiente, falar-se de construção ecológica ou reforma ecológica” Haeckel, Ernst (1866);

Sustentabilidade: “É um conceito sistémico, relacionado com a continuidade dos aspectos económicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. Propõe-se a ser um meio de configurar a civilização e actividade humanas, de tal forma que a sociedade, os seus membros e as suas economias possam preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente, e ao mesmo tempo preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir pro-eficiência na manutenção indefinida desses ideais”.

“Aquele que permite fazer uso dos recursos naturais sem esgotá-los, preservando-os para as gerações futuras” Bruntland ONU (1987);

Ecodesign: “Um processo de design que considera os impactos ambientais associados a um produto na sua vida total, desde a aquisição das matérias-primas, passando pelo processo de produção/manufactura e utilização até ao fim da sua vida. Ao mesmo tempo que reduz os impactos ambientais, o ecodesign tenta aperfeiçoar os aspectos estéticos e funcionais do produto tendo em consideração necessidades sociais e éticas”;

Design para a Sustentabilidade: “uma filosofia e uma prática na qual os produtos contribuem para o bem-estar social e económico, tendo o mínimo de impactos no ambiente e podendo ser produzidos a partir de uma base de recursos sustentável. O Design para a Sustentabilidade enforma a prática do ecodesign, com a atenção devida aos factores ambientais, éticos e sociais, mas também inclui considerações e avaliações, de cariz económico, da disponibilidade de recursos em relação à produção sustentável”.

Reduzir: Reduzir é uma das primeiras e principais formas de reduzir o problema da gestão de resíduos. São, principalmente, as nossas indústrias que devem desempenhar este importante papel. O *design* pode contribuir através utilização de novos materiais, novos processos e tecnologias menos poluentes. Hoje, torna-se possível fabricar embalagens com menos peso e com um menor gasto de energias e recursos

naturais, isto, sem perder a capacidade de resistência e habilidade de conservar os produtos.

Também os consumidores devem contribuir na diminuição do volume dos bens consumíveis. Para tal, devem evitar bens supérfluos e desperdícios, optar por produtos com a menor embalagem possível e manifestarem o seu desagrado junto das autoridades e indústrias.

Reutilizar: Existem determinados objectos que são concebidos para serem usados mais que uma vez. Optar por produtos reutilizáveis diminui a curto prazo o número de resíduos. Hoje podemos encontrar diversos produtos com embalagens reutilizáveis, que ainda assim, após um dado número de utilizações são passados a resíduos.

Reciclar: Reciclar é uma forma de potencializar de novo o material que foi usado, transformando-o num novo produto. Com a reciclagem diminui-se a quantidade de resíduos, poupando recursos naturais e energéticos.

Ao designer cabe seleccionar materiais que possam ser reciclados, é também necessário que as Câmaras Municipais locais procedam à recolha dos diversos resíduos que podem ser reciclados, vidro, papel, resíduos metálicos e plástico. Também como acontece em muitos outros países, os resíduos orgânicos são recolhidos e podem ser transformados em composto orgânico útil para a agricultura e jardinagem.

Plásticos Permanentes: Para produtos que não têm qualquer uso secundário. Aplicações em medicina e campos afins, para produtos em contacto directo com partes orgânicas, partes de uma articulação da anca, caixa de *pacemaker* do coração, veias artificiais, sacos de armazenamento de sangue.

Plásticos Reutilizáveis: O produto pode ser usado sucessivamente sem se alterar, por exemplo, balde de plástico. Certos utensílios e equipamento complexo podem ser reparados, melhorados para revenda.

Plásticos Recicláveis: Os termoplásticos e os elastómeros fundem a uma temperatura específica elevada, tal como o vidro, e são fáceis de reciclar. Os plásticos termo-resistentes não se liquefazem e são muito difíceis de reciclar.

Plásticos Bodesintegráveis: Foram desenvolvidas tentativas no sentido de incluir uma característica biodegradável nos polímeros sintéticos, de modo a que se transformem em matéria vegetal. Melhoramentos radicais produziram plásticos, agora comercializados, que se degradam 100% em menos de dois meses depois de descartados. Prosseguem as investigações para controlar o início do processo de degradação.

Plásticos Biodegradáveis: 100% biodegradáveis em vez de bodesintegráveis. O PHA (poliidroxialcanoato), um membro da família do poliéster, descoberto em 1925, é fabricado, directamente por microrganismos. De então para cá, foram encontradas

dezenas de bactérias que produzem este polímer orgânico. Fabricados na Europa pela Biopol, são demasiado caros para um uso de rotina, mas, produzidos em grande escala poderiam atingir um custo acessível a uma grande maioria.

Plásticos Bioactivadores: Levam aditivos para estimular o crescimento das plantas ou, como sucede no caso dos cactos artificiais criados nos anos 70 para evitar a erosão nos climas áridos, levam sementes de plantas ainda muito novas introduzidas em estimulantes do desenvolvimento.

Arquitectura Ecológica: Uma casa ecológica é uma construção que responde às necessidades dos seus moradores, antecipa o futuro ao prever a evolução da família que lá irá habitar e o uso que se irá dar em cada uma das fases de vida desta, Muller (2005). Existem outros critérios mais subjectivos que variam com respeito à envolvência, urbana ou rural, e ao contexto geográfico e sociológico, e aos gostos dos clientes. Se bem que também se pretende incluir, assim como habitualmente, o conforto visual e acústico, assim como o controlo dos resíduos. A maioria dos profissionais defende e apresenta três elementos principais de linhas ambientais: a integração no meio ambiente, controlo térmico no verão e inverno, e uma selecção correcta dos materiais.

Arquitectura de Terra: A terra é um material de construção muito antigo que é utilizado de diferentes formas. Na actualidade uma grande parte da população mundial ainda vive em edifícios construídos em terra. A maior parte destes edifícios localizam-se em países do terceiro mundo, no entanto, países como França, Espanha, Portugal, Austrália, Nova Zelândia, entre outros, ainda apresentam uma percentagem significativa das suas populações a habitar em edifícios deste tipo.

Construção em Terra: A construção com terra crua é uma solução ecologicamente interessante; o material utilizado é reciclável, permitindo uma utilização mais sustentável e a preservação de recursos naturais; a construção utiliza apenas maquinaria simples e força humana e, devido às suas excelentes características térmicas, reduz os consumos de energia eléctrica. Outra vantagem deste material é não ser combustível, apresentando, assim, um bom comportamento face ao fogo. As suas principais desvantagens desta construção prendem-se com uma deficiente resistência mecânica e com o mau comportamento na presença de humidade, Parreira (2007).

Taipa: Designa indistintamente tanto o material como o processo de construção, que consiste basicamente na execução de grandes blocos de terra moldada *in situ*, compactada com pisões, dentro de cofragens amovíveis.

Adobe: O tijolo de adobe é um material vernacular usado na construção civil. Este é um dos antecedentes histórico do tijolo em barro, este é um antigo processo de construção

que tem vindo a perder força. A elaboração do tijolo, consiste em terra crua, água e palha e em determinadas situações outras fibras naturais. O tijolo em adobe passa por diversas fases de construção, moldagem, regularização, secagem e teste de qualidade.

Tabique: A construção é constituída alternadamente por diversas ripas de madeira na vertical, que são alternadas por um reboco de argamassa em cal. Estas paredes num edifício antigo exercem funções estruturais importantes. Os tabiques são um dos exemplos característicos da nossa construção, podendo-se encontrar diversos exemplos por todo o nosso país, caracterizam ainda, toda a nossa construção Pombalina.

Actividade de Produção:

1ª Aula: A aula do dia 3 de Março, será de introdução ao módulo: "Ecologia e Sustentabilidade". Será apresentada uma pequena definição dos termos e conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", assim como será discutido em diálogo com os alunos sobre o que Sustentabilidade não significa e sobre o que sustentabilidade é, dando alguns exemplos práticos do dia-a-dia.

Seguidamente, com os alunos iremos traçar o calendário de resolução e entrega de cada um das fases inerentes e necessárias à metodologia projectual (pesquisa, escolha, esboços, maquetas, protótipo e memória descritiva), assim como a data final de entrega do portfólio final.

A aula irá continuar e se desenvolver, na pesquisa por parte dos alunos em equipamentos em geral e em concreto em equipamentos que denotam preocupações às questões ambientais, o design ecológico, esta pesquisa irá incidir sobre um conjunto de livro seleccionados previamente "Arquitectura e Design. Ecologia e Ética"; "DECORATIVE ART 60s"; "DECORATIVE ART 70s"; "Polipropileno"; "Plasticidade do Papel e Design"; "Attitudes in Design Education"; "Daciano da Costa Designer"; "Paperkraft"; "Diseño Eco-Experimental"; "Design and Form". A esta pesquisa, pretende-se que o aluno perceba como outros designers encontraram soluções ecológicas para a elaboração de objectos funcionais, e assim possam escolher agora um equipamento que irão criar, recorrendo a materiais ecológicos.

2ª Aula: Esta segunda aula, irá iniciar com uma pequena revisão dos conceitos estudados na aula anterior, para que estes fiquem cristalizados e os alunos entendam a sua importância, a fim de serem aplicados aos seus presentes projectos em todas as suas fases.

Para o entendimento da importância de elaborarmos um projecto segundo uma ordem de trabalho, segundo a metodologia projectual, foi solicitado ao Luís Moreira, estudante de Design da Universidade de Évora o seu contributo, nos apresentando a todos nós alguns dos seus projectos, e como eles são desenvolvidos dentro da metodologia projectual, e porque a sua importância.

Seguidamente os alunos irão continuar a pesquisa iniciada na aula anterior, enquanto alguns já iniciarão alguns esboços do equipamento que irão desenvolver. Aqui o professor irá também apoiar os alunos nas suas pesquisas e esboços a fim de contribuir na aprendizagem destes conceitos, e elaboração do pretendido.

3ª Aula: A aula do dia 7 de Maio será para continuação da pesquisa e termino da mesma, sendo necessário um número mínimo de imagens de equipamentos, para o portfólio e avaliação. Estes equipamentos servirão nas restantes fases para ajudar o aluno a pensar em novas soluções de construção, ligamentos, materiais entre outros. Nesta aula torna-se então, assim, necessário o aluno já ter escolhido o equipamento que vai tratar. Será também oportuno o professor arranjar algum material relativo aos equipamentos, que os alunos irão tratar.

4ª Aula: Esta aula iniciará com uma revisão dos conceitos já estudados “Ecologia” e “Sustentabilidade”. Iremos também pensar e reflectir em conjunto, sobre a situação ambiental que neste momento atravessamos a nível regional e a nível mundial, e como pode o design ecológico ser uma importante ferramenta de combate à crise que presentemente atravessamos. Será apresentado o designer Stuart Walker, que para além de reflectir sobre estas questões ambientais, apresenta-nos um conjunto equipamentos elaborado com recurso a desperdícios, que iremos visualizar na aula. Um dos projectos desenvolvidos, e que iremos estudar na aula, é baseado no consumo sustentável. Este prende-se com uma correcta gestão dos desperdícios, analisando as diversas fases de um produto, com o ciclo-de-vida dos produtos, estes são pensados desde o seu início, até ao seu fim, com a selecção das matérias-primas, processo de transformação e montagem, compra do produto acabado, uso, a recolha do produto e no final a reciclagem ou reutilização do mesmo. Para entender todo este processo procederemos à visualização do vídeo “The story of Stuff”, onde no final será feito um pequeno diálogo com os alunos. Ainda sobre o design ecológico, será importante estudar e ter a noção das duas principais ideologias da mesma e em quais estas diferem, o Ecodesign e o Design para a Sustentabilidade. Para entenderem estes dois conceitos, para além dos textos nas fichas de apoio, serão projectadas algumas imagens referentes a cada uma destas preocupações. É nesta aula importante que os alunos percebam e entendam o papel que têm como futuros técnicos de design, e que podem fazer a diferença ao escolherem matérias e processos que sejam o mais ecológicos e sustentáveis possíveis.

5ª Aula: Esta será uma aula, onde os alunos já tendo entregue os esboços e pesquisa, e tendo seleccionado o equipamento que irão elaborar, iniciarão algumas maquetas expeditas com os materiais que pensam usar no seu projecto. Estas maquetas expeditas irão servir para testar a resistência dos materiais, as ligações dos materiais, e também as cores e formas do seu equipamento. A par deste

desenvolvimento, devem iniciar os desenhos técnicos na medida do possível, pois, determinados elementos que irão estar a aplicar, têm sempre determinadas condicionantes que só mesmo no protótipo se pode saber o seu resultado final. Portanto, torna-se essencial, as maquetas expeditas, e que estas reflectam e sirvam de ensaio para os possíveis problemas que poderão encontrar no protótipo do equipamento final.

6ª Aula: Esta será uma aula, que iniciará com uma revisão teórica dos conceitos estudados na aula teórica passada, na 4ª aula. Esta revisão serve para que as questões ecológicas fiquem cristalizadas e sejam entendidas, pois esta deve ser uma das preocupações do design.

O seguimento e desenvolvimento de toda a aula, será realizado com base em duas fichas de apoio, "Ficha de apoio design" e "Ficha de apoio arquitectura". Estas fichas serão lidas e discutidas na turma, sendo a leitura e compreensão das mesmas, apoiadas com a projecção de algumas imagens referentes aos conteúdos que irão estar a ser abordados.

Contudo, o entendimento para a necessidade de redução de resíduos, não pode apenas ser do designer, pois esta seria insuficiente, assim iremos estudar a "Regra dos três R", um método simples a partir do qual todos os cidadãos podem dar o seu contributo. A "Regra dos três R", e as suas palavras-chave, reduzir, reutilizar e reciclar, serão abordados no contexto de sala de aula, em forma de diálogo, visando a participação de todos os alunos, apresentando novas formas na redução de resíduos. Durante este diálogo, serão lidos os significados de cada uma destas palavras-chave, onde também será apresentado um quadro com alguns objectos (pneu, fralda, garrafa de vidro, lata) e o número de anos para a sua decomposição numa praia.

Seguidamente, abordaremos um diverso conjunto de materiais que se aplicam ao design. Alguns destes materiais, têm sido fruto de investigação científica que tem trabalhado para responder às necessidades, também de forma que estes tenham o mínimo de impacto possível no nosso ecossistema. Iremos assim visualizar algumas imagens destes materiais e a suas aplicações ao design de equipamentos e mobiliário.

A disciplina de design de interiores e exteriores, visa capacitar os seus alunos para obterem competências de leitura e transformação de um espaço, através de instrumentos disciplinares que incluem tanto os campos da arquitectura, assim como os do design de equipamentos e mobiliário. Desta forma, será apresentado um documento que ligue a arquitectura e o design de interiores e exteriores, "Ficha de apoio arquitectura". Serão apresentados alguns exemplos de arquitectura ecológica, mas sobretudo modelos de arquitectura sustentável em solo português, como é o caso da arquitectura em terra, através da construção em Taipa, Tabique e Adobe. Processos construtivos tão presentes na nossa cultura, e que de certo todos os alunos reconhecem em alguns edifícios que lhe são familiares. Também neste

momento, iremos visualizar algumas imagens de referentes ao que estaremos a abordar.

Ainda num momento final desta aula, iremos desenvolver parte das maquetas expeditas que os alunos iniciaram na aula passada, a fim de darmos continuidade à calendarização que foi elaborada na primeira aula.

Esta aula resultará em conhecimentos, na área de novos materiais ecológicos e na sua aplicação ao design. Assim como no conhecimento de métodos de construção que contribuem para uma arquitectura ecológica.

7ª Aula: Esta aula visa a continuação e entrega das maquetas expeditas e o desenho técnico em alguns dos casos. Contudo, a maioria continuará a procurar novas soluções com materiais ecológicos, visando já a elaboração do equipamento ou mobiliário pretendido. Nesta importante fase, os conhecimentos do professor e o acompanhamento aos seus alunos, pode ser determinantes para um bom resultado final, assim como para a satisfação do aluno em relação que pretende criar. Também nesta fase, é importante ouvir os comentários e sugestões de outros colegas, pois em contexto de sala de aula, todos temos muito a aprender uns com os outros. É também importante destacar e relembrar a importância de reservar algum tempo antes do final da aula, para que todos os alunos possam participar na limpeza e arrumação da sala de aula.

8ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

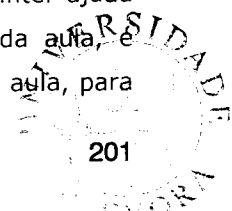
9ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

10ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

11ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

12ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

13ª Aula: A presente aula continuará a incidir no desenvolvimento dos diversos projectos. Projectos que devem ter presentes as preocupações ambientais, e devem privilegiar os materiais que terão o menor impacto possível no nosso ecossistema, contudo que cumpram a forma/função, para o qual serão úteis. A relação professor aluno deve ser contínua, de modo a facilitar a aplicação dos conhecimentos estudados nas aulas teóricas, e para que haja um bom ambiente de trabalho e de inter-ajuda entre ambas as partes. No momento final que antecede o término da aula, é importante reservar algum tempo para, limpeza e arrumação da sala de aula, para



assim também inculcar responsabilidade e cuidado pelas infra-estruturas escolares a estes alunos.

14ª Aula: Nesta última aula, os alunos terão de apresentar todo o material desenvolvido no exercício deste módulo, num portfólio final. Toda a pesquisa elaborada, esboços, as maquetas expeditas, e os desenhos técnicos, assim como fotografias do protótipo final. De forma oral, pretende-se que neste momento de avaliação, os alunos apresentem e defendam o seu projecto. Situação na qual, terão de responder a questões dos professores e dos próprios colegas. Espera-se assim, que os alunos desenvolvam espírito crítico, capacidade de analisar e avaliar, assim como, o de saber ouvir críticas.

Avaliação

A avaliação tem como função primordial otimizar o processo de ensino, por isso mesmo é um momento de extrema importância no processo de ensino aprendizagem.

Em primeiro lugar deve ser tomada em consideração na avaliação a responsabilidade do indivíduo, como tal, aspectos como a assiduidade, a responsabilidade na execução das tarefas, a participação e interesse e o desenvolvimento de valores e atitudes, deverão assumir um peso nos resultados qualitativos dos formandos.

Em segundo lugar deve ser posta em prática a avaliação formativa que assegura a continuidade do processo de ensino e evidência a assimilação do grupo.

Por fim e com o intuito de quantificar a aprendizagem do presente módulo, deve ser contabilizado o desenvolvimento e o produto final do trabalho, o protótipo.

A avaliação a atribuir no final deste módulo, resulta da média ponderada de duas avaliações obtidas em duas áreas de avaliação, de acordo com a tabela que se segue:

Área 1 Competências Específicas	- Trabalho de Pesquisa. - Esboços; - Maquetas expeditas; - Protótipo - Portfólio	70%
Área 2 Atitudes e Valores	- Pontualidade. - Material.	30%

	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamento. - Participação. - Atitude na Sala de Aula. <p>Respeito pelos outros.</p>	
--	---	--

1. Será que os alunos serão capazes de reconhecer a importância da ecologia?
2. Será que os alunos serão capazes de reconhecer a importância da reciclagem?
3. Os alunos serão capazes de perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável?
4. Serão os alunos capazes de fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial?
5. Será que os alunos sabem definir Ecodesign e os princípios ecológicos: processos, materiais alternativos e tecnologias limpas de produção?
6. Terão percebido os alunos o ciclo-de-vida dos produtos?
7. Será que os alunos sabem elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis?

Actividades Relacionadas:

1. Visita de estudo a uma lixeira, ferro velho, centro de tratamento de resíduos, centro de reciclagem e a um Ecocentro.
2. Realização de um trabalho de pesquisa sobre materiais ecológicos.
3. Divisão da turma em grupos de trabalho, e fornecimento a cada grupo de um determinado objecto que iria para o lixo. Durante uma aula têm de arranjar novas soluções de uso a este objecto.

Referências Bibliográficas:

Baynes, Ken. (1969). Attitudes in Design Education. London: Lund Humphries.

Brower. Mallory. Ohlman (2005). Diseño Eco-Experimental. Amadora: Editorial Gustavo Gili, SI.

Castro, Maria. (2008). Design para o futuro. O indivíduo entre o artifício e a natureza. Aveiro: Universidade de Aveiro

Fiel, Peter. (2000). Decorative Art 70s. London: Taschen.

Fiel, Peter. & Charlotte. (2006). *Decorative Art 60s*. London: Taschen.

Gauzin-Muller, Dominique (2005). *25 Casas Ecológicas*. Amadora: Editorial Gustavo Gili, SI.

Itten, Johannes. (1963). *Design and Form*. London: Thames and Hudson.

Klanten, Robert. & Ehmann, Sven. & Meyer, Birga. (2009). *PAPERCRAFT: Design and Art Whit Paper*. Berlin: Gestalten.

Lage, Alexandre. & Dias, Suzana (2006). *Desígnio – Parte 2: Teoria do Design 11º/12º anos*. Porto: Porto Editora.

Martins, João Paulo. (2001). *DacianodacostaDesigner*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Papanek, Victor. (1995). *Arquitetura e Design. Ecologia e Ética*. Lisboa: Edições 70.

Rocha, Carlos Sousa. (200). *Plasticidade do Papel e do Design*. Lisboa: Plátano Editora.

Thompson, George F. & Steiner, Frederick R. (1980). *Ecological Design and Planning*. Kansas: National Endowment for the Arts.

Thomas, Derek. (2002). *Architecture and the Urban Environment: A Vision for the New Age*. Oxford: Architectural Press.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºO Ecologia e Sustentabilidade

Caracterização da Turma

A turma do 10ºO em que foi desenvolvido a PES, insere-se no Curso Profissional de Técnico de Design de Interiores e Exteriores promovido pela Secção de Artes Visuais da Escola Secundária Gabriel Pereira.

A disciplina leccionada foi a de Design de Interiores e Exteriores. Que visa desenvolver capacidades de leitura e transformação do espaço, através de instrumentos disciplinares que incluem tanto os campos próprios da arquitectura, assim como os de design de equipamento e mobiliário. O Design de Interiores e Exteriores trata-se de uma disciplina de desenvolvimento do projecto, a mais importante deste curso. Todos os conhecimentos adquiridos nas restantes áreas, principalmente técnicas, cruzam-se aqui tornando coerente o corpo do curso, poderá mesmo dizer-se que a disciplina Design de Interiores e Exteriores é o culminar da aplicação de todos os saberes adquiridos.

O número de alunos que iniciou o curso no ano lectivo 2009/2010 foi um total de dezassete. Durante o referido ano lectivo a turma foi reduzindo, alguns dos alunos foram abandonando o curso e outros dois elementos foram expulsos deste estabelecimento de educação, por razões diversas. Assim, no terceiro período em que leccionei a PES, a turma tinha catorze alunos, sendo onze do sexo feminino e dois do sexo masculino. As idades compreendiam-se entre os catorze e os dezoito anos de idade, sendo que, esta grande diferença de idades deve-se sobretudo ao facto de alguns dos alunos terem ficado retidos em alguns anos lectivos passados. A maioria dos alunos desta turma tem como residência na localidade de Évora, e seis dos alunos são de fora.

Esta é uma turma bastante heterogénea, um pequeno grupo é dedicado, participativo e apresenta alguma autonomia de trabalho. Outros elementos têm uma acentuada dificuldade de concentração, dispersando com grande facilidade, e revelam muitas dificuldades no cumprimento das regras e conclusão dos exercícios. Infelizmente, denotei que os alunos que são mais aplicados nesta turma, o que são uma minoria, por vezes são alvo de críticas e de rejeição pelos restantes colegas. Ser um bom aluno para a maioria dos elementos desta turma, não é o seu objectivo de vida, mas sim, transitar se possível o ano lectivo, ou manterem se ocupados para não terem de ir para um possível emprego, antes estudar do que trabalhar.

Durante a prática da PES com a turma do 10ºO, incidimos o nosso estudo sobre o módulo: Ecologia e Sustentabilidade. Sob esta área tentei não só incidir o estudo sob uma boa componente teórica, mas também encaminhar os alunos a elaborarem exercícios práticos nesta área, o que se concretizou com grande sucesso. Na realidade muitos dos alunos

empenharem-se nesta actividade, pois pensaram produzir um equipamento para o seu quarto. Se por um lado era positivo este grau de motivação, de outra forma, a projecção de um equipamento fica limitado com a objectividade de um espaço que tem determinados padrões estéticos. A estas nuances enquanto professor/estagiário, tive de focalizar os alunos para as preocupações do exercício em questão, as ecológicas, assim como para a produção de um equipamento que seja para um público geral.

Penso que a maior parte dos alunos, resolveu com sucesso este exercício, só tenho a destacar a falta de método de trabalho. Muitos dos problemas que aconteceram na execução dos protótipos, poderia ter sido evitada durante a realização dos esboços ou do desenho técnico. Ainda assim, todos concluíram o seu projecto, os equipamentos foram expostos na Exposição Final de Ano Lectivo, o que trouxe reconhecimento ao empenho dispendido pelos alunos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Médio Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

03/05/2010 - 04/06/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Qual o significado dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade"? - O que implica a Sustentabilidade no mundo em que vivemos?	- Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Definir Ecodesign e os princípios	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem; - Desenvolver massa crítica no âmbito do	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade". - Entendimento do que é a Sustentabilidade, e o que ela implica no mundo à nossa volta, e o que Sustentabilidade não é; - Reconhecer as preocupações ecológicas no	- Despertar os alunos para a importância da ecologia e da reciclagem; - Resolução de um exercício prático, na elaboração de um equipamento ou mobiliário que tenha presente as preocupações ecológicas e de sustentabilidade.	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicates; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de	

	<p>Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design?</p> <p>- Como elaborar e resolver um projecto de design, segundo a metodologia projectual?</p> <p>- O que se pode aprender do método de construção de candeeiros do designer Bruno Munari?</p> <p>- Quais as fases pelas quais um produto passa?</p> <p>- Quais as diferenças entre "Ecodesign" e "Design para a Sustentabilidade"?</p> <p>- Que outros materiais podem ser aplicados ao design?</p>	<p>ecológicos, processos, materiais alternativos e tecnologias limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Percepção do ciclo-de-vida dos produtos;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>Design contextualizado no Desenvolvimento Sustentável;</p> <p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>	<p>Design de Interiores e Exteriores e em determinados equipamentos de design;</p> <p>- Compreensão da importância do Método projectual, no desenvolvimento de um projecto;</p> <p>- Apreender o método de construção de candeeiros segundo "Candeeiros de Bruno Munari";</p> <p>- Percepção do ciclo-de-vida dos produtos.</p> <p>- Entendimento para as diferenças entre "Ecodesign" e "Design para a Sustentabilidade".</p> <p>- Entendimento de novos materiais com aplicação ao design;</p>		<p>Canelado;</p> <p>- Cd´s;</p> <p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p> <p>Bibliografia de apoio:</p> <p>-</p> <p>Arquitectura e Design. Ecologia e Ética;</p> <p>-</p> <p>DECORATIVE ART 60s;</p> <p>-</p> <p>DECORATIVE ART 70s;</p> <p>-</p> <p>Polipropileno ;</p> <p>-Plasticidade do Papel e Design;</p> <p>- Atitudes in Design Education;</p> <p>- Daciano da Costa Designer;</p> <p>- Paperkraft;</p>	<p>Observação de Assiduidade.</p>	
--	---	---	--	--	--	---	-----------------------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> - Existem outros métodos construtivos? - O que é a regra dos três R? - Quais os materiais ecológicos aplicáveis ao Design? - Que categorias de plásticos existem, e quais as suas diferenças? - O que é uma casa ecológica? - O que é a arquitectura de terra? -Quais os exemplos em solo português de métodos de construção em arquitectura de terra? 			<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão de outros métodos construtivos. - Compreensão sobre " A regra dos três R" ; -Estudo de diversos materiais ecológicos e equipamentos de Design. - Compreensão das diferentes categorias de plásticos e suas características; - Definição de casa ecológica. - Definição do conceito "Arquitectura de Terra" e apresentação da Taipa, Adobe e Tabique, típicos métodos de construção em Portugal. 		<ul style="list-style-type: none"> - Diseño Eco-Experimental ; - Design and Form. 	<p style="text-align: right;">- 5 semanas</p>
--	--	--	--	--	--	---	---



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº1 - 03/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Qual o significado dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade"? - O que implica a Sustentabilidade no mundo em que vivemos? - Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em	- Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem.	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico.	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade". - Entendimento do que é a Sustentabilidade, e o que ela implica no mundo à nossa volta, e o que Sustentabilidade não é; - Reconhecer as preocupações ecológicas no Design de Interiores e Exteriores e em	- Realização da Chamada; - Definição dos Conceitos "Ecologia e Sustentabilidade"; - Apresentação de um PowerPoint sobre "Ecologia e Sustentabilidade", com diálogo interactivo. - Apresentação do exercício e	- Livro de Ponto; - Pc; - Projector Multimédia; - Ficha de Exercício Ecologia e Sustentabilidade; - Lápis; - Borracha; - Régua; Bibliografia de apoio: - Arquitectura e Design. Ecologia e Ética;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de	- 11h40

	determinadas equipamentos de design?			determinados equipamentos de design.	<p>definição da sua calendarização.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visualização e reflexão de alguns livros referentes a equipamentos e espaços arquitectónicos que abordam a temática em questão. - Definição do equipamento a desenvolver no presente módulo, e esboços do mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> - DECORATIVE ART 60s; - DECORATIVE ART 70s; - Polipropileno ; -Plasticidade do Papel e Design; - Attitudes in Design Education; - Daciano da Costa Designer; - Paperkraft; - Diseño Eco-Experimental ; - Design and Form. 	Assiduidade.	
								- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10º Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº2 – 06/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
<ul style="list-style-type: none"> - Ecologia e Sustentabilidade; - Metodologia Projectual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como elaborar e resolver um projecto de design, segundo a metodologia projectual? - Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem; - Compreender as diferentes fases do projecto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Identificar a metodologia associada ao desenvolvimento de um projecto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão da importância do Método projectual, no desenvolvimento de um projecto; - Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Reconhecer as preocupações ecológicas no 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da Chamada; - Recapitulação da matéria leccionada na aula anterior; - Participação e intervenção do estudante de Design Luís Moreira, que nos irá apresentar alguns projectos onde foi aplicado a metodologia projectual; - Definição do equipamento a 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Pc; - Projector Multimédia; - Lápis; - Borracha; - Folhas A3; - Compasso; - Régua; - Bibliografia de apoio: - Arquitectura e Design. Ecologia e Ética; - DECORATIVE ART 60s; - 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade. 	- 16h50



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºº Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº3 - 07/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - O que se pode aprender do método de construção de candeeiros do designer Bruno Munari?	- Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem.	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico.	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Reconhecer as preocupações ecológicas no Design de Interiores e Exteriores e em determinados equipamentos de design.	- Realização da Chamada; - Delineação e desenvolvimento dos projectos "Ecologia e Sustentabilidade"; - Continuação da visualização e pesquisa de diversos exemplos de equipamentos de design, com apresentação e entrega das mesmas;	- Livro de Ponto; - Lápis; - Borracha; - Régua; - Folhas A3; Bibliografia de apoio: - Arquitectura e Design. Ecologia e Ética; - DECORATIVE ART 60s; - DECORATIVE ART 70s; - Polipropileno	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	- 8h15

				<p>-Apreender o método de construção de candeeiros segundo "Candeeiros de Bruno Munari";</p>	<p>- Visualização e reflexão de livros referentes a equipamentos e espaços arquitectónicos que abordam a temática em questão;</p> <p>- Definição do equipamento a desenvolver no presente exercício.</p>	<p>;</p> <p>-Plasticidade do Papel e Design;</p> <p>- Attitudes in Design Education;</p> <p>- Daciano da Costa Designer;</p> <p>- Paperraft;</p> <p>- Diseño Eco-Experimental</p> <p>;</p> <p>- Design and Form.</p>			
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº4 – 10/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Qual o significado dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade"? - Quais as fases pelas quais um produto passa? - Quais as diferenças entre "Ecodesign" e "Design para a Sustentabilidade"? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da ecologia; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual; - Dominar os principais 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade". - Percepção do ciclo-de-vida dos produtos. - Entendimento para as diferenças entre "Ecodesign" e "Design para a Sustentabilidade". 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da Chamada; - Definição dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", apresentação em PowerPoint; - Visualização do vídeo "The Story of Stuff"; - Diálogo interactivo, sobre o "Ciclo-de-vida dos produtos"; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Pc; - Projector Multimédia; - Ficha de Apoio; - Lápis; - Borracha; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de 	-11h40
								- 11h55
								- 12h10
								- 12h35

		<p>produção industrial;</p> <p>-Definir Ecodesign e os princípios ecológicos: processos, materiais alternativos, e tecnologias limpas de produção;</p> <p>-Percepção do ciclo-de-vida dos produtos;</p> <p>- Reconhecer a importância da reciclagem.</p>	<p>fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>- Definição dos conceitos "Ecodesign" e "Design para a Sustentabilidade" segundo Alastair Fuad Luke;</p> <p>- Visualização de alguns equipamentos ecológicos.</p>		<p>Assiduidade.</p>	<p>- 12h50</p> <p>- 13h00</p> <p>- 90 minutos.</p>
--	--	--	--	--	--	--	---------------------	--



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº5 – 14/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual; - Dominar os principais fundamentos, 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da Chamada; - Elaboração do desenho técnico do equipamento, com base nos esboços realizados; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Procura de novas soluções de problemas a partir de pequenas 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd's; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade. 	- 8h15

		<p>naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>maquetas expeditas;</p> <p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>- Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>			
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10º Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº6 – 17/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- O que é a regra dos três R? - Quais os materiais ecológicos aplicáveis ao Design? - Que categorias de plásticos existem, e quais as suas diferenças?	- Reconhecer a importância da ecologia; - Reconhecer a importância da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Definir Ecodesign e os princípios ecológicos, processos,	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem; - Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento Sustentável;	- Compreensão sobre " A regra dos três R" ; -Estudo de diversos materiais ecológicos e equipamentos de Design. - Compreensão das diferentes categorias de plásticos e suas características;	- Realização da Chamada; - Recapitulação da aula anterior; - Leitura da <i>Ficha de Apoio Design</i> e diálogo interactivo com os alunos; - Visualização de uma apresentação de imagens de diversos equipamentos de Design ecológico;	- Livro de Ponto; - Pc; - Projector Multimédia; -Ficha de Apoio Design; - Ficha de Apoio Arquitectura Ecológica; - Lápis; - Borracha; - Papel A3.	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	-11h40 - 11h55 - 12h10 - 12h10

	<ul style="list-style-type: none"> - O que é uma casa ecológica? - O que é a arquitectura de terra? -Quais os exemplos em solo português de métodos de construção em arquitectura de terra? 	<p>materiais alternativos e tecnologias limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual; - Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de casa ecológica. - Definição do conceito "Arquitectura de Terra" e apresentação da Taipa, Adobe e Tabique, típicos métodos de construção em Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura da <i>Ficha de Apoio Arquitectura Ecológica</i> com diálogo interactivo. Acompanhado com uma apresentação de diversas imagens relativas ao tema; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos sobre a temática "Ecologia e Sustentabilidade". 			<p>- 12h30</p> <p>- 12h45</p> <p>- 90 minutos.</p>
--	--	--	---	--	---	--	--	--



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº7 - 20/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos?	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável;	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem;	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design;	- Realização da Chamada; - Elaboração do desenho técnico do equipamento, com base nos esboços realizados; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design;	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd's;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	-16h50

		<p>limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>pelos alunos;</p> <p>- Desenvolvimento do protótipo à escala real;</p> <p>- Entrega final do desenho técnico e apresentação das maquetas expeditas;</p> <p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>				
										- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10.º Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº8 – 21/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos?	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável;	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem;	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos.	- Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos; - Desenvolvimento do protótipo à escala real;	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd's;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	-8h15



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº9 – 24/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos?	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável;	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem;	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design;	- Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos;	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd's;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	- 11h40

		<p>limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>			
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºo Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº10 - 27/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos? 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Definir Ecodesign e os princípios ecológicos, processos, materiais alternativos e tecnologias 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem; - Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento Sustentável; 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos; - Desenvolvimento do protótipo à escala real; 	<ul style="list-style-type: none"> - Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd 's; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade. 	- 16h50

		<p>limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>			
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10.º Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº11 - 28/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos construtivos?	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável;	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem;	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design;	- Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos;	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão Canelado; - Cd's;	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de Observação de Assiduidade.	- 8h15

		<p>limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>				
										- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10º Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº12 – 31/05/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Definir Ecodesign e os princípios ecológicos, processos, materiais	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem; - Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos.	- Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos; - Desenvolvimento do protótipo à	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de	- 11h40

	construtivos?	<p>alternativos e tecnologias limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>Sustentável;</p> <p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>escala real;</p> <p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>Canelado;</p> <p>- Cd´s;</p> <p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>	<p>Observação de Assiduidade.</p>		
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºº Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº13 – 3/06/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design? - Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável; - Definir Ecodesign e os princípios ecológicos, processos, materiais	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem; - Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos.	- Realização da Chamada; - Procura e pesquisa de novos materiais aplicados ao design; - Acompanhamento dos diversos projectos, desenvolvidos pelos alunos; - Desenvolvimento do protótipo à	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Papel A3; - X-acto; - Régua; - Alicate; - Serrote; - Copos de plástico; - Canas; - Papel reciclado; - Radiografias; - Cartão	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de	- 16h50

	construtivos?	<p>alternativos e tecnologias limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>Sustentável;</p> <p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>		<p>escala real;</p> <p>- Limpeza a arrumação dos espaços de trabalho.</p>	<p>Canelado;</p> <p>- Cd´s;</p> <p>- Tubo de PVC;</p> <p>- Arame;</p> <p>- fio de nylon;</p> <p>-Rolo de papel de cozinha;</p> <p>- Sistemas eléctricos;</p>	<p>Observação de Assiduidade.</p>		
									- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºº Ecologia e Sustentabilidade

Planificação a Curto Prazo: Ecologia e Sustentabilidade

Aula nº14 - 4/06/2010

REPRESENTAÇÕES PRÉVIAS	SITUAÇÃO(ÕES) PROBLEMA(S)	COMPETÊNCIAS VISADAS	OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM	APRENDIZAGENS RELEVANTES	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (ESTRATÉGIAS)	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO
- Ecologia e Sustentabilidade	- Podem-se aplicar preocupações ecológicas e ambientais no Design de Interiores e Exteriores e em determinadas equipamentos de design?	- Reconhecer a importância da ecologia e da reciclagem; - Perceber e articular um discurso próprio sobre desenvolvimento e consumo sustentável;	- Compreender o papel do designer nas questões ecológicas; - Reconhecer a importância do design ecológico; - Entender a necessidade e a importância da reciclagem;	- Compreensão dos conceitos "Ecologia" e "Sustentabilidade", aplicadas ao Design de Interiores e Exteriores, assim como ao Design de Equipamentos; - Entendimento de novos materiais com aplicação ao design; - Compreensão de outros métodos construtivos.	- Realização da Chamada; - Apresentação oral do portfólio do exercício "Ecologia e Sustentabilidade".	- Livro de Ponto; - Pc; - Lápis; - Borracha; - Bloco de apontamentos.	- Observação directa e contínua; - Grelha de Observação de Interesse; - Grelha de Observação da Participação da Aula; - Grelha de Observação de Comportamento; - Grelha de	- 16h50
	- Que outros materiais podem ser aplicados ao design? - Existem outros métodos	- Definir Ecodesign e os princípios ecológicos, processos, materiais	- Desenvolver massa crítica no âmbito do Design contextualizado no Desenvolvimento					

	construtivos?	<p>alternativos e tecnologias limpas de industrial;</p> <p>-Fazer a inter-relação entre produtos e meio ambiente: manejo, recursos naturais e impactos ambientais da produção industrial;</p> <p>- Elaborar projectos práticos de Design, ambientalmente, economicamente e socialmente sustentáveis.</p>	<p>Sustentável;</p> <p>- Reflectir sobre a problemática do Ecodesign e Design para a Sustentabilidade no contexto da actividade projectual;</p> <p>- Dominar os principais fundamentos, métodos e ferramentas de Ecodesign e Design para a Sustentabilidade.</p>				Observação de Assiduidade.	
								- 90 minutos.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºO Ecologia e Sustentabilidade

Análise Crítica

10-05-2010

A presente reflexão, incide sobre uma aula teórica que se enquadra no Módulo “Ecologia e Sustentabilidade”, do Curso profissional “Técnico de Design – Design Int./Ext.” a desenvolver na Escola Secundária Gabriel Pereira Évora.

Para dar início ao presente módulo, comecei por informar-me de todas as normas referentes a este curso profissional, para então entender onde se enquadrava a disciplina de “Design de Interiores e Exteriores”, na qual fiquei encarregue de desenvolver acção pedagógica na minha cadeira de Prática de Ensino Supervisionada. Conclui, que a presente disciplina é uma das mais centrais neste curso, fornecendo assim aos alunos conhecimentos específicos na área do Design. Para o exercício “Ecologia e Sustentabilidade”, num momento inicial procedi à leitura do programa, que posteriormente foi discutido com a professora/orientadora Luísa Gancho.

A aula iniciou com alguma apreensão da minha parte, pois mesmo estando preparado não esperava a presença a Dr^a Bick Lam Har de Hong Kong do Institute Education, ocorrência que para mim foi positiva e desafiante. Entreguei aos alunos a ficha de apoio e dei início a uma breve revisão sobre os conceitos “Ecologia” e “Sustentabilidade”, explanação que já tinha ocorrido na primeira aula deste módulo. Após algumas considerações e questões, passámos à visualização de um vídeo “The Story of Stuff”, um bom excelente recurso para trabalhar esta temática, penso que o seu aproveitamento pode acontecer de diferentes métodos, contudo, eu apliquei a sua visualização na totalidade, para depois proceder ao estudo das diversas fases do “ciclo-de-vida dos produtos”. A explicação do ciclo-de-vida dos produtos desenvolveu-se a partir da ficha de apoio, relembrando algumas informações dadas pelo vídeo. Contudo, algumas discussões polémicas foram acontecendo pontualmente, enfocadas principalmente no sentido ecológico de determinadas materiais, se estes podem ou não ser considerados ecológicos. Penso que é nestes momentos de debate onde os alunos mais aprendem, pois, por si próprios procuram argumentação que justifique as suas opiniões, isto trás envolvimento, compreensão e esclarecimento, mesmo quando muitas vezes defende aspectos que inicialmente não estão correctos. Nestas situações, torna-se necessário o professor ser conhecedor e estar à vontade com a matéria, para além de estar na disponibilidade de contra-argumentar com o aluno. Na leitura da Ficha de Apoio sobre as diversas fases do ciclo-de-vida de um produto, pedi a diversos alunos para lerem estes pequenos textos, o objectivo era que todos pudessem se sentir parte integrante da aula, já que nesta turma existem alunos com acentuadas dificuldades e limitações.

Na continuidade desta acção educativa, procedemos ao estudo das diferenças entre Ecodesign e Design para a Sustentabilidade, segundo Alastair Fuad Luke no seu livro *Eco-Design handbook* define, para melhor compreensão, foram também apresentadas algumas imagens de equipamentos, alguns mesmo tradicionais e característicos da região do Alentejo. Sempre que apresento a matéria e dou alguns exemplos, tento sempre que estes sejam os mais fáceis e acessíveis de entender ou mesmo do conhecimento comum, isto para facilitar a compreensão da matéria. Esta ficha de apoio na qual a aula se centrou, serve não só para o momento da aula mas também para os alunos arquivarem e usarem um dia mais tarde para um projecto que tenha aspectos em comum.

Uma das situações que o professor/orientador Leonardo Charréu enunciou, foi a da necessidade de no final da aula ter revisto o estudado com os alunos, facto do qual eu concordo e percebo essa necessidade, para que estes conhecimentos possam ficar assim cristalizados. Outras situações foram enunciados como positivas como a forma de comunicação e elaboração da aula.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Técnico de Design - Design Int./Ext.

10ºO Ecologia e Sustentabilidade

Análise Crítica

17-05-2010

A elaboração desta aula, exigiu da minha parte uma profunda pesquisa, infelizmente no manual adoptado, da Teoria do Design, esta temática não é alvo de um tão grande aprofundamento. Felizmente encontrei alguns livros em espanhol que me ajudaram, contudo, sempre penso que o professor deve elaborar uma boa pesquisa para preparar as suas aulas, não se podendo apenas remeter para o manual, pois em grande parte das vezes este é bastante limitado.

À semelhança da aula observada na semana anterior, optei por elaborar duas fichas de apoio que tivessem boas informações e aprofundassem os conhecimentos. Para assim, não só ajudar na estruturação da apresentação da aula, mas, para estes conhecimentos serem alvos de uma posterior possível análise e estudo até para apoio outros projectos futuros. Nesta ficha de apoio, inclui um conjunto de websites ligados à temática da "ecologia e sustentabilidade" e ligados ao design. Esta ficha de apoio teve a ajuda de uma pequena apresentação em PowerPoint, que apresentava as imagens contidas na mesma, dando assim dinâmica e acção à aula.

A aula iniciou com uma pequena recapitulação da aula anterior, onde podemos lembrar e afincar os conhecimentos da aula passada. Os alunos foram lembrando os conceitos estudados e informações sobre cada um deles, mesmo estes conhecimentos estando um pouco no ar, penso que todos perceberam o que foi estudado, e isto não lhes é indiferente pois devido à presente preocupação da crise ambiental, eles próprios entendem essa necessidade. Que enquanto futuros técnicos de design, terão de muitas vezes optar por situações em que optem por materiais mais ou menos poluentes ou que causem o menor impacto possível no nosso ecossistema. Penso que realizar um pequeno teste no final deste módulo, irá contribuir não só para acentuar esta preocupação, como para lembrarem e estudarem a matéria dada.

A aula iniciou com a exposição da "Regra dos três R", situação na qual, os próprios alunos deram a explicação e definição, em cada um dos três termos "Reduzir, Reutilizar e Reciclar". A melhor estratégia para dar uma aula, nem sempre é com o professor a debitar matéria, mas, através do contínuo questionamento, levar os próprios alunos a atingirem a compreensão do que se quer estudar, assim, os alunos sentem-se parte da aula atingindo um grau mais elevado de motivação. Contudo, aqui surge um outro problema, no qual o professor/orientador Leonardo Charréu me chamou à atenção. Para o facto de em determinadas situações, constantemente os mesmo alunos quererem intervir, mesmo quando as suas intervenções não são oportunas nem acrescentam nada ao que está a ser

tratado, numa tentativa de “manipulação” da aula, e que esta seja centrada nestes alunos. Esta situação pode levar, os restantes alunos a sentirem-se como espectadores, para tal, é necessário saber fazer uma boa gerência da aula, na qual todos os alunos se devem sentir parte integrante. Após o estudo da “Regra dos três R”, foram tratados os diferentes materiais ecológicos e sustentáveis, aplicados a alguns equipamentos que visualizamos. Estes materiais podem ser utilizados por um designer, que opte por uma produção ecológica na metodologia projectual. Seguidamente foi abordado, as diferentes categorias de plástico, onde tivemos contacto com uma grande diversidade de plásticos existentes no mercado, onde todos estes reflectiam sobre as questões ambientais, em conjunto com as diferentes necessidades funcionais, necessidades às quais, estes futuros técnicos de design, futuramente terão de dar uma resposta adequada, e que esta seja a mais ecológica possível. Também como futuros técnicos de design, estes alunos terão de tratar espaços arquitectónicos interiores como exteriores, assim, na *ficha de apoio arquitectura sustentável*, abordámos algumas recomendações para uma casa sustentável segundo Muller, assim como, edifícios e técnicas de construção ecológicas e sustentáveis. Uma das estudadas foi a arquitectura em terra, técnica tradicional em Portugal através da taipa, adobe e tabique, métodos que presentemente voltam a entrar em moda em determinadas regiões. Alguns dos alunos acharam interessante a construção em terra, por conhecerem vários exemplos, próximos às suas residências, e também pelas melhorias que este processo acata.

Aproximando-se o fim desta aula terminar, iniciamos o desenvolvimento e acompanhamento dos projectos dos alunos neste presente módulo. Decididamente, deixei pouco tempo para os alunos trabalharem nos seus projectos, deveria ter planificado a aula de uma forma diferente. Contudo, inicialmente quando pensei esta aula no conjunto das planificações deste módulo, pensei que esta seria uma aula teórica, mas, devido ao facto da aula do dia 13 não ter ocorrido pelo motivo da vinda do Papa a Portugal, fiquei com menos um tempo do que tinha programado, uma aula importante que seria de apoio aos projectos, por esse motivo, na presente aula observada decidi para além de dar toda a matéria, reservar também um tempo para acompanhar determinados projectos. Reconheço que não tomei a melhor opção, e tal como o professor Leonardo aconselhou, poderia ter deixado uma parte da matéria para dar numa próxima aula, ou então deixar para os alunos lerem em casa, deixando assim tempo suficiente para os alunos desenvolverem trabalho nos seus projectos.

Algumas outras considerações foram referidas pelo professor Leonardo Charréu, como esta tendo sido uma aula bem alcançada e que está presente uma boa pesquisa.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Caracterização da Escola

Caracterização da Escola

A Escola Secundária Gabriel Pereira estabeleceu-se no início do séc. XX, foi fundada em 17 de Setembro de 1914, na antiga Casa Pia de Évora, no actual Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora. Em 1919, toma o nome de Gabriel Pereira, em honra ao ilustre eborense Gabriel Victor do Monte Pereira (1847-1915), que se distinguiu como estudioso e profundo conhecedor da História e Arqueologia de Portugal, mas também na tradução de diversas obras literárias. Depois da escola ter passado para o convento de Stª Clara, em 1970-71 passa para o seu lugar actual na Rua Dr. Domingos Rosado.

As recentes obras de requalificação que acorreram nesta instituição escolar, vêm hoje contribuir para que esta seja uma das melhores escolas da região de Évora, a que tem menos casos de insucesso escolar e a que oferece mais variedade de cursos.

A Escola Gabriel Pereira tem um bom ambiente entre alunos e estes entre professores e pessoal não docente. Esta tem trabalhado no sentido de ser uma escola dinâmica, com reflexos na sua boa imagem social junto da comunidade, através das aprendizagens aqui vividas.

A população discente desta escola é oriunda de vários conselhos de Évora, mas maioritariamente, da cidade de Évora. A comunidade discente e não discentes é estável.

O Projecto Educativo desta escola centra-se na diversidade da oferta educativa, esta para além de pautar a sua acção educativa segundo os princípios gerais definidos na Constituição da República Portuguesa, pauta a sua acção educativa com base nos princípios, promoção da qualidade de ensino, na perspectiva de formação integral dos alunos, promoção de condições de segurança e bem-estar em todo o espaço escolar, desenvolvimento do espírito crítico, estético, cultural e científico, promoção interactividade entre a Escola e a Comunidade local.

No que trata ao ensino das disciplinas da área das artes, as salas reúnem apenas condições para realizar trabalhos de pequenas dimensões e que não causem muitas alterações. Sendo este um novo edifício em que todo o material é recente, existe uma grande preocupação na preservação dos espaços. Este procedimento limita os trabalhos que se podem realizar e assim o desenvolvimento de capacidade artísticas. Ainda assim posso e devo referir que graças aos professores competentes que existem nesta escola, os alunos recebem uma formação de excelência o que os potencializa a vários âmbitos.

Relatório Semanal de Reunião do Núcleo de Estágio nº1 e 2

Reunião nº 1

8 de Março de 2010

	Cargo	Nomes
Núcleo Nº1	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Carlos Guerra
	Aluno(s)	Ana Sofia Henriques
	Estagiário(s)	Maria Cristina Malta
Núcleo Nº 2	Professor(es) Orientador(es)	Dr. Luísa Gancho
	Aluno(s)	Cátia Casquinha
	Estagiário(s)	Eliezer Correia

A 8 de Março de 2010 pelas 10:00, reuniram-se na Escola Secundária Gabriel Pereira, ambos os núcleos de estágio sob a presença dos vários professores/orientadores desta instituição.

Os assuntos debatidos na reunião foram os seguintes:

1. Definição do calendário escolar.
2. Projectos Extracurricular.
3. Outros assuntos.

Em acordo consensual, foi definido que num período inicial, as primeiras aulas das duas semanas a seguir, serviriam para uma observação e adaptação às turmas, já que este período de tempo antecede às férias da Páscoa, que decorrem de dia 22 de Março até dia 12 de Abril. Tendo o núcleo de estágio nº2, a professora/orientadora Luísa Gancho, foi-lhes assim atribuído para a PES, a disciplina de Desenho A da turma do 12ºI e a disciplina de Design de Interiores/Exteriores do 10ºO do Curso Profissional de Design.

Assim, ficou programado que a nossa primeira presença, iria acontecer no dia 16 de Março com o 12º I, dando assim depois, continuidade ao horário estabelecido. Esta será uma aula de apresentação dos alunos/estagiários, onde estes, também puderam observar alguns trabalhos realizados ao longo do ano lectivo pelos alunos. Para avaliação e reflexão deste

primeiro contacto, foi marcado um encontro para o dia 18 de Março com os dois núcleos de estágio e respectivos orientadores da Escola Gabriel Pereira, onde igualmente foram apresentados alguns exemplos de testes aplicados às disciplinas a leccionar. Ainda nesta reunião, um dos elementos do núcleo de estágio nº1 expôs a sua situação, que por razões profissionais não pode estar presente às sextas-feiras na escola, assim sendo, estabeleceu-se que este será um dia em que o núcleo de estágio nº1 não estará presente na Escola Secundária Gabriel Pereira.

Na continuidade dos trabalhos, o núcleo de estágio nº 2, apresentou aos presentes, a possibilidade de realização de um workshop de animação, aberto a um número de alunos limitados desta escola. Algumas sugestões e desafios surgiram: esta actividade extra curricular seria desenvolvida pelo núcleo nº2 ou por ambos os núcleos de estágio; em que data seria realizado; onde obter o material necessário para a sua realização; seria necessário o apoio de profissionais na área, possibilidade de realização conjunta com uma outra instituição educativa, como a universidade de Évora. A estas considerações, e como este não era um dos pontos desta reunião, o núcleo de estágio nº2 ficou de reflectir e encontrar soluções, para num próximo momento ser abordado.

Nada mais relevante a tratar, deu-se por encerrada a reunião.

ComunicArte Animando

Workshop de Animação

&

Festival de Curtas-metragens

2009/2010

*"Existem, pois, formas de exclusão que não se vêem,
mas que se sentem,
outras que se vêem mas de que ninguém fala
e, por fim, formas de exclusão completamente invisibilizadas,
dado que nós nem sonhamos com a sua existência,
nem possuímos a fortiori nenhum vocábulo para designá-las."*

Xiberras

1. Fundamentação

Exclusão Social

Antes de definir e delimitar a exclusão, é imprescindível compreender a extensão do campo material e conceptual que este fenómeno esconde. Às categorias de população descritas por René Lenoir, citado por Xiberras (1993) - “as pessoas idosas, os deficientes e os inadaptados sociais, grupo heterogéneo em que se encontram jovens em dificuldade, pais sós, incapazes de acorrer às necessidades familiares, isolados, suicidários, drogados, alcoólicos” - convém associar processos de exclusão cujo resultado poderia provocar, ou já provoca, novas categorias de excluídos.

Fenómenos, como o racismo, tentam antes excluir uma categoria de população definida como um alvo a eliminar, por minoria étnica ou de cor, porém, acabam por transportar, em resposta, um fenómeno semelhante, isto é, motins raciais.

Outros processos geram a exclusão por consequências induzidas, externas aos próprios processos. É assim, como o desemprego e, em particular, com o desemprego de longa duração, que converge noutra população da exclusão, desde que se considere os desempregados de longa duração do ponto de vista de uma empregabilidade que não seria mais possível.

Segundo, Xiberras (1993), outras categorias de reagrupamento surgem devido aos motivos invocados pelas próprias populações, principalmente, por sentirem uma diferença, por vezes, profundamente reivindicada (terrorismo, integralismo), até à diferença simplesmente suportada (deficiência psicológica, física), ou mesmo injustamente imposta (enclausuramento, gueto). Parece que estas diferenças, que explodem por qualquer pretexto e sob múltiplas formas, constituem o remate das atitudes de rejeição e de exclusão, pois o que define esta diferença constrói-se tanto à volta de valores *religiosos* (integralismo), como de valores *políticos* (terrorismo) ou de valores ditos paradoxais, como os contidos no conceito de liberdade (toxicomania, gueto), ou de valores *oficiais*, como o direito ao trabalho ou à escola (desemprego, insucesso escolar). É, muitas vezes, em nome destes valores, ou destas representações do mundo, que estas populações acabam por ser excluídas, quer se excluam a si próprias do mundo, quer sejam excluídas pelos outros, devido ao facto das suas ideias serem inadmissíveis ou então pelos modos de vida, pois a recusa do trabalho ou a recusa de uma determina disciplina, contêm todas um conflito de valores. Ora a exclusão, por ideias ou valores, permanece menos visível porque não origina sempre, e imediatamente, a exclusão física.

Segundo Costa (1998), a qualificação de “social” permite interpretá-la como estando relacionada com a *sociedade*. Neste entendimento, a exclusão tem a ver com a *cidadania*. De igual modo, ao definirmos “exclusão social” é preciso ter, implícita ou explicitamente, uma ideia do que significa o seu oposto, correctamente designado por “inclusão social”, “integração social” ou “inserção social”.

Pode considerar-se que o exercício pleno da cidadania implica e traduz-se no acesso a um conjunto de sistemas sociais básicos, acesso que deve entender-se como uma forma de

relação. Para Costa (1998), parece possível agrupar os sistemas sociais básicos nos cinco seguintes domínios: o social, o económico, o institucional, o territorial e o das referências simbólicas.

A área *social* é caracterizada pelo conjunto de sistemas (grupos, comunidades e redes sociais) em que uma pessoa se encontra inserida, desde os mais imediatos e restritos, tais como a família ou a vizinhança, passando pelos intermédios, de que são exemplo a pequena empresa, associação desportiva e cultural, o grupo de amigos ou a comunidade cultural, até aos mais amplos, como a comunidade local, o mercado de trabalho ou a comunidade política (o mercado de trabalho surge aqui, não enquanto fonte de rendimentos, mas na qualidade de local e factor de socialização e integração social).

Os três principais tipos de sistemas no domínio *económico* são os mecanismos geradores de recursos, o mercado de bens e serviços (incluindo os financeiros, como os respeitantes ao crédito) e o sistema de poupanças. Os mecanismos geradores de recursos incluem o mercado de trabalho (salários), o sistema de segurança social (designadamente, pelas pensões), e os activos.

O domínio *institucional* abrange dois tipos de sistemas. Por um lado, inclui os sistemas prestadores de serviços que, mesmo nas economias de mercado, as sociedades mantêm parcial ou totalmente protegidos em relação aos mecanismos de mercado, com vista a que o acesso a esses serviços não esteja dependente dos meios que as pessoas e as famílias dispõem. É o caso dos sistemas educativos, de saúde, de justiça e, em alguns casos, de habitação. Por um outro lado, abarcam instituições mais directamente relacionadas com direitos cívicos e políticos, tais como, o sistema burocrático e as diversas instituições ligadas à participação política.

O reconhecimento da relevância do domínio *territorial*, no estudo da exclusão social, é recente, e tem a ver com o facto de existirem certas situações em que a exclusão diz respeito não apenas às pessoas e famílias, mas a um território. É este o caso de bairros de lata e outros tipos de bairros degradados, e de certas freguesias ou concelhos rurais, em que as condições de vida das famílias dificilmente podem melhorar se não se tomarem medidas que promovam o progresso de todo o espaço, nomeadamente, nos domínios da habitação, dos equipamentos sociais, das acessibilidades, e até de actividades económicas. É uma situação em que todo o território está excluído da cidade (no caso de um bairro) ou do país (caso do concelho a que pertence). Por analogia, este critério de exclusão pode aplicar-se a nível mundial, em que países inteiros podem ver-se excluídos das condições de vida e de progressos existentes no resto do mundo. Situa-se, também, na área territorial o problema das migrações, na medida em que estas podem ser entendidas como uma reacção dos excluídos, expressa através da sua migração das zonas excluídas (rurais, por exemplo) para meios mais desenvolvidos (centros urbanos), ou ainda, a nível mundial, de países excluídos para países prósperos.

Finalmente, o domínio das *referências simbólicas*, que diz respeito, fundamentalmente, a uma dimensão subjectiva da exclusão, isto é, a todo um conjunto de "perdas" que o excluído sofre, e que se agravam com a permanência na situação da exclusão, são elas: perda de

identidade social, de auto-estima, de auto-confiança, de perspectivas de futuro, de capacidade de iniciativa, de motivações, do sentido de pertença à sociedade, etc.

Com efeito, segundo Costa (1998), a exclusão social apresenta-se na prática, como um fenómeno de tal modo complexo e heterogéneo, que pode, com razão, falar-se em diversos tipos de exclusão social:

- a) De tipo *económico*. Trata-se, essencialmente, de “pobreza”, entendida como uma situação de privação múltipla, por falta de recursos. Esta forma de exclusão é normalmente caracterizada pelas más condições de vida, baixos níveis de instrução e qualificação profissional, emprego precário (instável, sem contrato, mal remunerado e/ou em más condições de trabalho), actividade no domínio da economia informal, etc. Quando se trata de pobreza de longa duração, reflectir-se-á em características psicológicas, culturais e comportamentais próprias. No extremo, esta forma de exclusão social pode conduzir à situação de “sem-abrigo”, que é sem dúvida, a forma mais grave e complexa de pobreza e exclusão.
- b) De tipo *social*. Neste caso, a própria causa da exclusão situa-se no domínio dos laços sociais. É uma situação de privação relacional, caracterizada pelo isolamento, por vezes associada à falta de auto-suficiência e autonomia pessoal. Exemplos típicos são os dos idosos que vivem em solidão, dos deficientes que não têm quem os apoie, dos doentes crónicos ou acamados, que precisam de cuidados que lhes são negados. Este tipo de exclusão pode não ter qualquer relação com a falta de recursos, e resultar do estilo de vida familiar e amigos, da falta de serviços de bem-estar, ou de uma cultura individualista e pouco sensível à solidariedade. Todavia, este tipo de exclusão pode também dever-se à falta de recursos, caso em que teremos uma situação de exclusão de tipo *social* sobreposta à exclusão de tipo *económica*, ou mesmo decorrente desta.
- c) De tipo *cultural*. A exclusão social pode também dever-se a factores de ordem cultural. Como se sabe, fenómenos como o racismo, a xenofobia ou certas formas de nacionalismo podem, só por si, dar origem à exclusão social de minorias étnico-culturais. Também podem ser de natureza cultural os motivos que levam a sociedade a dificultar a integração social de ex-reclusos, por exemplo.
- d) De *origem patológica*. Um tipo de causas que pode estar subjacente a situações de exclusão social diz respeito a factores patológicos, particularmente de natureza psicológica ou mental. Por vezes, as rupturas familiares são originadas por problemas psicológicos ou mentais. Uma das causas de certas situações de sem-abrigo na Europa está na mudança política dos hospitais psiquiátricos, que passaram a privilegiar o tratamento ambulatorio de doentes anteriormente tratados em regime de internamento. Acontece que alguns desses doentes não têm casa ou tendo-a, não são aceites pelos familiares, por possuírem comportamentos violentos que tornam insustentável a sua presença no lar. As situações patológicas, referidas como factores conducentes a rupturas familiares, também podem aparecer como consequências da situação de sem-abrigo. Só o estudo de cada caso poderá permitir esclarecer qual é a causa e qual o efeito.

- e) Por *comportamento auto-destrutivo*. Algumas pessoas encontram-se em situação de exclusão social ou de auto-exclusão, em consequência de comportamentos auto-destrutivos. Tratam-se de comportamentos relacionados com a toxicod dependência, o alcoolismo, a prostituição, etc. também aqui, não muito raro, estas causas imediatas têm por detrás problemas de pobreza. Alguns destes comportamentos também aparecem associados à situação de sem-abrigo, e tanto podem ser causas como consequências dessa situação.

Como facilmente se depreende, estes tipos de exclusão social, muitas vezes ocorrem sobrepostos na prática. E a sua análise mais profunda conduz, por vezes, à verificação de que uma forma de exclusão pode ser, em determinados casos, consequência de outra forma de exclusão.

Existem, deste modo, formas de exclusão visíveis e outras apenas perceptíveis, porque não excluem nem materialmente, nem simbolicamente, isto é, os excluídos estão simplesmente ausentes ou invisíveis.

A expressão "exclusão social" que começou por se integrar no discurso político nacional, é portanto, uma expressão de uso generalizado, embora não haja garantia de que todos quantos a utilizem tenham a ideia clara do que significa, é actualmente, uma expressão utilizada polemicamente e simultaneamente controversa, pois mesmo entre os especialistas, não existe unanimidade quanto ao sentido desta expressão.

Em síntese, a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjectivas. É um processo subtil e dialéctico, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e as suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema que deve ser combatida como algo que perturba a ordem social, muito pelo contrário, é um produto do funcionamento do sistema.

Escola e Exclusão Social

A importação para o campo educativo da problemática da exclusão, fazendo corresponder, de modo simétrico, um fenómeno que seria exterior à escola (exclusão social) a um outro fenómeno, este interno à escola (exclusão escolar) exprime não um agravamento dos problemas, especificamente escolares, mas sim uma maior sensibilização por parte da instituição escolar.

A aprendizagem implica sempre uma tripla relação com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Estes três aspectos são indissociáveis e é a articulação entre estas três dimensões que dá ou não dá *sentido* às aprendizagens. Só se aprende alguma coisa em situações que façam sentido para o sujeito, portanto a questão central da escola tem base na *construção do sentido*. Por esta razão, a escola não se pode preocupar exclusivamente com as questões técnicas e didácticas da aprendizagem formal, nomeadamente, em termos de disciplinas, por que a grande questão que está presente nas escolas é a ausência de sentido para o trabalho escolar, não só para os alunos, mas também para os professores. É este o traço essencial da

crise de legitimidade da instrução escolar. A inserção social das actividades escolares numa realidade territorial que transcenda as fronteiras escolares constitui um aspecto decisivo para esta construção de sentido.

A resposta mais criativa, sob o ponto de vista de realização individual da pessoa humana e a que oferece ao mundo do trabalho soluções mais inovadoras, incentiva o Estado e a Sociedade civil ao tratamento integrado do binómio Educação/Formação. Para além da natural aspiração de cultivar o saber e os valores da cidadania, a visão simultânea do binómio Educação/Formação potencializa capacidades e proporciona oportunidades, que abrem perspectivas para soluções da crise de emprego, da redução da exclusão social e da marginalidade, propiciando a humanização da sociedade, face às mutações tecnológicas.

Animação

Num momento em que a humanidade se encontra num processo contínuo de mudanças vertiginosas de âmbito global, a história como nunca antes, surge como referência obrigatória para registar todos os procedimentos referentes às questões mais variadas.

A arte, como espelho da sociedade, é atingida e reflecte fielmente essas transformações. O estudo da sua história, abastece-nos de importantes e valiosas informações, para compreender e perceber as implicações estéticas e contextos desses períodos. O conhecimento sugere a acumulação de informações, e a situação de desconforto no ambiente artístico é, em grande parte, devido ao descompasso com as demais esferas de acção do homem, que teve desenvolvimento extraordinário após a II Guerra Mundial. Nesse período, a arte sofreu um processo de retrocesso, que se viu, de repente, sem uma fórmula que atendesse à múltipla e sofisticada procura formal deste final de milénio, uma estética que bem caracterizasse a novíssima "sociedade de consumo".

A animação, por outro lado, após os anos de ouro dos Estúdios Disney (década de 1934 e 1940), diz respeito a uma popularização que se deu através de filmes marcantes de beleza, contudo, continuava refém de um extenuante processo de realização, que limitava esta arte tanto em termos quantitativos como em termos de possibilidades estéticas.

A computação, surge para a animação como a saída para esse obstáculo, mas volta a repetir-se o ciclo histórico do necessário desenvolvimento técnico para uma posterior aplicação de princípios artísticos. A história da animação é particularmente significativa na demonstração de como a relação entre técnica e estética na produção visual da arte é indissolúvel e vital, simplesmente uma não existe sem a outra.

A palavra "animação", e outras a ela relacionadas, derivam do verbo *animare*, (dar vida a) e só veio a ser utilizada para descrever imagens em movimento no séc. XX. Assim, a animação está inserida no conjunto das artes visuais, mas tem no *movimento* a sua essência, esta tem sido motivo de dedicação por parte de desenhistas e pintores desde os tempos mais remotos. E isso por um motivo definitivo: o movimento é a atracção visual mais intensa da atenção, resultado de um longo processo evolutivo no qual os olhos se desenvolveram como instrumento de sobrevivência.

Assim, encontramos ao longo da história da arte, o desejo do homem pela animação das suas criações. Inicialmente, com uma intenção mágica (Pré-História), mais tarde como código social (Antigo Egipto), passando pelo reforço da narrativa (Oriente), até atingir o puro desejo formal com a arte moderna. Em diversos exemplos, temos sugestões de movimento ainda mais intenso, como animais pintados em cavernas ostentando mais patas do que na realidade.

Marcel Duchamp, com a sua famosa pintura, inspiração futurista, *Nu descendo uma escada*, evoca a dinâmica plástica do movimento numa sequência de posições de uma personagem num único quadro. E, desde a antiguidade, verificamos uma forma popular de expressão através da "história figurada", que vai mais tarde dar origem às histórias em quadrinhos, onde a acção se desenvolve em quadros separados, já sugerindo, a *animação* propriamente dita e o movimento no espaço e no tempo.

Para o desenho e a pintura, a natureza já oferecia os materiais básicos necessários à produção visual. Para Polster, citado por Júnior (2005), a animação como ilusão do movimento através da rápida sucessão de imagens, requer um elevado grau de desenvolvimento científico e técnico para ser viabilizado enquanto arte, foi então, necessário cerca de um século, para que a animação pudesse trabalhar tanto tecnicamente como expressivamente, com a imagem num plano realístico convincente, tendo alcançado esta meta em plena década do séc. XXI, onde agora os artistas trabalham para o "grande público". Hoje, a animação ocupa o cenário sonhado por Winsor McCay nos primórdios do seu desenvolvimento, esta ocupa lugar entre as restantes formas de expressão artística, onde desempenha um importante papel na esfera da criação visual.

Embora a matéria mais importante na criação de uma animação seja a imaginação do artista, existe também um certo número de materiais fundamentais. O animador trabalha num espaço de animação, uma estrutura que contém um rodapé com o Story Board, um tripé para a câmara de filmar, luzes, uma superfície de trabalho e uma placa transparente de vidro ou acrílico. A animação é um conjunto de imagens, quando seguidas e visualizadas num modo mais rápido, criam a imagem em movimento. Neste processo de edição, as diferentes e várias imagens são tratadas, é neste momento, que se podem acrescentar efeitos sonoros, fala ou música.

A criação de uma animação é extremamente trabalhosa, num processo longo e tedioso. Uma curta-metragem pode chegar a ter cerca de 45.000 mil imagens, pois para fazer uma personagem a dizer "Olá", cada movimento dos lábios pode exigir uns 12 desenhos.

As recentes inovações e envolvimento de várias empresas neste novo mercado, mostram como esta arte se constitui numa referência para a cultura do séc. XXI, um exemplo representativo de sucesso das artes criativas.

2. Definição do Projecto

Workshop de Animação

No âmbito da PES (Prática de Ensino Supervisionada), tendo como professora/orientadora Dr. Luísa Gancho, o Núcleo de Estágio Nº2 do Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais,

Cátia Casquinha e Eliezer Correia, pretende organizar/dinamizar na presente Escola Secundária Gabriel Pereira, um Workshop de Animação, recurso artístico em voga actualmente.

Este workshop tem como objectivo essencial, para além dos conhecimentos teórico-práticos adquiridos relativamente às técnicas de animação, empregando as TIC, a utilização deste recurso como meio de comunicação e expressão de uma mensagem. Desta forma, a temática que será abordada e apontada nas respectivas criações, terá que se relacionar com as diferentes formas de “Exclusão Social”, problemática controversa e polémica nos tempos actuais.

Para acompanhamento profissional e para uma melhor exposição de conceitos e técnicas de animação, teremos três a quatro artistas plásticos convidados, que nos auxiliarão em todo o processo de construção de vídeos, pois embora contemos algumas competências na área, a nossa formação académica não é especializada na componente do vídeo-arte. Será então, uma mais valia a existência de uma interdisciplinaridade e complementaridade de interesses e técnicas. A colaboração destes artistas será feita de forma generosa, sem intenção de qualquer tipo de remuneração, apenas será necessária a emissão de um documento por parte da Direcção da escola, que certifique as suas presenças no papel de dinamizadores do workshop.

É de enfatizar que este workshop será anunciado como actividade extra-curricular, desenvolvido às quartas-feiras da parte da tarde, nomeadamente, das 14h30 às 17h00, nos dias 5, 12, 19 e 26 de Maio, 2 e 9 de Junho, direccionado não só para a área das Artes, mas também, para todas as outras áreas do conhecimento pertencentes a esta instituição, abrangendo todos os anos lectivos (10º, 11º e 12º anos) e com limite máximo de 20 alunos. Concluindo, este é um projecto que visa estimular a criatividade e consciencializar para a “Exclusão Social” que vivemos na nossa sociedade.

Festival de Curtas-metragens

Como resultado do workshop de animação, sugerimos ainda, a realização de um Festival de Curtas-metragens, previsto para o dia 17 de Junho, com início pelas 14h30, no auditório da escola.

Este festival pretende apresentar todos os produtos finais, ou seja, todas as animações concretizadas pelos alunos durante o workshop, que irão a concurso, no qual o vencedor será anunciado no final da actividade com base na votação do público assistente.

Ambiciona, também, a visão de diversas técnicas e temáticas atracadas à extensão do vídeo-arte e do cinema, através da exibição de vídeos realizados por alunos da Universidade de Évora, do Curso de Artes Visuais – Multimédia.

3. Objectivos e Aprendizagens relevantes

- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.
- Desenvolver as capacidades de representação, de expressão e de comunicação.

- Promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania.
- Desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente.
- Desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.
- Desenvolver competências artísticas e expressivas.
- Desenvolver capacidades de utilização de técnicas e métodos específicos de animação.

5. Materiais e Recursos

Sala de informática, sala A3-04, auditório, 2 câmaras de filmar, 2 câmaras fotográficas, 4 tripés, computadores, programa de edição de vídeo, 4 projectores de luz, projector de multimédia.

6. Tempo

O Workshop de Animação realizar-se-á uma vez por semana, nomeadamente, às quartas-feiras, das 14h30 às 17h00, isto é, num total de seis sessões, nos dias 5, 12, 19 e 26 de Maio, 2 e 9 de Junho.

O Festival de Curtas-metragens acontecerá no dia 17 de Junho, no auditório da escola.

7. Referências bibliográficas

- Canário, Rui; Alves, Natália; Rolo, Clara (2001). Escola e exclusão social. Para uma análise crítica da política Teip. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: Imprensa de Coimbra, Lda.
- Costa, Alfredo Bruto da (1998). Exclusões Sociais. Colecção Fundação Mário Soares. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.
- Júnior. Alberto Lucena (2005). Arte da Animação Técnica e Estética através da História. São Paulo: Editora Senac.
- Muybridge. Eadward (1955). THE HUMAN FIGURE IN MOTION. New York: Dover Publication.
- Sawaia, Bader (Org.) (1999). Ar Artimanhas da Exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Editora Vozes.
- Xiberras, Martine (1993). As Teorias da Exclusão. Para Uma Construção do Imaginário do Desvio. Colecção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Neograf – Artes Gráficas, Lda.
- Wiedemann. Julius (2007). ANIMATION NOW!. Rio de Janeiro: Taschen.



ESCOLA SECUNDÁRIA GABRIEL PEREIRA 2009/2010

Workshop de Animação – 6 sessões

5 Maio/ 23 Junho **ComunicArte Animando**

Análise Crítica

O workshop ComunicArte Animando, realizou-se na Escola Secundária Gabriel Pereira no segundo semestre de PES do Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, foi organizado pelo núcleo de estágio nº2.

Para nós o núcleo de estágio nº2, a ideia de organizar um workshop de animação veio de uma pequena experiência nesta área durante o curso de Artes Visuais na Universidade de Évora, uma experiência que queríamos que outros tivessem, conjuntamente com a oportunidade de experimentar e receberem formação nesta área.

Assim na reunião que ocorreu no dia 8 de Março na Escola Secundária Gabriel Pereira, que tinha como finalidade preparar a PES nesta instituição, apresentamos a proposta a todos os presentes professores/orientadores e núcleo de estágio nº1, da dinamização de um workshop de animação orientado maioritariamente a alunos do curso científico-humanístico de artes visuais, mas aberto a todos os alunos interessados. Esta proposta de actividade extra-curricular, causou bastante interesse durante a reunião, todos se mostraram interessados neste projecto. Pois a animação no nosso contexto, actualmente está em grande destaque, a realização da animação facultou desenvolvimentos em diversas áreas, desde o desenho do story-board, a manipulação de técnicas de representação tridimensional, a construção de cenários e toda a parte de captura e edição de vídeo através da área da multimédia. A animação para além de requer uma componente artística muito forte, ao mesmo tempo requer muita paciência e trabalho árduo em equipa.

Com a aprovação deste projecto, nós o núcleo de estágio nº2, procedemos à pesquisa bibliográfica para a fundamentação e organização deste workshop. Com a realização desta iniciativa, pretendemos dar formação de conhecimentos teórico-práticos relativos à técnica de animação, mas também passar uma mensagem. Escolhemos a “Exclusão Social” como temática, a abordar durante este workshop, problemática controversa e polémica nos tempos actuais.

Com a definição de todo este projecto, decidimos fazer uma mostra das animações à escola, foi planificado para o dia 17 de Julho, um Festival de Curtas-metragens a realizar no auditório da Escola Secundária Gabriel Pereira. Neste festival não seriam só apresentados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos no workshop, mas também seriam apresentados outros vídeos de animações. Estes outros vídeos, tinham a sua origem nos trabalhos realizados por colegas nossos do Curso de Artes Visuais da Universidade de Évora. Departamento ao qual escrevemos uma carta a pedir apoio na realização desta iniciativa, contudo, alguns destes vídeos solicitados foram apresentados na primeira sessão do workshop. Como pedimos o

apoio desta instituição, solicitamos ao seu docente de multimédia o artista José Miguel Ribeiro, a sua presença neste festival. Com o propósito de elucidar a todo o público presente, o que é a animação e partilhar um pouco do seu muito e reconhecido trabalho nesta área. Também ao departamento de Artes Visuais, solicitamos o empréstimo de material necessário, à realização destas animações, câmaras de filmar, tripés e focos de luz.

O nosso objectivo com este workshop, foi proporcionar aos alunos conhecimentos de manipulação desta técnica da animação. Como eu e a minha colega Cátia Casquinha não tínhamos formação específica, resolvemos convidar quatro profissionais nesta área, para dinamizarem e darem apoio a cada um dos grupos de trabalho. Cada um dos grupos de trabalho teve quatro elementos, dando um total de dezasseis alunos que se poderiam inscrever nesta acção.

As sessões do workshop foram definidas para acontecerem às quartas-feiras, dado que é este o dia da semana que um maior número de alunos, tem disponibilidade para poder participar numa actividade como estas. De acordo com o tempo restante do terceiro período, resolvemos iniciar a o workshop no dia 5 de Maio, para terminar no dia 9 de Julho. O período para a divulgação do workshop iniciará duas semanas antes, do início do mesmo, junto das turmas e com cartazes pela escola. Elabora a calendarização, definimos que o workshop se desenvolveria em cerca de 6 sessões. Uma inicial para nos conhecermos e falarmos um pouco sobre o que consiste a animação, introdução ao programa Animator DV e resolução de alguns pequenos exercícios de captura, apresentação da proposta de trabalho do workshop e definição dos grupos de trabalho. Duas sessões para os grupos elaborarem o Story board e construir os cenários. As restantes três sessões seriam para realizar a captura de imagem e editarem o vídeo. As animações como já foi referido, seriam apresentadas ao público num Festival de Curtas-metragens no auditório da escola, pelo dia 17 de Junho com a presença do realizador animador José Miguel Ribeiro.

Com a fundamentação pronta, cartaz e calendarização, levámos o projecto do workshop a aprovar ao conselho executivo. Processo que não foi fácil, tendo o mesmo projecto voltado para trás, por questões meramente burocráticas e por falta de compreensão do que se estava a tratar. Contudo, e com a ajuda da professora/orientadora Luísa Gancho, o projecto foi aprovado e ainda tivemos o apoio por parte da escola, que comprou seis focos de luz, necessários para a captura de imagem.

Com o projecto aprovado e o tempo a passar, procedemos à divulgação do workshop, fizemos um levantamento do horário das turmas de artes, e fomos de turma em turma, apresentar este workshop. No final de cada divulgação, passamos uma pequena animação, "O Ovo" do José Miguel Ribeiro, que a todos deixou entusiasmados com esta iniciativa. No final, os alunos puderam inscrever-se junto da auxiliar de educação do pavilhão A3. Tivemos um número aproximado de trinta inscrições, sobre as quais tivemos de fazer uma selecção de apenas dezasseis, pois de acordo com os recursos que tínhamos, apenas podíamos dar a este número a formação com a devida qualidade. A selecção foi feita de acordo a termos representantes de todas as turmas de artes dos diversos anos, o mais abrangente possível.

Com a aproximação ao início do workshop, eu e a minha colega de estágio preparamos a primeira sessão, em que eu fiquei responsável de falar sobre a animação, as técnicas, a

história e alguns realizadores consagrados. A minha colega Cátia, preparou uma apresentação sobre determinadas problemáticas provenientes da Exclusão Social.

Com todos os elementos necessários reunidos e tudo preparado, demos início à primeira secção. Onde foi feita a abordagem à animação e à Exclusão Social, definiram-se pequenos grupos de trabalho e, os alunos tiveram tempo para executar pequenos exercícios para compreensão do programa e como se faz a captura. No final da aula, os grupos de trabalho ficaram definidos, assim como os dinamizadores que ficaram responsáveis por cada um dos grupos. Com todo o envolvimento dos alunos e participação, ficamos bastante satisfeitos com os resultados. Os alunos saíram entusiasmados e com boas ideias para elaborar as animações. Para trabalho de casa, ficaram de pensar numa das problemáticas que iriam abordar nas animações.

Na segunda sessão, tal como tinha sido planificado, os grupos de trabalho decidiram entre si qual seria a problemática a analisar e como seria representada. Assim, elaboraram o Story Board discutindo com os líderes de cada grupo a forma como seriam construídos os cenários, de acordo com a necessidade de captura de imagem. Foi neste momento, que algumas adversidades começaram a acontecer, pois alguns dos grupos idealizaram cenários e histórias que necessitavam de bastante trabalho e dedicação. Para tal foi pedido aos grupos, que pudessem encontrar-se durante a semana para elaborarem os cenários, para que assim na próxima aula, pudessemos dar continuidade ao planificado o início da captura de imagem. Torna-se relevante também referir, que os materiais para a construção dos cenários não foram na totalidade dispensados pela escola, grande parte destes, tiveram de ser os alunos a obter.

No desenvolvimento do workshop, na terceira sessão montámos todo o material de captura para os grupos poderem iniciar a captura de vídeo, cerca de 4 câmaras de filmar e tripés, e oito focos de luz, material que leva perto de uma hora a preparar. Quando os alunos começaram a chegar à aula, apercebemo-nos que os grupos não tinham as maquetas prontas para começar a gravar. Num dos grupos, não sabiam o que iam fazer, e em outro grupo, todos os elementos faltaram ao workshop. Situação que nos deixou embaraçados, pois tínhamos o técnico responsável deste grupo presente na sala de aula, sem poder prestar o seu apoio ao grupo pelo qual tinha ficado responsável. De certa forma, este foi um acto bastante impróprio, já que este nosso colega se disponibilizou gratuitamente a transmitir-nos os seus conhecimentos. Depois de falarmos sobre o sucedido com a professora/orientadora Luísa Gancho, fomos abordar os alunos em questão. A fim de percebermos, quais os motivos que levaram a uma falta colectiva deste grupo. No final da conversa, podemos perceber que ainda existia algum interesse por parte destes alunos em frequentar o workshop. Ficou a proposta que se cumpriu, da presença do grupo na próxima sessão, e levarem os cenários concluídos. Esta terceira sessão originou preocupação, pois apenas ficariam a ficar mais três sessões para captura e montagem das cenas. Outro facto aborrecido, que já vinha a acontecer em sessões anteriores, prendeu-se com o transporte de todo o material necessário e sua montagem, o que se mostrava desnecessário, já que nunca era utilizado, eu e a minha colega de estágio, passamos a deixar os grupos responsáveis pela montagem do equipamento.

Na quarta sessão e para nossa surpresa, apenas um dos grupos começou a animar só no final da aula, as razões para tal acontecimento prendiam-se sobretudo, com a falta de material para realizar os cenários nas diversas sessões, muito lentos e com falta de iniciativa e criatividade para desenvolverem trabalho. Mas principalmente e sobretudo por não realizarem em casa o que tinha ficado combinado. Também nesta sessão tivemos alguns alunos a faltar, tal como tivemos nas restantes, a razão prendia-se sobretudo com a necessidade de tempo para estudarem para os testes e exames finais que se aproximavam. Apesar de percebermos que os alunos tenham de ter tempo para estudar, e por isso tenham de faltar, não percebemos o porque de se terem inscrito, já que este workshop não conta para nota e não é obrigatório, se determinados alunos não se tivessem inscrito, poderiam dar o seu lugar a outros alunos que até tivessem mais interesse e disponibilidade, situação que sempre nos deixou um pouco descontentes. Contudo, percebemos que nem sempre as coisas são fáceis de organizar e dinamizar, estas acções requerem também a capacidade de sabermos ultrapassar os nossos sentimentos e continuarmos a trabalhar com persistência redobrada.

Na quinta sessão e como já estávamos à espera, o grupo que faltou na segunda sessão, voltou a faltar mesmo tendo iniciado a construção dos cenários na aula passada. Contudo, um outro grupo que não idealizou correctamente o cenário que ia montar para a captura de imagem, acabou por desistir do seu projecto, e assim terminaram os cenários deste grupo que estava a faltar. Os grupos restantes continuaram a animar. Ainda assim, precisavam de mais tempo para a conclusão dos trabalhos.

Infelizmente, os grupos demoraram demasiado tempo a realizar os cenários e o Story Board. Se estas datas tivessem sido respeitadas, e todo o trabalho tivesse sido concluído, poderíamos ter bons produtos finais, dado que os grupos que estavam a animar tinham boas histórias e cenários interessantes. Penso que o que faltou nestes alunos, desde o início do workshop foi um pouco de autonomia e ritmo de trabalho, competências que estes, ainda estão a desenvolver. Cabe também a nós futuros professores, estimular os alunos ao crescimento nestas áreas.

Com todas estas contrariedades, decidimos cancelar o Festival de Curtas-metragens. Em primeiro lugar, porque possivelmente nenhum dos grupos teria a animação concluída. E em segundo, porque alguns dos alunos a frequentar o workshop nos informaram que não iriam ao festival, pois a sua realização coincidia com a época de exames, período no qual têm de passar mais tempo a estudar. Para nós esta foi uma medida que não foi fácil de tomar, pois, a não realização do festival implicou o incumprimento do que tinha sido apresentado no projecto e tinha sido aprovado em conselho executivo. Contudo, perante todas as acontecimentos que aconteceram, penso que esta foi a melhor decisão tomada.

A sessão que estava planificada para a semana a seguir, passou para o dia 23, pois na semana que tinha sido planificada os grupos que ainda estavam a desenvolver as animações, iriam ter um exame a Desenho e Geometria Descritiva. Esta última sessão apenas foi um dos grupos, que apesar de todo o trabalho intensivo que desenvolveram, não chegaram a terminar a animação.

Muitas situações e problemas que não tinham sido pensados aconteceram durante a realização deste workshop, contudo, penso que não foi negativo de todo. Pois em primeiro lugar, aprendi que numa próxima actividade semelhante que venha a desenvolver, vou ter de ter outros aspectos em conta que aqui não foram considerados. Em segundo lugar, penso que os alunos mesmo não tendo terminado as animações, tiveram contacto com esta nova técnica, e todos ficaram a perceber como esta é concebida. Num próximo momento que estes alunos produzam algo através deste processo, tenho certeza que irão melhor preparados.












AGRUPAMENTO Nº 2 DE ÉVORA EBI ANDRÉ DE RESENDE
2009/2010



Calendário Escolar
Março de 2010 - Julho de 2010

Dias da Semana	ANO DE 2010										
	DIAS DO MÊS										
	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO
Sábado					1						
Domingo					2						
2ª Feira	1				3						
3ª Feira	2				4			1			
4ª Feira	3				5			2			
5ªa Feira	4		1		6			3		1	
6ª Feira	5		2		7			4	Semana Académica	2	
Sábado	6		3		8			5		3	
Domingo	7		4		9			6		4	
2ª Feira	8		5		10			7		5	
3ª Feira	9		6		11			8		6	
4ª Feira	10		7	Férias Páscoa	12			9		7	
5ªa Feira	11		8		13			10		8	
6ª Feira	12		9		14			11		9	
Sábado	13		10		15			12		10	
Domingo	14		11		16			13		11	
2ª Feira	15		12		17			14		12	
3ª Feira	16		13		18			15		13	
4ª Feira	17		14		19			16		14	
5ªa Feira	18		15		20			17		15	

6ª Feira	19		16		21		18		16
Sábado	20		17		22		19		17
Domingo	21		18		23		20		18
2ª Feira	22		19		24		21		19
3ª Feira	23		20		25		22		20
4ª Feira	24		21		26		23		21
5ª Feira	25		22		27		24		22
6ª Feira	26		23	Projecto Coménius/ Istambul	28		25		23
Sábado	27		24		29		26		24
Domingo	28		25		30		27		25
2ª Feira	29	Férias Páscoa	26		31		28		26
3ª Feira	30		27			29		27	
4ª Feira	31		28			30		28	
5ª Feira			29					29	
6ª Feira		30					30		
Sábado							31		
Domingo									

-  - 12º I DES A
-  - Reuniões
-   - Seminário "Caminhos a Percorrer... no Sentir de uma Escola"
-  - 10º O D. Int/Ext
-  - Formação Pedagógica
-   - Projecto Coménius/Istambul
-  - Workshop Animação
-  - Actividades Extra Curriculares

